



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS

SANDEILSON BESERRA NUNES

ORIENTADOR: PROF. DR. JOÃO BATISTA GONÇALVES BUENO

O FAZER-SE PROFESSOR DE ESCOLAS BÁSICAS:

Propostas metodológicas e experiências na formação de professores por meio do PIBID de
História da UEPB Guarabira-PB (2012-2016)

JOÃO PESSOA

Dezembro - 2020

SANDEILSON BESERRA NUNES

O FAZER-SE PROFESSOR DE ESCOLAS BÁSICAS:

Propostas metodológicas e experiências na formação de professores por meio do PIBID de História da UEPB Guarabira-PB (2012-2016).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB – em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientado: Prof. João Batista Gonçalves Bueno

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA

Dezembro - 2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N972f Nunes, Sandeilson Beserra.

O fazer-se professor de escolas básicas: propostas metodológicas e experiências na formação de professores por meio do PIBID de História da UEPB Guarabira-PB (2012-2016) / Sandeilson Beserra Nunes. - João Pessoa, 2021.

201f. : il.

Orientação: João Batista Gonçalves Bueno.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de história. 2. PIBID. 3. Formação de professores. 4. Experiências. I. Bueno, João Batista Gonçalves. II. Título.

UFPB/BC

CDU 94(043)

O FAZER-SE PROFESSOR DE ESCOLAS BÁSICAS:

Propostas metodológicas e experiências na formação de professores por meio do PIBID de História da UEPB Guarabira-PB (2012-2016).

Sandeilson Beserra Nunes

Dissertação de mestrado Avaliada em: ____/____/____ com o conceito _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Orientador

Prof. Dr. Ângelo Emílio da Silva Pessoa
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Titular Interno

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Guimarães
Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do São Francisco
Examinadora Externa

Prof^a. Dr^a. Cláudia Engler Cury
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Suplente Interna

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior
Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estadual de Campinas
Examinador Suplente Externo

Aos meus pais
Severino e Cláudia
tudo dele tudo para
eles. A eles dedico.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação é uma conquista que vai além do pessoal. São inúmeras as contribuições os sacrifícios individuais coletivo para que esta saia do campo das ideias e tome forma. Espero que esses agradecimentos possam atingir a todos, pois foram muitas pessoas que me ajudaram a alcançar esse objetivo.

Agradeço em primeiro lugar à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem seu incentivo no financiamento da pesquisa, a escrita desse trabalho teria se tornado impraticável.

A Universidade Federal da Paraíba por ter me proporcionado um ambiente intelectual que contribuiu para construção da pesquisa bem como funcionários em especial na figura de Geraldo Neves funcionário do PPGH que desenvolve seu trabalho com presteza.

Ao Programa de Pós-Graduação em História por ter-me dado a oportunidade de realizar um mestrado acadêmico, na Linha de Pesquisa Ensino de História e Saberes Históricos que deu espaço para fazer este trabalho. Meus sinceros agradecimentos ao corpo de professores do PPGH na pessoa dos Drs.: Martinho Guedes, Telma Dias, Carla Mary, Solange Rocha, Carlos André Cavalcanti, Tiago Bernardon, Ana Beatriz Ribeiro, Élio Flores, Cláudia Cury entre outros meu muito obrigado.

Ao meu orientador João Batista Gonçalves Bueno, agradeço o respeito e amizade. João Bueno acreditou no meu potencial desde o início do PIBID e eu nem acreditava que era capaz de chegar até aqui. Ensinou-me a ser paciente e perceber além dos discursos e das fontes, e entender que o fazer-se professor perpassa por vários caminhos. Ao professor Ângelo Emílio da Silva Pessoa pela leitura atenta do trabalho e por seus ensinamentos em apontar caminhos para escrita histórica.

Aos meus pais Severino Pereira Nunes e Cláudia de Fátima Beserra Nunes por me apoiarem na construção desse trabalho que teve início com a minha mãe vendo-a lecionar e consequentemente passamos a ser parceiros no PIBID e por me estimularem sempre a estudar.

A minha irmã Sammara Beserra Nunes que sempre me apoiou nos meus estudos, aos meus parentes tios e tias, primos e primas. Em especial Tia Dena e Vó Helena e toda minha família por parte de mãe e de pai. Quero agradecer a Joseane que me acolheu na minha chegada a João Pessoa para cursar o mestrado sou grato e agradeço.

Quero agradecer a minha esposa que Mirelly Maciel pela sua paciência e cuidado comigo durante a escrita desta dissertação. Agradeço a seus pais e a sua irmã pela colaboração dada mesmo que a distância.

Aos professores da UEPB de Guarabira que me incentivaram os Drs.: Fábio Dantas, Marisa Tayra (*in memoria*), Alômia Abrantes, Susel Oliveira, Carlos Adriano, Naiara Ferraz e tantos entre outros meus agradecimentos.

Aos meus colegas da UEPB e da turma 2011.1 de História em especial na figura de Júlio César, Diognnys Cardoso, Francielly e tantos outros que colaboraram para realização deste trabalho.

Quero agradecer a turma 2018.1 pelos debates em busca de conhecimento as conversas dentro e fora da sala de aula foram válidas para o enriquecimento de conhecimento e também descontração. Agradeço em especial ao meu amigo e irmão José Cunha Lima pela parceria e também ao colega da turma 2019.1 Abrahão Filho um amigo que ganhei para além da História.

Agradeço aos professores e bolsistas que abriram suas casas para que pudesse entrevistá-los em especial na figura das professoras Severina Gomes, Miriam Solange, Fátima Amâncio sem as suas memórias e as dos bolsistas esta dissertação não seria possível.

Em Guarabira quero agradecer aos diretores das escolas pesquisadas e sua disponibilidade para conversar sobre o PIBID e poder entrar as salas de aula meu muito obrigado.

Quero agradecer aos amigos que ganhei quando passei a residir em João Pessoa em especial Amanda Machado, Adriana Gomes, Polianna, Gustavo e Adailton agradeço pelos ensinamentos e companheirismo.

Enfim agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente ajudaram na construção deste trabalho possuí várias mãos para sua escrita.

RESUMO

Esta dissertação é um trabalho investigativo acerca do fazer-se professor na educação básica na cidade de Guarabira - Paraíba (2012-2016) tendo como objeto de análise, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III. Foram problematizadas experiências dos professores e dos bolsistas que fizeram parte do PIBID que apresentaram características plurais que evidenciaram os Saberes Históricos e o Ensino de História. O PIBID e seus escritos estiveram associados às novas e velhas práticas educativas e em outros momentos colaboraram para amplificar os debates acerca da formação docente movimentando discursos em prol de qual o profissional as licenciaturas queriam formar quais os hábitos e práticas que se buscaram incorporar nesses sujeitos que agora passavam por uma formação docente dentro das instituições educacionais. O programa figurou nos últimos anos como referências para os debates sobre Ensino de História e formação de professores, isso foi visto, nos vários simpósios e eventos pelo Brasil que o trouxeram para o centro do debate e os trabalhos desenvolvidos por ele. A pesquisa dialogou com documentos oficiais criados pelos poderes públicos que regulamentavam as ações e os objetivos de modo que fosse possível a implementação nas escolas de educação básica tendo como parcerias as universidades. Ao se debruçar sobre os documentos oficiais foi visto um objeto de estudo plural feito por vários sujeitos. Estes documentos apresentaram informações acerca do histórico de criação do PIBID e como os documentos passaram a nortear as suas ações como também a ampliação da sua capacidade incluindo mais cursos de licenciatura e universidades. No conjunto de sua vasta produção de materiais didáticos e atividades em sala de aula destacamos este espaço temporal apresentando trabalhos desenvolvidos pelos participantes do PIBID que estiveram envolvidos com sua formação docente por meio das trocas de experiências que implicaram no seu refazer docente. A pesquisa dialogou com a linha epistemológica do Ensino de História e com aproximações com a formação de professores e o seu ofício, experiências, História Oral e memória englobando o fazer-se professor e as relações plurais que o permeiam. A partir desses caminhos as análises dos documentos oficiais foram importantes para compreender como esses discursos ecoaram na escola e nas atividades do PIBID. As principais fontes que compõe o corpus documental da pesquisa foram entrevistas, artigos, relatórios, fotografias, materiais didáticos e filmagens que compuseram o dia a dia do PIBID nas escolas estes documentos possibilitaram a construção desta dissertação. A análise dos discursos sobre o trabalho e a formação docente partiram do que foi proposto (TARDIF; LESSARD, 2013) e (TARDIF, 2014) é utilizando como metodologia, possibilitando problematizar experiências dos professores e como elas são adquiridas e socializadas ao longo do seu processo de formação docente. Ao discutir experiências os discursos foram elaborados buscando entender como elas interferiram na construção das propostas metodológicas que foram desenvolvidas entre os participantes do PIBID. Para isso fez uso de conceitos como de (THOMPSON, 1980), (PAIM, 2005) e paralelo com os conceitos de Ensino de História (BITTENCOURT, 2009), permeando esta discussão contribuindo para historicizar o fazer-se professor na educação básica e as metodologias para formação de professores em História.

Palavras-Chave: PIBID. Ensino de História. Formação de professores. Experiências.

ABSTRACT

This dissertation is an investigative work about the making of a teacher in basic education in the city of Guarabira, Paraíba (2012-2016) having as analysis object the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program - PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência [PIBID]) of the State University of Paraíba - UEPB (Universidade Estadual da Paraíba [UEPB]). The experiences of teachers and scholarship holders that were part of the implementations and realizations of the Program were problematized, emphasizing the historical knowledge and history teaching. PIBID and its writings have been associated to new and old educational practices, and in other times have collaborated to amplify debates on teacher training, moving a discourse in favor of which kind of professional the degree courses in History intend to form, which habits and practices were sought embody in these subjects who have undergone training within PIBID. The program has appeared in recent years as references to debates about History Teaching and teacher training; this was seen on various symposia and events throughout Brazil that brought it to the center of the debate and the works by it developed. The research dialogued with official documents created by the public powers that regulated actions and objectives in a way to make possible their implementation in basic education schools, having the Universities as partners. When looking at official documents it was observed an object of plural study made by several subjects. These documents presented information on the creation history of PIBID and how the documents started to guide its actions, also the expansion of its capability, including more undergraduate courses and Universities. In the whole of its vast production of didactic materials and in-class activities, we highlight this space presenting works developed by the participants of PIBID that were involved with their teaching training through exchanges of experiences that implied in their teaching re-making. The research also dialogued with the epistemological line of History Teaching and with approaches to teacher training and their profession, experiences, Oral History and memory, encompassing the becoming teacher and the plural relationships that permeate it. From these paths the analysis of the official documents were important to understand how these discourses echoed in school and in the activities of PIBID. The main sources that make up the documentary corpus of the research are interviews, articles, reports, photographs, didactic materials and films that composed the day by day of PIBID at the schools; these documents made possible the construction of this dissertation. The analysis of speeches about the work and the teacher training started from what was proposed, (TARDIF; LESSARD, 2013) and (TARDIF, 2014) are utilized as methodology, making possible to problematize experiences of the teachers and how are they acquired and socialized throughout their teacher training process. When discussing experiences the speeches were elaborated seeking to understand how they interfered in the construction of the methodological proposals that were developed among the participants of PIBID. For this purpose were made use of concepts as of (THOMPSON, 1980), (PAIM, 2005) and in parallel with the concepts of History Teaching (BITTENCOURT 2009) permeating this discourse, contributing to historicize the becoming teacher in basic education and methodologies for teacher education in History.

Keywords: PIBID. History Education. Teacher Training. Experiences.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPUH – Associação Nacional de História

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Conae – Conferência Nacional de Educação

CLT – Consolidação da Leis do trabalho

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CDAPH – Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História da Educação

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DEB – Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica

DRU – Receitas da União

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

Fies – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

Forpibid – Fórum Nacional do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IPES – Instituições Públicas de Ensino Superior

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MP – Medida Provisória

MST – Movimentos dos sem-terra

NDH-CH/UEPB – Núcleo de Documentação Histórica do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Pisa – Programa Internacional de Avaliação de Alunos

Proinfo – Programa Nacional de Tecnologia Educacional

Pronatec – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PNE – Plano Nacional Educação

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

Parfor – Plano Nacional de Formação de Professores

Sinaes – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

TRT 13ª Região – Tribunal Regional do Trabalho

UEPB – Universidade estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

USF – Universidade São Francisco

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFT – Universidade Federal de Tocantins

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 – Livro didático 2ª Ensino Médio de História utilizado na atividade	67
Foto 02 – Livro didático 3ª Ensino Médio de História utilizado na atividade	67
Foto 03 – Bolsistas explicam como a oficina foi planejada	70
Foto 04 – Estudantes participando do jogo de tabuleiro	70
Foto 05 – Estudantes participam de uma Roda de Capoeira	71
Foto 06 – Livro didático 9º Ensino Fundamental de História utilizado na atividade	74
Foto 07 – Estudantes recebem orientações sobre a oficina	87
Foto 08 – Estudantes participando da dinâmica	87
Foto 09 – Visitação o Rio Sinimbu	91
Foto 10 – Visitação a uma habitação indígena	92
Foto 11 – Encenação dos estudantes representando a cultura indígena	93
Foto 12 – Estudantes apresentando Seminário de Cultura Indígena	93
Foto 13 – Estudantes em visita ao Teatro Minerva	95
Foto 14 – Estudantes Visitam o museu da Rapadura	96
Foto 15 – Estudantes Visitam Casarão José Rufino	96
Foto 16 – Visitação a Capela de Oração	99
Foto 17 – Visitação ao Forte Santa Catarina	100
Foto 18 – Estudantes conhecendo a massa documental do NDH	104
Foto 19 – Estudantes observam os processos higienizados	104
Foto 20 – Bolsista faz a leitura dos documentos	105
Foto 21 – Estudantes em visita a exposição	111
Foto 22 – Cordéis em exposição	112
Foto 23 – Estudante da educação básica apresenta trabalho desenvolvido pelo PIBID	124
Foto 24 – Exposição de materiais confeccionados pelo PIBID na UEPB	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Bolsistas e Supervisores do PIBID de História UEPB Guarabira (2012-2013)	
.....	45
Quadro 02 – Bolsistas e Supervisores do PIBID de História UEPB Guarabira (2014-2016)	
.....	45
Quadro 03 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na oficina	68
Quadro 04 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na oficina	86
Quadro 05 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na aula de campo	94
Quadro 06 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na aula de campo	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	28
O que é PIBID?	28
Panorama de um programa de política de Estado para formação docente	29
Contribuições do PIBID para o espaço escolar.....	39
O PIBID de História na UEPB	44
CAPÍTULO 2	51
As metodologias utilizadas pelo PIBID: tentativas de investigação e reflexão	51
1- Aulas Oficina: História e Literatura	63
2- Aulas oficina: Discutindo em sala Pré-conceito Racial e Escravidão.....	66
3- Aulas oficina: As mulheres na Primeira Guerra Mundial	73
4- Aulas oficina: O Projeto Diário de Notícias	77
Considerações Parciais	81
CAPÍTULO 3	83
O PIBID: metodologia que valorizavam a aprendizagem	83
1- Aulas oficina: Mitologia Grega e História	84
2- Aulas oficina: Estudo do meio: Teoria e Prática.....	89
Aluna de Campo A	89
Aula de Campo B	93
Aluna de Campo C	97
3- Aulas oficina: O uso de Documentos para aprendizagem histórica.....	101
4- Aulas oficina: Literatura de Cordel como ferramenta de aprendizagem	107
Considerações Parciais	113
Considerações finais	118
Referências	127
Anexos.....	133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisou como se deram as experiências e o processo de formação docente de estudantes do curso de licenciatura em História na UEPB, campus Guarabira-PB. As experiências que foram discutidas neste texto ocorreram ao longo da implantação do PIBID, na UEPB. A responsabilidade do seu desenvolvimento foi da CAPES. Assim, investigou-se os anos de, 2012 a 2016, por dois motivos: o primeiro, referiu-se ao espaço de tempo em que foi implementado, 2012 na UEPB em Guarabira, até 2016 ano em que passou por cortes nos recursos destinados ao seu desenvolvimento, acerca destas contenções em um momento oportuno nesta dissertação explicarei melhor. O segundo motivo referiu-se à minha participação como bolsista no programa durante quatro anos. Assim, percebeu-se como foram compostas às experiências metodológicas de formação de professores que estiveram comprometidos como o processo de fazer-se professor de licenciandos e de professores das escolas básicas da cidade de Guarabira.

O projeto PIBID realizou-se na maioria das Universidades públicas brasileiras e em algumas Universidades particulares e se concentrou nas licenciaturas presentes nos currículos das escolas de nível fundamental e médio no Brasil. Tendo em vista a sua abrangência nacional, apresentou uma estrutura organizacional em forma piramidal, ou seja, as orientações partiram do topo da pirâmide, a CAPES, que em parceria com o MEC teve à responsabilidade: organizar editais, diretrizes de trabalho e fornecer recursos para o desenvolvimento do programa. Abaixo do topo as Universidades se organizaram da seguinte forma: coordenador institucional responsável pelas licenciaturas na Universidade e por recebe as orientações da CAPES e distribuiu para à coordenação de cada área de licenciatura, responsáveis por cada disciplina. O coordenador de área encarregou-se da conexão entre as instâncias e da orientação de todo o trabalho desenvolvido por licenciandos bolsistas que trabalharam em conjunto com os professores da educação básica, os supervisores. Coordenador de área, supervisores e bolsistas formaram a base da pirâmide responsáveis pelo desenvolvimento do programa nas escolas.

Esta apresentação referente a estrutura e organização do PIBID e foi necessária para compreensão dele na UEPB em Guarabira. Nela ele organizou-se da seguinte forma: um coordenador de área, três professores de escolas básicas diferentes e quinze bolsistas da licenciatura. Cada professor supervisor trabalhou com cinco bolsistas no trabalho de sala de aula. O coordenador de área ajustou as demandas do PIBID de acordo com as necessidades das suas disciplinas e pelas condições existentes em cada uma das escolas. Além disso, responsável por: propor as formas de acompanhamento dos professores supervisores pelos bolsistas, bem

como, a proposição de textos teóricos para leitura, o desenvolvimento de planos de aula e de projetos didáticos desenvolvidos em treinamento por meio de reuniões que ocorreram de acordo com as necessidades no qual transcorreu-se o projeto. Para mais também foi responsável pela observação dos cumprimentos das metas estabelecidas semestralmente, pela orientação e correção dos textos teóricos e artigos produzidos para congressos acadêmicos, e pela administração dos conflitos que apareceram entre os participantes.

Esta dissertação intitulada “**O fazer-se professor de escolas básicas:** Propostas metodológicas e experiências na formação de professores por meio do PIBID de História da UEPB Guarabira-PB (2012-2016)”. Este título permeou discussões que foram problematizadas ao longo desta dissertação, pois entendo que quando os professores das escolas básicas se formaram em seus cursos universitários, eles ainda não possuíam todos os conhecimentos e experiências que fundamentaram as práticas escolares que este profissional puderam incorporar por meio do tempo de trabalho, ou seja, conhecimentos e experiências haja vista que eles se fizeram no desenvolvimento de suas experiências de trabalho (THOMPSON,1980; PAIM, 2005).

Conforme experienciou-se estes saberes na formação docente e os acumularam passou-se a acelerar o processo de experiência docente, uma vez que pôde criar e recriar significados relativos as formas de aplicação das teorias na prática de ensino das disciplinas pedagógicas e dos conteúdos e das teorias da disciplina de História. Por essa razão as análises apontaram para as experiências iniciais dos bolsistas do PIBID como professores e das formas como foram sendo compreendidas as práticas educativas, as relacionais e as investigativas colocadas em atividade no exercício da profissão docente durante este projeto (TARDIF, LESSARD,2013, p. 250).

Investigaram-se como foram desenvolvidos projetos e oficinas pedagógicas que tentaram ir além das aulas expositivas, lousa ou o livro didático, ou possibilitar um melhor uso destes instrumentos, para melhorar o aproveitamento das ações do PIBID. Todas as atividades desenvolvidas por ele foram pensadas coletivamente buscando alternativas que se integraram às práticas estabelecidas pela forma escolar (VINCENT, *et, all.* 2001).

As determinações para o desenvolvimento das práticas de ensino e aprendizagem partiram do cotidiano dos estudantes, dos conteúdos apresentados nos livros didáticos, dos gostos pessoais e da compreensão dos conceitos de teoria de História incorporados pelos bolsistas, bem como, dos interesses dos supervisores.

Eu também fiz parte do PIBID, como bolsista da licenciatura, durante os anos que compreende esta pesquisa e por isso, as experiências relatadas aqui fizeram parte da minha

experiência do meu fazer-se professor. Quando fiz parte do Programa em 2012 com 22 anos no segundo ano da licenciatura foi quando entrei nele e tudo me causou estranhamento: desde as reuniões, as aulas, os planejamentos, a elaboração de artigos e de relatórios, até a experiência de participação em eventos acadêmicos.

Os dois primeiros anos (2012-2014) como bolsista presenciei uma mudança de coordenação e de supervisor, no entanto, os bolsistas permaneceram os mesmos ao longo do PIBID, fato este que deu estabilidade aos participantes. Porém, antes de entrar no PIBID outros bolsistas o desenvolviam, isso contribuiu para a minha permanência no programa visto que adquiri experiências com estes bolsistas. Essa circunstância colaborou para o meu desenvolvimento enquanto bolsista na qual trouxe condições e acúmulo de experiências para fazer parte do programa nos anos posteriores.

No período de (2014-2016) tentei uma nova seleção do PIBID e fui aprovado nesta seleção já me considerava mais experiente por ter passado pelo primeiro projeto do PIBID. Este segundo projeto do programa passou a incorporar as experiências de suas atividades em nível nacional. Sendo assim, com as experiências que adquiri no primeiro projeto do PIBID, 2012 a 2014, colaborei no ingresso de novos bolsistas. Auxiliei o coordenador de área o professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno, que é professor do Departamento de História da UEPB, na divisão dos grupos, no auxílio às supervisoras, na organização dos bolsistas em participações em eventos, na montagem de artigos e na elaboração dos relatórios dos bolsistas. O grupo de bolsistas deste segundo projeto do PIBID possuía características e visões de mundo diferentes das minhas e boa parte deles, ainda não tinham tido a oportunidade de participar de uma aula de História em escolas básicas. Colaborei no processo de adaptação deles, com a ajuda do coordenador de área e pela minha supervisora. Este grupo de participantes do PIBID 2014-2016 apresentou peculiaridades únicas e diferentes do primeiro grupo de 2012-2014. Percebi que ocorreram muitas mudanças de bolsistas ao longo do projeto, pois alguns saíram ou foram afastados e substituídos por novos bolsistas. Por isso, acredito ser importante o destaque das tensões e disputas entre as equipes de bolsistas da licenciatura do PIBID, bem como, existiram disputas entre os professores supervisores no intuito de desenvolverem um projeto mais “visível” para o coordenador de área. Com relação à supervisão do Programa apenas duas supervisoras permaneceram e uma nova supervisora foi selecionada. As professoras supervisoras passaram a concorrer entre elas por meio dos melhores projetos e oficinas. Dessa forma, a nossa análise buscou compreender que também existiu um clima de competitividade entre os bolsistas e as professoras supervisoras. Observaram-se que existiram diferentes sentimentos e as atitudes dos personagens envolvidos no projeto, percebeu-se que esta nossa

pesquisa se apresentou como um objeto complexo e com muitas variáveis. Por isso, este objeto precisa ser analisado pontualmente por cada área do PIBID que foi desenvolvido na UEPB, ou seja, para cada área de conhecimento (disciplinas e cursos) poderiam ser construídas análises diferentes que revelariam que a prática de formação de um professor por meio do PIBID não é a mesma e não se repete.

Alerto que apesar de ter participado do PIBID, durante quatro anos, e ao desenvolver essa pesquisa, procurei compreender de uma forma crítica onde errou ou acertou. Por isso, essa dissertação apresentou também outras vozes dos sujeitos que participaram do PIBID nestas duas versões. Atualmente, após o contato com o PIBID e exercendo a docência vejo que este programa foi fundamental para minha formação. Por meio dele pude entender que a docência, para além da atividade de apresentar conteúdo do conhecimento dado como científico, também é um trabalho de interação com outros sujeitos. Por isso, concordo com Maurice Tardif quando diz:

Tal como Marx já havia enunciado, toda *práxis* social é, de certa maneira, um *trabalho* cujo processo de realização desencadeia uma transformação real no trabalhador. Trabalhar não é exclusivamente transformar um objeto ou situação numa outra coisa, é também transformar a si mesmo no e pelo trabalho (DURBA, 1992; 1994). Em termos sociológicos, pode-se dizer que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois o trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo. (TARDIF, 2014, p. 56) (grifos do autor)

Este trecho ajudou a entender como compreender o exercício docente no qual o tempo foi importante no processo de construção e entendimento das experiências. Ao longo do tempo os docentes conservaram habilidades que foram adquiridas através da socialização de saberes que foram característicos do seu trabalho de interação e do fazer e refazer cotidianos.

Investigou-se como foi desenvolvido o ensino de História por esses bolsistas no qual se deu por caminhos diversos em que as experiências memórias, trabalho docente, teoria e prática apresentaram pontos que se tocaram ou divergiram. Consequentemente quando se tentou uma análise crítica do PIBID percebeu-se as suas finalidades, estratégias metodológicas e como elas ajudaram ou atrapalharam os participantes na superação dos desafios que se apresentaram no

dia a dia da sala de aula. Colaboraram com esta pesquisa tendo esse direcionamento teóricos Circe Maria Fernandes Bittencourt¹, Selva Guimarães², e Thais Nívia de L. e Fonseca³.

Além das referências do Ensino de História foi proposto um diálogo com a História Oral de Lúcia de Almeida Neves (2010). Uma vez que, a utilização dela para os relatos foi importante, pois se tratou de um processo de rememoração sobre as ações do PIBID. Este processo de rememoração possuiu falhas mesmo se tratando de um período de margem temporal não muito distante. Assim, foi feito entrevistas que tomaram os devidos cuidados para o alcance dos objetos desta dissertação. Reconheço que o uso dos depoimentos foi pouco desenvolvido em contraponto aos relatórios do PIBID. Isso se explica devido aos depoimentos apresentarem informações complementares sobre os relatórios do PIBID.

A História Oral tornou viável a investigação das memórias, experiências, narrativas que tornaram mais visíveis as ações do PIBID. Entretanto, foi necessário ter cautela ao caminhar na direção da História Oral, uma vez que sua metodologia recorreu a um sujeito histórico inserido em um tempo transitório e que ele revelou ou escondeu rememorações.

A escrita deste trabalho analisou um passado ainda recente e escrever dentro dessa temporalidade apresentou dificuldades. Logo, ao rememorar as atividades do PIBID, foi percebido em certo momento que os depoentes silenciaram ou falaram sobre suas experiências.

Ao trabalhar com a História no tempo presente tem por “(...) objetivo de trabalhar o passado próximo e sobre a história contemporânea no sentido etimológico do termo, uma história na qual o historiador investiga um tempo que é seu tempo, com testemunhas vivas e com e com uma memória que pode ser sua” (RIOUX, 2008, p. 31).

Dessa maneira ao lembrar sobre o PIBID se recorreu a sujeitos envolvidos na transitoriedade do tempo presente em que o historiador investigou um tempo que também é seu. Logo, esses sujeitos históricos (professores supervisores, estudante bolsistas e coordenadores) apresentaram subjetividades e várias experiências adquiridas ao longo do processo de formação em que constantemente o seu fazer-se professor foi sendo modificado.

(...) na primeira aula a gente perguntou quais são os sonhos deles. Aaah! Fisioterapia, Medicina geralmente Medicina top, mas aos poucos eles vão mudando e chega um aluno para mim e diz eu quero ser professor e hoje ele está lá na UEPB, pois o PIBID despertou isso nele... cara isso é fantástico e você certamente contribuiu para aquilo mesmo que que seja uma parcela

¹ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

² FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história**. 13ª ed. rev. e ampl. Campinas - SP: Papirus, 2012. & SILVA, M.; FONSECA, S. G. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2007.

³ FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

pequena de você, mas você está ali. E outra um fato inédito que eu presenciei foi no final de 2016 a gente preparou um processo trabalhista a aula era sobre documentos históricos lá dentro do NDH a gente pegou um documento analisou o documento e levou até os alunos. (Depoimento de Jose Thiago Silva dos Santos, bolsista do PIBID da E. E. E. F. M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Data da entrevista: 07 de janeiro de 2019)

A narrativa de José Thiago acima exprime um pouco das expectativas dos bolsistas quando iniciou-se as atividades do PIBID nas escolas, ela partiu de sonhos e desejos dos alunos para o seu futuro. Percebeu-se na fala que com o passar do tempo os estudantes foram modificando suas vontades e desejos por meio do contato com as experiências do PIBID. Estes alunos mesmo em pequena quantidade passaram a ter um maior interesse acerca das licenciaturas, pois se sentiram estimulados pelo programa. Isto provavelmente se distancia da ideia dos cursos de licenciaturas visto como de segunda opção quando comparados aos cursos de Medicina entre outros. Além do mais o relato do bolsista apresentou uma informação importante na qual existiu um benefício indireto as licenciaturas da UEPB devido a procura por elas desses alunos que estiveram envolvidos com o programa. Outra informação contida nesta fala foi a rememoração do bolsista quando participou de uma oficina em que foi utilizado documentos históricos, sobre esta atividade discutirei mais adiante na dissertação.

(...) para mim o PIBID foi uma das coisas se eu pudesse elencar um *top 3* que me influenciaram na educação básica o PIBID foi uma delas para eu buscar uma educação melhor e está cursando o ensino superior quando eu tive a influência do PIBID foi uma das coisas que me botaram para... *pow!* Eu vou seguir uma parada dessa também eu vou fazer uma graduação também (...). (Depoimento de Alysson Lima dos Santos, Aluno da E. E. E. F. M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Data da entrevista: 21 de dezembro de 2018)

O relato do aluno Alysson Lima hoje, professor de Biologia, revelou a importância do PIBID para sua decisão acerca da sua escolha profissional. Ele relatou que por meio das experiências com o programa buscou cursar no ensino superior uma licenciatura para colaborar com a educação básica. Segundo ele o PIBID o influenciou na sua escolha pela docência na intenção de aplicar as atividades desenvolvidas pelos bolsistas em suas futuras aulas essa rememoração expressou o desejo do aluno que de alguma maneira foi influenciado pelas experiências do PIBID.

Ao reproduzir estas vozes que falaram sobre o PIBID e ajudaram a construir está dissertação ampliou a capacidade de investigação. As entrevistas foram feitas da maneira livre, pois não fiquei preso a um questionário, dei a liberdade aos entrevistados de torná-la uma conversa. Retirando, dessa forma, qualquer sentimento que restringisse os depoimentos quando

viam sobre a mesa um gravador. Contudo, tiveram recusas e momentos que não consegui extrair as informações que buscava. E, em outros fui além, como no caso da professora Severina Gomes que foi supervisora do PIBID nas duas versões (2012-2014) e (2014-2016). Segundo ela:

O PIBID não foi, ele é. Eu tenho certeza eu mesmo não estando mais atuando no PIBID, mas jamais vou deixar de fazer o que eu fazia quando estava com o PIBID o PIBID foi sem dúvida extremamente relevante para minha profissão sem dúvida eu mudei muito durante esse tempo todo e permaneço mudando na perspectiva de pesquisar de buscar tudo que o PIBID trouxe para minha escola hoje eu continuou empregando em outra escola e eu vejo que ele só veio acrescentar na minha profissão. (Depoimento de Severina Gomes, professora da E. E. E. F. M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Data da entrevista: 21 de janeiro de 2019)

Sua fala apresentou pistas pelas quais investigou-se as mudanças do PIBID provocou no trabalho da supervisora. Ao analisar sua participação dentro do PIBID percebeu-se que ao desenrolar das ações do Programa, gradativamente ela foi modificando suas maneiras de ensinar História. Além disso, esse processo de mudança foi sendo aprimorado através das trocas de experiências que valorizaram o trabalho docente. O relato abaixo complementa estas mudanças acerca das experiências em que a bolsista Renata Cavalcanti relatou:

Muitas mudanças... muitas mudanças é passou ter mais curiosidade ela passou a ver que as aulas de história poderiam ser mais proveitosas e a importância da disciplina de história (...) ela melhorou bastante embora muitas vezes eu percebia que ela tinha uma certa dificuldade de procurar um pouco sozinha ela as vezes acabava se escorando bastante né e as vezes queria receber pronto para pôr em prática quando na verdade a ideia do PIBID era construir juntos com o professor mais mesmo com essas dificuldades melhorou bastante. (Depoimento de Renata dos Santos Cavalcanti, bolsista do PIBID da E. E. E. F. M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Data da entrevista: 23 de janeiro de 2019)

A depoente Renata dos Santos Cavalcanti, que participou como bolsista do PIBID, na primeira versão (2012-2014), revelou que a supervisora Severina Gomes modificou a sua prática. Cabe também trazer as seguintes informações, a entrevistada foi aluna da supervisora antes dela fazer parte do PIBID e após a sua participação no Programa. Ou seja, a bolsista presenciou mudanças no antes, durante e após a participação no PIBID pela supervisora. Logo, a bolsista percebeu que antes existiu uma professora menos interessada pela sua prática e durante o processo do PIBID ela foi melhorando. Após sua participação ela passou a compartilhar suas experiências com outros professores.

Ao percorrer as memórias dos depoentes dentro desta temporalidade na qual a dissertação foi realizada ampliou-se os diálogos com as ações metodológicas que foram realizadas pelos participantes do PIBID e que tiveram relação com o Ensino de História.

Outro ponto importante que se ligou os pressupostos teóricos desta dissertação foram os estudos da memória no que se refere a perspectiva da experiência que possibilitou buscar novos sentidos na ampliação na compreensão dos aspectos ligado as experiências. Para isso, os estudos Walter Benjamin (1892-1940) foram importantes. Segundo ele colecionar fatos do passado, resquícios que apareceram quando se passou a lembrar de algo que foi esquecido as experiências ajudaram a rememorar esse passado no presente. Neste caso toda vez que foi acessado os fragmentos, os momentos em sala de aula, as oficinas, as reuniões, as discussões em grupo e tantas outras que constituíram as ações do PIBID. Dessa maneira se construiu as representações daqueles momentos que foram estimulados e também nos afetaram quando se passou a revirar as nossas coleções de momentos e de partilha com o PIBID. O armazenamento delas foi possível quando passou a procurar os participantes e os estimular a contar, e recontar ou melhor relembra percorrendo a sua memória.

Em seus estudos Benjamin acredita que as experiências estiveram escondidas em resumo não se deve considerar a História como um amontoado de relatos narrativas, fatos superficiais, organizados de maneira cronológica e cristalizados. A História e os seus estudos sobre Ensino de História deveram considerar as narrativas e o seu realce as experiências históricas passadas capazes de ser interpretada de maneira crítica. Dessas forma os detalhes, silenciamentos, distanciamento do tema abordado nas entrevistas, possuíam importância, pois pelo contrário esses fragmentos também nos ajudaram a construir as experiências.

O conceito de experiência chave nesta dissertação partiu dos conhecimentos de (THOMPSON, 1981), em que não se tratou do conceito vulgar de experiência muito próximo de uma equivalência empírica e relativa. Ao estabelecer esta distinção analisar as experiências do autor que passaram pelas vividas e percebidas. Ainda segundo ele afirmou que ao originar as experiências vividas elas não penetraram como reflexo nas experiências percebidas e sim dão origem a uma experiência transformada e modificada.

Por isso, os dois relatos acima expressaram como estas experiências e memórias transformaram e trouxeram novas questões e reflexões que foram trabalhadas nesta dissertação. Isso significa dizer que ao conceber as experiências como base no diálogo entre o ser social e a consciência social revelaram que as ações se deram por meio da prática. Isso deixou claro que a História não permite reproduções de experiências idênticas, pois a educação enquanto fenômeno histórico provocou essa compreensão.

Nesta ótica ao interpretar as relações pedagógicas desenvolvidas pelo PIBID foi possível considerar as relações sociais que se deram em um determinado tempo que permitiu distintas possibilidades de realização do processo de ensino-aprendizagem. Assim, coube dessa forma uma análise do processo de formação docente que leve em consideração os fatores internos e externos à escola que também têm o potencial de interferir nas práticas pedagógicas. Ao levar em consideração a construção coletiva de múltiplas experiências que foram feitas externas ou internas aos espaços escolares como também no desenvolvimento da prática docente.

Ao reconhecer suas memórias e experiências dos supervisores passou-se a colaborar para o enriquecimento do fazer-se professor. O contato entre supervisores, bolsistas e estudantes ampliaram as experiências e isso fortaleceu para progredir nas ações do PIBID. Dentro dos objetivos apresentados no início de cada atividade tentou-se perceber as experiências vividas durante o processo de realização das atividades como também as percebidas após ações realizadas. Por isso, a investigação do processo de formação docente deve ter o cuidado de perceber que ele é composto de várias matrizes (sociais, políticas, culturais).

Trata-se de um processo de conhecimento que tem a prática como elemento básico, fazendo a mediação entre a realidade e o pensamento. Ou seja, enquanto nos modelos usuais trabalha-se com dois elementos: realidade/pensamento, esse modelo trabalha com três níveis, quais sejam: realidade, ação sobre a realidade e pensamento decorrente dessa ação prática. Entre a realidade e o pensamento se introduz um elemento intermediário que é a ação prática sobre a realidade, dela decorrendo a teoria, não como essência, não como verdade que vai guiar a prática, mas como expressão de uma relação, de uma ação prática sobre a realidade que pode indicar caminhos para novas práticas, nunca guiá-las. (MARTINS, 1998, p. 166).

O esforço teórico de Martins, baseada nos pensamentos de (THOMPSON, 1981), que as experiências foram importantes, porque, dialeticamente, possibilitaram a valorização dos sujeitos e suas práticas sociais dentro do processo de formação docente. Isso quer dizer, compreender os professores como trabalhadores da educação e sujeitos de suas ações. Os quais desenvolveram e estabeleceram relações de experiência entre si e com os outros profissionais nas condições apresentadas dentro do seu trabalho. Segundo Thompson (1981) a História não é determinada, ela se constrói nas relações sociais considerando as variáveis de experiências vividas e compartilhadas.

Trazer a formação docente em História e o seu fazer-se professor na educação básica sobre uma ótica das experiências ancorada nas propostas apresentadas pelo PIBID, auxiliaram na compreensão de um objeto plural. O PIBID dentro das suas matrizes apresentou diferentes alternativas de se colocar em prática a formação de professores nas variadas esferas da

Educação. Dessa maneira, à inserção de jovens professores em formação docente contribuiu para construção coletiva de conhecimentos, resultando em trocas de experiências entre a universidade e a escola básica. Assim, os projetos do PIBID de História da UEPB, objetivou-se a realizar a inserção de jovens professores no cotidiano escolar como uma alternativa de superar os desafios que foram sendo apresentados ao longo das tentativas de implementação do programa nas escolas básicas.

Ancorada nas propostas apresentadas pelo PIBID de formação docente na condição de bolsistas ao chegar na escola passou-se por um período de transição no qual os “choques de realidade”, tensões e aprendizagens foram intensos. Isto sendo, passou-se ao longo do tempo a adquirir conhecimentos profissionais que se caracterizou por um processo de ensaio e erro. Assim, jovens professores cheios de ideias pedagógicas inovadoras seduzidos pela ideia de transformar o mundo educacional, sofreram assim, um choque em sua realidade. Nesta perspectiva o PIBID colaborou com a inserção de jovens professores em início de carreira em que o seu fazer-se professor foi constantemente sendo construído.

O “Fazer-se Professor” é entendido como um processo ao longo de toda vida, e não situado num dado momento ou lugar-universidade. Possibilita-nos, pensar a incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se. Neste sentido, são fundamentais também as contribuições expressas na obra “A Formação da Classe Operária Inglesa” de Thompson (1989), que nos mostra como essa classe operária não nasceu pronta, foi se construindo, fazendo-se, tornando-se sujeito, nascendo enquanto categoria histórica. (PAIM, 2009, p. 160)

A narrativa do “fazer-se professor” enquanto conceito do professor Elison Antonio Paim evidenciou que ela se deu ao longo do processo de toda vida e da incompletude o ser humano em seu eterno fazer-se. Isso, exemplificou de que maneira as lembranças, experiências, trocas de saberes influenciaram no revisitar do percurso de conhecimento e reconhecimento da aprendizagem e formação docente. Nota-se no fragmento a aproximação do autor com E. P. Thompson e sua obra *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1989) traçando um paralelo com a formação docente em que ela não nasceu pronta ela foi se construindo em um permanente fazer-se e refazer-se. Deste modo, o processo pedagógico muitas vezes foi além da formação, dos currículos, das culturas escolares, das práticas educativas e da interpretação do seu cotidiano de trabalho. Isto é, o fazer-se professor amplificaram o processo de construção continua de criação e recriação do trabalho docente e as múltiplas variáveis que o compõe.

Diante disso, o desmoronamento das ideias iniciais que foram tidas antes de entrar nas escolas se tornaram necessárias, pois o contato com o mundo do trabalho escolar levou à retirada de idealizações. Esse primeiro contato revelou características próprias das escolas:

costumes, cultura, sujeitos entre outros. Nesse processo de aprendizagem e fazer-se as adaptações foram necessárias, apesar de existirem conflitos entre os desejos dos participantes do PIBID.

As experiências em sala de aula desencadearam uma descoberta de processos de ensino-aprendizagem e de relacionamento acerca dos conhecimentos sobre a formação docente. Por ser um espaço rico em informações a sala de aula forneceu pistas para os professores em processo de inicialização. Ao acumular experiências ao longo do seu fazer-se professor o sujeito adquiriu novos comportamentos em sala de aula, implementação de novas maneiras de pensar e agir diante de um desafio que se apresentou. Este movimento exemplificou uma gradativa evolução das concepções que foram inicialmente ingênuas para uma concepção mais objetiva da profissão.

Buscou-se dialogar com pesquisas já realizadas sobre o PIBID como as de Marcia Justino Rolim (2016) e Ana Carla de Medeiros Trindade (2017). Dessa forma, observou-se quais os caminhos percorridos pelas autoras quais as diferenças e semelhanças com meu trabalho. Ao fazer estas leituras percebi que o PIBID passou a ganhar visibilidade após a sua criação em meados de 2013 e isso vem crescendo até os dias atuais. Principalmente quando foi ampliada a participação de licenciaturas de instituições superiores particulares.

Em relação a produção de estudos sobre o PIBID quando foi realizada uma pesquisa acerca da quantidade de dissertações e teses tendo ele como temática no banco de teses e dissertações da CAPES. Constatou-se uma escassez de trabalhos produzidos nos níveis de pós-graduação, em especial Mestrado e Doutorado. Outro ponto que foi percebido é com relação a sua respectiva localização e área de conhecimento. Observou-se que boa parte das pesquisas sobre o PIBID estiveram localizadas em programas de pós-graduação de Mestrado e Doutorado na área de educação como respectivamente a área de conhecimento.

Por isso, esta dissertação tem a finalidade de colaborar com os estudos do PIBID como também acerca dos conhecimentos da disciplina de História, pois procura dar luz a experiências metodológicas para processos de ensino-aprendizagem de determinados temas históricos. Assim, propus a pesquisar as “articulações entre a produção do conhecimento acadêmico e o conhecimento escolar no que diz à formação do professor, no sentido de ampliar os debates interdisciplinares, a reflexão teórico-conceitual e metodológica sobre os saberes históricos.”⁴

⁴ Fonte: Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/linhasPesquisas.jsf?lc=pt_BR&id=1908>. Acesso em: 20.03.2020

Trago neste texto algumas das experiências metodológicas que foram implementadas pelo PIBID nas seguintes escolas:

a) Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo que foi fundada em 1983. Localiza-se no bairro do Nordeste II um dos bairros mais populosos da cidade. No período do desenvolvimento do PIBID, a grande maioria dos estudantes eram oriundos do bairro e os demais provenientes das cidades circunvizinhas e da zona rural. Atualmente seu corpo docente compõe-se de 40 profissionais e sua grande maioria são especialistas e mestres e em menor quantidade doutores.

b) Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho, fundada em 1972, foi a primeira escola de grande porte Estadual da cidade. É uma das escolas mais antigas da região de Guarabira. Tem sua localização privilegiada, próxima ao Terminal Rodoviário Estadual, na saída da cidade no bairro da Bela Vista. No período do desenvolvimento do PIBID, os estudantes da escola em sua grande maioria eram oriundos do mesmo bairro, mas também existiam alunos que eram provenientes das cidades próximas e da zona rural. O seu corpo docente é em grande maioria composto de especialistas e mestres e em menor quantidade doutores.

c) Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo, foi fundada em 1977, localizada em um bairro de classe média alta o Bairro Novo. É uma escola de pequeno porte, próximo a feira livre da cidade e ao centro. Antes da reforma do Ensino Médio atendia aos estudantes no Ensino Fundamental e Médio e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). No período que recebeu o PIBID, seus estudantes eram oriundos das cidades circunvizinhas e zona rural e em menor quantidade do bairro. O corpo docente é composto em sua grande maioria de especialistas e em menor quantidade mestres.

Para o desenvolvimento desta dissertação foi proposto a divisão dos capítulos da seguinte forma. No primeiro capítulo “**O que é PIBID?**” Foi realizado um levantamento em relação aos documentos oficiais: leis, atos do poder executivo, portarias, decretos, ofícios, despachos do MEC que se referiram ao PIBID. Além disso, foram observados os documentos que traçaram sobre os objetivos do PIBID como também os que liberaram a implantação do programa tanto na UEPB Guarabira como nas escolas básicas da rede pública estadual da Paraíba.

O segundo capítulo, “**As metodologias utilizadas pelo PIBID: tentativas de investigação e reflexão**”. Observou-se como foram pesadas as estratégias dos bolsistas acerca dos métodos utilizados nas aulas de História em que foi feito o uso de aulas oficinas como caminho para aprendizagem. Para isso foi investigado como foram desenvolvidas estas oficinas

e quais as ferramentas que os bolsistas do PIBID utilizaram para se chegar ao objetivo desejado e quais foram as lições tiradas neste primeiro movimento que foram dispostas nas considerações parciais.

O terceiro capítulo, **“O PIBID: metodologia que valorizavam a aprendizagem”**. Analisou-se como os bolsistas assimilaram as experiências discutidas no segundo capítulo e tiraram ensinamentos dos erros que ocorreram no desenvolvimento das aulas oficinas. Para isso, os bolsistas lançaram mão outras alternativas metodológicas como: narrativas míticas contextualizadas com o presente, estudo do meio, uso de documentos históricos e linguagens com a literatura de cordel. Como no segundo capítulo se traçou algumas considerações parciais acerca destas atividades que tentaram se aproximar de uma metodologia ativa de aprendizagem.

Por fim nas considerações finais apresentou-se quais os resultados obtidos durante este processo de fazer-se professor por meio das ações desenvolvidas pelo PIBID. Ou seja, tentou-se compreender com base nas análises das atividades do programa como foram desenvolvidas nossas experiências durante o processo de formação de professores em inicialização.

CAPÍTULO 1

O que é PIBID?

Antes de começar esta dissertação convido o leitor a fazer uma leitura breve sobre do que se trata o PIBID. Para isso apresento um breve resumo dele subsequentemente abordo sobre sua importância como política de estado para formação docente, as parcerias do PIBID de História da UEPB Guarabira e o processo de implantação nas escolas de educação básica. Foi distribuído assim para ter um melhor conhecimento e leitura sobre o tema em que o encadeamento destas informações foram importantes para subsequentemente entender os capítulos dois e três.

Você já ouviu falar em PIBID? Para começar, o PIBID foi criado em 12 de dezembro de 2007. O PIBID, possui como objetivo valorizar a formação de professores. Ele compõe a Política Nacional de Formação de Professores do MEC.

O PIBID é chamado de programa por agregar vários outros projetos dentro das áreas das licenciaturas. Explico! Existe uma equipe de coordenadores, supervisores, que tem por finalidade formar os licenciados em professores para a escola básica. Essa estrutura é que movimenta o programa na intenção de atingir os resultados, já foi dado mais detalhes na introdução.

O PIBID ao longo do seu período de atividades nas escolas, colaborou na formação de parcerias e tornou-se uma ferramenta importante para o trabalho docente. Suas ações colaboraram para a construção de saberes coletivos e para dar mais visibilidade as licenciaturas dentro dos cursos superiores no Brasil. Além disso, incentivou o debate entre licenciandos e professores em exercício da profissão que juntos realizaram trocas de experiências e saberes docentes.

Panorama de um programa de política de Estado para formação docente

Segundo dados coletados na DEB⁵, existiu um projeto que se assemelhava ao PIBID em meados da década de 1990. Esta informação pôde ser consta no site da CAPES, no entanto, este projeto inicial não está mais disponibilizado no site do MEC. O projeto contido nos relatórios do DEB apresentou dados que mais se assemelharam ao esboço do PIBID atualmente. Ainda segundo este documento foi encontrado o nome do professor Dr. Jorge Almeida Guimarães, em sua passagem como diretor do CNPq⁶. Ele provavelmente segundo observou-se nos relatórios foi o responsável por criar um projeto que se aproximou do PIBID, mas que tinha uma estrutura do PIBIC.

A ideia de lançamento do Pibid [sic] partiu do presidente da Capes, Prof. Dr. Jorge Almeida Guimarães, que fora responsável pelo lançamento do Pibic [sic] – Programa Institucional de Iniciação à Ciência, na década de 90, quando de sua passagem pelo CNPq. Acolhida a ideia pelo então ministro da Educação, Prof. Dr. Fernando Haddad, o Pibic [sic] inspirou a elaboração do primeiro edital do Pibid [sic], com o foco na docência. (BRASIL, 2009-2014, p. 63)

Este trecho do documento mostrou que passaram dezessete anos (1990 a 2007) para que um Ministro da Educação, o Professor Dr. Fernando Haddad, no seu mandato de 2005 a 2012. Logo, buscou-se a criação de um projeto que se distanciasse dos moldes do PIBIC, e se aproximasse da prática docente e da sua formação. Ao apontar nesta direção a equipe desse ministro fez algumas modificações para atender às demandas sociais e aos acordos mundiais firmados para educação no período do mandato do ministro. Foi nesse momento que o projeto inicial que tinha como foco à docência, se desvinculou do PIBIC ganhando sua própria estrutura e objetivos.

O PIBID foi umas das políticas públicas que visou a valorização e a melhoria da formação docente a nível nacional e que foi desenvolvido durante o segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2007-2011).

⁵ As informações aqui apresentadas foram referentes aos dados disponibilizados pelo relatório de Gestão do Diretório de Formação de Professores da Educação Básica - DEB que é disponibilizado em um período quinquenal referente aos anos de 2009-2014, volume I. Para mais ver em: <www.capes.gov.br/images/.../20150818_DEB-relatorio-de-gestao-vol-1-com-anexos.pdf>. Acesso em: 17.10.2018.

⁶ Conselho Nacional de Pesquisa ou Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico foi fundado em 1951, é um órgão público que tem como função incentivar o desenvolvimento das pesquisas que fornece bolsas e auxílios aos pesquisadores no Brasil, localizado em Brasília este órgão está vinculado ao Ministério da Ciência e da Tecnologia.

Teve seu primeiro edital⁷ lançado em 12 de dezembro de 2007, MEC, em conjunto com a CAPES e FNDE⁸. A implantação do PIBID ficou sobre a responsabilidade da CAPES responsável pela elaboração dos editais, seleção de projetos, avaliação de relatórios e pagamento de bolsas. Gerenciou, também a liberação de recursos para que os bolsistas desenvolvessem atividades nas escolas públicas.

A primeira versão do edital foi direcionada as Universidades Federais e apresentou restrições para a participação das universidades públicas estaduais. De acordo com a Portaria Normativa n.º 38 do MEC⁹ apenas universidades federais estavam habilitadas a participar. Somente no segundo edital, o MEC buscou atender as demandas nacionais no campo da formação inicial e continuada dos professores e também melhorar a qualidade de todas as licenciaturas nas IPES. Foi nesse edital que ocorreu a abertura de espaço para participação das universidades estaduais. A partir da Portaria Normativa n.º 72 da CAPES¹⁰ e o edital n.º 18 da CAPES¹¹ lançado em abril de 2010 que se incluiu intuições municipais de ensino superior que envolveram universidades e centros universitários, confessionais e filantrópicas e sem fins lucrativos.

Com o avanço das políticas públicas de impacto contempladas pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PIBID passou a ser uma política pública de Estado. Essa política foi instituída pelo Decreto presidencial n.º 7.219, de 24 de junho de 2010¹² que substituiu as portarias anteriores que regulamentaram o programa. Em 2015 e 2016 o Programa quase foi extinto, devido aos cortes no orçamento da educação. Sua extinção só não ocorreu, porque ocorreram resistências tanto das Universidades, coordenadores, supervisores, bolsistas e do Parfor. A incidência do PIBID na esfera das políticas públicas de Estado pode ser observada na portaria n.º 260 da CAPES¹³.

⁷ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_PIBID.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

⁸ A página eletrônica da CAPES possui vários documentos de consulta pública disponíveis referentes aos PIBID, como editais, portarias, relatórios entre outros. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 17.03.2019.

⁹ Essa portaria normativa de 12.10.2007, sistematiza os objetivos do PIBID, prioridades, modalidade de bolsa entre outros. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pibid.pdf>. Acesso em: 17. 03. 2019.

¹⁰ Dispõem sobre nova redação do PIBID referente a portarias anteriores de 09. 04. 2010. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital18_PIBID2010.pdf>. Acesso em: 17. 03. 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital18_PIBID2010.pdf>. Acesso em: 17. 03. 2019.

¹² Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Decreto7219_Pibid_240610.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

¹³ Esta portaria aprova as normas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de 30. 10. 2010. Disponível em:

Mas a maior conquista acerca do PIBID foi a sua inserção na LDBEN. De acordo com a Lei n.º 12.796, de 04 de abril de 2013¹⁴ foi alterado o texto da LDBEN, no qual foi proposto a universalização da educação básica obrigatória e gratuita. O Programa se configurou como um importante mecanismo na busca pela educação de qualidade e valorização do magistério. Estas contribuições para um futuro licenciado e sua formação dentro da rede básica de ensino, proporcionou que ocorressem trocas de conhecimentos e experiências entre as universidades e as escolas básicas.

Ao analisar os documentos oficiais que tiveram como foco o PIBID notou-se dois movimentos. O primeiro, o aumento das bolsas, resultado da intensa demanda de projetos devido a ampliação do programa de 2007 a 2014. E o segundo, uma queda significativa de 2015 a 2016 resultado dos cortes de verbas da educação, em um momento político conturbado. Segundo dados do ministério da educação à época os cortes estiveram em torno dos R\$ 10,5 bilhões, ou 10% do orçamento para educação¹⁵. Recordo-me no ano de 2015 o slogan que a presidente Dilma Rousseff escolheu foi “Pátria Educadora” e que além dos cortes, pagamentos atrasados e trocas constantes de ministros marcaram a pasta de educação.

[...] A manutenção ou o crescimento dos projetos institucionais tem como base os relatórios apresentados, com resultados já alcançados, justificativa e planilha com previsão de atendimento [...] A ampla adesão das instituições formadoras ao Pibid [sic] fez com que a meta física estabelecida em cada edital fosse ultrapassada. No entanto, a meta de 100.000 bolsistas proposta para 2014 não pôde ser alcançada em função de limites orçamentários impostos. (BRASIL, 2009-2014, p. 64)

Segundo o trecho acima retirado dos relatórios do DEB entre os anos 2009 e 2014, evidenciaram a dimensão do PIBID, além disso, observou-se que ele foi capaz de conseguir resultados satisfatórios mesmo sofrendo com cortes em seu orçamento. Devido aos sucessivos cortes no orçamento para educação se observou que as metas para os anos de 2015 em diante não foram alcançadas. Para que dar mais visibilidade à essa informação decidiu-se por apresentar um gráfico que exemplificou esses cortes nas bolsas.

<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria260_PIBID2011_NomasGerais.pdf>. Acesso: 17.03.2019.

¹⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em: 17.03.2019.

¹⁵ Para mais ver em: MÁXIMO, Wellton. Educação e PAC são áreas mais afetadas por novo corte no Orçamento. **AGÊNCIA BRASIL**, Brasil, 30 de março de 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-03/educacao-e-pac-sao-areas-mais-afetadas-por-novo-corte-no-orcamento>>. Acesso em: 30.05.2019.



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor desta dissertação

O gráfico trouxe algumas informações com relação a ampliação de bolsas entre os anos de 2007 a 2014. Percebeu-se um aumento progressivo tendo em vista que a cada edital eram modificados os objetivos como também a ampliação das áreas de licenciatura e o atendimento as instituições de ensino superior privadas. Porém, foi observado em seus primeiros editais que a princípio o seu foco foram as áreas de Matemática e Ciências da Natureza. Verificou-se a seguinte informação em um dos relatórios do MEC sobre o PIBID: “ao ser lançado em 2007, a prioridade de atendimento do Pibid [sic] eram as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio – dada a carência de professores nessas disciplinas”. (BRASIL, 2009-2014, p. 63)

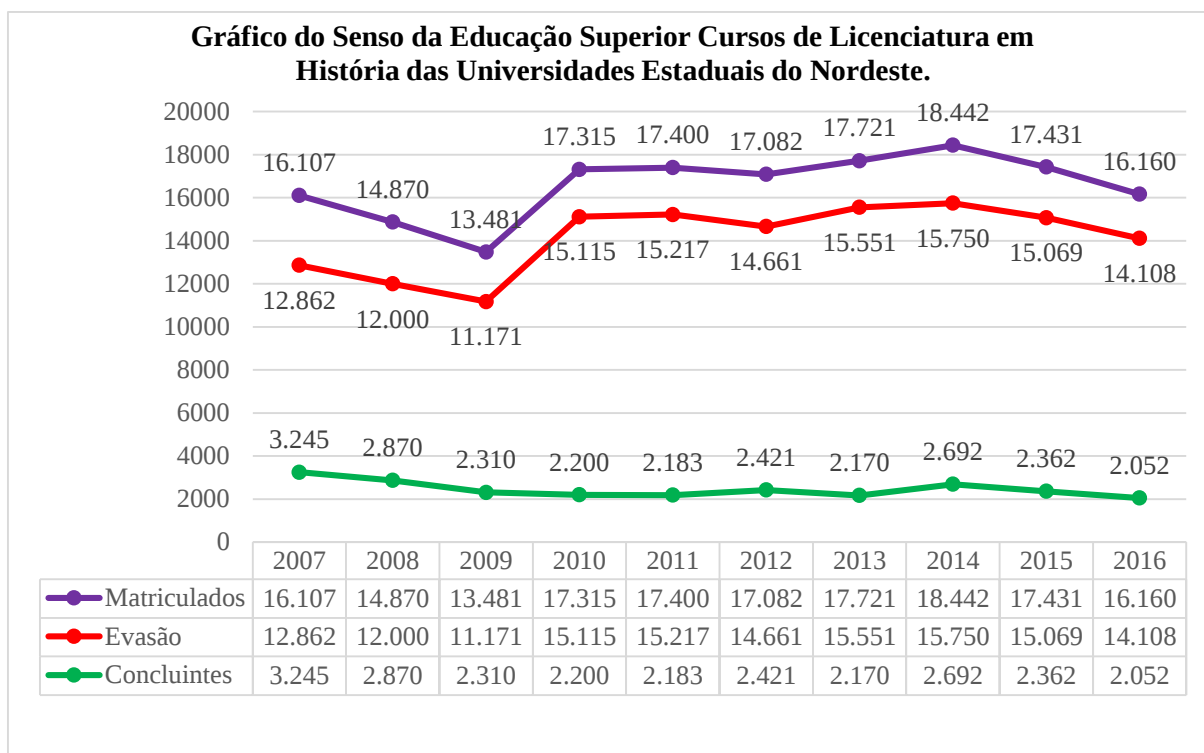
Segundo matéria do portal de notícias *Terra*¹⁶ em 2007, em 10 anos a educação brasileira provavelmente iria sofrer com a falta de professores nestas disciplinas. Segundo dados levantados à época pelo site junto ao MEC os cursos de licenciatura em Física e Química antes da criação do PIBID apresentaram altos índices de evasão escolar, em média 65% para o primeiro e 75% para o segundo. Essas informações coadunaram com as informações apresentadas nos relatórios do DEB acerca do primeiro projeto do PIBID que buscou diminuir o efeito da evasão nesses cursos.

¹⁶ Para mais ver em: AGÊNCIA BRASIL I. Ensino médio: pode faltar professores em 10 anos. **TERRA**, Brasil, 03 de julho de 2007. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/interna/0,,OI1733554-EI8266,00-Ensino+medio+pode+faltar+professores+em+anos.html>>. Acesso em: 30.05.2019.

Ao olhar o gráfico e interpretar suas variáveis foi visto nos anos 2007, apresentou um quantitativo que partiu da casa das três mil bolsas vindo em 2008 a não ter bolsas devido a novas adequações em seus editais. Porém, a partir de 2009 começou a subir e em 2011 passou a representar um crescimento médio de 26% em relação a 2007 reflexo do edital 7.219/2010. Quando olhando as curvas do gráfico de 2011 até 2014 passou a ter seu maior crescimento em média 45% do montante de bolsas e o seu ápice foi atingido em 2014 vindo a despencar no primeiro trimestre de 2015. Se somar sua queda entre 2015 e 2016 teve uma redução de mais 20% no quadro geral de bolsas resultado da instabilidade política no Brasil como os sucessivos cortes na área de educação que impactou na diminuição brusca de bolsas.

Ainda sobre os relatórios do MEC sobre o PIBID foi visto que se estipulou uma meta de 100.000 mil bolsas para iniciar em 2014 e manter-se meta não atingida como constatou-se no gráfico. Mesmo com a política de ampliação do PIBID para outras áreas das licenciaturas provavelmente constatou-se que as instabilidades políticas do Brasil à época acabaram interferindo no processo e desenvolvimento das atividades do programa.

Apesar da redução de recursos o PIBID alcançou resultados positivos quando comparou seus dados com os índices de evasão escolar nos cursos de licenciatura das universidades, principalmente quando falou das licenciaturas em História. Ao tocar neste ponto foi necessário investigar se de fato a evasão nos cursos de licenciatura em História sofreram alterações com a chegada do PIBID. Para isso, foi construindo um gráfico que apresentou informações referentes as licenciaturas em especial de História nas Universidades Estaduais da Região Nordeste e se o programa impactou positivamente ou negativamente na diminuição da evasão. Quero também esclarecer que a escolha destes dados se deu por motivos os quais não foram possíveis recolher dados da coordenação do curso de História da UEPB Guarabira, pois o tempo para escrita deste texto impediu o recolhimento destes dados. Assim, optou-se por observar o que esteve disponível Censo da Educação Superior do MEC que trouxe dados agregados das Universidades Estaduais do Nordeste que direcionaram nossa análise para o mais próximo possível daquilo que desejou-se observar.



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor desta dissertação

Os dois gráficos trouxeram um pouco do panorama da educação brasileira entre os anos de 2007 a 2016. Os anos de 2007 a 2009 os números de matrículas começaram a cair e em 2008, e apresentou o seu menor índice em 2009. Com relação a evasão existiu uma diminuição a partir de 2008, e também apresentou seu menor indicativo em 2009 resultado da ampliação das políticas públicas que tiveram como referência o PIBID. Esses movimentos entre 2007 e 2009 quando comparados com a ampliação de bolsas apresentaram alguns reflexos acerca das ações do programa.

Por outro lado, os indicativos de concluintes têm os maiores índices em 2007 e 2008 resultado do PDE criado em 2007 que visou melhorar a educação no Brasil em todas as suas etapas. Com um prazo de quinze anos lançado em 2007 acabou sendo descontinuado antes do seu prazo final, porém muitos programas e iniciativas criados por ele se mantiveram ativos como o Proinfo, da educação básica e o Sinaes¹⁷.

Cabe também condensar outras informações acerca deste período, 2007 a 2009, em especial 2009. Ao visualizar os gráficos 2009 marcou a subida das bolsas e matrículas como a pouca oscilação acerca da diminuição da evasão. Segundo dados divulgados pelo MEC em

¹⁷ Para mais ver sobre: Saiba o que foi e como funcionou O Plano de Desenvolvimento da Educação. **TODOS PELA EDUCAÇÃO**, Brasil, 05 de março de 2018 Brasil. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/saiba-o-que-e-e-como-funciona-o-plano-de-desenvolvimento-da-educacao/>>. Acesso em: 30.05.2019.

2009, foi aprovado no fim de maio o, Parfor, que prometeu oferecer 330 mil vagas em faculdades para professores em exercício. O MEC, tentou minimizar a quantidade de docentes sem formação em sala de aula. Outra grande conquista para educação foi a Desvinculação da DRU que permitiu universalizar o atendimento na educação e desbloquear em média 20%, dos gastos federais destinados à educação. Ao desvincular as receitas o MEC passou a receber 7 bilhões a mais em 2010 essa proposta que derrubou a DRU também trouxe a obrigatoriedade da educação básica gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade o prazo foi a até 2016¹⁸.

Em 2010 com a implantação do o edital 7.219/2010, no segundo semestre mostraram que estes avanços sociais foram importantes e resultados de lutas e investimentos anteriores para educação. Isso ficou evidenciado nos gráficos em que se atingiu bons índices de, 2010 a 2014, tanto na ampliação de bolsas como na diminuição da evasão, em 2012, vindo a subir um pouco em 2014 e diminuiu em 2015 e 2016. Em 2011, o PNE recebeu 2195 emenda e não ficou pronto e sua discussão ficou para o ano de 2013. Ainda em discussão Lei nº 11.738, de 16.07.2008 que tratou do Piso do Magistério só passou a ter validade em 2011 quando foi reconhecido a sua constitucionalidade, segundo dados do MEC dezessete Estados não cumpriram a lei.¹⁹

Em 2012 as discussões a respeito do PNE, continuaram a se arrastar já tinha recebido 38 emendas a mais da 2195 e ficou para 2013 a sua votação. Ainda em 2012, passou a valer Lei nº 12.711, de 29.08. 2012 a Lei que instituiu cotas destinando o mínimo de 50% das vagas das universidades públicas federais e os institutos técnicos federais para estudantes que tiveram cursado todo o ensino médio em escolas da rede pública.

Nesse ano foi divulgado o censo a educação superior que trouxe dados com relação ao acesso dos negros à universidade. Segundo as estatísticas do MEC, o número de jovens negros que cursaram ensino superior quadruplicou, mas 91% ainda estiveram fora. Enquanto isso a educação básica estacionou segundo dados do Ideb que apresentaram melhorias nos anos do ensino fundamental, mas os dados não foram animadores no médio. Em 2012, foi o ano das greves nas Universidades Federais que durou quatro meses vindo a terminar em setembro as principais bandeiras foram plano de carreira aumento salarial para os professores, além de protestos contra o sucateamento das instituições federais.

Ainda em 2012 houveram disputas por mais recursos para educação, segundo discurso do ministro da educação Aloízio Mercadante à época disse: “Só vamos ser um país em

¹⁸ Para mais ver em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/fim-da-dru-para-a-educacao>>. Acesso em: 30.05.2019.

¹⁹ Para mais ver em: <<http://portal.mec.gov.br/piso-salarial-de-professores>>. Acesso em: 30.05.2019.

desenvolvimento plenamente, quando tivermos uma educação de qualidade no Brasil. Para isso, precisamos de recursos”. Esse discurso dado ao portal do MEC em 2012, reforçaram os vetos leis da presidente Dilma Rousseff sancionou em 2013, que destinaram para educação 75% dos royalties do petróleo e 25% para saúde recursos do Fundo Social do Pré-sal. Essas disputas por recursos se arrastaram durante todo o ano de 2012 e foram consolidada em 2013 que previu um investimento em dez anos de R\$ 112 bilhões na educação e de R\$ 362 bilhões em 30 anos isso a depender do valor do petróleo, das taxas de câmbio²⁰.

No ano de 2013 o aluno ganhou mais protagonismo e as discussões dentro do campo educacional trouxeram para o debate novos métodos de ensinar considerando o perfil de cada aluno²¹. Neste ano cabe também evidenciar que em todo país ocorreram os protestos conhecidos como “Jornadas de Junho” ocorrido nas grandes cidades por diminuição no valor da Passe dos transportes públicos que já tinha suas causas anteriores a 2013. O movimento Passe Livre que ocupou as ruas, no sentido simbólico, e trouxe assembleias para estes espaços que acabou agregando outras reivindicações falta de projeto integrador da cidade, a falta de escolas, de postos de saúde²². Ainda em 2013, o ENEM, bateu recorde em relação à última edição (7,834 milhões), chegando a 9,519 milhões de inscritos, ou seja, 21,8% a mais do que a edição anterior. E por fim depois de muitas idas e vindas foi aprovado o PNE que passou a ter validade no início de 2014 pelos próximos dez anos.

O ano de 2014 começou com a troca do Ministro da Educação saiu Aloizio Mercadante e entrou José Henrique Paim. Segundo dados do Pisa divulgados em 2014, o Brasil ficou em 58º lugar no *ranking* de desempenho da avaliação dos estudantes o país não conseguiu registrar avanços significativos durante este período, o Brasil figurou entre os últimos colocados nas provas de Matemática e Leitura. O PNE após quatro anos tramitando passou a valer de 2014 a 2024 com suas 20 metas que estabeleceram as diretrizes para o desenvolvimento da educação nacional, estadual e municipal. Segundo informações dos relatórios do Ideb divulgados em 2014, constatou-se que os indices do ensino médio continuaram ruins. Dois mil e quatorze foi

²⁰ Para ver mais sobre: Dilma sanciona sem vetos lei que destina royalties para educação e saúde. **UOL**, Brasil, 09 de setembro de 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/09/09/dilma-sanciona-lei-que-destina-royalties-para-educacao-e-saude.htm>>. Acesso em: 30.05.2019.

²¹ Para mais ver sobre: LUÍSE, Desirée. Experiências inovadoras na educação apostam em ensino focado no aluno. **Portal de Educação do Instituto Claro**, Brasil, 5 de abril de 2013. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/experiencias-inovadoras-na-educacao-apostam-em-ensino-focado-no-aluno/>>. Acesso em: 30.05.2019.

²² Para mais ver sobre: LUÍSE, Desirée. Manifestações de junho no país eram esperadas, apontam debatedores. **Portal de Educação do Instituto Claro**, Brasil, 27 de agosto de 2013. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/manifestacoes-de-junho-no-pais-eram-esperadas-apontam-debatedores/>>. Acesso em: 30.05.2019.

também ano da Conae que reuniu aproximadamente 4 mil pessoas em Brasília em que foram debatidas as conquistas da educação brasileira nos últimos anos. Nele foram debatidos quais os desafios para se chegar à aprovação do PNE como também como foram pensadas as estratégias de implantação das metas nas intuições de educação nacional, estadual e municipal.

A situação do com relação a educação começou a mudar em 2015 em que houveram muitas polêmicas acerca da educação. Tornou-se um contrassenso um governo que lutou ao longo dos anos pelas conquistas da educação que no início do seu segundo mandato com slogan “Pátria Educadora” agora passou a gradativamente suprimir essas conquistas. O segundo mandato da presidente Dilma Rousseff foi marcado pelos sucessivos cortes na educação além de muita instabilidade na pasta. Para começar houveram cortes e restrição do acesso ao Fies a medida gerou revolta nos estudantes que dependiam do programa como também nas universidades particulares. Além disso cortou verbas que fizeram parte das suas políticas públicas de educação e eram consideradas prioritárias como: o Ciências sem Fronteiras, o Pronatec, o PIBID entre outros.

Os reflexos da greve do ano anterior foram sentidos em que houveram atrasos nos calendários além da redução de recursos que segundo o MEC, se aproximou do 47%. A eclosão de várias greves dos servidores Estaduais em todo país, na Paraíba os professores seguiram as seguintes bandeiras: melhorias no ensino médio, valorização dos professores e melhores condições de trabalho²³. Além disso resultado destes cortes o momento mais tenso no ano foi a greve dos professores da rede pública estadual do Paraná com mais de duzentos feridos.²⁴

Ainda em 2015, o MEC apresentou uma proposta de currículo único nacional e segundo alguns especialistas da educação foi considerado um entrave para o desenvolvimento da educação do país. Por outro lado o texto sofreu críticas das áreas de História e Gramática²⁵. Os cortes também acarretaram problemas nos responsáveis pelo Ministério da Educação neste período houveram muitas trocas de ministro em um espaço de um ano. Começou com Aloizio Mercadante que foi substituído por José Henrique Paim, depois Cid Gomes teve também Luiz

²³Para ver mais sobre: <<http://ubes.org.br/2015/estudantes-apoiam-greve-dos-professores-na-paraiba/>>. Acesso em: 30.05.2019.

²⁴ Para ver mais sobre: ASSAD, Germano. “Aqueles policiais têm filhos que estudam com essas professoras”. **ELPAIS BRASIL**, 30 de abril de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/01/politica/1430436956_785463.html>. Acesso em: 30.05.2019.

²⁵ Para mais ver em: PALHARES, Isabel; TOLEDO, Luiz Fernando; VIEIRA, Vitor. MEC apresenta currículo único para educação básica no país. **Estadão**, Brasil, 16 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-apresenta-curriculo-nacional-unico-para-educacao-basica-do-pais,1762985>>. Acesso em: 30.05.2019.

Cláudio Costa, interino, Renato Janine Ribeiro e por último o retorno Aloizio Mercadante no final de 2015.

Em 2016 ficou marcado pelo Impeachment de Dilma Rousseff que se iniciou em 2015 e finalizou-se em agosto de 2016. Além disso, foi o ano da MP 746/2016 para reestruturação do ensino médio. As mudanças contidas no documento acentuaram os debates no Brasil, pois foi incluindo a possibilidade de escolha de diferentes trilhas de formação tradicional e técnica, educação integral e a grande polêmica a contratação de professores sem licenciatura, mas que apresentarem ‘notório saber’²⁶. A nível nacional foi o período de queda das bolsas do PIBID e de paralisação de suas atividades que começou a sofrer os primeiros abalos no final de 2015²⁷.

A portaria 046/2016 foi um duro golpe no programa que perdeu espaço diante das políticas do então presidente à época Michel Temer. Porém com o engajamento de bolsistas no país inteiro, o Forpibid, as Universidades as mídias, as redes sociais se empenharam em pressionar o governo a não extinguir o programa²⁸. Neste panorama de acentuados cortes no final de 2015 ocorreram ainda mais encontros, eventos que trouxeram o PIBID para o centro do debate como também os cortes na educação.

Por uma questão de proximidade com o trabalho destacaram-se os VI Encontro do PIBID UFCG em Cajazeiras-PB, em 2015. Encontro este que envolveu todas as licenciaturas em prol de debater sobre os reflexos dos cortes no programa e na área de educação. E em 2016, a ANPUH - PB realizou em Guarabira XVII Encontro Estadual de História e o I Encontro Estadual do PIBID em História na UEPB de Guarabira que teve como tema: “História: Conhecimento e Profissão”. Neste encontro foi realizado várias conferências apresentações de trabalhos que trouxeram a temática de formação de professores tendo o PIBID como um importante aliado neste processo. Além disso foram discutidos os efeitos ocasionados pelos cortes no programa e na educação e quais foram os desafios dali em diante devido à escassez de recursos. Recordo-me também que o evento trouxe várias mobilizações dos estudantes participantes do PIBID como também muitos protestos reivindicando o retorno destes recursos que foram conseguindo através de um longo processo de conquistas sociais.

²⁶ Para mais ver em: SERRÃO, Patrícia. Entenda o que diz a proposta de Reforma do Ensino Médio. **EBC**, Brasil, 19 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/educacao/2016/10/entenda-reforma-do-ensino-medio>>. Acesso em: 30.05.2019.

²⁷ Para mais ver em: TOKARNIA, Mariana. Programa de bolsas de iniciação à docência pode sofrer cortes em 2016 diz Capes. **AGÊNCIA BRASIL**, Brasil, 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-10/capes-ve-possibilidade-de-pibid-sofrer-cortes-de-orcamento-em-2016>>. Acesso em: 30.05.2019.

²⁸ Para mais ver sobre: **Ministério da Educação revoga Portaria 046/2016, que alterava foco do Pibid**. Disponível em: <<https://www3.unicentro.br/irati/2016/06/15/ministerio-da-educacao-revoga-portaria-0462016-que-alterava-foco-do-pibid/>>. Acesso em: 30.05.2019.

Todo esse percurso que foi feito até aqui, foi pensado para compreender informações que estiveram implícitas aos gráficos apresentados. Não foi colocado todos os acontecimentos da educação durante os anos de 2007 a 2016, mas tentou-se evidenciar aqueles mais importantes. Trazer estas informações tornaram-se válidas, pois os gráficos representaram resultados dos processos de conquistas educacionais em que eles se alteraram toda vez que houveram ganhos ou perdas que não estiveram explícitos nos números. Estes ecos repercutiram no desempenho dos bolsistas no exercício das suas atividades em sala de aula.

Quando estiver analisando as atividades do PIBID nas escolas de Guarabira foi visto que em 2012 a 2014 foram feitas sete atividades em escolas diferentes no primeiro ano 2012 a 2013 foram feitas quatro atividades, maior número, e em 2014, três. De 2015 a 2016 os números das atividades caíram para duas no primeiro ano e uma no último ano analisado.

Quero neste primeiro momento trazer essas informações para os leitores, pois os gráficos foram importantes para compreender como ocorreram os processos de percas e conquistas educacionais. Esses desdobramentos revelaram que apesar de estar longe do desenvolvimento das atividades dos bolsistas os entraves das disputas educacionais interferiram seja no desempenho dos bolsistas como na liberação de recursos para o desenvolvimento de atividades. Logo, foi visto que com ampliação das bolsas em 2010 e a chegada do PIBID nas universidades estaduais em 2011 e conseqüentemente a chegada de mais recursos em 2014 destinados ao PIBID foi visível que o PIBID da UEPB desenvolveu mais trabalhos que nos anos subsequentes. Ao comparar as ações de 2014 com 2015 que se estenderam até 2016, percebeu-se que o cenário de instabilidade, incertezas e falta de recursos dificultaram o trabalho dos bolsistas do PIBID e conseqüentemente foram desenvolvidas menos atividades.

Contribuições do PIBID para o espaço escolar

Após ter discutido um pouco acerca do programa e seus aspectos a nível de Brasil e apresentar como ele foi pensado como também as conquistas e prejuízos que a educação brasileira passou neste período. Situar o leitor neste primeiro momento sobre o PIBID com foco nos documentos oficiais teve a responsabilidade de trazer dados estáticos além de investigar como o programa foi pensado e como ele foi tratado dentro política pública de educação. Ao observar estes documentos foi possível traçar as variações que ele sofreu durante estes anos que compreendem a sua criação, 2007, até o ano de 2016. Constatou-se que ao fazer um balanço da educação neste período apoiado nos documentos e em circunstâncias que ocorreram fora da

escola no campo das disputas políticas para educação, foi sentido que estas circunstâncias ecoaram dentro da escola.

O espaço escolar também tem que ser levado em conta na construção das ações do PIBID, uma vez que, estas ações foram desenvolvidas dentro da escola. Pensar o espaço escolar foi necessário, pois a implantação do PIBID nas escolas demandou uma observação dos sujeitos que a compõe. Além disso, as ações do PIBID se expandiram para fora dos muros da escola contribuindo para o desenvolvimento das comunidades escolares.

Foram elaborados dois relatórios de pesquisa para serem enviados para a CAPES. O do primeiro período de 2012/2014 e o do segundo período que compreendeu os anos 2014/2016. Esses relatórios foram construídos pelo coordenador da área de História, professor João Batista Gonçalves Bueno. Os dois relatórios tinham praticamente os mesmos objetivos. No entanto, no projeto PIBID de 2014/2016 destaca que os bolsistas em conjunto com os professores supervisores, tinham desenvolvido atividades interdisciplinares de acordo como o edital inicial dessa fase do PIBID:

RELATÓRIO 2014/2016

Este projeto objetivou contribuir com a formação dos alunos da licenciatura em História e também com o desenvolvimento de atividades inovadoras e interessantes para a comunidade escolar, no sentido de fazer do estudo de História um acontecimento importante para a construção do conhecimento significativo dos estudantes do ensino Básico e para a formação continuada e dialogada dos professores supervisores envolvidos. Acreditamos que as ações pretendidas/desenvolvidas para esta tarefa estabeleceram pontes para que o aluno graduando pudesse compreender as relações existentes entre a teoria e a prática no e para o ensino de História. Assim, fomos para as escolas em busca de parceria para o desenvolvimento de um projeto conjunto para o aprimoramento da docência, tanto no Ensino Básico, quanto no universitário. Inicialmente foram realizadas discussões do que seria um conhecimento significativo em História para os estudantes, e, a partir daí, foram discutidas novas concepções e estratégias de ensino-aprendizagem (utilização de diferentes linguagens e metodologias, fontes e objetos e temas de estudo). Feito isso, procuramos desenvolver diferentes maneiras de realizar abordagens de conteúdo específicos que são ministrados nas séries finais do ensino fundamental, levando em conta as diferenças locais e regionais, assim como as diferenças que existem entre os alunos e a forma como aprendem. Os objetivos estabelecidos foram direcionados para que os bolsistas percebessem o ambiente escolar e, a partir disto construíssem atividades e reflexões acerca da escola, bem como junto aos professores supervisores e aos alunos. A partir de então, foram elaboradas propostas de ação junto aos jovens estudantes. Para tanto foram propostas algumas etapas a serem cumpridas como: estudo sobre questões teórico-metodológicas em História, levando-se em consideração a discussão da relação entre teoria, metodologia de ensino de história e prática de ensino; conhecimento e reconhecimento, pelos bolsistas, do espaço escolar e do dia a dia dos profissionais da escola. Foram realizados também diferentes “diagnósticos” a partir do acompanhamento semanal das aulas das atividades

cotidianas dos professores supervisores nas escolas. O resultado disso foi à construção pelos alunos bolsistas da percepção sobre as demandas da comunidade escolar, bem como dos espaços que merecem ser recuperados, compartilhados e respeitados dentro do ambiente escolar. As ações desenvolvidas no projeto geraram como resultado, além do conhecimento e da experiência de trabalho docente, a elaboração de diferentes metodologias de aulas, dentre as quais se destacam a organização de projetos de pesquisa, o desenvolvimento de diferentes oficinas interdisciplinares e a elaboração de atividades de estudos do meio que priorizaram o desenvolvendo estudos sobre conceitos históricos pertencentes ao currículo escolar, mas também ao desenvolvimento de saberes sobre o patrimônio histórico das cidades da região de Guarabira- PB e do estado da Paraíba, os quais abriram interfaces para a discussão sobre as permanências e mudanças relativas ao tempo passado e ao tempo presente. Todas essas ações foram registradas em forma de relatórios individuais e em grupo e culminaram na produção de artigos e na sua apresentação em eventos acadêmicos. (Relatório do PIBID – 2017)

Segundo relatou o coordenador de área o professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno no trecho acima presente no relatório disse, que a intenção desse projeto era fazer com que os licenciados tivessem experiências plurais dentro das escolas básicas. Neste sentido, os bolsistas, perceberam que as escolas são compostas por uma multiplicidade de visões, de personagens e de conflitos. Além disso por meio do trabalho coletivo foi possível experienciar e aprender a produzir relatórios individuais e em grupo, artigos que posteriormente foram apresentados em eventos acadêmicos.

Entendo que processo de formação de professores tem que levar todas as tradições e formas escolares que formam a cultura escolar. Ela se expressa também, pelo modo como a escola se organiza, a sua missão a incorporação de valores sociais, políticos e culturais e como ela articula, cria e modifica os saberes escolares.

Nas escolas ocorreram produções e a propagação de saberes que são organizados de forma a estabelecer os procedimentos didáticos que estruturam o trabalho de professores e estudantes. Dentro de uma abordagem histórica, foi visto que a cultura escolar se expressa por meio da produção de relações entre normas e práticas que permitiram a transmissão de conhecimento e a junção de comportamentos (JULIÁ, 2001). Logo, o espaço escolar não é visto apenas como ambiente transmissão de conhecimento, é também o lugar que produz hábitos que expressam formas de ensinar e aprender. Para entender melhor esse conceito acredito que é relevante trazer os escritos de Dominique Julia (2001). Segundo ele:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas,

sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização [...] Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (JULIA, 2001, p. 10-11)

Seguindo o pensamento desse autor, procurei perceber até que ponto os bolsistas do PIBID reproduziram suas experiências como professores reproduzindo a forma como seus professores ensinavam quando eles estavam nas escolas básicas. E feita essa análise procurei perceber como esses hábitos, práticas, normas e ideias que tiveram que ser adaptadas e alteradas nas suas experiências do fazer-se professores no desenvolvimento do PIBID. Além disso, procurei perceber como as demandas externas da sociedade nortearam a elaboração atividades do programa de forma geral, e como, para o caso da área de história foram necessários ajustes para enfrentar os problemas relativos à realidade de cada escola.

Evidenciar que nem todas as experiências de formação dos bolsistas ocorreram sem conflitos, pois existiram problemas quando houve o contato dos bolsistas do PIBID com os estudantes das escolas básicas. As alterações propostas nas práticas de ensino de história propostas pelos bolsistas, muitas vezes sofreram resistência entre os estudantes e professores, isso porque se contrapunham aos hábitos e as formas ensinar e aprender História que estavam de certa forma cristalizadas.

Ao repensar o Ensino de História dentro do contexto do PIBID, professores e bolsistas foram motivados a socializar saberes e modos de pensar, ser, agir e reagir. Os professores de História das escolas básicas, ao ter contato com o PIBID, muitas vezes foram levados a reorganizar suas ações em sala de aula. Desta forma, foram direcionados a refletirem sobre suas práticas docentes, passando a compreender e a observar seu ofício para além do ato de aplicar técnicas de ensino-aprendizagem. Através de uma ação reflexiva sobre as suas práticas, os docentes trocaram experiências e puderam construir conhecimentos históricos que contribuíram na percepção de qual o lugar a disciplina de História ocupa.

O papel dos bolsistas também foi importante no processo de mudança de comportamentos e de formatação de práticas de ensino diferentes das utilizadas cotidianamente nas escolas. Os estudantes da universidade passaram a questionar os métodos de organização

das aulas que eram utilizados pelos professores supervisores, como por exemplo o uso demasiado da lousa, do livro didático, e a prática usual de aulas expositivas sem a participação dos estudantes. Propuseram, para se contrapor a essas formas de ensinar, outras atividades que tinham por objetivo despertar a curiosidade dos estudantes. Ouvindo-os, no intuito de utilizar suas experiências pessoais para elaborar atividades que produzissem relações com conhecimentos históricos. Porém alerta que não se tratou de jogar este ou aquele método como os melhores ou mais eficientes afinal uma aula com giz e quadro pode ser muito mais inovadora que uma aula com vários recursos tecnológicos, o bom senso e o equilíbrio devem ser levados em consideração.

A implementação de ferramentas de ensino-aprendizagem baseadas na concepção das metodologias ativas exigiu empenho dos bolsistas para estabelecer uma confiança com os supervisores, essa segurança só se tornou possível devido as circunstâncias nas quais o PIBID estabeleceu suas relações por meio de parcerias e criação de atividades coletivas.

Ao participar do PIBID foi feito o uso de métodos que levaram em consideração, os perfis dos bolsistas, supervisores, escola, aluno das demandas passadas pelo coordenador de área. Isso, oportunizou aos participantes o acesso a possibilidade de construir juntos maneiras de ensinar e aprender levando em consideração a subjetividade de cada um.

Ao participar do dia a dia da sala de aula os bolsistas observaram quais são as técnicas de ensino e aprendizagem utilizadas os ritmos de aprendizagem dos alunos a sua capacidade aprender suas limitações. As turmas possuíam características diferentes umas mais tranquilas outras mais complicadas que exigiu a aplicação de outras estratégias de ensino e aprendizagem que partiram das observações que requereu do professor supervisor a humildade em aprender e partilhar saberes.

Adiante irei apresentar que estes métodos adotados pelos bolsistas foram pautados pela observação como a busca por tentar tornar os estudantes sujeitos ativos no processo de aprendizagem histórica. Isso exigiu dos bolsistas a procura por textos de reflexão para elaboração de aulas e materiais, debates em grupo que tentaram ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a História.

A maneira como o PIBID foi desenvolvido propiciou a articulação entre universidade e educação básica em que todos os participantes do programa se envolveram para possibilitar uma formação docente adequada as novas demandas, sociais e escolares. Ao qualificar os licenciando para enfrentar os problemas da escola e buscar supera-los dentro de uma perspectiva colaborativa que foram sendo construídas experiências no processo de iniciação à docência. Isso de certo modo acabou minimizando impactos no processo de formação docente,

pois, ao experienciar o ambiente de trabalho docente muitos dos futuros docentes encararam o desafio ou o abandonaram antes de concluir o curso. Ao participar do PIBID os bolsistas tiveram a possibilidade de um relacionamento com os professores supervisores em que as trocas de experiências sobre a profissão compuseram os espaços de diálogo sobre o ofício docente.

O PIBID de História na UEPB

Segundo relatou a autora Eliane Fernandes Mateus²⁹, programas de formação de professores passaram a ser cada vez mais constantes, tendo em vista as demandas sociopolíticas e culturais. Seguindo esta política o processo de implantação do PIBID se estruturou por três tipos de parcerias: “*parceria complementar, parceria colaborativa e parceria conduzida*” (MATEUS, 2014, p. 359). Os cursos que fizeram parte do PIBID do campus III da UEPB, em Guarabira, foram o de Licenciatura em Letras Português e Inglês, o de Geografia, o de Pedagogia e o de História.

No caso do PIBID de História, fui percebendo, no processo de elaboração desse estudo, como construíram-se formas de *parcerias conduzidas*. Tomando como base esse modelo a coordenação da área de história do PIBID da UEPB assumiu o controle das ações de parcerias entre universidade e escolas básicas, as quais criaram redes de contatos e trocas de informações e experiências (MATEUS, 2014, p. 359 *apud*. TEITEL, 2003).

Apresento abaixo o nome dos participantes do PIBID de História da UEPB que fizeram parte dos dois períodos estudados:

²⁹ A autora apresenta um texto relevante para esta pesquisa, pois trouxe uma discussão sobre quais são os tipos riscos e vantagens que desta modalidade na formação de professores. Para mais ver sobre: *Idem*.

Quadro 1: Bolsistas e Supervisores do PIBID de História UEPB Guarabira (2012-2013).

Coordenadores	Supervisores	Bolsistas
Paula de Almeida Castro (Coordenadora Institucional)	Cláudia de Fátima Beserra Nunes	Aline Pereira Santiago
Juarez Nogueira Lins (Coordenador de Campus)	Miriam Solange da Costa Freire	Aline Marques da Silva
João Batista Gonçalves Bueno (Coordenador de Área)	Severina Gomes	Camila da Silva Nascimento
		Emmanuel Paulino de Luna
		Francinaldo Augusto Gomes
		Joanne Naelly da Silva Pereira
		Joelma Irineu dos Santos
		Jocekelly Henrique de Carvalho
		Maria da Luz da Silva
		Paulo Gracino da Silva
		Renata Gonçalves de Souza
		Renata dos Santos Cavalcanti
		Roseane de Lima Santos
		Sandeilson Beserra Nunes
		Tânia Cristina Ferreira de Macêdo

Fonte: Quadro elaborado pelo autor dessa dissertação.

Quadro 2 – Bolsistas e Supervisores do PIBID de História UEPB Guarabira (2014-2016).

Coordenadores	Supervisores	Bolsistas
Paula de Almeida Castro (Coordenadora Institucional)	Maria de Fátima Amâncio dos Santos Vaz	Aline Ferreira de Macedo
Juarez Nogueira Lins (Coordenador de Campus)	Miriam Solange da Costa Freire	Carla Nayara de Almeida Vasconcelos
João Batista Gonçalves Bueno (Coordenador de Área)	Severina Gomes	Eliane de Campos Viegas
		Emanuella Bezerra de Oliveira Araújo
		Havaniele Bandeira Nascimento
		Jardel Pereira da Trindade
		Jean Carlos Lima da Silva
		Jedicleison Pereira da Silveira
		Jéssica Natane Pessoa de Lima
		José Thiago Silva dos Santos
		Lenise Maria da Silva
		Lidiara Thalita Costa
		Maria Aldeizy Ferreira Silva
		Mayanne Maurício do Nascimento
		Mirelly Maciel da Silva
		Rosana do Nascimento Gomes
		Sandeilson Beserra Nunes
		Viviane Camelo do Nascimento

Fonte: Quadro elaborado pelo autor dessa dissertação.

O coordenador de História, professor João Batista Gonçalves Bueno, seguindo a orientação da coordenação institucional procurou desenvolver parcerias *conduzidas*, orientando os professores supervisores para gerenciar a produção de projetos pedagógicos junto com os licenciados. Esse processo se deu sempre por meio de trocas de experiências entre o professor

da universidade, os licenciandos bolsistas e os professores supervisores. A partir dessas interações os professores em conjunto com os alunos bolsistas elaboravam as atividades didáticas, propondo formas alternativas de práticas de ensino de história. O coordenador de área também orientava, controlava e corrigia os relatórios semestrais e os artigos produzidos pelos estudantes bolsistas e pelos professores supervisores.

Todos os participantes do PIBID de história de Guarabira foram conduzidos para produzir relações entre as teorias de História e as práticas na sala de aula, levando em conta as conexões existentes entre o conhecimento acadêmico e o pedagógico. Além disso, as experiências desenvolvidas dentro desse programa foram fundamentais para os bolsistas entendessem como as práticas de ensino desenvolvidas em sala de aula se relacionavam diretamente aos conhecimentos adquiridos na universidade.

Em relação as escolas participantes do PIBID de História, destaco que houve rotatividade nas duas fases do projeto. As escolas que participaram no primeiro momento do PIBID, no biênio 2012/2014 foram: Escola Estadual José Soares de Carvalho, Escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo e Escola Estadual Antônio Benvindo. No biênio 2014/2016 permaneceram as escolas Escola Estadual José Soares de Carvalho e a Escola Estadual Monsenhor Emiliano de Cristo, sendo que inicialmente o projeto começou com a Escola Estadual Antenor Navarro e foi substituído posteriormente pela Escola Estadual John Kennedy.

O PIBID produziu uma quantidade considerável de materiais impressos e visuais que foram produzidos coletivamente por supervisores, bolsistas e estudantes. Estes trabalhos levaram em consideração as afinidades de bolsistas e supervisores (Literatura, Patrimônio, História das Mulheres, Medievo entre outros). Procuro aprofundar essa investigação nos segundo e terceiro capítulo desta dissertação. Além do mais concentro minhas análises nas escolas que participaram do Programa as escolas E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo e a E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho e E.E.E.F. Antônio Benvindo.

Destaco que muitos dos arquivos do PIBID de História de Guarabira foram perdidos devido ao local que foram guardados, muitos CDs e DVDs foram danificados além de fotos e arquivos impressos. Os documentos que restaram foram restaurados e guardados para pesquisas posteriores nesta dissertação. Procurei preencher as lacunas de informações sobre o projeto com as memórias daqueles que foram participantes das duas fases do PIBID.

O desenvolvimento das atividades desenvolvidas dentro dos PIBIDs de História reconheceu que os professores das escolas básicas eram produtores de conhecimentos escolares. E, portanto, compreendê-los como pesquisadores dos processos educacionais. A concepção de que os professores das escolas básicas também são pesquisadores ganhou importância no ano

de 1986 com o lançamento da proposta curricular do estado de São Paulo-SP. A partir de então foram produzidos muitos artigos acadêmicos que articularam essas diferentes concepções e ideias. A professora Caime apresenta a ideia do que é um professor reflexivo de forma muito clara. Para ela o professor deve ser,

(...) capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar, de mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação; de avaliar a adequação das suas escolhas e, finalmente, de reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos. O professor não seria, assim, um simples técnico, reproduzidor de conhecimentos, mas um profissional capaz de inovar, de participar das decisões, de interagir com seus pares, de dialogar com a produção teórica e metodológica pertinente ao seu campo de conhecimento e, sobretudo, de produzir conhecimento sobre o seu trabalho. (CAIMI, 2006, p. 28-29)

Seguindo essa concepção, defendendo a ideia de que independentemente das dificuldades apresentadas no ensino básico na cidade de Guarabira, os professores envolvidos no PIBID de História passaram a observar o seu fazer-se professor e a refletir e produzir novos conhecimentos sobre o seu fazer metodológico em sala de aula. Isso pode ser constatado, pois os professores supervisores produziram artigos, relatórios, publicações em livros que foram propiciadas com a colaboração do PIBID.

Tais resultados podem ser vistos mais adiante nos capítulos posteriores, nos quais os participantes do PIBID (bolsistas e professores supervisores) tiveram a oportunidade de atualizar suas metodologias da História no sentido de buscar formas de ensino contextualizando as visões de mundo que estão presentes nos estudantes das escolas.

A atuação do PIBID nas escolas da rede pública de educação básica em Guarabira constitui-se de experiências significativas para formação docente. Entendo que sua implantação não teve a intensão de solucionar os problemas da educação, mas permitiu que os docentes, que participaram do PIBID, modificassem seus modos de pensar e agir acerca do seu ofício.

Para nos aproximar do trabalho que foi desenvolvido, cito abaixo trechos dos objetivos do projeto apontados no relatório do PIBID 2014/2016:

- 1- Apresentação do programa e dos participantes para a formação de grupos de trabalho por escola.
- 2- Conhecer as instalações físicas das escolas e dos recursos humanos. Construir o primeiro diagnóstico.
- 3- Organizar e finalizar agendas. Trabalhar textos para embasar o projeto.
- 4- Aperfeiçoar e complementar diagnósticos das escolas para propor possibilidades de ação.
- 5- Compreensão de novas propostas teórico-metodológicas de forma mais aprofundada discernindo e avaliando as inovações

tecnológicas/metodológicas para o ensino de História apresentadas em palestras, oficinas entre outros.

6- Compreender e embasar teoricamente as propostas de ação nas escolas, para que elas sejam consistentes e que estabeleçam trocas e aperfeiçoamento de saberes para os envolvidos; aprofundar leituras sobre com fazer planejamentos e planos de aulas, já estudadas em disciplinas pedagógicas acadêmicas à luz dos desafios agora propostos no programa.

7- Desenvolver as primeiras oficinas pedagógicas propostas como atividades práticas para os alunos bolsistas, as quais fundamentarão as discussões sobre o projeto interdisciplinar com o uso de documentos da Justiça do Trabalho da região de Guarabira.

8- Desenvolver as primeiras oficinas pedagógicas propostas como atividades práticas para os alunos bolsistas, as quais fundamentarão as discussões sobre o projeto interdisciplinar com o uso de documentos da Justiça do Trabalho da região de Guarabira.

9- Aprendizagem de planejamento de aulas –oficina interdisciplinares

10- Acompanhamento do desenvolvimento das aulas dos professores supervisores e auxílio no desenvolvimento dos conteúdos históricos dentro das salas de aula.

11- Participação das 12 reuniões setoriais desenvolvidas em cada escola e participação 12 reuniões com todos os bolsistas, professores supervisores e coordenador de área.

12- Elaboração de poster sobre o desenvolvimento das aulas -oficina.

Término da redação dos relatórios finais e organização do arquivo de atividades desenvolvidas pelo Projeto. Este arquivo será utilizado para futuras pesquisas tanto dos próximos PIBIDs com de alunos e professores da instituição. Participação de oficina no encontro do Pibid do Campus III, participação no ENID ,elaboração e execução de oficina no ENID. (Relatório PIBID – 2014/2016).

Pontualmente, o PIBID de História favoreceu uma formação profissional dotada de habilidades peculiares que trouxe um Ensino de História contextualizado e próximo da realidade social dos estudantes. Além disso, fortaleceu o debate acerca da formação de professores de História amplificando-o no sentido de analisar as ações desenvolvidas em conjunto com programas de formação docente. Assim, colaborou-se para um fazer-se professor mais consistente e significativo no âmbito da educação básica em que a formação docente implementada, deu a liberdade para a criação de estratégias metodológicas que buscassem superar e lidar melhor com a complexidade dos processos educativos na contemporaneidade.

A percepção do lugar PIBID no processo de formação de professores, foi ficando mais clara na análise das atividades didáticas que foram implementadas nas diferentes turmas de ensino fundamental e médio. Inicialmente nos encontros semanais nas escolas discutiu-se textos referentes ao Ensino de História. Essas discussões que eram feitas no ambiente escolar ajudaram os bolsistas do PIBID a pensar coletivamente sobre a importância desta disciplina nos currículos escolares. E ao mesmo tempo possibilitaram a reflexão sobre que tipos de ações educativas significativas poderiam ser desenvolvidas com os estudantes.

Percebeu-se isso, pela liberdade que cada grupo, formado por graduandos bolsistas e professores supervisores tinham para realizar as tarefas atribuídas pelo coordenador de área:

Além disso, cada grupo de alunos bolsistas nas 3 diferentes escolas utilizaram estratégias diversas para escolher os conteúdos curriculares que seriam trabalhados, relacionando-os com o presente dos alunos. Um grupo utilizou questionários qualitativos nas escolas junto aos alunos da escola básica; outros dois grupos de bolsistas utilizaram estratégias de acompanhamento das aulas do supervisor. Fizeram isso, para compreender como e quais eram os estágios de aprendizagem histórica dos estudantes das escolas. Além disso, foram realizadas atividades que procuravam estabelecer diálogos como os estudantes das escolas, que muitas vezes eram estimuladas pela elaboração de questões orais. Outro trabalho realizado com os bolsistas foi uma pesquisa sobre a comunidade de entorno da escola, bem como, uma pesquisa sobre as famílias dos alunos. Isto foi realizado para que os estudantes bolsistas pudessem auxiliar os professores supervisores na elaboração de atividades significativas para a vida dos estudantes das escolas básicas. (Relatório PIBID – 2012/2014).

A participação no programa PIBID exigiu também dos bolsistas a participação em reuniões com o coordenador de área, nas quais eram indicados textos relativos ao ensino de História para que eles lessem. Em outros momentos o coordenador de área orientava as professoras supervisoras para dirigirem as atividades que os bolsistas iriam fazer. Todas as orientações eram discutidas nas reuniões gerais e depois em reuniões por escolas e só após feito isso, eram elaboradas as oficinas. Nesse sentido, valorizou-se a construção de trabalhos coletivos e de trocas de experiências.

Cito abaixo como pensou-se os debates teóricos metodológicos e uma lista de oficinas que foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2014:

Maio de 2014: estudo sobre questões teórico-metodológicas em História, levando-se em consideração a discussão da relação entre teoria, metodologia de ensino de história e prática de ensino que serviram de base para a elaboração de atividades didáticas, (estes estudos tiveram como base as concepções metodológicas defendidas pelos PCNs, pelas Propostas Curriculares da Paraíba e por diferentes estudos e artigos que trabalham questões teóricas e metodológicas relativas ao ensino de História). Início da elaboração da Oficinas pedagógicas que serão desenvolvidas pelos alunos bolsistas nas salas de aula. Organização dos Temas, busca de documentos e informações sobre os temas que serão trabalhados, elaboração de atividades e elaboração do projeto de oficinas. (Relatório PIBID – 2012/2014)

No trecho acima foi relatado que as atividades didáticas desempenhadas pelos bolsistas partiram dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as propostas contidas neles para o Ensino de História. Além disso, o relato trouxe qual o método os bolsistas escolheram para as aulas, as oficinas pedagógicas iram ser melhor discutidas nos capítulos dois e três desta

dissertação. O trecho apresentou a organização temática, separação de documentos para trabalho criação de projetos que foram pensadas dentro de uma perspectiva coletiva e de troca de saberes entre os participantes.

A) Grupo da Professora Maria de Fátima Amâncio: Oficina para estudo da 1ª Guerra Mundial com o tema : O papel das mulheres no conflito. (anos iniciais do século XX). A ser aplicado nos 9ºanos da escola E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho.

B) Grupo da Professora Severina Gomes: Planejamento da Oficina com a temática : Escravidão e preconceito, para ser aplicado nos segundos anos dos ensino médio da escola E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente).

Grupo da Professora Miriam Solange Freire: Planejamento da Oficina com a temática : A guerra fria e seus efeitos no desenvolvimento do capitalismo, (segunda metade do século XX).Para ser aplicado no nono ano da escola E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho. (Relatório PIBID – 2012/2014)

Na elaboração das atividades pedagógicas implementadas nas escolas, os grupos de bolsistas que integraram o PIBID de História desenvolveram propostas aplicáveis em sala de aula partindo da realidade de cada escola. Foram postas em prática, oficinas pedagógicas, discussões e reflexões de textos, jogos pedagógicos e materiais paradidáticos. A criação desses materiais demandou estudo e pesquisa, os quais possibilitaram o entendimento de alguns dos processos relativos à aprendizagem da História.

A intenção é apresentar o PIBID de História implementado em Guarabira, mostrando como ele foi pensado e em quais foram as questões educacionais que ele privilegiou, bem como, quais rumos ele tomou. Adiante foi visto que nas duas fases do PIBID apresentou características próprias e se diferenciaram em cada escola ou grupo de participantes. Assim, logo mais mostro como os PIBIDs buscaram encontrar saídas para os problemas que se apresentavam a cada aula de História. E, como formularam estratégias que fizessem o estudante se aproximar da História, dando sentido ao presente vivido e buscando correspondências com o passado.

CAPÍTULO 2

As metodologias utilizadas pelo PIBID: tentativas de investigação e reflexão.

A vivência na nossa formação docente tentou aproxima-se de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, as quais proporcionaram: a construção de materiais paradidáticos, oficinas pedagógicas, apresentação de peças teatrais, utilização de jogos, música, literaturas, estudo do meio, entre outras formas de ensinar e aprender. Isso possibilitou a criação de atividades pedagógicas mais próximas da realidade dos estudantes, com o objetivo de contribuir para aulas de História que trouxessem sentido e significado para os estudantes.

Durante reuniões com a coordenação do PIBID, e em conversas com os estudantes das escolas, eram constantes as queixas tanto de professores quanto dos estudantes em relação a forma como a disciplina de História era ministrada. Dos professores supervisores eram latentes a falta de interesse dos estudantes, de compromisso com as aulas como também indisciplina e desmotivação. E estudantes das escolas básicas queixaram-se das atividades propostas nas aulas, não só na disciplina de História, não eram interessantes ou agradáveis de se estudar, além disso não possui relação com as suas vidas e por qual motivo estavam estudando aquilo.

Ao detectar estes impasses procurou através das atividades didáticas diminuir as queixas propondo estratégias metodológicas diferenciadas ou buscar melhorar a construção do diálogo acerca do processo ensino aprendizagem entre professor e aluno. Isso pode ser constatado na fala do coordenador de área:

Nesta fase do projeto os primeiros estudos ainda estavam em andamento juntamente com a elaboração das primeiras propostas de trabalho nas escolas. Partimos da discussão de novos parâmetros e novas abordagens de ensino de história, como eram descritas nos textos dos PCN e também nos Referenciais Curriculares da Paraíba e nos textos preliminares do BNCC. Os bolsistas passaram a discutir e elaborar oficinas que seriam ministradas por eles sob orientação minha e das professoras supervisoras. Todas essas oficinas foram precedidas da elaboração de um projeto, o qual pretendia-se estabelecer as relações entre as teorias históricas e pedagógicas e as práticas de aulas nas escolas. Os bolsistas também foram provocados a realizar a reflexão sobre as dificuldades e possibilidades de planejamento do projeto de uma oficina pedagógica. Os bolsistas, nesta fase, perceberam quais eram as dificuldades para desenvolverem uma oficina, ou seja, era preciso buscar e selecionar documentos históricos que seriam utilizados nas aulas e era preciso elaborar quais eram as questões problemas que poderiam ser utilizadas para estimular que os alunos pesquisem sobre o tema proposto. (Depoimento do Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno, coordenador da área de História do PIBID. Data da entrevista: 10 de junho de 2020).

Para condensar à fala do coordenador de área cito também parte do relatório em que uma das equipes do PIBID realizaram no segundo semestre de 2014. Estes relatórios eram entregues ao coordenador de área para que ele elaborasse o relatório final.

O projeto desta corrente segundo semestre de 2014 do PIBID, orientado a ser interdisciplinar, partiu do pressuposto que o aprendizado deve ser construído a partir das inquietações do corpo discente. Assim, pesquisamos quais eram as necessidades e curiosidades dos alunos e percebemos que muitos gostariam de saber sua história local, sua história regional. (Relatório do PIBID – 2014)

Para Palfrey e Gasser (2011) e Tezani (2011), os estudantes de hoje processam e aprendem de maneira diferente, sendo necessário de nossa parte integrar a nossa formação docente mudanças nas nossas metodologias. Essas mudanças estiveram relacionadas aos estudantes que foram concebidos dentro de uma cultura digital que traz consigo *Tablets*, *Smartphones* e tantas outras ferramentas digitais que são muito atrativos. Porém, seu mal-uso ou uso em excesso dentro das aulas sem o objetivo de aprendizagem interfere na sala de aula e no desempenho da aprendizagem dos estudantes. Ao passo que essas mudanças metodológicas foram sendo estabelecidas foi necessário procurar alternativas para atingir a sala de aula ampliado as formas de ensinar e aprender.

Por esse motivo, reconhecer que os estudantes das escolas básicas estavam imersos em um contexto diferente e projetar aulas tradicionais centras na figura do professor não daria certo. Isso exigiu que dos bolsistas e dos professores supervisores a criação de métodos de ensino mais participativos que agregassem essas ferramentas digitais na intenção de aproxima-se dos alunos.

Durante o projeto PIBID foram utilizadas muitas projeções em *data-show*, e uso desses aparelhos digitais serviu para atrair a atenção dos estudantes para as aulas de História. Essa ferramenta foi a mais utilizada pelos bolsistas e pode ser constatado através do depoimento do aluno:

(...) por ser uma abordagem diferente de aula porque digamos era algo disperso não era nada limitado ao uso quadro do livro didático, ao uso de *data show* era uma metodologia diferente do que a gente estava acostumado (...) eu lembro que a gente não utilizava muito o *data show* e foi uma das coisas que através do PIBID começou a utilizar mais a sala de multimídia (...) quando o projeto já tinha terminado na escola mas ela ainda utilizava a sala de multimídias. (Depoimento de Alysson Lima dos Santos, Aluno da E. E. E. F. M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Data da entrevista: 21 de dezembro de 2018)

O depoimento do aluno apresentou informações que constataram que com o desenrolar das aulas o uso dessa ferramenta foi tornando-se mais presentes nas aulas de História. Outra informação importante contida no relato é que a professora passou a usar mais essa ferramenta e alguns alunos não estavam acostumados com aulas de projeção. Segundo o relato do bolsista o PIBID colaborou para que a professora passasse a utilizar outros espaços da escola como a sala de multimídia e mesmo após a professora deixar de participar do programa ela continuou a usar esse recurso em suas aulas. Além disso, o coordenador de área discutiu a possibilidade de utilizar outras ferramentas em sala de aula como documentos, músicas etc. que explorassem as possibilidades tecnológicas disponíveis.

Seguindo essa orientação, nas oficinas os alunos das escolas básicas foram provocados a aprender a trabalhar com documentos históricos de diferentes origens: filmes, imagens impressas, desenhos, pinturas, textos impressos em jornais, documentos oficiais, cartas, literatura, músicas, etc. Os bolsistas procuraram produzir um ensino de história que se propunha a considerar as necessidades dos alunos e o ambiente no qual eles estavam inseridos. Fizeram isso para poderem contextualizar os conteúdos que foram ministrados em sala de aula.

A orientação dada pelo coordenador de área era que sempre que iniciar um determinado conteúdo curricular, era devido considerar quais eram os conhecimentos prévios dos alunos. O coordenador aconselhava que fosse feito isso para interagir e buscar maior participação dos alunos nas discussões sobre os conteúdos lecionados.

Ao discutir coletivamente os planos de aula e os projetos de oficinas, e buscar implementar as ideias que eram debatidas e compartilhadas nas reuniões mensais com o coordenador. Estes debates nos levavam a pensar atividades que pudessem estimular a curiosidade dos estudantes.

Alerto sobre os estudantes que são ditos como “nativos digitais”. Pois, neste ano de 2020, quando escrevi esta dissertação ocorreu a Pandemia COVID-19³⁰. Para prevenir o contágio, as escolas foram fechadas e as aulas passaram a ser ministradas de forma remota. Foi a partir desse evento, que tomei conhecimento que existia uma grande parte da população que não tinha acesso à internet. E, além disso, a maioria dos estudantes que tinham acesso, só utilizavam a internet para participar das redes sociais, e por isso tinham poucos conhecimentos

³⁰ Segundo o ministério da saúde: Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. Para mais ver em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

sobre o uso de diferentes aplicativos. Isso ficou evidenciado em uma matéria noticiada pelo *Correio Brasiliense*³¹ cerca de seis milhões de brasileiros não têm acesso à internet nem serviço de banda larga de 3G/4G. Como consequência disso, muitos não conseguiram ter acesso ao ensino remoto.

Feito esse alerta, volto ao objeto percebendo que nos desenvolvimentos das atividades didáticas sempre partiu dos conhecimentos prévios dos estudantes inserindo-os no processo de criação de uma metodologia ativa de aprendizagem histórica.

A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes. (MORAN, 2018, s/n)

O trecho presente de maneira conceitual aquilo que se caracteriza como metodologias ativas de aprendizagem que propuseram a pensar além do livro didático envolvendo de maneira coletiva professor e aluno na construção do ensino e aprendizagem. Nesse sentido, professores e alunos foram chamados para que juntos participassem do processo de criação das aulas dando aos alunos a liberdade de ser protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem.

[...] as metodologias ativas são estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais ativo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados, realizando atividades que possam auxiliar o estabelecimento de relações com o contexto, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e o processo de construção de conhecimento. (VALENTE; ALMEIDA; GERALDINI, 2017, p. 464)

Segundo (MATTAR, 2017), o conceito de metodologias ativas entende-se como uma educação alternativa em oposição à inércia dos estudantes de modo que se passou a estimulá-los a engajar na realização das atividades. Frente a isso a figura do professor não como detentor de conhecimento pleno, mas como um mediador um orientador que condensa as suas experiências e vivências de mundo assumindo uma posição mais ativa no processo de ensino e aprendizagem.

³¹ Para mais ver em: EU Estudante Educação Básica. Cerca de seis milhões de alunos brasileiros não têm acesso à internet. **Correio Braziliense**, Brasil, 03 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/09/4873174-cerca-de-seis-milhoes-de-alunos-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet.html#:~:text=No%20Brasil%2C%20cerca%20de%20seis,de%20institui%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%BAblicas%20de%20ensino.>>>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

Além dessa tentativa de aproximação da metodologia ativa de aprendizagem foi feito o uso pelos participantes do PIBID de História de Guarabira a realização de aulas que se aproximavam de aulas oficinas. Essas aulas oficinas não tem a figura do professor como centro ou detentor do saber, pelo contrário, nesta metodologia os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem foram convidados a construir juntos um determinado conhecimento relacionando muitas vezes os conceitos das disciplinas como suas experiências pessoais. As oficinas caracterizaram-se por trocas de conhecimentos entre os estudantes e o professor.

(...) a oficina pedagógica atende, basicamente, a duas finalidades: (a) articulação de conceitos, pressupostos e noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz; e b) vivência e execução de tarefas em equipe, isto é, apropriação ou construção coletiva de saberes. (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78)

A passagem sobre o conceito de oficina pedagógica, aulas oficinas, buscou aproximar e articular teoria e prática, unindo o conhecimento científico ao empírico. É um trabalho coletivo que exigiu a busca por um diálogo interdisciplinar e por isso, desafiou os professores a construir o conhecimento junto com os alunos.

Entretanto, pensar oficinas pedagógicas dentro de uma perspectiva de formação de professores não foi uma tarefa simples. A construção coletiva exigiu que todos os participantes. Professores supervisores, licenciandos e estudantes das escolas básicas, compreendessem que há limites, principalmente quando se desenvolve um trabalho que tem como objetivo a coletividade. Não é falso afirmar que o ensino de História em certos momentos encontra-se envolvido com os discursos das aulas expositivas, uso da lousa, do livro didático etc. que estão em sintonia com os discursos uníssono de um ensino de História Tradicional. Apesar de tentar nos distanciar desse ensino dito, tradicional, buscando uma aproximação com os métodos ativos e aulas oficinas acabava nos confundindo, pois na tentativa de nos aproximar dos métodos inovadores pouco a pouco descobriu-se que se continuou a aplicar o tradicional.

Segue abaixo alguns depoimentos encontrados nos relatórios semestrais dos bolsistas. Esses depoimentos, apesar de longos, são importantes para que se entenda como as experiências do fazer-se professor foram sendo apropriadas por cada um dos participantes do PIBID.

Em 12 de Maio foi à aula da oficina sobre a Revolução Industrial no 2º “F”. Nós expomos o conteúdo de forma expositiva e interativa perguntando se eles tinham alguma dúvida. No início começamos falando que era um processo histórico que levou a substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril que constitui a Revolução Industrial. Comentamos suas etapas, a mecanização e o proletariado. Nesta aula usamos slides, com diferentes imagens para cada

etapa histórica a até chegarmos ao processo de revolução industrial. Podemos perceber que os alunos gostaram muito da aula pelos recursos novos de slides apresentados. No final pedimos para os alunos fazerem uma maquete sobre o conteúdo explorado, para levarem no dia 03 de junho. (Relatório PIBID – 2014)

Esse relato presente em um relatório do PIBID apresentou como os bolsistas pensaram as oficinas no qual o primeiro momento fosse apresentado alguns tópicos sobre a Revolução Industrial de modo expositivo. Foi desenvolvido pelos bolsistas uma sequência didática que se baseou na aula expositiva além disso foi observado que os bolsistas fizeram uso de projeções de imagens situando os alunos nas etapas da Revolução Industrial. Segundo relatou os bolsistas foi um momento satisfatório em que os alunos interagiram e como atividade de fixação dos conteúdos foi pedido que os estudantes criassem maquetes que desenvolvessem a temática trabalhada.

Dia 20 de Maio demos continuidade ao conteúdo na turma do 2º “F” da Revolução Industrial com métodos diferentes, levando uma música que representava a Revolução Industrial. No caso foi exposto a melodia da música Lepo Lepo do cantor Psirico. Com uma paródia dessa letra, nesta aula usamos o violão. No caso é preciso verificar o que os jovens de hoje gostam e escutam, para que possamos atingir seu coração. Primeiramente discutimos que a música pega duas vertentes a do capitalismo e do proletariado. No qual é o que a Revolução Industrial enfoca. (Relatório PIBID – 2014)

Ainda no relatório foi visto que os bolsistas deram continuidade a esta atividade e neste momento eles criaram uma paródia sobre a Revolução Industrial. Percebeu-se o cuidado que os bolsistas tiveram ao criar uma paródia que se aproximasse das músicas que os estudantes ouviam. A utilização de paródias para o aprendizado de História e sua construção em sala de aula tornaram a aprendizagem mais significativa. Foi observado também que os bolsistas procuraram saber quais as músicas que os alunos mais ouviam dentro desta perspectiva a paródia tornou-se um facilitador para discutir conceitos de proletariado e capitalismo. Esse movimento uniu conteúdo propriamente dito com irreverência de uma música modificada tornando a letra engraçada e dinâmica que foi construída com a participação dos alunos.

A partir desse movimento foi possível apresentar um pouco como as estratégias e trocas de experiências entre os participantes do PIBID foram sendo construídas. A concretização destas ideias gerou experiências satisfatórias que puderam ser observadas dentro do relatório quando os bolsistas apresentaram as suas experiências em relação a essa oficina de História.

Minha experiência na oficina- Rosana do Nascimento Gomes

Nossa oficina foi no dia doze de maio, na Escola Estadual Professor Jose Soares de Carvalho, com a orientação da professora Fátima Amâncio, e com as minhas colegas do projeto as bolsistas Eliane, Lenise, Jedicleisone Thalita. Escolhemos como tema a revolução industrial, com destaque a participação da mulher o trabalho e nos dias de hoje. A oficina se realizou numa terça feira do dia cinco de maio de dois mil e quatorze, na turma do segundo ano “F”. Iniciamos com a definição de revolução industrial, a partir de slides, na qual os alunos puderam visualizar o conteúdo mais amplo e abrangente, sobre as causas, principais motivos do tema em geral. Eu e Eliana ficamos com a parte das definições e consequências da revolução, enquanto Thalita e Jedicleison ficaram com a parte referente ao papel da mulher tanto no período da revolução até os dias de hoje, numa perspectiva do que mudou, e o que foi importante nessa abordagem. Enquanto Lenise fazia parte das discussões e dúvidas dos alunos. Podemos perceber no decorrer da oficina, a atenção dos alunos na aula, e participação, fazendo indagações, contando experiências vividas por eles, em torno do conteúdo proposto. Mas houve um interesse maior por parte dos alunos quando os bolsistas apresentaram o tema central, a mulher, com o uso de violão, mostramos os alunos, as músicas pelas quais enfatizava uma valorização e outra ao mesmo tempo uma depreciação da mulher. Perguntamos os alunos, como veem e distinguem o papel da mulher na sociedade de hoje, o que as músicas representavam, aludiam a algo. Demos destaque na explicação sobre o camponês e o trabalho no campo e agricultura, e o operário assalariado, qual era a relação de um para outro, o que mudou. Enfatizamos a todo o tempo, esses momentos históricos, do século XVII e XIX. Estávamos preocupados em dar uma aula na qual os alunos pudessem ter um entendimento prévio, sobre o que foi a Revolução Industrial, uma aula na qual eles se interagissem conosco. A turma do segundo ano “F” é uma turma um pouco devagar frente aos estudos, principalmente nas aulas de História, por isso que resolvemos focar mais nessa turma, na tentativa de mudar um pouco a situação, de que eles pudessem falar mais nas aulas, relevar mais interesse nos estudos da disciplina. Confesso que de início, não foi algo novo e surpreendente para mim, quando adentrei naquela sala e me deparei com uma turma de adolescente sôfrega, e ao mesmo tempo esmorecida. A sensação de poder estar ali para ajuda-los a ter um encaminhamento, para que eles possam a partir dos nossos estímulos, criam gosto e ânimo pelas aulas de História. Foi a nossa primeira oficina das demais que ainda viram, é claro que nos deparamos com alunos desinteressados, que achavam as aulas de História chatas, mas o entrosamento foi de imediato, quando expomos de maneira diferenciada um conteúdo com toda transparência, para que os alunos obtivessem um melhor desempenho. Ao longo da aula, todos prestaram bastante atenção, comentaram, dissuadiram dúvidas, estavam a todo o momento atento, com algumas exceções de alguns. A situação da mulher, o seu papel na sociedade de tempos outrora e consequentemente os dias atuais, foi o ponto desencadeante para ativar o conhecimento prévio dos alunos, pois é algo com que os alunos podiam lidar de início, algo mais fácil que favorecesse um caminho para fazemos uma ligação com o conteúdo proposto. Chegamos à conclusão que não poderíamos iniciar um assunto no qual, os alunos não tivessem um conhecimento prévio, para isso usamos o foco da mulher, com intuito de chamar a atenção deles, e desenvolver neles um conhecimento ainda não adquirido totalmente. A nossa oficina, foi feita em duas aulas seguidas, a sensação de estar ali com os alunos, oferecendo nossa ajuda, o nosso conhecimento se tornou bastante gratificante e satisfatória. Ao fim da aula, pedimos para os alunos fazerem uma maquete sobre a Revolução Industrial. Não falamos nada, como era para ser realizada a maquete, na

intenção que os mesmos desenvolvessem o conhecimento adquirido na oficina. Oferecemos quinze dias para a apresentação das maquetes, dividimos a turma em cinco grupos, e assim agendamos os dias da apresentação. Finalmente a chegada do dia da apresentação apenas um grupo havia feito a maquete, mesmo assim, cedemos que eles apresentassem. O grupo construiu uma maquete, com o tear, e uma indústria e alguns bonecos representando os trabalhadores e camponeses. A apresentação do grupo foi bem rápida, falaram mais sobre o que entenderam, mas demonstraram ter compreendido o conteúdo. Os restantes das apresentações ficaram para a próxima aula. As maquetes foram feitas desde fábricas automobilistas até o ambiente, o campo com os camponeses, os operários nas indústrias, sindicatos, entre outros. O quinto grupo, apresentou muito bem a maquete, explicou muito bem o conteúdo, a maquete ficou muito criativa. Fizeram uma maquete, onde tinha uma fábrica, que ao levantar lá, em baixo tinham salas de operários, camponeses, manufatura, sindicatos, ficou muito bem elaborada, enfatizando e deixando o tema bem exposto e os seus principais pontos. A apresentação foi ótima, demonstraram ter estudado muito, não que os outros não fossem bem, mas o destaque se tornou mais para esse grupo. A maquete foi uma forma que encontramos, para que pudéssemos ver o resultado da oficina, o quanto ofereceu os alunos a compreensão do assunto e um conhecimento prévio. (Relatório PIBID – 2014)

A experiência da bolsista sobre a aula desenvolvida apresentou algumas informações que acentuaram a análise desse trabalho grupal como foi falado os bolsistas se dividiram e cada um passou a desempenhar uma tarefa em específico. A bolsista relatou que houve uma sequência didática que teve como proposta analisar a Revolução Industrial até a atualidade colocando em discussão as suas experiências de vida. Por outro lado, o que mais aproximou os alunos da aula foi quando se passou a debater sobre a mulher com a utilização de um instrumento musical apresentado músicas que eles ouviam que valorizavam ou depreciavam a mulher.

Percebeu-se uma preocupação por parte dos bolsistas de estimular nos estudantes o diálogo e valorizar o conhecimento prévio deles sobre o tema abordado. Os participantes do PIBID perceberam que esta turma apresentou características de uma turma pouco participativa principalmente nas aulas de História. Essa circunstância desafiou os bolsistas a fazer algo por eles e estimulá-los a se interessar pelas aulas de História mesmo bem-intencionados os participantes perceberam que não foi simples conseguir a abertura com estes alunos. Apesar de terem se deparado com um desafio os participantes tentaram estimular os alunos e pelo que foi relato eles conseguiram quando passaram a aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes. Ao expor o conteúdo dessa maneira foi percebido que eles passaram a se abrir mais ao diálogo e ao desenrolar da oficina a cada vez que os participantes do PIBID tocaram no assunto da mulher na sociedade o relacionando-o com o tema abordado favoreceu um caminho mais fácil para aprendizagem.

Em outro momento do relato da bolsista foi observado que se utilizou de uma avaliação por meio de maquetes acerca do conteúdo trabalhado. Nesse momento estimulou-se que os alunos colocassem em prática ao que foi desenvolvido na aula, a bolsista alertou que apesar de terem dado quinze dias para fazer as maquetes apenas um grupo apresentou na data estabelecida. Isso mostrou que alguns alunos se sentiram confiantes em apresentar as experiências adquiridas durante a oficina por outro lado mostrou também o processo de aprendizagem não algo homogêneo, mas heterógeno em que cada aluno apreendeu e apresentou de acordo com seu ritmo e conhecimento compreendido.

Minha experiência na oficina- Eliane de Campos Viegas

Nossa oficina foi realizada no dia 12 de Maio de 2014 na turma do 2ºano F tarde, tendo como tema a Revolução Industrial, e o recorte histórico a participação da mulher na industrialização, optamos pela escolha deste tema porque era o conteúdo que seria trabalhado em sala de aula naquele período, e pegamos o recorte da mulher, pois elas quase não apareciam na História e se apareciam eram como coadjuvantes, e procuramos mostrar a importância delas para este período e com isso fomos trazendo a discussão para os dias atuais, a importância que a mulher tem, não só no lar, mas sim e também no mercado de trabalho, etc. Iniciamos nossa oficina esboçando o conteúdo sobre o que foi a Revolução Industrial, como ela iniciou a produção artesanal, as suas etapas, os impactos sociais que ela causou, e as novas Ideologias que surgiram, neste âmbito dos impactos sociais falamos como a mulher se encontrava neste processo, ela era obrigada a trabalhar várias horas por dia em situações precárias para sobreviver, daí em diante gerou-se um debate de como a mulher é vista nos dias atuais, se ela é respeitada no mercado de trabalho? A desvalorização das mulheres através das músicas. Nesta segunda parte os alunos ficaram bem mais empolgados e começaram a falar, pois isso já estava mais ligado à realidade deles, e cabe lembrar que o ensino está diretamente envolvido com o meio social, e o papel do professor é aproveitar as experiências que cada aluno tem. Levamos três músicas para sala de aula, uma que valorizava a mulher, outra que falava da submissão da mulher, e outra que não, que só ver a mulher como um objeto de desejo, a primeira música foi Maria, Maria que falava de todas as mulheres, as Marias guerreiras, que lutam todos os dias, a segunda música era Amélia falando da mulher submissa, e por último a terceira música, aí se eu te pego, muito conhecida pelos alunos por sinal, que fala da mulher como um objeto. Passamos as letras das músicas no Datashow, e utilizamos o violão e a voz para tocarmos e cantarmos com os alunos, que gostaram bastante. E foi aí que os alunos perceberam que muitas das vezes acabamos cantando músicas que desvalorizam a mulher sem nos darmos conta, isto é a influência da mídia no meio social em que vivemos. Os alunos falaram dos novos campos de trabalho em que as mulheres estão inseridas, profissões que antes eram vistas só como masculinas. Citaram até Dilma Presidenta, e também falaram do assédio que muitas das mulheres sofrem no ambiente de trabalho. Neste momento teve até um aluno que falou que muitas das vezes as mulheres eram assediadas porque davam cabimento, e nós tentamos mudar esta visão dele, falando que às vezes a mulher só está sendo simpática e não dando cabimento para o assédio. Esta oficina foi uma experiência fantástica, pois trabalhamos em grupo, ouvindo a opinião uns dos outros, para então fazer o melhor, de uma forma que os alunos

compreendessem, aprendemos a ouvir os alunos e a lidar com eles, sentir um pouco o que é ser professor, ver que o que você falou foi compreendido, que gerou um debate, foi gratificante. Nesta oficina aprendemos que não só é o professor que deve falar, os alunos também têm que ter vez e voz. E também que não podemos dar o conteúdo pronto, os alunos têm que ir construindo o seu próprio conhecimento. Foi o que vimos na segunda parte da apresentação, eles foram se colocando na aula e não ficaram como meros expectadores. Aprendemos que devemos indagar os alunos antes, sobre o que eles conhecem a respeito daquele assunto, fazendo perguntas. Como já havia falado antes, percebemos que no segundo momento, quando trouxemos a discussão para os dias atuais, os alunos ficaram mais à vontade para falar, foi bem mais proveitoso. Trabalhamos com slides, colocando os principais pontos da Revolução Industrial, com vídeos mostrando a participação das mulheres e das crianças nas fábricas, e também com músicas. Achamos que com esse uso de audiovisuais o aluno fica mais atencioso, presta mais atenção e conseqüentemente acaba apreendendo mais. Mas cabe lembrar, que nós professores temos que passar um vídeo, filme e etc. com algum intuito, e não só para passar o tempo. Nesse planejamento aprendemos várias coisas e uma delas foi a busca de novos métodos, novo meio para se passar o conhecimento. Porque nós professores temos que desenvolver nos alunos o pensamento independente, o senso crítico e criativo. Porque tudo isso contribui para formação de cidadãos que pode provocar a transformação social, e está transformação social acontece com a mudança de certas visões preconceituosas. Na hora de planejar fizemos três perguntas básicas, para que ensinar? O que ensinar? E como ensinar? Para que assim pudéssemos obter um objetivo para esta oficina, objetivo este que acreditamos ter alcançado. Após a apresentação do conteúdo e o debate, passamos uma atividade para os alunos, pedimos para que eles formassem equipes de cinco pessoas e fizessem uma maquete da indústria e trouxessem para apresentar em sala de aula. No meu ponto de vista foi uma boa ideia está de os alunos produzirem maquetes, eles me surpreenderam na hora da apresentação. Uma das alunas começou a apresentar o tear manual que eles tinham feito, ela falou das diferenças que tinham acontecido nas indústrias daquela época para os dias de hoje. A evolução das máquinas, falaram que conseqüentemente com esta evolução das máquinas, e as inovações tecnológicas, ia acontecer o mesmo que aconteceu na Revolução Industrial, as quebras das máquinas pelos trabalhadores que estavam sendo substituídos pelas máquinas. Nesta hora, nós intervimos e perguntamos se algum deles já tinha visitado alguma indústria? Alguns disseram que sim, então perguntamos o que eles notaram lá? E um deles falou que na indústria tinha mais máquinas do que operários e concluíram que com isso os operários dos dias atuais também vão ficar sem empregos. (Relatório PIBID – 2014)

O relato de experiência da bolsista focou também na mulher, mas enfatizou que ela era pouco vista na História e não possuía papel de destaque mostrando que sua representatividade não esteve só no lar, mas também no trabalho. Foi observado trecho que convergiram em que foi articulado uma sequência didática levando os alunos a compreenderem o processo da Revolução Industrial. Ainda segundo ela relatou que quando se passou a desenvolver a aula apresentado elementos que se aproximaram deles como as músicas constatou-se que os alunos passaram a interagir mais.

A bolsista trouxe outros elementos que não foram apresentados pela outra bolsista como a escolha das músicas. Percebeu-se que dentro desta aula oficina três músicas foram escolhidas pensando no seguinte contexto uma música que tinha como letra a mulher submissa e duas outras que apresentou a mulher como objeto de desejo. A bolsista observou em sua experiência que os alunos interagiram mais ao trabalhar com letras musicais que trouxeram a mulher como desejo indo além os alunos também apreenderam que boa parte do que eles ouviam eram influência social do meio que se estava inserido.

E visto na experiência da bolsista que a música de certo modo abriu espaço para o debate e a participação dos alunos. Foi por meio dela que os estudantes passaram a pensar qual o papel da mulher não só na Revolução Industrial, mas na sociedade. Observou-se em seu relato que temas como assédio no ambiente de trabalho, a mulher em cargos executivos e outros alunos se mostraram preconceituosos. Ao fazer uso de outras fontes como recurso didático a bolsista percebeu que a oficina foi além do tema previamente estabelecido isso mostrou a importância de diversificar as fontes de aprendizagem em que os alunos partiram de ponto para outro através de outros caminhos para aprendizagem.

O relato mostrou que a bolsista focou na importância de se criar caminhos para experiências coletivas e trocas de opiniões de aprender a ouvir os alunos. Além disso suas experiências relatadas tocaram em pontos importantes no qual segundo ela o conteúdo ele não deve ser dado, mas construído. Ao ouvi-los e levar a sala de aula elementos que pertencessem ao seu cotidiano foi percebido que ocorreram mais diálogos devido a leitura da música e da sua melodia intensificado pelo conhecimento prévio dos alunos.

As maquetes aqui também foram vistas e segundo ela apresentou bons resultados e uma parte considerável dos alunos conseguiram explicar o que aprenderam nas aulas anteriores sobre o tema abordado. O resultado dessa oficina tendo destaque nas maquetes apresentou uma dinâmica dos bolsistas que foi pensada em sequência. À medida que se recria espaços em escala reduzida valorizou-se o que foi ensinado como o que foi aprendido ligando passado e presente.

Experiência da Professora Maria de Fátima Amâncio dos Santos Vaz

A experiência nesta coordenação está sendo de grande aprendizagem, pois traz novos métodos no ensino pedagógico, que só vem a melhorar a dinâmica da sala de aula, contribuindo assim a fomentar novas ideias de forma a incentivar os alunos a interagir nas aulas o que apresentou um resultado positivo na aprendizagem neste curto período de troca de conhecimento. Contudo fica difícil apresentar críticas, pois estamos ainda no início e toda e qualquer falha nossa serve para nos avaliar. Agradeço e parabeno pela responsabilidade dos bolsistas. (Relatório PIBID – 2014)

Por esses depoimentos observou-se como cada um dos bolsistas percebeu de forma diferente a atividade que eles desenvolveram coletivamente. Além disso, foi possível entender como eram suas visões sobre o que seria uma oficina pedagógica e como eles se apropriaram dessas metodologias. Entendo que cada um desses depoimentos traz valores, e até preconceitos que estão presentes na formação de muitos professores.

Os depoimentos têm a intenção de apresentar um esboço inicial de como foram pensadas e organizadas as ações do PIBID. A princípio levou-se em consideração algumas experiências que foram colocadas nos relatórios do programa na intenção relatar as experiências adquiridas ao passo que cada bolsista foi progredindo no trabalho dentro do PIBID. Por isso, inicialmente trouxe algumas experiências para que o leitor possa se familiarizar com as atividades que os bolsistas do PIBID da UEPB Campus Guarabira desenvolveram. Adiante será dado mais ênfase a outras oficinas que foram desenvolvidas no espaço temporal que está dissertação se propôs a analisar, 2014 a 2016.

Passo agora a apresentar algumas das aulas oficinas que selecionei e que foram desenvolvidas pelo PIBID de História na UEPB Guarabira. Destaco que realizei o levantamento de diversas atividades que foram realizadas durante os quatro anos do desenvolvimento do PIBID de História. Entretanto, se fosse apresentar todas elas nessa dissertação, o texto se tornaria muito longo visto a quantidade de material produzido pelo PIBID. Por isso, tomei a liberdade de selecionar algumas atividades, dez ao todo, que foram desenvolvidas dentro deste espaço temporal aviso também que neste espaço que propus observar existiram outras oficinas além das quais analisei.

Como já foi dito no primeiro capítulo desta dissertação os momentos de instabilidade da educação Brasileira refletiram no desempenho e na realização dos trabalhos do PIBID. Adiante nos capítulos dois e três é visto que em um primeiro momento em 2012 foi realizado, um trabalho, pois estava em início de atividade e experienciando situações acerca do funcionamento do PIBID. Entre 2013 e 2014 com ampliação de incentivos foi tido um bom aproveitamento nas oficinas em que foram realizadas, três atividades respectivamente em cada ano, ao todo seis atividades. Ressalto que estes dois anos o PIBID se expandiu e foram investidos mais recursos que possibilitaram a realização de mais trabalhos. Em 2015, a instabilidade do governo refletiu dentro das atividades do PIBID começou-se a diminuir as oficinas vindo a cair para duas naquele ano e em 2016 por ter ficado parado um tempo as atividades do programa só conseguiram desenvolver apenas uma oficina.

Por essa razão, selecionei as atividades que achei mais significativas e que traziam visões sobre os processos de formações desenvolvidos dentro do projeto. Quanto a organização de

análise das atividades pensei em analisa-las não por ano nem muito menos por escola. Meu interesse foi dá visibilidade as ações do PIBID mostrando que ele também ocorria em outras escolas, ou seja, a intenção é dar visibilidade ao processo de formação que foi desenvolvido pelo PIBID. Com isso, é possível observar que o PIBID esteve sendo desenvolvidos em outros espaços com outros personagens de maneiras diferentes.

1- Aulas Oficina: História e Literatura

Ano de desenvolvimento: 2015.

Escola: E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho.

Ano escolar: Primeiro ano Ensino Médio.

Nesta oficina realizada pelos bolsistas Emanuella Bezerra de Oliveira Araújo, Jardel Pereira da Trindade, Jessica Pessoa Natane Pessoa de Lima, Carla Nayara de Almeida Vasconcelos com a professora supervisora Miriam Solange da Costa Freire, ano de 2015, na E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho. Realizou-se uma oficina que teve como proposta metodológica o uso da literatura para compreender a Idade Média. Para isso, se utilizou das obras literárias do dramaturgo inglês William Shakespeare. Segundo a bolsista:

A oficina foi realizada no Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. A professora Mirian Solange Freire e o professor João Batista Gonçalves Bueno foram os responsáveis pelo monitoramento da elaboração da oficina. Eles nos orientaram como deveríamos realizar o planejamento da oficina e na forma como poderíamos nos comportar perante as turmas. A professora, como responsável pelas turmas nos apresentou à sala e descreveu muitas das características das turmas que iríamos desenvolver as oficinas. O Professor orientador do Pibid da área de História provocou que questionássemos, tanto os métodos que iríamos utilizar em sala de aula, quanto provocou a discussão sobre quais seriam os melhores documentos que lançaríamos mão para desenvolver a oficina. Partindo da orientação desses professores, passamos então a realizar o planejamento e as pesquisas sobre quais documentos iríamos propor para que os alunos fizessem a leitura em sala de aula. Este ponto foi de muita importância, pois a escolha mais adequada dos documentos possibilitaria que os alunos fizessem leituras mais aprofundadas sobre o tema. O planejamento das oficinas se deu da seguinte forma: esta foi dividida em etapas, a sondagem, a apresentação de recursos didáticos como imagens, vídeos; exposição oral do professor e dos alunos e a proposta de atividades para estabelecer o resultado, o produto das oficinas (ARAÚJO *et al.* 2015).

Os planejamentos se direcionaram no sentido de encontrar um meio para discutir Idade Média incluindo a temática de gênero, em especial as mulheres e as suas relações com o contexto medieval. Isto é, abordagem direcionou-se para:

(...) as questões de gênero na história. Para tanto, utilizamos como fonte documental a literatura e cinema vistos pelas produções literárias shakespearianas, *Hamlet* e *Romeu e Julieta*. Partimos, inicialmente do contexto atual que os alunos vivem para então introduzirmos a literatura teatral e cinematográfica como ferramentas didáticas, pois acreditamos que este tipo de linguagem é mais próximo do cotidiano dos alunos e podem proporcionar o desenvolvimento de conhecimentos que relacionam o presente ao passado. (ARAÚJO *et al.* 2015)

Nesse trecho os bolsistas optaram pela utilização de fontes como literatura, cinema e leituras shakespearianas. Neste sentido eles procuraram reconhecer quais eram as representações das mulheres shakespearianas. Julieta apaixonada da obra *Romeu e Julieta*, a mulher submissa *Desdêmona*, a frágil e heroína *Ofélia* são apenas algumas das várias mulheres criadas por William Shakespeare. Em relação a essas personagens, os alunos já tinham algum conhecimento:

Os alunos já tinham ouvido falar em *Hamlet*, ou até mesmo *Romeu e Julieta*, obras clássicas do dramaturgo e poeta inglês Shakespeare. Uma das características fundamentais desse autor era retratar em suas peças a vida cotidiana das pessoas de seu tempo e usá-las como inspiração para os seus escritos. Por isso, foi possível, através dessa obra analisarmos como era o comportamento e os valores destinados à figura feminina na vida medieval. (ARAÚJO *et al.* 2015)

A partir do reconhecimento das personagens criadas pelo dramaturgo foram propostas questões que procuravam relacionar as imagens produzidas pelas mulheres do universo medieval relacionando com a ideia do que é ser mulher na sociedade atual. Os bolsistas do PIBID e os estudantes da escola básica começaram a reconhecer que existiam correspondências entre as formas como as mulheres são vistas na sociedade medieval e na sociedade contemporânea. Feito este estímulo e despertada a curiosidade pela temática, foram propostas pesquisas que seriam realizadas pelos estudantes do ensino médio. Neste sentido foi proposto eles fizessem o levantamento se existe reconhecimento do valor e dos direitos das mulheres nos dias atuais. Após realizado esse levantamento sobre a temática, foram trabalhadas de forma expositiva pelos bolsistas do PIBID os conceitos que eram apresentados nos livros didáticos sobre a Idade Média. Dessa forma foram construídas relações entre os temas instituídos nos currículos oficiais com os temas levantados pelos bolsistas.

Ao fazerem esse procedimento metodológico os bolsistas do PIBID priorizaram o conhecimento produzido pelo estudante da escola básica. Propuseram com isso, a construção de relações entre passado e presente de maneira sincrônica e articulada com a sua realidade.

Entretanto, fazer essa movimentação não foi uma tarefa simples como se imagina segundo relataram os bolsistas:

(...). É importante destacar, que trabalhar um dado momento através de análises de um tipo de literatura que descreve um modo de viver de indivíduos que viveram a séculos atrás, não é uma tarefa simples. No caso dos personagens criados por Shakespeare, percebemos como é difícil abordarmos o caráter subjetivo e a visão do autor das histórias. No entanto, partindo do presente do aluno foi possível criarmos relações entre as vidas dos estudantes e suas visões de mundo, proporcionando que os alunos fizessem ligações com os muitos acontecimentos descritos na literatura e com as formas de contar daquele tempo histórico. (ARAÚJO *et al.* 2015)

Os bolsistas constataram que existiram dificuldades para desenvolver esses conteúdos por meio dos romances, uma vez que os personagens possuem suas subjetividades e correlacioná-las ao Ensino de História tornou-se um desafio. A saída dos bolsistas foi analisar as características destes personagens e aproximá-las de características dos estudantes, fazendo-os se aproximar da História por meio de suas experiências.

O texto literário apresentou aos alunos vários personagens na qual temos um príncipe que fica desiludido quando sabe que sua mãe se casa com seu irmão de seu primeiro marido que acabou de falecer. Acordos, casamentos consanguíneos, a mulher subserviente, sociedade patriarcal marcada pela religiosidade descreveram para os estudantes uma ideia Idade Média ampliada quando comparada ao livro didático. Por isso, o emprego de textos literários pré-selecionados contendo um objetivo explícito auxiliaram na ampliação do contato e conhecimento dos estudantes com outras fontes. Em outras palavras, ao fazer o uso desta ferramenta como metodologia diversificou-se o contato dos estudantes com outros meios de se aprender História.

Estes documentos produziram reflexões sobre o papel da mulher no tempo. As considerações finais da sequência didática foram realizadas pelos alunos da escola básica, os quais produziram versões da história que comparavam quais eram as diferenças de concepção do comportamento feminino que existiam no século XV e quais são os comportamentos femininos valorizados nos dias de hoje. (ARAÚJO *et al.* 2015)

A fala dos bolsistas mostrou o cuidado que eles tiveram ao buscar dentro desta sequência didática, que tem o intuito de ser um procedimento encadeado de informações que foram sendo construídas tanto pelos bolsistas do PIBID como pelos estudantes da escola. Nesse passo a passo, ficou evidente o interesse dos bolsistas em distancia-se de um ensino preso as aulas que

tem o uso do quadro em excesso um a centralização de atividades na figura do professor. Após esta leitura comparativa os alunos puderam descrever o que tinham aprendido.

Ao questionar essa metodologia, foi visível que os bolsistas tiveram êxito em criar alternativas para um tema que para alguns estudantes estava presa a uma visão cristalizada de que a Idade Média era a idade das trevas e tantos outros estereótipos dados a este período. Entender esse contexto tornou-se importante porque os bolsistas do PIBID quando discutiam os conteúdos históricos estavam preocupados na criação de sentidos com a vida dos alunos das escolas básicas.

Este trabalho didático a partir da obra de Willian Shakespeare partiu do seguinte questionamento idealizado por nós bolsistas do PIBID: como fazer com que o aluno possa construir sentidos que expliquem o porquê ele está naquela escola? Ou então, por que ele precisa estudar história? (ARAÚJO *et al.* 2015)

2- Aulas oficina: Discutindo em sala Pré-conceito Racial e Escravidão

Ano de desenvolvimento: 2014.

Escola: E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo.

Ano escolar: Segundos e terceiros anos Ensino Médio.

Esta oficina teve como proposta discutir o tema da escravidão e do racismo partindo da perspectiva da educação étnico-racial. A oficina desenvolveu-se com estudantes do segundo e terceiro ano do ensino médio no ano de 2014 na E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo. Os bolsistas que participaram desta atividade foram Aline Ferreira de Macedo, Havaniele Bandeira Nascimento, Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva, Sandeilson Beserra Nunes e a supervisora Severina Gomes.

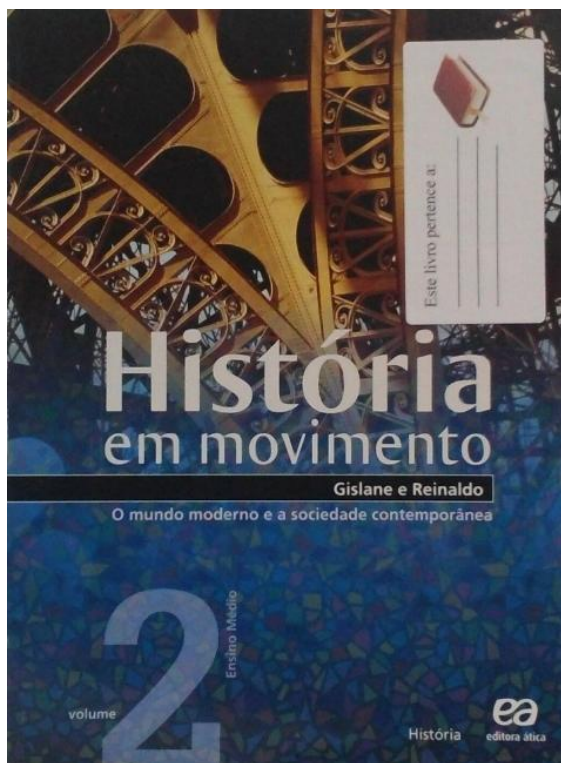
Segundo os bolsistas:

As atividades produzidas nesta oficina oferecem aos discentes a oportunidade de fazerem um exercício de reflexão sobre a relação escravidão e o racismo. Desta forma conduziremos esta oficina propiciando aos discentes uma oportunidade de relacionarmos escravidão e preconceito (...). Sendo assim nossa proposta é mostrar que a escravidão é apenas um dos reflexos desse “pré” conceito contra os negros que assola toda a sociedade atual, desta forma nossa proposta é construir um saber crítico que perpassasse pelo livro didático dando o suporte necessário para que ele entenda as divergências dessa sociedade que legitima estereótipos. (Relatório PIBID – 2014)

Notou-se inicialmente que a intenção dos bolsistas, segundo o trecho acima, foi de implementar uma atividade reflexiva para os estudantes tendo como eixo a escravidão e

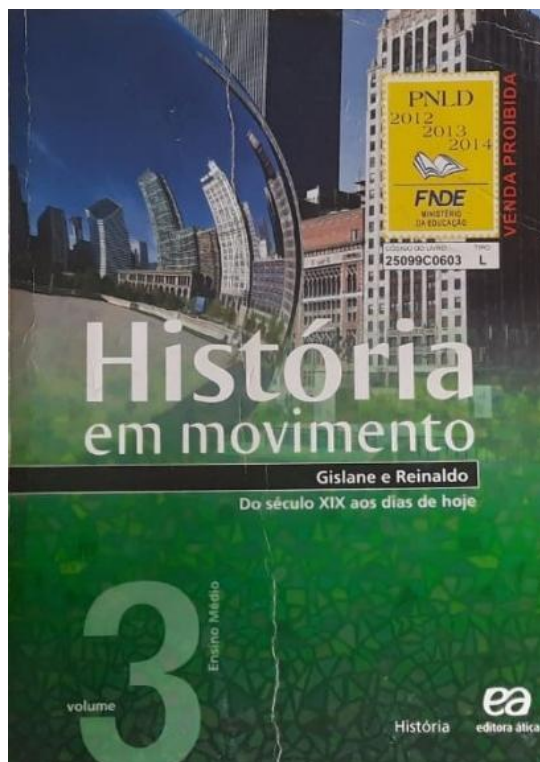
racismo. O intuito de colocar este tema para ser trabalhado em sala de aula partiu da pouca visibilidade que o livro didático dos alunos trouxe acerca de temas como este e pensou-se com isso ampliar as possibilidades sobre o tema como diversificar o uso de outras fontes.

Foto 01 - Livro didático 2ª Ensino Médio de História utilizado na atividade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 02 - Livro didático 3ª Ensino Médio de História utilizado na atividade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi realizado um levantamento temático do livro didático acima utilizado em sala de aula para que os estudantes e os licenciandos pesquisassem se existiam informações sobre a História da África e a cultura afro-brasileira. Ficou claro para todos que os espaços destinados a esses assuntos eram quase inexistentes. Aparecendo referenciais a esses temas apenas em pequenos textos, sem grande destaque. Partindo dessa constatação os bolsistas do PIBID elaboraram o seguinte plano de oficina:

Quadro 03 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na oficina.

Ordem	Atividades	Tempo
01	• Apresentação da Oficina; • Apresentação da Dinâmica do Jogo de Tabuleiro; • Exibição do Curta Metragem: <i>Vista Minha Pele</i>; • Exibição da Matéria veiculada no Programa de TV CQC: <i>Flagra de Atitude Racista</i>; • <i>Racismo é Burrice</i>, Música de Gabriel, O Pensador; Responsáveis: Aline Ferreira de Macedo, Havaniele Bandeira Nascimento, Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva, Sandeilson Beserra Nunes.	60 min
02	• Roda de Capoeira e troca de experiências. Responsáveis: Aline Ferreira de Macedo, Havaniele Bandeira Nascimento, Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva, Sandeilson Beserra Nunes.	30 min
02	Quiz perguntas e respostas Sugestão: Fazer um cubo (dado) com o nome muito leve, Leve, médio, difícil, hard, feroz; Como funciona: será preparado questões sobre o tema com essas categorias de dificuldades, cada aluno que jogar o dado que cair em uma dessas dificuldades, faremos uma pergunta a ele de acordo com a categoria: exemplo, se o aluno jogar o dado e cair em leve, pegaremos uma tira de papel com uma pergunta leve, para ele responder corretamente: As sala será dividida em dois grupos, meninos e meninas ou da melhor forma que os alunos desejarem. Caso responda corretamente o grupo leva um ponto, lembrando se o aluno responder a categoria hard ganha 2 pontos, feroz, 3 pontos. • Responsáveis: Mirelly Maciel da Silva e Sandeilson Beserra Nunes.	60 min
03	Conclusão: Ao final da dinâmica, pedimos para que cada aluno disserte em pequenas linhas o que entendeu sobre o tema e diferencie os conceitos tomados por cada aluno das conclusões feitas sobre o tema no início da oficina e que mudou o conceito no final da mesma na opinião do aluno. Responsáveis: Aline Ferreira de Macedo, Havaniele Bandeira Nascimento, Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva, Sandeilson Beserra Nunes.	30 min

Fonte: Arquivos do PIBID.

A atividade foi planejada para ter a duração de três horas, e para utilizar esse tempo junto a uma única sala de aula, foi necessário pedir autorização da direção da escola. Para um tempo de aula tão longo planejou-se as atividades coletivamente de modo que todos os bolsistas presentes participassem juntos com os estudantes e assim construíssem conhecimento coletivo.

Os bolsistas contribuíram também para que fosse desenvolvido um trabalho compartilhado que diversificasse o acesso aos saberes étnico-raciais por meio de fontes que se diferenciavam dos livros didáticos. Isso foi feito pois, o livro didático de História utilizado na escola tratava de maneira superficial esse tema. Destaco que essa característica é comum entre os livros didáticos fornecidos no mercado e foi percebido isso no livro que a professora utilizou naquele ano, como destaca Silva:

O livro didático, de um modo geral, omite ou apresenta de uma forma simplificada e falsificada o cotidiano, as experiências e o processo histórico-cultural de diversos segmentos sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas e os trabalhadores, entre outros. Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e caricatura,

identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas. (SILVA, 2005, p, 23)

A mesma constatação faz (FONSECA, 2012), que indica que os manuais mais recentes ainda permanecem resistentes em abandonar a visão reducionista de coisificação e vitimização do escravo e das civilizações africanas, tratando como assuntos estanques e distantes da realidade do aluno. Porém, entendo e concordo em parte com a visão da autora, pois existem atualmente livros didáticos que apresentam mais informações sobre o tema abordado pelos bolsistas nesta atividade. Assim sendo, sua fala foi importante para fortalecer os discursos sobre este livro no qual a professora fez uso durante as atividades do PIBID. Desta forma, o planejamento da oficina caracterizou-se pela tentativa de diversificar as fontes. Neste caso foram utilizados um curta metragem, matérias televisivas, jogos e de uma atividade corporal: a inserção da capoeira em sala de aula.

Além disso, foi criado um jogo de tabuleiro elaborado pelos bolsistas. Nele foram colocadas perguntas como:

- 1- De acordo com o seu conhecimento histórico, quando se deu o início da escravidão no Brasil?
- 2- O que é uma pessoa ter preconceito?
- 3- O que é racismo?
- 4- Quando reconhecemos que alguém tem preconceito por pessoas diferentes?
- 5- Os livros didáticos expressam algum tipo de preconceito sobre temas relacionados as civilizações africanas?

Para responder essas cinco questões foi proposto uma competição entre os alunos. A sala de aula foi dividida em dois grupos, um formado de meninos e outro de meninas. Isso estimulou a competitividade entre as turmas. O uso de um jogo como *Quiz*, perguntas e respostas, possibilitou uma ação e reflexão dos alunos participantes que contribuiu eficazmente na construção de conhecimentos e no processo de avaliação do aluno que auxiliou a aprendizagem de modo lúdico e significativo.

As respostas só podiam ser elaboradas a partir de pesquisas realizadas em livros que foi disponibilizado pelos bolsistas para auxiliar na busca destas nos livros didáticos. As respostas só podiam ser apresentadas depois da realização de um debate entre os alunos membros da equipe. Essa atividade, além de competitiva, forçava os alunos a pesquisar e a discutir com seus colegas, construindo um conhecimento de forma coletiva.

Foto 03 - Bolsistas explicam como a oficina foi planejada.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 04 - Estudantes participando do jogo de tabuleiro.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 03 e 04 ilustram como desenvolveu-se a oficina. Foi proposta uma exibição do curta metragem, *Vista Minha Pele*, que deveria ser relacionado ao programa de televisão Custe o Que Custar (CQC), *Flagra de Atitude Racista*, trouxeram para dentro da sala de aula debates pertinentes. Estes debates aproximaram os estudantes dos bolsistas do PIBID, ocorrendo um processo de interação que favorecia o diálogo entre todos os envolvidos no trabalho. Além disso, a foto 04 apresentou os alunos participando do jogo de tabuleiro.

Dando continuidade, foi proposta que os estudantes do ensino médio ouvissem uma música do estilo *rapper*, do *rapper* brasileiro Gabriel o Pensador, *Racismo é Burrice*. Este estilo que é muito ouvido pelos estudantes dessa escola. E após feito isso, foi proposto uma outra discussão sobre o que significava o racismo. Para que os estudantes compreendessem que as culturas também se expressam de diferentes maneiras, foi convidado um grupo de capoeira da cidade para se apresentarem para eles. Este grupo tinha como nome “Capoeira Angola Palmares”, e era da cidade de Guarabira-PB. Após a exibição houve um outro debate envolvendo os estudantes da escola, os bolsistas e os membros da capoeira.

Foto 05 - Estudantes participam de uma Roda de Capoeira.



Fonte: Arquivos do PIBID.

O mestre Jedilson Luiz presente na foto acima através de uma conversa com os estudantes e bolsistas trouxe as suas experiências como forma de reforçar aquilo que foi

trabalhado ao longo da oficina. O mestre apresentou aos estudantes os estilos da capoeira destacando que o mais antigo é o “Angola” originário do período da escravidão.

A colaboração do mestre mostrou que a Capoeira era um instrumento de resistência da cultura negra. Bruhns indica que: “além de resistência escrava, era uma leitura do espaço, uma forma de identidade grupal, um recurso de afirmação pessoal na luta pela vida, um instrumento decisivo do conflito dentro da própria população cativa” (BRUHNS, 2000, p. 25).

A roda de Capoeira como momento de troca de experiências oportunizou aos alunos se aproximarem da cultura afro-brasileira. Quando o mestre passou a relatar a História da capoeira e sua prática, foi possível a compreensão sobre aspectos da cultura africana e afro-brasileira. Segundo relatou um aluno sobre a oficina:

A oficina foi muito boa, pois abriu nossos olhos sobre o preconceito, em si e o racismo, mas eles também nos mostraram uma outra visão do racismo como no curta “Vista minha pele”, que mostra algo diferente, um mundo de negros com uma pequena parte branca, e mostrou o sofrimento que é ser excluído só por sua cor de pele. Quero agradecer por ter abrido [sic] os nossos olhos e ter nos mostrado que o preconceito é uma coisa podre que não nos levará à conto algum. (Relato do Aluno A.L. 3ª EPT da E.E.E.F.M Mons. Emiliano de Cristo)³². (Relatório PIBID – 2014)

Foi exibido o curta metragem *Vista Minha Pele*, de direção de Joel Zito Araújo e Dandara, que representa bem as formas de racismo, além de inverter a lógica do pré-conceito afirmando e mostrando por imagens que as pessoas negras são praticamente a maioria no Brasil. Após todas essas atividades, ficou evidente que os alunos passaram a compreender os assuntos tratados, pois passaram a colaborar com as discussões desenvolvidas nos debates de forma contextualizada, mostrando visões expandidas sobre a temática da escravidão e do racismo.

Entendo como pesquisador e participante desta oficina e ao olha-la percebi a existência de problemas acerca do tempo destinado a cada atividade como a quantidade de recursos utilizados. Essa circunstância acabou por gerar atropelos em que foram adiantados ou retirados os conteúdos. Foram muitos materiais utilizados e grande quantidade de informações que mais atrapalhou do que ajudou o desempenho da oficina. Exigiu dos bolsistas muito empenho e as vezes eles não conseguiram atingir os objetivos inicialmente propostos.

Destaco também que neste trabalho didático não houve a proposta dos estudantes realizarem pesquisas em busca de uma construção de saberes contextualizados com suas vidas. Isso acabou acarretando em falhas que fizeram sair do objetivo proposto e atingi-lo em partes

³² Relato retirado da atividade escrita dos alunos nesta oficina que tinha como intenção que o aluno escrevesse ao final da oficina suas considerações sobre ela.

e com pouca participação dos alunos. Concluiu-se que essa atividade foi complicada devido à dificuldade que se teve em articular os recursos fornecidos e em criar alternativas de aproximação e fazer os alunos participarem mais das atividades.

3- Aulas oficina: As mulheres na Primeira Guerra Mundial

Ano de desenvolvimento: 2013.

Escola: E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho

Ano escolar: Nono ano

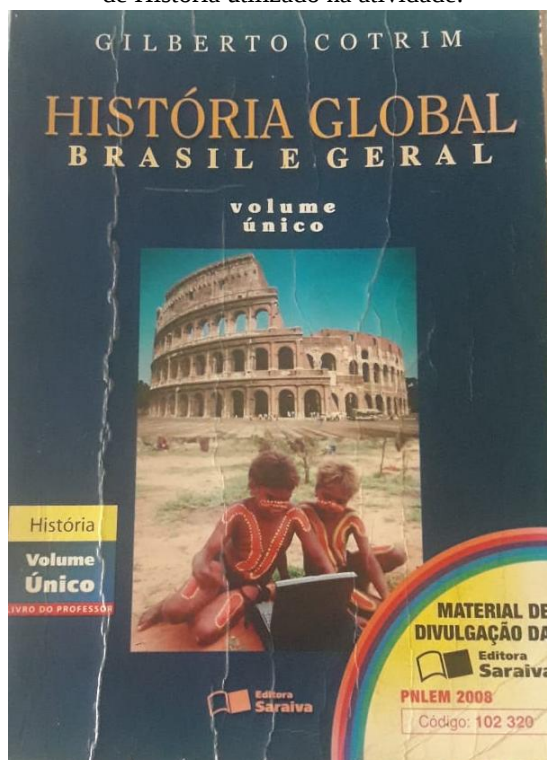
A oficina foi realizada em uma turma de nono ano do ensino fundamental da E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho. O tema abordado foi o papel das mulheres durante a Primeira Guerra Mundial. O objetivo desta oficina era problematizar questões relativas ao papel das mulheres ocidentais na sociedade do tempo presente, procurando estabelecer correspondências com as formas que as mulheres se posicionavam frente aos problemas cotidianos no momento da primeira Guerra mundial. Os bolsistas que realizaram esta oficina foram, Camila da Silva Nascimento, Emmanuel Paulino de Luna, Jocekelly Henrique de Carvalho, Joelma Irineu dos Santos, Renata Gonçalves de Souza e a supervisora Miriam Solange da Costa Freire a atividade foi desenvolvida no ano de 2013.

Segundo os bolsistas:

Em virtude da necessidade de inserir os alunos as realidades históricas sem desprender-se do conteúdo didático programado nas turmas de 9ª ano, decidimos em executar uma oficina acerca da 1ª Guerra Mundial, frisando a participação da mulher no cenário histórico, bem como as relações de poder estabelecidas nessa época histórica, tendo em vista estabelecer uma relação coerente com o “presente”. A abordagem da mulher, vem da nossa observação, que este gênero de forma geral é negado aos alunos na historiografia, fazendo com que o alunado se sinta convidado a novas perspectivas mediante a reflexão do gênero (mulher) e a relações de poder estabelecidas. (NASCIMENTO *et al.*, 2013)

A atitude tomada pelos bolsistas foi de partir do livro didático, mas entendendo que para contemplar essa temática seria necessário expandir as fontes documentais. Ao realizar esse movimento os bolsistas se comprometeram a construir uma sequência didática tendo como eixo de partida o livro didático, *História Global: História Geral e do Brasil* de autoria de Gilberto Cotrin. Este livro era utilizado pela professora supervisora em suas aulas de História.

Foto 06 - livro didático 9º Ensino Fundamental de História utilizado na atividade.



Fonte: Arquivo pessoal.

Após a análise deste material didático pelos bolsistas foi pensado os planos iniciais do trabalho didático e foram relatados pelos bolsistas:

1. Elaboração de atividade de diagnóstico, para investigação e avaliação do conhecimento prévio dos alunos; 2. Desenvolvimento das atividades da aula da oficina com utilização das fontes históricas; 3. Aplicação da atividade de síntese dos conteúdos estudados e fechamento da atividade. (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 264)

Observou-se como a atividade foi criada priorizando o conhecimento prévio dos estudantes sobre a Primeira Guerra Mundial. Para isso, intensificou-se os diálogos sobre o que são relações de poder, conflito social, estratégias de guerra, Estado e a representação feminina. Em outro momento dentro da sala de aula, eles utilizaram músicas, imagens que serviram para ampliar o debate sobre o tema. Os estudantes foram orientados a produzir resumos, possibilitando que fosse feita rapidamente a revisão das informações que eram trabalhadas pelos bolsistas do PIBID.

Foi observado a seguinte informação sobre o momento de produção textual, segundo os bolsistas:

Os alunos se interessaram em produzir os textos, eles tinham dúvidas sobre como escrever e o que escrever. Explicamos que não existia o certo ou errado, era necessário apenas que eles escrevessem sobre o que eles conheciam sobre a temática abordada. (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 265)

Observou-se em outro trecho contido no relatório a seguinte informação produzida pelos estudantes sobre a temática estudada:

(...) o século passado teve várias guerras, entre elas as mais importantes de toda história como a primeira guerra mundial, segunda guerra mundial e a guerra fria... O século XX não foi só de guerras, também teve vitórias, como o direito da mulher trabalhar fora de casa. (Antonio Gomes da Silva Junior, 9ª B) (Relatório PIBID – 2012/2013)

Verificou-se acima que o estudante destacou que foi a partir das guerras séculos XX, e as mulheres foram sendo introduzidas no mercado de trabalho lentamente, estabelecendo “o direito de a mulher trabalhar fora de casa”. Os licenciandos disponibilizaram para a turma de estudantes diferentes imagens: recortes de filmes, *Slides* e fotografias para que os alunos pudessem ver as mulheres trabalhando. Foram disponibilizadas imagens de fábricas de cigarros, de objetos (produzidos para própria guerra) como também dos empregos que foram caracterizados como femininos. A título de exemplo citaram, o cargo de telefonista que passou a ser principalmente destinado a mulheres. Contudo, os bolsistas relataram que existiu momentos no qual os estudantes também apresentaram pouco entendimento sobre a temática.

Segundo os bolsistas:

Os alunos em suas respostas demonstraram pouco conhecimento sobre o tema, não conseguindo fazer uma ligação entre esses dois conceitos. Sobre a Guerra eles reconheciam que era um conflito bélico e que haviam tido muitas mortes. Já quando falaram sobre a mulher a maioria não conseguia encontrar uma relação da mulher com a Guerra. (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 265)

Esse trecho revelou que essa parte dos estudantes tiveram dificuldade de construir relações sobre o papel das mulheres na Primeira Guerra Mundial. Essas informações demonstram a dificuldade de envolver todos os alunos em uma atividade partindo de uma temática que tinha que ser construída dentro da sala de aula. Percebido esse problema, os bolsistas buscaram saídas com o objetivo de envolver uma maior quantidade de alunos no processo de ensino aprendizagem proposto.

De acordo com os bolsistas:

Para melhor entendimento do assunto, primeiramente situamos os alunos no tempo e no espaço através da utilização de um globo terrestre, onde eles se sentiram à vontade para identificar no globo os países envolvidos na Guerra. Em seguida um vídeo foi mostrado para ilustrar o que vinha sendo dito sobre a Primeira Guerra Mundial e até mesmo sobre a mulher, já que os alunos puderam ver através do vídeo que as mulheres nesse período da Guerra foram responsáveis pela produção do armamento bélico. Foi nesse período que as mulheres ganharam mais espaços no mercado de trabalho, espaços que até então eram ocupados exclusivamente pelos homens. (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 265) (Grifos nossos)

Essa passagem relatada pelos bolsistas mostrou qual a estratégia metodológica foi feita uso para superar esse problema que esta turma apresentou. A saída o uso de um globo terrestre, o convite para que eles enquanto estudantes participassem explorando o globo na intenção de encontrarem os países envolvidos no conflito, trata-se de encontrar outro caminho para que este estudante pudesse experienciar o conhecimento histórico.

Assim, dentro da formação de professores, os bolsistas compreenderam que é necessário reconhecer as diferenças existentes entre os estudantes que formam uma turma escolar. E isto é visível quando se reconhece que dentro de uma sala de aula há alunos que aprendem de maneira diferente e que os professores precisam encontrar metodologias diferentes para que todos tenham o direito de aprender a aprender.

A participação no PIBID deu condições para todos os bolsistas vivenciarem como se deram os processos de ensino-aprendizagem e, dessa forma, eles puderam refletir sobre a criação e o colocar em prática ou associar diferentes metodologias. Entendo que o fazer-se professor se dá por essas experiências. Isto é, ao utilizarem estas ferramentas e perceberem se elas estão atingindo ou não os objetivos os professores foram superando obstáculos e solucionando problemas que apareçam no desenrolar das aulas. Destaco que esse trabalho foi original, pois foram utilizadas de diferentes suportes documentais que se expressavam em variadas linguagens.

Para finalizar a atividade, os estudantes da escola básica foram convidados a pesquisarem sobre a temática da II Guerra no livro didático. Ao fazerem isso, os bolsistas do PIBID perceberam que os estudantes do nono ano passaram a comparar o conteúdo do livro didático com as aulas dadas pelos bolsistas. Perceberam que a versão da história contada no livro didático tinha pontos em comum, mais também pontos diferentes do que foi estudado. Segundo os bolsistas: “(...) os alunos começaram por perceber, que neste capítulo do livro didático, faltavam as representações femininas, bem como, não apareciam imagens de negros e negras” (NASCIMENTO *et al.*, 2013, p. 266-267). Isso foi importante para a finalização do

trabalho, pois a partir dessa constatação, foi possível trabalhar a ideia de que a história pode ser contada por diferentes versões.

4- Aulas oficina: O Projeto Diário de Notícias

Ano de desenvolvimento: 2015.

Escola: E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho

Ano escolar: Terceiro ano do Ensino Médio.

As ações propostas pelo coordenador de área para a elaboração de oficinas, tinham o objetivo de que os bolsistas buscassem encontrar alternativas de Ensinar História, partindo do presente e construindo ligações com o passado dos estudantes das escolas básicas. A oficina **diária de notícias** que será relatada a seguir, foi realizada no segundo semestre desse ano partiu do seguinte objetivo.

Segundo os bolsistas:

Um dos objetivos deste projeto é estimular o senso crítico dos alunos, enquanto formadores de um pensamento mais amplo e condizente com sua realidade, pois muitos aceitavam as notícias sem criticar e sem perceber seu lado histórico e as razões que o envolvem (SILVA *et al.*, 2015).

Ao fazer esse movimento os bolsistas tentaram chamar os estudantes para participar da atividade, propondo que eles fizessem pesquisas sobre o que estava sendo noticiado nos jornais da época. Essa pesquisa possibilitou que os bolsistas em conjunto com os estudantes da escola pudessem construir relações entre as notícias do presente como outros fatos ocorridos no passado.

O Projeto diário de notícias tem como base o método qualitativo e foi desenvolvido a partir de oficinas realizadas na turma da 3ª série do ensino médio. Assim, como se entende os prescritos do diário, os alunos iriam anotar os acontecimentos que decorrem em seu cotidiano, porém voltados, por sua vez, as manchetes de jornais, onde os educandos (em seus cadernos a parte) iriam voltar seu olhar sobre os temas exibidos diariamente ou semanalmente e descrever suas reflexões e percepções dos assuntos envolvidos, anotando sempre no caderno/diário. (SILVA *et al.*, 2015)

O *Projeto Diário de Notícias* contou com a participação dos seguintes bolsistas Eliane de Campos Viegas, Jedicleison Pereira da Silveira, Lenise Maria da Silva, Lidiara Thalita Ferreira Costa, Rosana do Nascimento Gomes e a supervisora Maria de Fátima Amâncio dos Santos no ano de 2015. A proposta foi realizada na turma do terceiro ano do ensino médio na

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho. Teve como tema geral a discussão sobre *a Primeira República o Coronelismo*, e ressaltou o tema específico o *Voto de Cabresto*.

O princípio dessa abordagem é fazer com que o aluno como interlocutor e pesquisador procure compreender com base em sua vida atual, acontecimentos que marcaram o passado, além de possibilitar ao educando uma melhor compreensão das temáticas debatidas em sala de aula, uma vez que o mesmo se insere na abordagem. Buscando também refletir, como o ensino de história proporciona a problematização de visões diferenciadas sobre o conteúdo, propondo justificar como a informação de determinadas notícias pode trazer contribuição para a construção da identidade do discente. (SILVA *et al.*, 2015)

Os bolsistas destacaram a importância participação dos estudantes por meio da linguagem e da pesquisa procurando construir relações entre presente e o passado. Pensando nisso, a oficina foi construída em etapas que foram organizadas da seguinte forma:

No primeiro momento, propomos o projeto com a dinâmica de sensibilização do grupo, em que os alunos buscassem pesquisas de informações sobre reportagens em jornais, televisão, rádio, revistas, internet, e posteriormente propomos debates em sala de aula sobre as notícias [sic], coletadas e possibilitamos uma produção textual para subentender as concepções e a atitude crítica [sic] dos alunos nesta primeira etapa. (SILVA *et al.*, 2015)

Como já explicado anteriormente, os bolsistas pediram para os alunos pesquisarem em diferentes suportes jornalísticos, notícias que eles achassem importantes, com a intenção de que eles criassem narrativas histórico com as notícias que encontrassem. A seleção destas fontes foi intencional tendo em vista que foi solicitado a busca de notícias que trouxessem discussões ou fatos ocorridos na política brasileira da época.

Os outros passos se deram no sentido de organizar as notícias pesquisadas e identificadas para que estas tivessem relação com o conteúdo que seria estudado. Feita essa seleção inicial, os estudantes passaram a produzir textos que poderiam ser avaliados pelos seus colegas. Isso foi importante para que houvesse momentos de troca dos textos entre os estudantes do terceiro ano. E foi a partir dessa atividade que foi iniciado um processo de compartilhamento de conhecimentos.

Segundo os bolsistas:

Num segundo momento os educandos deveriam pesquisar reportagens, algo que tivesse relação com a política brasileira para levar para a turma, foi estipulado um prazo de quinze dias para que o estudante com seus conhecimentos prévios e com maior tempo de reflexão sobre o assunto

buscassem uma reportagem de acordo com as normas estabelecidas, e anotasse em um caderno -que eles mesmos compraram- descrevendo seu ponto de vista e cunho histórico da notícia apresentada. (SILVA *et al.*, 2015)

Dentro deste processo de pesquisa os estudantes foram estimulados a pesquisar e a refletirem sobre o tema da política brasileira na atualidade. E, em colaboração dos professores puderam construir juntos formas de relacionar esse conhecimento com outros fatos que se deram no passado.

As pesquisas feitas pelos estudantes partiram do tema “compra de votos” e a “troca favores políticos entre o eleitor e o político”. Ao levarem para escola essas pesquisas foi proposto aos estudantes que fizessem uma roda de leitura para socializarem as pesquisas realizadas. Nesse momento os alunos passaram a comparar as práticas de venda de votos e os bolsistas começaram a relacionar as notícias da atualidade com a temática do *Voto de Cabresto e do Coronelismo que ocorria no final do século XIX e início do século XX*.

O papel dos professores bolsistas foi o de auxiliar os estudantes no cruzamento de dados, pois eles tiveram que observar quais eram as diferenças ou semelhanças entre os tempos históricos que estavam sendo mobilizados. Esse movimento dirigido pelos bolsistas, conseguiu fazer com que os alunos percebessem que as notícias não são neutras e que um mesmo assunto pode ser tratado por perspectivas e visões diferentes.

Nesta atividade os estudantes junto com os professores supervisores passaram a cotejar os documentos escritos originados do presente, para então relacioná-los a algum fato ocorrido no passado. Dessa maneira, realizou-se a construção de significados históricos particulares, os quais se relacionavam de uma ou outra forma ao cotidiano dos estudantes das escolas básicas. Isso ocorreu porque foram produzidas correspondências históricas, que partiram de notícias relativas ao presente e que despertaram outros saberes que os estudantes já tinham sobre a política local. A junção de todas essas informações criou a oportunidade de se estabelecer relações entre o saber histórico geral com o cotidiano dos estudantes.

Compreendo que isso caracterizou o processo de produção de conhecimentos históricos-escolares. Pois, a partir dessa atividade os estudantes da escola básica construíram versões originais do passado por meio de fontes do presente. Isso propiciou, também que os estudantes tivessem a compreensão de que as versões da história podiam ser diferentes das narradas nos livros didáticos. E para além disso, provocou que o estudante entendesse que a história pode ser construída por diferentes fontes.

Houve no projeto diário de notícias, a valorização de novos recursos além do livro didático levando em consideração a importância da aprendizagem, o

envolvimento dos alunos para procurarem as notícias, atrelado com o uso também da História oral e depoimentos de pessoas que de alguma forma contribuísssem para a pesquisa, ou seja, novas abordagens e ensinamentos em sala de aula são primordiais para a formação do aluno enquanto cidadão e construtor do conhecimento. (SILVA *et al.*, 2015)

Essa atividade buscou fazer com que a turma do terceiro ano do Ensino médio compreendesse este período da História por meio de uma abordagem diferente dos textos explicativos dos livros didáticos. Identificou-se que o livro didático não foi abandonado, porém foi utilizado apenas como mais uma das fontes que foram consultadas.

Portanto, o Ensino de História nas escolas é de suma importância por criar condições para que o aluno aprenda a andar com seus próprios pés, partindo da ideia de que o conhecimento histórico não é pronto e acabado, mas que é construído a partir das críticas, reflexões, atitudes e ações desenvolvidas pelos indivíduos em sociedade. (SILVA *et al.*, 2015)

Este trecho apresentou a atenção que os bolsistas tiveram em criar condições para os estudantes aprendessem de maneira crítica e reflexiva. Além disso, o olhar para a História e período em que foi proposta a aula de História trouxe diferentes visões de um mesmo fato, permitindo ao estudante questioná-lo. Abaixo foi exposto os resultados dos bolsistas, segundo eles:

(...). A primeira apresentação da notícia tinha como manchete: “Prefeito do Rio Grande do Sul que foi cassado por conta da compra de votos”. Foi levado em conta, neste fato, que os educandos destacaram a questão da compra de votos, como também as trocas de benefícios, percebendo que eram características encontradas na República velha. A segunda apresentação foi sobre a questão da compra de votos do século XXI, onde determinados candidatos prometem empregos e cargos aos seus eleitores, mas negociado através de apoio e do próprio voto a ele. O que mais prevaleceu nas apresentações foram o voto, as manipulações e as fraudes nas eleições, tudo sendo conciliado com o voto de cabresto, verificando que a prática da compra de votos é antiga e seus resquícios são ainda indiretamente comuns. (SILVA *et al.*, 2015)

Os resultados revelaram que os estudantes conseguiram compreender que se tratou de uma prática utilizada no período de República Velha no Brasil que tem correspondências com os dias atuais. Esse movimento ajudou a ressignificar o tema histórico buscando construir um conhecimento fora da matriz do livro didático. Em outra pesquisa feita pelos estudantes percebeu-se que foi ampliada a discussão uma vez que, os estudantes conseguiram identificar outras características desse período como as relações de clientelismo, voto de cabresto, fraude nas eleições, apoio político em troca de votos.

De acordo com os bolsistas:

Ao concluirmos as oficinas, percebemos que os resultados foram bastante satisfatórios, notamos que nas primeiras apresentações das notícias já foi gerado um debate e os educandos puderam expor suas próprias opiniões e consideraram atraente a forma como esse projeto foi trabalhado. É notório destacar que os alunos divertiam-se fazendo as atividades e pesquisas passadas, como também foi possível destacar o desenvolvimento da relação de comunicação entre eles, algo fundamental, pois possibilitou o envolvimento completo da turma, desencadeando uma rede de comunicação entre os próprios colegas, logo que os mesmos se sentiam estimulados e tentavam impressionar, demonstrando habilidades únicas e coletivas, como também grandes empenhos. Ademais temas que foram apontados, tinham muita relação tanto diretamente quanto indiretamente a ver com a realidade em que estes vivem, permitindo neste meio o envolvimento de um olhar mais atento e flexível nos contextos e princípios mencionados e debatidos em sala. (SILVA *et al.*, 2015)

Foi possível perceber que os bolsistas coletivamente se exercitaram em outras formas de ensinar e aprender História, pois oportunizaram que o estudante percebesse que a História se faz presente em suas relações cotidianas.

Considerações Parciais

Estas considerações parciais têm o objetivo revelar que no processo de formação de professores desenvolvido por meio do PIBID os participantes foram levados problematizar suas ações como professores. E ao fazerem isso, também ocorreram propostas que estimularam a criação planos de aulas que fossem diferentes do ensino tradicional que é muito frequente nas escolas básicas.

Analisar estas atividades e perceber quais foram os limites no decorrer da participação do PIBID, que tem como foco a formação de professores, colaborou para reflexão sobre o como se deu o desenvolvimento das metodologias de ensino de história.

Como participante do PIBID percebi como o processo de formação se estabeleceu entendendo que em certas ocasiões, pensava que se estava envolvendo os estudantes, mas pelo contrário continuou-se a praticar aulas de História que por mais que fossem atrativas ainda não conseguiam fazer com que os estudantes participassem integralmente do desenvolvimento delas.

O PIBID deu espaço para aprender a ser professor de História na educação básica da rede pública do estado da Paraíba. O programa colaborou para observar com os discursos foram

construídos entre estudantes e professor, supervisor, e futuros professores durante o processo criação de conhecimentos que colaborassem para aprendizagem histórica.

Os produtos educacionais produzidos nestas oficinas caracterizaram-se pela elaboração de diferentes atividades que se relacionavam entre si. Logo, necessitou de um planejamento para cada etapa ou atividade a ser desenvolvida para trabalhar conteúdos de modo dinâmico para o processo de ensino de aprendizagem (OLIVEIRA, 2013, p. 53).

E importante apontar que as ações não pensaram em uma docência restrita apenas as questões dos saberes, uma vez que, percebeu-se que o conhecimento pedagógico do professor possui complexidades. Percebi neste primeiro momento que as ações do programa colaboraram para o processo de formação de professores e crescimento da aprendizagem no qual se passou integrar conhecimentos pedagógicos, disciplinares, a teoria e a prática.

Em que pesem todas as investigações e avaliações acerca destas atividades foi percebido nossa grande dificuldade em ultrapassar os desafios na transposição da teoria para prática. Segundo estudos desenvolvidos por (PÉREZ-GOMÉZ, 1997, p. 107), boa parte dos cursos de licenciatura tem desenvolvido sua formação docente de maneira técnica um modelo que estabelece uma relação linear baseado na teoria que antecede a prática.

O PIBID convidou a fazer esse movimento na prática, fazendo e refazendo, buscando ser profissionais diferenciados, uma vez que foi tido contato direto com a profissão docente. Essa formação proposta no Programa também tinha seus limites, mas contribuiu para construção de nossas identidades profissionais docentes. Identidades essas que começaram a ser construídas por meio das nossas reflexões, investigações, erros e acertos, comprometidos com o ofício docente.

Por esse motivo foi pensado em apresentar este primeiro bloco de quatro atividades na intenção de apresentar o início e algumas oficinas nas quais: obtive pouca interação dos estudantes, atingiu-se superficialmente os objetivos proposto, ou não se conseguiu aproximar de uma aprendizagem ativa ou significativa. Assim ficando para o capítulo subsequente atividades que mais se aproximaram destes objetivos.

CAPÍTULO 3

O PIBID: metodologia que valorizavam a aprendizagem.

Neste capítulo discuti-se sobre as atividades do PIBID que propuseram a construção de conhecimentos histórico-escolares. Esse caminho não foi simples, pois entre todas as atividades que foram planejadas para as aulas, muitas delas se mostraram inviáveis.

Escolhi apenas quatro atividades dentre tantas outras que foram realizadas durante as duas versões do projeto PIBID. Isso foi feito, pois no espaço de uma dissertação, citar todas, seria inviável. O projeto PIBID também tinha como objetivo a construção de atividades que explorassem de uma ou outra forma abordagens interdisciplinares. A mediação destas atividades estabeleceu interdisciplinaridade e redes de conhecimento que foram adquiridas fora da sala aula, seja por uma aula de estudo do meio, da mitologia, do cordel ou de documentos históricos.

Enquanto professores em formação o interesse partiu de atrair os estudantes e a participação deles foi essencial. Porém, como já foi dito, despertar seu interesse dos estudantes das escolas básicas é diferente do ato de apenas oferecer para eles outras ferramentas didáticas. É preciso que elas sejam mais atrativas e que façam eles entenderem os conteúdos das aulas de História. Assim, apresento adiante oficinas que foram construídas de forma coletiva entre os bolsistas do PIBID e os estudantes das escolas básicas.

Com relação as disposições das análises das atividades elas seguem a ordem do capítulo dois em que busquei dar visibilidade aos trabalhos do PIBID mostrando que independentemente do tempo eles aconteceram de modo simultâneo em outras escolas. Dessa forma, apresento estes trabalhos que mais se aproximaram de uma aprendizagem ativa e mais participativa dos alunos. Desta forma, apenas a aula de campo foi disposta de modo diferente das demais, pois ambas foram chamadas de aula de campo, A, B e C respectivamente, por motivos de aproximação didática e por melhorar entendimento e análise. Ainda falando das aulas de campo foi o momento que mais exigiu empenho dos bolsistas e ampliou o conhecimento sobre a formação docentes.

Desta forma, espero que nestas análises que estão postas logo adiante possam ser observadas de modo mais fluido pelo leitor desta dissertação. Neste momento busco apresentar trabalhos que mostram avanços significativos de aprendizagem como também conhecimento acerca da formação docente por meio de trocas de experiências saberes e fazeres.

1- Aulas oficina: Mitologia Grega e História

Ano de desenvolvimento: 2013.

Escola: E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo.

Ano escolar: primeiro ano do Ensino Médio.

Esta oficina de História teve como objetivo estudar a mitologia grega dentro do tema: Grécia Antiga. A atividade contou com a participação dos seguintes bolsistas Aline Marques da Silva, Joanne Naelly da Silva Pereira, Renata dos Santos Cavalcanti, Tânia Cristina Ferreira de Macêdo, Sandeilson Beserra Nunes e a supervisora Severina Gomes, no ano de 2013. A oficina de História foi intitulada: *O Mito Grego e as Drogas*. O público alvo foi uma turma do primeiro ano do ensino médio.

Ao acompanhar a supervisora nas aulas sobre a Grécia antiga, os bolsistas do PIBID, constataram ao longo das aulas os estudantes estavam desmotivados e não esboçavam nenhum interesse em aprender este conteúdo. Por essa razão, os bolsistas foram incentivados a planejar uma atividade sobre essa temática que envolvesse os estudantes e que despertasse o interesse sobre o assunto.

Segundo os bolsistas:

As atividades realizadas na oficina oferecem aos discentes a oportunidade de estudarem sobre a mitologia grega de uma forma dinâmica e crítica, para que os mesmos entendam o porquê é interessante estudar sobre a antiguidade nos dias de hoje, para que eles compreendam que o livro didático é valioso para seu aprendizado, e percebam que passado e presente não se desligam. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Neste depoimento que os bolsistas tinham a intensão de construir uma aula de História sobre mitologia grega, propondo atividades dinâmicas e críticas. Para elaborar essas atividades eles começaram por questionar quais eram os motivos que faziam com que aqueles alunos não tivessem nenhum interesse pelo tema. Inicialmente, os bolsistas pensaram em trabalhar com a temática da mitologia grega, por acreditarem ser um tema que fosse mais bem aceito pelos estudantes. Tentaram conversar com a turma do primeiro ano do ensino Médio, mas os estudantes mantiveram-se resistentes.

Os licenciandos entenderam que era necessário aprofundar a investigação e passaram a perguntar aos os estudantes o que eles gostariam de aprender? Um dos assuntos que apareceu e que teve uma adesão maior da turma foi a temática das drogas. Ao saberem desse interesse, os bolsistas questionaram o porquê existia essa vontade de discutir esse tema? Como resposta os estudantes falaram que gostariam de discutir esse tema pois tinham ocorrido, naqueles dias,

diversos problemas envolvendo drogados e traficantes na cidade de Guarabira. Jovens tinham se envolvido em crimes e alguns tinham sido presos por conta das drogas.

Segundo os bolsistas:

No início do mês de setembro a professora Severina Gomes (Bibi) trouxe para as turmas um debate importantíssimo não só para alunos, mas para o meio social em que vivem. Infelizmente nossa cidade foi palco, de uma onda de crimes onde jovens de baixa renda estavam se confrontando por drogas e pontos de tráfico de entorpecentes. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Neste trecho que a supervisora já tinha trazido essa notícia para dentro da sala de aula. Esse fato impactou a vida de boa parte dos alunos, pois eles possuíam idade semelhante à dos jovens que morreram na onda de crimes da cidade. Além disso, alguns alunos também relataram que faziam uso de drogas ilícitas.

Diante disso, passou-se a pensar nas seguintes possibilidades, o plano de curso da professora estipulava que naquele momento a temática da Grécia antiga e os mitos deveria ser trabalhada. E em segundo, os relatos dos estudantes que aparentemente traziam reflexos da sociedade para dentro da escola, e que a professora já havia mencionado dentro da sala de aula.

Em reunião com coordenador de área do PIBID, professor João Batista Gonçalves Bueno, os participantes desta do PIBID junto com a professora supervisora foram orientados a escolher uma história mitológica que trouxesse reflexões sobre o ato de ficar dependente de drogas. Foi perguntado ao coordenador de área como era possível ligar os pontos detectados no caso dessa turma de estudantes. O coordenador de área ao fazer sua orientação, utilizou uma ideia da bolsista Aline Marques da Silva. Esta licencianda tinha como proposta de aula ler um livro que contava a *História do Minotauro* em sala de aula, para propor uma abordagem significava por meio de uma dinâmica em sala de aula.

Segundo (BRANDÃO, 1986), além da ideia coletividade o mito traz concepções de valores morais, e produz a compreensão de determinadas visões de mundo. A mitologia grega inclusive nos remete ao legado destes para nossa civilização ocidental. Por outro lado, é importante dizer que a mitologia grega ou greco-romana se entrelaça com as artes, religião e também com a cultura.

Ao desenvolvermos o planejamento da aula-oficina entendíamos que era preciso trazer a História da Grécia Antiga para dentro da sala de aula, pois os alunos deveriam encontrar correspondências entre os conhecimentos produzidos pelas sociedades antigas com o nosso cotidiano. Entendemos que seriam trabalhadas na oficina duas questões que se encontram entre os mais graves problemas que circulam na sociedade nos dias atuais, o *bullying* e as

drogas. Foi por meio destes dois problemas sociais da atualidade, que os alunos puderam compreender e construir pontes entre o presente e o passado. Foram previstas quatro horas para a realização da aula-oficina, as atividades seriam concretizadas em dois momentos, sendo que cada um deles teria a duração de duas horas e teriam que ser efetuados em dias diferentes. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

O professor João Batista Gonçalves Bueno questionou: *“Por que vocês querem trabalhar mitologia?”*, *“Como podemos relacionar a ideia do mito com a realidade dos estudantes?”*. Pediu, então, para pensarmos sobre: *o que significaria nos dias de hoje uma pessoa perdida dentro de um labirinto? E, como poderíamos associar o tema, com a história das pessoas que se tornam dependentes de drogas? Como elas poderiam sair desse problema se não tivessem um fio de lã Ariadne?* Depois de muitas discussões coletivamente foram pensadas atividades que permitiriam a participação dos alunos no seu processo de construção. A atividade ganhou um outro direcionamento: *“O labirinto em que habita o Minotauro poderia representar alegoricamente o caminho das drogas?”*, *“O monstro Minotauro pode ser considerado as drogas?”*, *“Seria o fio de Ariadne, a família, solução para sair, do labirinto, caminho das drogas?”*, *“A figura do personagem Teseu poderia representar aquele que vence as drogas?”*. (Relatório do PIBID – 2012/2013). Dessa forma, atividade passou a se reorganizada da seguinte forma:

Quadro 04 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na oficina.

Ordem	Atividades	Tempo
01	Apresentação dos participantes e dos mediadores. Apresentação da oficina: objetivos e orientações sobre as atividades. Responsáveis: Aline Marques da Silva, Joanne Naelly da Silva Pereira, Renata dos Santos Cavalcanti, Tânia Cristina Ferreira de Macêdo, Sandeilson Beserra Nunes.	25 min
02	Utilização do texto literário para leitura interativa e Exibição de uma cena do filme <i>A Odisséia</i> , tendo, por conseguinte o debate assimilativo. Responsáveis: Aline Marques da Silva, Joanne Naelly da Silva Pereira e Severina Gomes	40 min
03	Produção da charge. (Avaliação) Responsáveis: Os Estudantes	20 min
04	Paródia Musical: <i>Grécia da Samba</i> Responsáveis: Os Estudantes	20 min
05	Conclusão	15 min

Fonte: Relatório do PIBID UEPB 2012/2013.

É perceptível que neste quadro, diferente dos outros apresentados os estudantes estavam presentes na tentativa construir juntos esta atividade. Percebeu-se o quanto foi feito de idas e vindas a organização de uma atividade do PIBID a quantidade de mãos envolvidas para entregar uma aula de História fizesse que alunos, professores e bolsistas se envolvessem no exercício de atingir um saber mais significativo. Com a narrativa mítica foi possível atingir os estudantes e atrair eles para uma aula de História diferente daquela que eles estavam acostumados. As fotos abaixo ilustram como atividade desenvolveu-se:

Foto 07 - Estudantes recebem orientações sobre a oficina.



Foto 08 - Estudantes participando da dinâmica



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 07 e 08 apresentam a bolsista Tânia Cristina Ferreira de Macêdo apresenta como seria desenvolvida a oficina e qual o planejamento proposto pelos bolsistas, na outra imagem é visto as bolsistas Renata dos Santos Cavalcanti, Joanne Naelly da Silva Pereira, Tânia Cristina Ferreira de Macêdo e a supervisora Severina Gomes apresentado a Dinâmica.

Esta dinâmica se consistiu na utilização de um novelo de lã na qual colocou os alunos em círculo e dava uma pista da seguinte forma. Mesmo que não seja possível ver na foto 08 os alunos estão segurando um fio de um novelo de lã, apesar da foto não possuir certa nitidez ele encontra-se presente. Nesta atividade os bolsistas começavam dizendo: “– *quando pensamos em Grécia vocês lembram do que?*”, e jogávamos o novelo para um estudante ele o escolhido dizia: “– *Olimpíadas*”, o outro disse: “– *Esparta*”, e assim sequentemente. Nesta dinâmica de socialização temática um estudante falou, “– *mitologia*”. E os bolsistas questionaram: “– *é possível associarmos o mito as drogas?*”. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Ao lançar a pergunta muito alunos falaram que não seria possível, a partir daí os bolsistas contaram a *lenda do Minotauro* e dela abriu-se uma nova roda de debates. Foi perguntado aos estudantes: “– *o labirinto do mito pode representar o que hoje?*”, “– *e os personagens que lá estão podem representar o que?*”. Os alunos começaram a fazer associações que foram sendo direcionadas pelos bolsistas do PIBID em que se mostrou que o mito pode ser representativo e ser utilizado para contextualizar situações sociais no presente. Em o caminho das drogas poderiam ser representadas pelo labirinto, o Minotauro que devora as pessoas e o fio de Ariadne poderia representar a família e o personagem Teseu a pessoa que venceu as drogas. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Segundo os bolsistas:

Ao fazerem isso eles conseguiram perceber correspondências existentes entre o mito do Minotauro e os temas da nossa sociedade atual. O labirinto foi visto como um caminho individual e que muitas vezes pode não ter volta. E, isto pode acontecer se não houver o fio de Ariadne. O fio que pode salvar as pessoas das drogas foi interpretado pelos alunos como sendo a família, os amigos, a fé, a religião, ou até mesmo uma clínica de reabilitação. O real sentido foi levá-los a ter uma percepção problemática e interpretativa por meio da qual eles puderam compreender que o mito grego, mesmo sendo da antiguidade, sendo criado em mundo tão distante, faz parte ainda da formação dos valores da nossa sociedade e pode ter a função de nos levar a pensar sobre nosso cotidiano, e sobre questões e problemas que rodeiam nossa sociedade contemporânea. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

No fim os estudantes perceberam o caminho percorrido durante a atividade além de nelas aprenderem não só História mais também valores e ressignificar situações problemas do

seu meio social. Além disso, a atividade trouxe outros métodos para enfatizar a importância de se estudar os mitos foram utilizados além da dinâmica, músicas e uma roda de leitura.

Essa oficina demonstrou que pela sua construção caracterizou-se como método que mais aproximou-se de um processo de metodologia ativa em que por mais os bolsistas tenham-se preparado ela houve uma participação maior dos estudantes. O engajamento maior dos estudantes se deu pelo fato de conseguir transformar uma situação problema da realidade que eles vivenciaram em aula.

2- Aulas oficina: Estudo do meio: Teoria e Prática

Ano de desenvolvimento: 2013/2014.

Escola: E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho e E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo.

Turmas: alunos das três séries do ensino médio.

Neste tópico discuto as atividades do PIBID de História referentes a aulas de campo realizadas entre os anos de 2013 e 2014 que envolveram escolas diferentes como também bolsistas, além da criação de parcerias com outros PIBIDs. Decidiu-se fazer uma divisão sistemática destas atividades para que o leitor possa ter uma visão panorâmica das ações que foram realizadas.

Sendo assim, como já foi explicado dividi as atividades em subtópicos por possuir características que assemelharam, aulas de campo. Desta forma nomeio as aulas de campo por letras A, B e C.

Aluna de Campo A

Esta atividade caracterizou-se por ser uma aula de campo, na qual procurou associar a teoria aprendida em sala de aula com a observação da realidade. O objetivo dessa aula foi possibilitar aos estudantes da escola básica experienciar novos espaços e reconhecer a diversidade de povos e raças que constituem o Brasil. A ida a campo pelos estudantes trouxe experiências que favoreceram aprendizagem de estudantes e bolsistas.

Os bolsistas foram os responsáveis por toda a organização da aula. Eles entenderam que, apesar de ser importante atividades como essa, esse tipo de aula demanda um grande trabalho de preparação. Os professores devem conseguir, desde o transporte e a alimentação dos estudantes, como conseguir, autorizações de pais e, no caso, autorização do cacique da tribo. Além disso, é necessário negociar os horários com a direção da escola, e planejar o trabalho

pedagógico das etapas que antecede a aula, do desenvolvimento da aula como após aula de campo.

De acordo com os bolsistas:

Fizemos uma viagem até a Baía da Traição onde se encontra várias aldeias indígenas. Os alunos desenvolveram atividades, e uma delas foi à elaboração de perguntas para fazer a entrevista com os indígenas, nestas perguntas eles abordaram a importância da tecnologia para os indígenas nos dias atuais, o crescimento urbano e também a influência política nas aldeias. (Relatório do PIBID – 2014)

Segundo relataram os bolsistas que participaram desta aula de campo, Lenise Maria da Silva, Eliane de Campos Viegas, Jedicleison Pereira da Silveira, Rosana do Nascimento Gomes, Lidiara Thalita Ferreira Costa e a supervisora Maria de Fátima Amancio dos Santos essa ação foi realizada no ano de 2014. A iniciativa dos bolsistas foi de proporcionar aos estudantes da turma do segundo ano do ensino médio da E.E.E.F.M. José Soares de Carvalho uma aula de História de contato e de troca de experiências de como viviam os indígenas atualmente.

De acordo com os bolsistas os objetivos foram:

Objetivo Geral:

- Mostrar a importância do passado e presente na história e relacionar com o conteúdo da prática escolar.

Objetivos Específicos:

- Elucidar no aluno a argumentação para a formação de seu senso crítico.
- Ativar através do estudo do meio perspectivas de novas abordagens frente ao ensino de História. (PARAÍBA, 2014)

Observou-se que os bolsistas tiveram o cuidado de criar objetivos que tinham como finalidade correlacionar o passado com o presente, bem como, contextualizar as atividades desenvolvidas por meio do livro didático, com vivências que os estudantes da escola básica possuíam. Nos outros objetivos procuraram, ao expor realidades diferentes das vividas pelos estudantes, desenvolver os seus sentidos críticos.

O desenvolvimento da aula de campo levou os estudantes a visitarem e entrevistarem moradores da aldeia Tracoeira, a qual é constituída de cinquenta famílias indígenas aproximadamente. Os alunos tiveram contato com os indígenas podendo aplicar seus questionários e trocar experiências. Com ajuda de um guia também indígena os estudantes passaram a fazer uma pesquisa dentro da aldeia, observando o cotidiano dos indígenas, seus costumes e se ainda como eles preservam as suas tradições.

Segundo os bolsistas:

(...) levamos os alunos para uma aula ao ar livre, fomos a Baía da Traição, para que pudemos consolidar a teoria e a prática e foi de grande conhecimento e aprendizagem tanto para os alunos quanto para mim e os demais, e mais uma vez quebramos um tabu sobre a visão do índio, pois para os educandos, eles eram atrasados em relação a vida social e aos costumes, mostramos a eles que isso era algo errado, pois os índios evoluíram junto com os demais povos, eles mantem os costumes e algumas tradições, mas se adaptaram também ao novo mundo da tecnologia e da evolução. (Relatório do PIBID – 2014)

As ideias apresentadas neste trecho demonstraram que foi significativo os estudantes vivenciarem situações de uma aula de campo que se propôs o contato com os indígenas. Além disso, eles conseguiram apresentar outra visão dos povos indígenas, que era diferente das que são apresentadas nos livros didáticos.

Em outro relato feito pelos bolsistas, foram discutidos, “Preconceitos quebrados diante a visão do índio, questionamentos em relação ao papel do índio na atualidade, ampliação da visão e do conhecimento histórico e sobre a nossa história e satisfação plena mediante a temática indígena e sociedade”. (Relatório do PIBID – 2014)

O trecho do relatório feito pelos bolsistas mostrou que atividade foi proveitosa para ambas as partes, pois contou com um estudo do meio como trabalho integrado das práticas de ensino fazendo os alunos se envolverem. Não só isso, mas proporcionou o uso da metodologia de campo, na qual expõe os estudantes da escola básica a diferentes experiências, e que podem ser utilizadas por diferentes disciplinas, apresento algumas fotos desta aula de campo:

Foto 09 - Visitação o Rio Sinimbu.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 10 - Visitação a uma habitação indígena.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 09 e 10 acima foram registros feitos pelos estudantes da escola básica com a supervisão dos bolsistas do PIBID. Além disso, ocorreram conversas com alguns dos nativos da tribo, para os quais foram feitas perguntas sobre como era a vida deles. Além disso, eles foram apresentados a atividades como a pesca, o artesanato, o turismo e souberam sobre os benefícios e direitos que os povos indígenas têm por lei. Os estudantes ao dialogarem com os indígenas também notaram que muito do que viram e ouviram era diferente do que estava no livro didático.

Os alunos tiveram a oportunidade de conversar com o cacique Caboquinho que falou da importância de receber os estudantes na aldeia. Além disso, falou e valorizou a história do Santo São Miguel padroeiro dos Potiguaras, apesar de ser uma entidade de sincretismo católico e do homem branco. Os estudantes ao terem contato o meio puderam observar as moradias simples dos indígenas, falta de pavimentação nas ruas da aldeia e saneamento básico. Essa atividade despertou a curiosidade dos alunos com relação ao espaço pesquisado e que algumas tradições e culturas ainda permaneceram preservadas como o *Toré*, uma dança feita para homenagear visitantes ou com objetivos religiosos ou festivos. A imersão dos estudantes em outra cultura foi possível com a ida a campo e o envolvimento deles na participação do processo de construção de desenvolvimento da atividade.

No retorno a sala de aula foi preparada a seguinte atividade:

Foram feitas oficinas, seminários, paródias a cerca desse assunto e dos demais aprendido, e posso dizer que foi uma experiência maravilhosa ver os alunos

entendendo melhor a História do mundo e da nossa Paraíba (...) mostrando tanto a visão daqueles que chegavam como os índios que aqui estavam, e fomos além nessa aula (...). (Relatório do PIBID – 2014)

Os estudantes passaram a interagir com a realização de paródias, seminários, encenações que revelam que aula atingiu os objetivos propostos. A aula se desdobrou em outras formas de aprendizagem resultado da assimilação da aprendizagem dos estudantes acerca do conhecimento adquirido durante as experiências na aula de campo.

Experiências como esta, ajudaram no trabalho sobre os valores e a importância das nossas matrizes culturais. Metodologias de aprendizagem em História como estas contemplam um ensino mais participativo. Abaixo, algumas fotos das atividades feita pelos alunos:

Foto 11 - Encenação dos estudantes representando a cultura indígena.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 12 - Estudantes apresentando Seminário de Cultura Indígena.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 11 e 12 exibem os resultados da aula de campo em que os estudantes apresentaram um seminário, cartazes entre outras e a mais interessante se encontra na foto 12, os estudantes fizeram uma encenação baseada na dança do *Toré*.

Aula de Campo B

Apresento duas atividades de aula de campo que foram desenvolvidas em dois momentos distintos a primeira em 2013 uma visita a cidade de Areia-PB. Participaram desta atividade os bolsistas Aline Marques da Silva Joanne Naelly da Silva Pereira, Renata dos Santos

Cavalcanti, Tânia Cristina Ferreira de Macêdo e Sandeilson Beserra Nunes e a professora supervisora Severina Gomes. De acordo com os bolsistas essa atividade apresentava o seguinte objetivo:

Este projeto visa uma melhor sociabilidade entre o aluno e a História. Para que o mesmo perceba que a História não é decoreba, nem distante, e muito menos algo morto e inacessível. O nosso intuito como professores e futuros professores de história é proporcionar ao aluno este contato com o que conseguiu sobreviver do passado através do tempo, pois não podemos nos desfazer dele. (...). Para tanto, pensamos este projeto numa visita a alguns lugares, um dia de aula, aproveitando a proximidade dos locais a serem visitados. Primeiramente na cidade de Alagoa Grande/PB, nos seguintes locais: Teatro Santa Ignês; Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem; Museu Jackson do Pandeiro; Museu Margarida Maria Alves e no Engenho Lagoa Verde (Volúpia). Por conseguinte, após o almoço, seguiremos para o centro histórico da cidade de Areia, após o término da visita/aula, retornaremos a Guarabira. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

O relato dos bolsistas acima demonstrou o interesse de levar os estudantes para uma aula de campo na região do brejo paraibano as cidades de Areia e Alagoa Grande. Essas cidades apresentam, ainda nos dias de hoje, prédios públicos, museus e casarões destinados a moradias que foram construídas no século XIX e início do século XX e que são do estilo eclético nordestino. Por eles foi mostrado aos alunos como moravam as pessoas das elites latifundiárias que dominaram a região. Os casarios coloridos dessas cidades são ligados ao meio rural, o que ainda assim não impediu que traços de urbanização se desenvolvessem. A grande quantidade de engenhos, tanto para produção de cachaça, quanto de rapadura movimentou o turismo e a economia dessas cidades. A realização de atividade como estas possibilitaram o aluno identificar passado e presente nos vários espaços visitados. Esse movimento de ida a campo para pesquisar e se envolver com o espaço foi planejado e se estruturou da seguinte forma:

Quadro 05 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na aula de campo.

Roteiro	Período
Centro Histórico da Cidade de Areia (Igreja Rosário dos Pretos, Casarões do Centro Histórico, Teatro Minerva, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Museu Pedro Américo, Solar José Rufino) e Museu da Cachaça	Manhã
Centro Histórico de Alagoa Grande (Teatro Santa Ignês; Museu Jackson do Pandeiro; Museu Margarida Maria Alves; Paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem) e Engenho Volúpia.	Tarde

Objetivo geral
• Proporcionar ao aluno o conhecimento prático sobre uma história que é mais próxima do seu meio vivente, ressignificando a história local e regional.
Objetivos específicos
• Viabilizar a partir do ensino de história, o contato dos alunos com a construção de nossa regionalidade, tendo como viés o estudo do meio. • Desenvolver nos discentes a promoção do conhecimento histórico acerca dos locais de memória.
Avaliação
• Produção de um relatório sobre a aula de campo.

Fonte: Projeto História Viva

O roteiro apresentado pelos bolsistas em formato de quadro mostra como foi pensada a aula de campo e quais os locais foram visitados. As fotos abaixo ilustram parte da atividade feita pelos bolsistas:

Foto 13 - Estudantes em visitação ao Teatro Minerva.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 14 - Estudantes Visitam o museu da Rapadura.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 13 e 14 é parte do acervo de fotografias tiradas nesta atividade em que na foto 13 os estudantes receberam instruções sobre a atividade de campo e locais que foi visitado. Na outra imagem os alunos visitaram o Museu da Rapadura que apresentou para eles informações de como correu o processo de fabricação de derivados da cana de açúcar.

Foto 15 - Estudantes Visitam Casarão José Rufino



Fonte: Arquivos do PIBID.

Para essa atividade os bolsistas não contaram com um guia. Os participantes tiveram que fazer um estudo prévio sobre a História da cidade, ou seja, antes de ir a campo eles deveriam pesquisar sobre a cidade. Essa pesquisa feita antes da atividade, facilitou o reconhecimento dos locais. Todos os participantes, bolsistas, professores supervisores e estudantes da escola, puderam comentar ou contar sobre as informações os locais visitados.

As fotos 13, 14 e 15, ilustram um pouco dos locais que os estudantes visitaram como Igreja Rosário dos Pretos que segundo as pesquisas, data do século XVIII, tombada pelo IPHAN. A visita ao teatro representava a riqueza cultural vivida naquela época pela elite local, tendo em vista que, este foi o primeiro teatro da Paraíba. Solar do Português Francisco José Torre, Casarão José Rufino, que data do início do século XIX, casarão que possuía uma senzala. Foi feita uma visita ao Museu da Rapadura, da cidade de Areia e Pedro Américo. Nesse momento foram trabalhadas a importância da preservação da memória e do patrimônio histórica das cidades do interior.

Segundo relataram os bolsistas:

(...) A aula de campo proporcionou aos alunos não apenas o contato com o que conseguiu sobreviver do passado, mas principalmente, como o presente se relacionando com estes resquícios, como a sociedade interage com estes locais de memória, e apenas fora do ambiente fechado da sala de aula, ao ar livre, na experiência com outros lugares, é que o aluno vai perceber esta interação do presente com o passado. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Os ler o trecho do relatório dos bolsistas observou-se que os estudantes conseguiram atingir os objetivos planejados para esta aula de campo. Assim deu a oportunidade de os estudantes interagirem com o meio compreender a valorização do patrimônio, da memória a modificações urbanas ocorridas durante os séculos. Ao oportunizar esse momento de ida a campo ampliou-se o ambiente de aprendizagem para compreender outros espaços que se correlaciona com as relações de passado e presente.

Aluna de Campo C

Essa atividade contou com a participação dos seguintes bolsistas Aline Ferreira de Macedo, Havaniele Bandeira Nascimento, Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva e Sandeilson Beserra Nunes sob a supervisão da professora Severina Gomes no ano de 2014. Ambas aulas de campo, B e C, contou a participação dos estudantes da E.E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo. A aula de campo foi realizada na cidade de João Pessoa tendo

como tema a História da Paraíba. Nesta foi feita uma parceria com outros bolsistas de PIBIDs de outras licenciaturas como de Letras Português e Geografia.

Quadro 06 – Planejamento das atividades a serem desenvolvidas na aula de campo.

Roteiro	Período
Centro Histórico da Cidade de João Pessoa (Basílica de Nossa Senhora das Neves, Mosteiro de São Bento, Igreja de Misericórdia, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja de São Frei Pedro Gonçalves e a Igreja de São Francisco) (PIBID de História)	Manhã
Intervalo nas atividades para almoço e descanso	12h as 13h
- A Estação Cabo Branco Ciência, Cultura e Artes (Exposição de Xilogravura de Rubem Grilo) (PIBID de Letras Português) - Farol do Cabo Branco (PIBID de Geografia) - Forte Santa Catarina (PIBID de História)	Tarde
Objetivo geral	
Relacionar o tema estudado em sala de aula através de um diálogo com o transdisciplinaridade.	
Objetivos específicos	
- Oportunizar um conhecimento sistematizado da História da Paraíba por meio da Memória e do Patrimônio; - Propor um diálogo transdisciplinar na aula de campo com as disciplinas de Letras Português e Geografia.	
Avaliação	
Produção de um relatório sobre a aula de campo.	
Roteiro	Período
Centro Histórico da Cidade de João Pessoa (Basílica de Nossa Senhora das Neves, Mosteiro de São Bento, Igreja de Misericórdia, Igreja Nossa Senhora do Carmo, Igreja de São Frei Pedro Gonçalves e a Igreja de São Francisco) (PIBID de História)	Manhã
Intervalo nas atividades para almoço e descanso	12h as 13h
- A Estação Cabo Branco Ciência, Cultura e Artes (Exposição de Xilogravura de Rubem Grilo) (PIBID de Letras Português) - Farol do Cabo Branco (PIBID de Geografia) - Forte Santa Catarina (PIBID de História)	Tarde
Objetivo geral	
Relacionar o tema estudado em sala de aula através de um diálogo com o transdisciplinaridade.	
Objetivos específicos	
- Oportunizar um conhecimento sistematizado da História da Paraíba por meio da Memória e do Patrimônio; - Propor um diálogo transdisciplinar na aula de campo com as disciplinas de Letras Português e Geografia.	
Avaliação	
Produção de um relatório sobre a aula de campo.	

Fonte: Projeto Paraíba esse é o meu lugar.

O quadro acima foi apresentado como forma de organização das atividades da aula de campo tendo como lugar pesquisado a cidade de João Pessoa. Na Aula de campo, os alunos tiveram contato com o patrimônio arquitetônico a Praça Dom Adauto e suas adjacências construído pelas carmelitas provavelmente do século XVI. Esse patrimônio arquitetônico tombado pelo IPHAEP e IPHAN.

Nesta praça os alunos desenvolveram trocas de experiências nas quais o lugar visitado deu a oportunidade de enxergarem as informações contidas em seus livros paradidáticos sobre História da Paraíba. Dessa maneira os estudantes tiveram contato com arte Barroca no Mosteiro de São Bento, a igreja de São Francisco e todo Centro Histórico da capital Paraíba fizeram parte desta atividade que contou com a participação de outros grupos de licenciatura do PIBID. A aula de campo trouxe a oportunidade de discutir memória, patrimônio as missões religiosas, a urbanização da cidade e todo um conjunto de referência que antes estavam no livro didático e naquele momento se materializou para estes estudantes.

Foto 16 - Visitação a Capela de Oração.



Fonte: Arquivos do PIBID.

A foto 16 mostra os estudantes desenvolvendo as atividades na aula de campo em que na primeira foto fez parte da visita à Casa de Oração dos Terceiros chamada também de Capela Dourada que pertenceu a Terceira Ordem de São Francisco. Os estudantes fotografaram esse lugar, pois demonstraram admiração tendo em vista que toda ela é composta de ouro. Neste momento foram feitas anotações em seus diários de bordo e registros fotográficos.

Foto 17 - Visitação ao Forte Santa Catarina



Fonte: Arquivos do PIBID.

A foto 17 apresenta os alunos participando de uma atividade sobre a história do Forte Santa Catarina como também foi contemplado a visita do Farol do Cabo Branco em que os bolsistas de Geografia deram uma aula sobre a importância daquele lugar. E os bolsistas do PIBID de Letras Português levaram os alunos para uma exposição de xilogravura do artista Ruben Grilo.

Desta atividade relataram os bolsistas:

(...) trabalhar conceitualmente o que é o patrimônio histórico cultural (material e imaterial) e quais seriam as possibilidades de trabalho de ensino de história a partir dos conceitos de educação patrimonial. Os alunos também fizeram os levantamentos dos locais que seriam estudados, bem como desenvolveram roteiros de aula e as atividades que seriam desenvolvidas durante o passeio. (Relatório do PIBID – 2014)

Este relato, extraído dos relatórios do PIBID em 2014 destaca que os estudantes desenvolveram relatórios sobre os locais visitados. Neles, foram trabalhadas questões histórico culturais. Neste trabalho interdisciplinar houve troca de saberes entre as diferentes disciplinas envolvidas. Percebeu-se que os estudantes participaram do processo de construção e desenvolvimento das atividades na aula de campo, e da idealização do roteiro das visitas.

Entretanto, esse movimento exigiu dos bolsistas empenho para que esta aula conseguisse ser materializada. “Os alunos bolsistas fizeram também uma força tarefa para convencerem os alunos da necessidade da aula de campo, bem como viabilizaram os ônibus e a estrutura física necessária para viagens desse tipo, como, água e comida³³”.

Os alunos bolsistas ao estar desenvolvendo uma atividade de estudo do meio, perceberam que teriam que enfrentar diferentes situações que os desafiaram na intenção de atingir os objetivos planejados. Percebo que nesta atividade em alguns momentos os bolsistas alcançar aquilo que foi proposto e em outros momentos não. Desta forma, a realização de aulas de campo como estas exigiram planejamento que foram além dos conteúdos, passando pelo conhecimento dos estudantes, levantamento dos locais de visita, organização da viagem, alimentação e infraestrutura para receber os alunos.

3- Aulas oficina: O uso de Documentos para aprendizagem histórica

Ano de desenvolvimento: 2016.

Escola: E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo.

Turmas: alunos das três séries do ensino médio.

Esta oficina contou com a participação dos seguintes bolsistas do PIBID: Maria Aldeizy Ferreira Silva, Mirelly Maciel da Silva, José Thiago Silva dos Santos, Sandeilson Beserra Nunes e a professora supervisora Severina Gomes. Do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC): Diognnys Cardoso Estevam e da aluna do curso de História: Amanda Milka Xavier, representante do Núcleo de Documentação da Universidade Estadual da Paraíba.

Ela foi sugerida pelo coordenador de área do projeto, Professor João Batista Gonçalves Bueno, como parte de um outro projeto, que foi financiado pelo CNPQ. Este projeto de pesquisa era intitulado “**Ensino de História: o estudo das práticas de ensino utilizando documentos judiciais, periódicos impressos e narrativas orais**”. Neste sentido, esta oficina fez parte das investigações que foram desenvolvidas pelos professores e pesquisadores que participaram do grupo de pesquisa “Rastros: História, Memória e Educação”, e tem como sede o CDAPH da Universidade São Francisco (USF).

Foi uma pesquisa interinstitucional envolvendo cinco universidades: USF, Unicamp, UFSC, UEPB e UFT. As investigações contemplaram as áreas de Educação e História, com foco no ensino de História. Objetivaram produzir reflexões acerca das potencialidades do uso

³³ Essas informações podem ser consultadas no Relatório Final do PIBID de História da UEPB Guarabira 2014.

didático de documentos históricos provenientes do Poder Judiciário (Civil, Comercial e Trabalhista) na relação com periódicos impressos (jornais, revistas, almanaques) e narrativas orais.

A proposta foi desenvolvida por meio de experiências curriculares em diferentes escolas pertencentes aos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraíba e Tocantins, com o objetivo de compreender quais eram as possibilidades para a utilização didática dos documentos provenientes dos arquivos localizados nos respectivos espaços de atuação. As atividades desenvolvidas na UEPB contaram com a participação de dois professores de História que atuam duas escolas de nível fundamental e médio que tinham o projeto PIBID e eram localizadas na cidade de Guarabira.

Foram selecionados para o desenvolvimento de atividades didáticas diferentes documentos da Justiça do Trabalho, produzidos na década de 1980, e que se encontravam no Núcleo de Documentação Histórica da UEPB. Estes documentos registravam, entre outras questões, os conflitos trabalhistas originados por diferentes formas de exploração da mão de obra no interior da Paraíba. Partindo destas temáticas relativas à história local, os professores supervisores das escolas, juntamente com os licenciados bolsistas do PIBID, desenvolveram atividades didáticas que construíram correspondências com conceitos presentes nos currículos da disciplina História. Em especial, foram privilegiadas narrativas de trabalhadores que focalizavam as visões de mundo em que os mesmos apresentavam suas atividades em relação às condições de trabalho. Sob tais perspectivas, esta oficina buscou dar visibilidade à intrincada e complexa rede de questões inerentes à utilização de fontes da documentação da Justiça do Trabalho. Dentre os recursos didáticos que foram utilizados, destacam-se: o uso de diferentes fontes impressas, de filmes e imagens visuais.³⁴

Para participar desse projeto maior, a oficina pensada para ser desenvolvida em duas partes. A primeira trabalhou com o período do governo do Presidente Vargas e o *Estado Novo*. Período que foi promulgada da CLT. E no segundo momento, trabalhou-se com o período *Democrático do governo Vargas*, momento onde ocorreram tensões sociais, como a *Marcha das Panelas Vazias* e a *Greve dos 300 mil*, ambas em março de 1953.

Segundo os bolsistas:

Os documentos analisados foram encontrados no Núcleo de Documentação Histórica da UEPB (NDH), e foi a partir deles que se desenvolveram diferentes atividades de ensino relativas à temática da exploração do trabalho

³⁴ Este projeto foi aprovado pelo CNPq - 2018/2019. CNPq/ MCTI Nº 25/2015 Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

na História. Buscamos, dessa forma, aproximar o estudante do nível básico ao processo de análise e construção de narrativas históricas. (Relatório do PIBID – 2016)

A oficina foi pensada da seguinte maneira. Levou-se os estudantes até a UEPB para terem contato com os documentos do NDH. Este arquivo guarda a documentação proveniente de processos trabalhistas pertencentes a Justiça do Trabalho das cidades da região do Brejo Paraibano. O interesse da oficina foi de aproximar os estudantes da educação básica e conhecer outros espaços de aprendizagem para ampliar as visões de história contidas no livro didático em que com a colaboração e construção participativas do envolvidos com a atividade o estudante olhassem para os documentos no presente, buscando ressignificar o passado.

A utilização de documentos escritos possibilitou aos estudantes dialogarem com o passado a partir de questionamentos do tempo, além disso, passaram a perceber e a manusear outras fontes históricas.

Durante a visita ao Núcleo de Documentação Histórica – NDH da UEPB, foi possível ver a imensa quantidade do acervo, são processos trabalhistas de toda região do brejo e agreste da Paraíba, sobre as mais variadas situações, mas como nosso foco era a exploração, atentamo-nos a procurá-los. Conseguimos dois documentos que serviram de base para todo projeto. O intuito de usá-los em aulas do ensino médio não era de transformar os alunos em pequenos historiadores, mas que eles pudessem vivenciar, e enxergar como é a nossa prática, como é trabalhar com fontes e os cuidados com elas, de interpretação, de manejo, de responsabilidade (...). (Relatório do PIBID – 2016) (Grifos nossos)

Percebeu-se que não foi do interesse dos bolsistas ao realizarem essa ação em fazer os estudantes sentirem-se pesquisadores, mas que eles vivenciassem experiências diferentes daquelas em sala de aula, que normalmente eram caracterizadas por serem aulas expositivas, na qual utilizavam-se o livro didático e a lousa. Apresento abaixo alguns registros da oficina sendo realizada pelos estudantes e bolsistas.

Foto 18 - Estudantes conhecendo a massa documental do NDH.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 19 - Estudantes observam os processos higienizados.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotos 18 e 19 os estudantes foram levados aos locais em que se encontrava a massa documental do NDH, juntamente com a sala em que se encontra disponível para consulta os processos já higienizados. Essa exposição dialógica colaborou para que os estudantes pudessem entender qual era a função de se ter um arquivo e qual a importância destes

documentos históricos. A foto 14, apresentou aos estudantes novas formas de linguagens por meio da leitura de uma fonte Histórica, uma vez que, o documento pode gerar situações problemas.

Foto 20 - Bolsistas fazem a leitura dos documentos.



Fonte: Arquivos do PIBID.

A partir dessas leituras iniciais, foram feitas várias discussões e passou-se a selecionar e analisar os processos do TRT 13º Região do NDH-CH/UEPB com recorte temporal dos anos 80 e 90. A cada leitura feita pelos participantes da oficina selecionou-se documentos relacionando o tema que podiam ser trabalhados dentro da aula de História, como por exemplo: Era Vargas e as Leis Trabalhistas, com os diferentes tipos de trabalho desenvolvidos na região do agreste e as lutas trabalhistas femininas por melhores condições de emprego e salário.

O objetivo desta oficina foi construir, por meio dos autos findos da justiça, possibilidades da criação de versões sobre a história do trabalho da região de Guarabira por meio dos processos trabalhistas. Por isso, os bolsistas precisaram compreender como se davam as relações de trabalho na Paraíba durante as décadas estudadas, e como isto poderia ser aplicado dentro da sala de aula.

Dentre inúmeros processos localizados chamou a atenção o processo de M. R.M. um agricultor que reivindicava seus direitos trabalhistas perante a um grande fazendeiro local. Este empregador não o reconhecia como trabalhador, pagava salários com valor abaixo do valor mínimo estipulado pela justiça trabalhista. O processo cita que este senhor trabalhava mais de

oito horas diárias recebendo bem abaixo do valor do salário mínimo. Este tipo de exploração de trabalho estava muito próximo se fosse comparar com as formas de semi-escravidão ainda comuns atualmente em muitas fazendas das regiões Norte e Nordeste. Foi analisado o seguinte trecho que se encontra abaixo:

TEXTO DOCUMENTAL 1- O reclamante iniciou sua prestação laboral para o reclamado em 03 de outubro de 1990, em diversas fazendas do mesmo, tendo laborado até 10 de março de 1992, trabalhando na produção, da segunda a sexta feira as vezes aos sábados, do nascer ao pôr do sol e quando havia transporte. Que sua remuneração na produção não atingia o salário: mínimo da categoria e nem mesmo o nacional, uma vez que no ato da demissão recebeu uma última remuneração (...) Que trabalhava com o encarregado de turma de É., com quem ia e vinha do trabalho e dele recebia ordem, sob a orientação do fiscal do campo. Sua demissão, bem como de outros companheiros, inclusive do encarregado É., foi imotivada, razão porque passa a reclamar(...). NDH-CH/EUPB. Processo TRT-13 JCJ-Guarabira 1840/92 (Grifos nossos).

TEXTO DOCUMENTAL 2- Com relação a garantia salarial assegurada à categoria foi a base de 10% (dez por cento) nunca inferior ao salário mínimo, portanto, declina o postulante ter sido dispensado em março de 1992, época que o salário mínimo importava em Cr\$ 96.037,33 (noventa e seis mil, trinta e sete cruzeiros e trinta e três centavos). O salário do postulante representava a quantia de Cr\$ 105.641,06 e não o valor de Cr\$ 230.000,00, constante da inicial postulada pelo mesmo. NDH-CH/EUPB. Processo TRT-13 JCJ-Guarabira 1840/92.

Esses dois trechos, retirados de processos trabalhistas dos altos findos do NDH, foram utilizados para exemplificar como ocorriam as relações de trabalhos que de certo modo ainda são presentes. Ou seja, tomou-se o cuidado de retirar fragmentos dos processos que atendessem aos objetivos e que as informações contidas nos documentos trouxessem clareza para as explicações na aula. Esses dois trechos de documentos provenientes de processos da Justiça do Trabalho representavam, para os bolsistas, uma parte das histórias das formas de exploração de trabalho que ocorreram no interior da Paraíba.

Por exemplo, para os dois trechos do documento foi pensado as seguintes sugestões de trabalho para atividade:

Temáticas e questões de trabalho:

- a) O salário? O que é? Para que serve? Quando surgiram as relações de trabalho assalariadas?
- b) As relações de classe social? O que é a luta de classes?
- c) Os processos de resistência dos trabalhadores? Como se dão?
- d) Quando as leis trabalhistas entraram em vigor no Brasil?

e) Será que nos dias de hoje essas relações de exploração ainda ocorrem?

Quando se ler os processos do NDH, percebeu-se que práticas de exploração de trabalhadores eram muito recorrentes no período. Foi possível perceber que houve ações de demissão em massa de trabalhadores, as quais foram fruto da crise canavieira que ocorria na Paraíba nos anos finais da década de 1980 e início da década de 1990. No início da década de 1990 houve uma queda no número de empregos rurais e isto gerou diversos outros problemas como: diminuição do comércio nas cidades, o êxodo rural, o inchaço dos centros urbanos, a falta de saneamento básico nas cidades, a falta de moradias, a queda na renda da população e a acentuação da migração de trabalhadores rurais para o sudeste brasileiro. Além disso, várias indústrias ligadas ao ramo de cana-de-açúcar encerraram suas atividades.

Enquanto bolsista e participante desta oficina percebi pelos processos da Justiça do Trabalho que essa situação de crise no meio rural persistiu na Paraíba por quase toda a década de 1990. Constatei junto com os bolsistas em muitos processos do Judiciário que a crise no setor açucareiro era usada como justificativa para a dispensa dos trabalhadores.

A partir do entendimento desses processos foi possível discutir vários outros temas que estão interligados, como, por exemplo, a reforma agrária no Estado da Paraíba, as migrações e os movimentos sociais como MST e a CPT. Observou-se, também, que uma parcela dos trabalhadores rurais, excluída do processo produtivo, se organizou em torno do MST e da CPT, ocupando terras e levando o Governo a desapropriar milhares de hectares de imóveis improdutivos, dando origem a assentamentos rurais. Deste modo, enquanto regredia a fronteira da cana, expandia-se a fronteira da agricultura familiar reformada.

4- Aulas oficina: Literatura de Cordel como ferramenta de aprendizagem

Ano de desenvolvimento: 2012.

Escola: E.E.E.F. Antônio Benvindo.

Turmas: alunos da EJA

O projeto *(CON)VERSO, PENSO E APRENDO* foi realizado em uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Benvindo na ocasião participaram os seguintes bolsistas Aline Pereira Santiago, Francinaldo Augusto Gomes, Maria da Luz Rodrigues da Silva, Paulo Gracino da Silva, Roseane de Lima Santos e a supervisora Cláudia de Fátima Beserra Nunes em 2012.

Segundo relato dos bolsistas a oficina buscou os seguintes objetivos:

Os documentos utilizados foram revistas de Literatura de Cordel e a proposta de trabalho era narrar uma história pelos textos poéticos da literatura de cordel. Escolhemos esse tipo de documento procurando despertar o interesse dos discentes pela leitura, pois é sabido que a poesia tem o dom de atrair e encantar os leitores³⁵, não sendo diferente para os (as) alunos (as) do programa de Ensino de Jovens e adultos (EJA). Inicialmente, alguns conteúdos foram escritos por um integrante do grupo PIBID para o formato do cordel, visando estabelecer o primeiro contato entre os alunos e a poesia. No segundo momento, foram apresentadas algumas obras de poetas já consagrados como Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Resende, Patativa do Assaré e outros nomes que se destacam no cordel da atualidade, para que eles (as) tivessem noções básicas de leitura de documentos históricos. E por último, a nossa avaliação se deu por meio de uma aula oficina, onde as (os) integrantes das turmas puderam escrever um texto em forma de poesia. Na oportunidade, lembramos a todos(as) que o objetivo da aula oficina seria trabalhar com a noção de tempo histórico a partir de conceitos históricos e conteúdos disciplinares: Trabalho, escravidão, Democracia, Mitologia na Grécia Antiga e na Idade Média. Enquanto a elaboração da poesia seria apenas um recurso para atrair a atenção dos (as) participantes. (SILVA, *et al.* 2013, pg. 232)

A experiência teve como proposta buscar a interação entre todos os participantes e inserção da Literatura de Cordel como meio para estimular a leitura em uma turma de EJA que apresentou baixos índices de leitores. Diante dessa dificuldade e pela aproximação dos bolsistas com a Literatura de Cordel tentaram inserir ela dentro das aulas de História buscando encontrar meio que diminuíssem a distância entre os estudantes e o conhecimento histórico.

Diante do objetivo proposto os bolsistas fizeram os seguintes questionamentos: *Porque os alunos (da EJA) não se interessam pelos conteúdos de História? São os conteúdos ou os métodos de ensino que (não) atraem a atenção do alunado? Como fazer a ligação entre o passado histórico e a realidade dos alunos? A Literatura Cordel não estaria mais próxima da realidade dos alunos?* (Relatório PIBID, 2012/2013)

Os documentos para responder a estes questionamentos e construir uma aprendizagem histórica ativa e significativa foram folhetos de Cordel que traziam referências sobre o modo de vida e a cultura das pessoas que moram no nordeste brasileiro. Segundo (LIMA, 2006) a poesia tem o dom de encantar e atrair os seus leitores de qualquer faixa etária além disso os alunos são imergidos na cultura nordestina. Isso também se aplica aos estudantes do EJA que em grupo com os bolsistas passaram a criar cordéis ou versos visando um diálogo entre a poesia, História e os estudantes.

³⁵ Lima (2006) afirma que: “Além de estimular a leitura, estudantes de qualquer faixa etária terão contato com a legítima cultura popular nordestina. As experiências obtidas [...] nos autorizam a afirmar que a receptividade entre os alunos é excelente, sobretudo em atividades como leitura em grupo e até mesmo a elaboração dos novos folhetos entre os próprios estudantes” (p.14).

Segundo os bolsistas:

(...). Desta forma, a Literatura de cordel se apresenta como um dos mais importantes recursos metodológicos para a nossa realidade, uma vez que esse tipo de linguagem traz conteúdos inéditos a serem discutidos na sala de aula, além da sua importância para o despertar crítico por parte do alunado. A Literatura de cordel é riquíssima em conceitos e ideias, sem esquecermos a linguagem atraente no sentido de fazer a aproximação entre o aluno e o conteúdo. Ou seja, a Literatura de cordel é capaz de fazer com que o estudante possa sentir-se parte da História. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Ao analisar o relato dos bolsistas percebeu-se a importância de trabalhar com texto sobre cordel dentro de uma turma do EJA, na qual em sua grande maioria são estudantes que trabalhavam durante dia. Assim, trabalhar com a Literatura de Cordel foi a alternativa para trazer os estudantes para junto dos bolsistas, despertando neles o interesse por essa rica ferramenta didática que apresentou uma outra linguagem além dos apostilados do EJA e do livro didático.

Desta forma segundo os bolsistas:

Outro fator importante em relação ao uso do Cordel na sala de aula é que este tipo de linguagem pode ser utilizado tanto como recurso metodológico e didático, quanto como documento histórico e avaliação prática. Como recurso metodológico atrai os (as) alunos (as) pela sua construção poética e pelas estrofes³⁶ curtas e de fácil compreensão. No que diz respeito à sua utilidade como documento histórico é impressionante a riqueza de informações trazidas pelos poetas em seus folhetos. Já em relação à avaliação, podemos perceber como os alunos criam significados históricos através dos versos que eles compõem. (Depoimento dos alunos do PIBID da E.E.E.F. Antônio Benvindo) (grifos nossos). (Relatório do PIBID – 2012/2013)

O trecho mostra o cuidado que os bolsistas tiveram em fornecer uma linguagem mais fácil para os estudantes do EJA uma vez que o Cordel como recurso metodológico atraiu os alunos para construírem poesias com estrofes simples tendo como matriz temas históricos. Este exercício possibilitou a melhor compreensão destes alunos sobre a História além disso mostrou-se sua utilidade como documento histórico e a sua riqueza cultural apresentada por meio da sua linguagem popular.

Foi utilizado como leitura prévia em conjunto aos questionários a obra “Acorda Cordel na Sala de Aula”, do poeta Arievaldo Viana Lima (2006) por meio de uma leitura coletiva. Segundo os bolsistas o cordel sofreu menos resistências que as leituras das suas apostilas uma

³⁶ Uma estrofe é o conjunto de versos (ou linhas) que formam um trabalho poético, em geral com sentido completo.

vez que se trata de uma leitura mais fácil e comum na realidade dos estudantes. Consequentemente, a interpretação dessa linguagem mais próxima do estudante possibilitou uma leitura contextualizada da História além de permitir uma leitura mais livre e menos formal que o torna mais compreensível e interessante. Os bolsistas procuraram apresentar obras de poetas que possuísem uma linguagem mais fluida e próximas a realidade dos estudantes. Os cordéis utilizados foram dos seguintes poetas Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Resende, Patativa do Assaré e outros.

Ao consultar um artigo de 2013, feito pelos bolsistas que relatou essas experiências constatou-se que foi feita uma produção textual. Vejamos: “Vamos fazer poesias / Para a nossa satisfação / E o tema escolhido / É a nossa escravidão / Porque o trabalho escravo / É feito de exploração³⁷”. Os estudantes demonstraram uma postura crítica diante da realidade vivida pelos escravos e percebendo também a exploração da força de trabalho.

Em outras estrofes os estudantes escreveram: “A gente já estudou / E agora iremos mostrar / O que é escravidão / E do negro desmistificar. (...) No Brasil a escravidão / Se deu primeiros com os nativos / Que das ordens dos senhores / Fugiram e saíram vivos³⁸”. Se viu que os alunos conseguiram criar versos e compreenderem os objetivos da atividade em demolir os estereótipos que escravidão é apenas coisa de negro este trecho é complementado a partir deste No “Brasil a escravidão / Se deu primeiro com os nativos / Que das ordens dos senhores / fugiram e saíram vivos³⁹”. Mesmo que distanciado da teoria estética que o Cordel segue foi positiva a interação dos estudantes que conseguiram por meio do jogo de palavras fazer rimas que ajudaram assimilar o passado histórico reafirmando que outras raças como o índio brasileiro também foram alvos da escravização.

Em outro momento os bolsistas realizaram esta atividade no EJA do ensino médio agora trabalhou-se versos sobre Grécia Antiga que teve como temas como cidadão, cidadania, democracia e mitologia. Observou-se o desenvolvimento dos alunos no seguintes versos: “A gente já estudou / E agora vamos rimar / Fazer versos / Sobre a Grécia / E a sua História Mostrar⁴⁰”, percebeu-se um trecho que revelou uma informação importante em que o aluno

³⁷ Para mais informações ver em: SILVA, P. G, *et al.* Quando o conhecimento se transforma em poesia: uma experiência do Ensino de História e a Literatura de Cordel na sala de aula. **Desafios e perspectivas na profissionalização docente Pibid/UEPB** - v. 3 (Livro eletrônico). Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 231-245.

³⁸ Versos feitos por um Aluno do 9º do EJA Ensino Fundamental. Disponível em: PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2012-2013**. Dezembro de 2013. Guarabira, PB

³⁹ *Ibidem*

⁴⁰ Versos feitos por um Aluno do 1º do EJA Ensino Médio. Disponível em: PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2012-2013**. Dezembro de 2013. Guarabira, PB

falou “A gente já estudou”. Isso, demonstrou que este estudante ao passar a ser estimulado por uma metodologia com o Cordel e ao participar da criação destes versos com os bolsistas mostrou que ele já possuía um conhecimento prévio sobre o tema, mas que teve que ser estimulado pelos bolsistas.

Em outra estrofe examinou-se: “Na Grécia Antiga, o regime / Era uma tal Tirania / Que veio ter o seu fim / Pra surgir a Democracia” apresenta que os alunos apontaram a origem da democracia e relacionaram com o presente “Até os dias de hoje / Temos o povo no poder / Isso vem da Grécia Antiga / é o que podemos ver. Esse trecho apresentou que os alunos entendem que vivem em um país democrático e que a civilização grega trouxe um lastro do passado que é visto até os dias de hoje. Além disso, “A Democracia é um governo / Com o povo no poder / Que vem lá da Grécia Antiga / E até hoje podemos ver⁴¹”.

Nesse sentido e com a tentativa de ampliar o debate levou-se os estudantes a uma exposição de cordéis em uma parceria com o Serviço Social do Comércio – (SESC). A exposição *Pavão Misterioso 90 anos de História* em que tiveram acesso a cordéis e xilogravuras que foram expostas em homenagem a obra de José Camelo de Melo Rezende. Abaixo algumas fotos da visita dos estudantes.

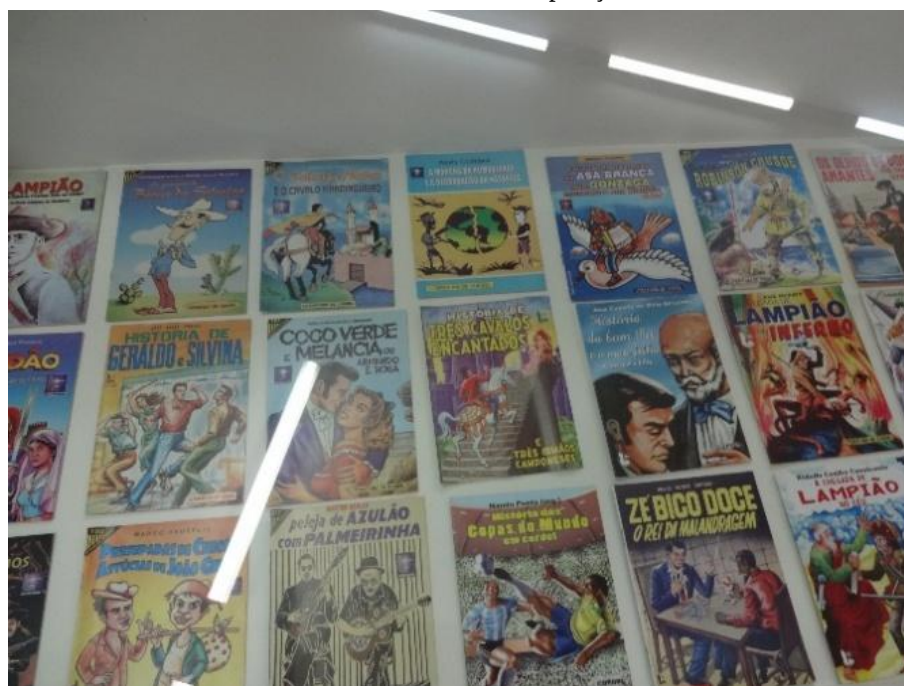
Foto 21 - Estudantes em visita a exposição.



Fonte: Arquivos do PIBID.

⁴¹ *Ibidem*

Foto 22 - Cordéis em exposição.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotografias 21 e 22, aproximaram os alunos também da História da cidade de Guarabira que foi um dos maiores centros de divulgação, impressão e publicação da literatura de cordel na década de 20 e 30 do século passado. Berço de cordelistas do quilate de José Camelo de Melo Rezende que nasceu em Pilõezinhos-PB, que na época era distrito de Guarabira, um dos maiores coderlistas brasileiros, criador da obra *Pavão Misterioso*. A obra foi tema de novelas, publicada em várias línguas. Os alunos conheceram também a história de repentistas⁴² como Manuel Camilo dos Santos que é também cordelistas que escreveu a obra *Viagem a “São Saruê”* cordel premiado que serviu de referência para o filme brasileiro *O Homem Que Desafiou o Diabo* de 2007.

Nessa oficina no PIBID que partiu da criação de um projeto dos bolsistas para os alunos do EJA noturno tornou-se significativo, pois revelou que além dos alunos envolverem-se com a criação de verso tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da história de Guarabira. Quando se decidiu trabalhar com Cordel estimulou-se aos estudantes buscarem mais a leitura, pois este tipo de poesia faz parte das tradições Nordestinas e conta parte da História da cidade. Ao experienciar o Cordel em sala os alunos apresentaram desenvoltura e existiu uma troca na

⁴² Um poeta popular improvisador que a partir de um mote faz um poema em forma de repente. Os poetas repentistas estão presentes na tradição oral da literatura e do cordel nessa forma de cantoria é muito comum o uso da Viola Dinâmica ou Nordestina.

qual os bolsistas ousaram diminuir o desinteresse destes alunos pela leitura oferecendo uma leitura de fácil acesso, simples e popular que faz parte do universo deles.

De acordo com os bolsistas:

Ficando perceptível a importância da literatura de cordel pela sua facilidade de atrair o leitor, fazendo a aproximação do aluno com os conteúdos históricos, sobretudo porque o cordel retrata a vida daqueles excluídos pela historiografia oficial, sendo um atrativo a mais para o aluno dialogar e se sentir envolvido com o passado histórico. (Relatório do PIBID – 2012/2013)

O trecho reforça que os bolsistas conseguiram atingir o objetivo por meio dessa linguagem fácil que aproximou os alunos e os fez despertar para leitura com o auxílio dos bolsistas. Assim, sendo por meio de trocas e acordo estes estudantes criam o hábito de ler e interpretar o período histórico trazendo para aula características que se aproximaram de uma aprendizagem ativa. Mesmo que não tenha ficado claro no relatório sobre os estudantes conseguiram atingir os objetivos da oficina ou uma parte deles essa atividade apontou caminhos que possibilitaram uma aprendizagem mais próxima do alunado e significativa.

Considerações Parciais

Estas considerações parciais oferecem ao leitor uma perspectiva sobre as oficinas que os bolsistas desenvolveram que demandaram um levantamento bibliográfico sobre as metodologias de Ensino de História. Foram lidos artigos científicos publicados para se compreender Cultura Escolar e Educação Histórica bem como texto de como desenvolver na prática estas oficinas, atividades do PIBID. Todas as oficinas, aula de campo foram desenvolvidas após um longo processo de aprendizagem pelo aluno bolsista, tiveram que errar e corrigir suas atividades como foi visto no capítulo dois para chegarem a processos de ensino-aprendizagem que tinham algum significado para a vida dos estudantes.

Além disso foi experienciado a utilização de documentos históricos dentro das possibilidades possíveis em que os bolsistas puderam atingir os alunos. Esse momento trouxe a possibilidade dos participantes de manusear nas aulas de História documentos, logo não se trata de uma visão de passado pelo passado, mas compreender as linguagens do documento e combinar as informações com as que os alunos tinham.

Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder às indagações e às problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado (...) No

entanto, é preciso deixar-lhe claro que o uso de documentos históricos em sala de aula, em nenhum momento, poderá ter a função de transformá-lo em historiador ou substituir a intervenção do professor no processo de ensino-aprendizagem. (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 117)

O trecho das autoras demonstrou que não se deve tratar os documentos não como um fim em si mesmo, mas estabelecer um diálogo a partir do instrumento no qual fez ir além do ensinar História. Como foi dito pelos bolsistas não foi intenção de transformar esses alunos em historiadores e nem substituir os professores, mas tornou-se viável o uso do documento a partir do momento que se procurou para ampliar e diversificar a aprendizagem histórica e levar os alunos a terem acesso a outras fontes de conhecimentos histórico.

Desta maneira todos foram chamados a participarem e aprender a ler os documentos destacando suas limitações onde errou ou acertou. A partir de atividades de pesquisa como estas que inseriram fontes históricas que envolveram bolsistas, estudantes e professores em que se percebeu a existência de um grau considerável de deficiência no que diz respeito ao Ensino de História na Educação Básica.

Compreendo que neste momento as oficinas se apresentaram mais organizadas tendo em vista as experiências adquiridas em outras atividades. O ato de estimular os alunos foi mais presente que nas outras oficinas apresentadas que permitiram aulas de História mais interessantes, além de despertar neles a capacidade crítica como a forma de encarar informações.

Vejo de modo positivo o uso do Cordel como ferramenta didática que contribuiu para uma educação voltada para as dificuldades dos estudantes, e quanto mais eles foram se sentindo seguros para construir com os bolsistas seus versos foi possível gradativamente estimular o gosto pela leitura. Desta forma, viabilizou-se aos alunos apresentarem questionamentos que os levaram a refletir e relembrar assuntos que eles já tinham estudado esse movimento os fez perceber a sua capacidade crítico-reflexiva.

Iniciativas como estas relatadas neste capítulo fizeram parte de um processo que estimulou o desejo de aprender seja dos alunos ou dos bolsistas em que se misturaram práticas novas e antigas. Ainda que seja possível enxergar dificuldades existiu momentos que se desenvolveu uma aprendizagem ativa que contou com a participação direta do alunado e houve momentos que este processo foi falho e o que se conseguiu foram apenas aproximações desse processo de aprendizagem. Esse processo de assemelhação deve se apresentar, pois nem sempre é possível chegar a ele, afinal os bolsistas passaram pela condição de aprendizes em processo de formação em que erros na aplicação da teoria e prática formavam parte do processo.

Entendo comum que se tenha dificuldades em um processo de formação docente de não conseguir ser claro na exposição da teoria e da prática. Afinal se esta experienciando um processo que exigiu dos bolsistas o desejo de aprender e aceitar partilhar experiências, isto é, mesmo na incidência de momentos de frustrações também se aprende.

Entretanto, não quero dizer que o PIBID foi uma panaceia curou todos males do processo de aprendizagem e da formação docente e que os problemas só foram vistos pelo programa. É necessário o cuidado com os discursos solução para tudo do PIBID que possa até que eu tenha cometido neste escrito, caso sim me desculpo. Alerto que há críticas a serem feitas ao programa, mas os seus benefícios foram maiores pois é aceitável que durante um processo se apegue a discursos próximos das nossas subjetividades, mais agradáveis aos ouvidos. Na incidência de um processo em que os bolsistas se empenharam para atingir métodos que envolveram não só alunos como todos os participantes do processo.

Em sentido amplo, que o aprendizado ativo incluiu todo o processo que aconteceu dentro da sala de aula se tiveram resultados positivos apresentados pelos relatórios dos bolsistas apontaram que os estudantes aprenderam ativamente, porque participaram da aula e conseguiram lembrar o que foi falado. É claro que se estas oficinas ou aulas de campo trouxeram formas de estudar História que mobilizaram os alunos, situação essa que era quase impossível quando se coloca o alunado em fileiras e falar por horas repetidamente. Entretanto, se houver esforço do professor em realizar uma atividade sob tais condições e que ele demonstre criar conexões e abra espaço para o aluno construir, também pode ser que se chegar próximo de uma aprendizagem ativa.

Reconhecer que se fracassou em nossas práticas é sinal que se está aprendendo e que neste processo não se deve excluir do ensino uma abordagem tradicional. Isso ficou claro quando foi visto os alunos se engajarem quando se passou a fazer mudanças sutis nas aulas, nos métodos, nas avaliações fato que pode ser atestado quando se olhou para os documentos que estão neste capítulo.

Entendo que um processo de formação docente que contemplou formas de ensinar variações didáticas como a utilização de ferramentas metodológicas para se atingir uma aprendizagem ativa ou oferecer ao alunado uma aula de História que contextualize os conteúdos sob a luz do presente. Isso contribuiu, para o desenvolvimento, a colaboração, autonomia e protagonismo indispensáveis diante dos desafios e exigências da sociedade do século XXI, que promovam uma educação integral. E que esse movimento passe a diminuir a fragmentação disciplinar e preparar o estudante para resolução de problemas e alcance e oriente a sua própria aprendizagem.

No caso do ensino de História, tantas décadas de debate permitiram um alargamento infinito de temas e materiais para sua realização, em consonância com a pesquisa histórica num passeio pelas ruas, numa visita a um terreiro de candomblé ou numa partida de futebol, para não falar em museus, arquivos, cinemas, teatros e similares. Agora, precisamos garantir que sujeitos e recursos clássicos de seus estudos estejam aliados a essa liberdade: professores, salas de aula e de leitura, bibliotecas. (SILVA; FONSECA, 2007, p. 130)

Ao buscar referências nesses autores que abordaram o ensino de História nos dias atuais em que suas análises se tornaram relevantes para nos ajudar a compreender a importância de encontrar saídas nas novas metodologias para o ensino. A grosso modo, apresentou-se um ensino que trouxe o local, o particular, o cotidiano no qual foi dada a oportunidade dos alunos do PIBID, vivenciar e observar a cultura material e imaterial.

Nesse processo de observar a escola e de se envolver com a teoria e a prática deparou-se com diferentes situações e realidades multifacetadas, circunstâncias essas que desafiaram como também ensinaram. Exigiu-se, olhar com maior atenção aos detalhes do processo de realização de uma aula, as conversas paralelas dos alunos que contemplaram outros temas como violência, agressão, drogas que fizeram o professor se reinventar para abarcar esses temas correlacioná-lo com as aulas de História.

A formação profissional do professor voltou-se para discussões que refletiram sobre o processo de construção e reconstrução do currículo vivido nas escolas que foi muito além do currículo prescrito por normas e procedimentos. Ao ampliar suas habilidades profissionais implicou em um desafio para que a sua formação alcance as demandas sociais do século XXI.

Além disso, procurou-se fugir de uma perspectiva livresca ou tentar diminuir as reproduções constantes de conceitos e pontos de vista despidos de uma historicidade. Nestas oficinas após um longo processo de criação coletiva das lições tomadas pelos equívocos foi visto que o aprender para além da sala de aula exigiu reconhecer o papel da sala de aula.

Perceber a importância dos professores no processo de ensino em que se tinha juventude e experiência juntos através do PIBID na criação de alternativas para aprendizagem histórica. E mesmo que após o professor supervisor ou o aluno bolsista não esteja mais participando do Programa as experiências acumuladas quando fizeram parte do Programa permaneceram neles, mesmo que ainda aplique métodos tradicionais as suas aulas. Uma vez que, existi a dificuldade de sair dos métodos tradicionais o que agora provavelmente ele pode fazer é variar a sua prática nas aulas de História.

(...) O objetivo da disciplina não é ensinar as coisas, dar conta de uma grande lista de conteúdos estabelecida por alguém em algum momento no passado. O objetivo maior é formar a capacidade de pensar historicamente e, portanto, de usar as ferramentas de que a história dispõe na vida prática, desde as pequenas até as grandes ações individuais e coletivas. (CERRI, 2011, p. 81-82)

Assim ao trazer nossas experiências e reforçar com a fala de autor apontou-se não apenas para o processo de valorização, mas intervir no processo de construção da teoria e da prática no desejo de fazer os estudantes pensarem historicamente. Nessa ocasião se deve considerar as várias possibilidades de abordagem da História para que seja possível compreender os processos de aprendizagem escolar histórica.

Portanto, os desafios deveram ser superados para que se possa alcançar ou aproximar-se de métodos ativos de aprendizagem e estimular cada vez mais estes alunos. Mas além disso, fez necessário a promoção de políticas públicas como o PIBID, que investiram a formação continuada dos professores além de valorizar o seu trabalho e conhecendo melhor como se organiza, se planeja e se relaciona com seus pares.

Considerações finais

Como intelectual crítico e transformador, o professor, tem função não somente de lançar habilidades técnicas, mas também de situar tais habilidades nos contextos político, social e econômico, dentro dos quais operam. Acima e além das habilidades técnicas, os professores investigam os valores que sustentam os objetivos, os quais essas habilidades técnicas buscam alcançar. (PAIM, 2005, p. 142)

As pesquisas desenvolvidas no PIBID, aqui relatadas, partiram da ideia de que as produções dos conhecimentos históricos nas escolas públicas de educação básicas não podem limitar-se aos conhecimentos e as orientações encontradas nos livros didáticos. Entendo, e como afirmado anteriormente, que muitos professores permanecem mantendo seus planejamentos baseados nos livros didáticos. Notou-se também, que grande parte dos professores de História fazem o uso somente do livro didático, pois tem pouco tempo para construir seus planos de aula, devido à grande carga horária assumida por eles. Dessa forma, suas aulas ficaram limitadas a apenas um tipo de versão histórica, a do livro didático.

Reconheço que quando os professores ensinam baseados apenas na leitura do livro didático são limitadas as capacidades de um ensino significativo (AUSEBEL, 1980), isto é, seus objetivos limitaram-se desenvolver um processo de ensino aprendizagem racional e objetivo. Por outro lado, ao se envolver com o PIBID aprendeu-se a manejar diferentes instrumentos para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem que revelaram que teoria e prática andam juntas.

Acredito ter chegado ao fim desta escrita com a sensação de ter cumprido o que me propus investigar. Observei os documentos oficiais acerca do PIBID desde do seu processo de criação investiguei como a educação é tratada no Brasil e os vários campos de disputa que ela permeia. Percebi como os momentos de instabilidade trouxeram reflexos para o desenvolvimento das atividades do PIBID. A escola e seus primeiros contatos com o programa os acordos preparações para escolas da educação básica da Paraíba e universidades para participar do PIBID.

O que alavancou o PIBID e seus projetos foi resultado de políticas públicas de impacto que colaboraram na inserção de jovens nas licenciaturas como a ampliação das mesmas. As parcerias estabelecidas entre as universidades para poder participar do programa a ampliação de bolsas e conseqüentemente a maior quantidade de trabalhos feitos.

Foi visto gradativamente a retirada de recursos do programa além cortes de gastos momento delicado para o PIBID que teve suas ações paradas por um bom espaço de tempo. Foram momentos de tensão de incerteza, mas que não se pensou na educação como instrumento de mudança da sociedade, mas sim como segundo plano para as propostas legislativas no Brasil. Tais circunstâncias foram mal digeridas e dificultaram muito a evolução do PIBID.

Reconheço o quanto as atividades do PIBID trouxeram benefícios para o processo de formação docente, seja nos momentos em que se experienciou novas formas de aprender fazendo ou nos momentos que se falhou na execução das atividades. Dessa forma, foi compreensível dizer que se ampliou formação de docente dentro das possibilidades de construções metodológicas de ensino de História. Foram desenvolvidas diferentes abordagens temáticas que utilizaram desde documentos históricos até variados recursos audiovisuais e tecnológicos. Além disso foi visto que as propostas desenvolvidas neste programa de formação, se concentraram nas metodologias de resolução de problemas, os quais deveriam partir do presente e que se articularem aos conhecimentos prévios dos estudantes.

Ao longo das atividades desenvolvidas pelo PIBID, observei que os estudantes tiveram a possibilidade e flexibilidade de levantar hipóteses sobre os temas propostos, puderam aceitar ou rejeitar temas que contribuíram para as construções e explicações para o ensino de História. Esse processo de criação das atividades passou pelas trocas de experiências que foram desenvolvidas de maneira coletiva que amplificaram as explicações históricas que associavam os saberes das experiências de vida dos estudantes das escolas básicas com os bolsistas eram cotejadas pelas fontes históricas.

O desenvolvimento desta escrita procurou investigar alguns dos caminhos pelos quais os bolsistas do PIBID, subprojeto História da UEPB Guarabira, fizeram aproximações entre as teorias Histórico-pedagógicas e as práticas de sala de aula. Além disso, dentro de suas características o PIBID e seus participantes desenvolveram na sala de aula sequências didáticas que se assemelhavam em alguns momentos com alguns pressupostos dos métodos ativos de aprendizagem histórica.

Compreendo que com base nos relatos foi possível afirmar que a inserção dos bolsistas no contexto escolar possibilitou a compreensão das peculiaridades da profissão docente em que se configurou pela prática social concreta dinâmica, multidimensional e interativa. Ou seja, o objetivo trabalho docente são os seres humanos (TARDIF, 2014). Contando como a orientação do coordenador de área e apoio das supervisoras os bolsistas observaram, planejaram e participaram de situações de ensino variadas. O PIBID não tratava apenas da inserção do bolsista nas escolas públicas, mesmo sendo esse um dos seus objetivos, ele foi além disso.

Dentro das suas possibilidades procurou diminuir os espaços de construção de uma aprendizagem fragmentada, se aproximando da concepção coletiva de ensino-aprendizagem. Em conjunto com coordenadores, bolsistas, supervisores, estudantes e as escolas foi possível identificar problemas nas turmas, suas características, seus gostos peculiares e dentro daquilo que fosse possível encontrar saídas para solucionar os problemas. Diante disso, foi compreensível afirmar que o PIBID buscou encontrar metodologias criativas dentro da nossa própria realidade e por meio delas e diálogo coletivo oportunizar uma aprendizagem significativa para os estudantes da educação básica.

Diante disso, os bolsistas em formação encontraram no PIBID um lugar de reflexão do ofício da docência de modo permanente e articulado em que as trocas de experiências constituíram um caminho mais participativo para aprendizagem histórica. Ao se envolver com o processo de formação docente tendo como lastro o PIBID deu margem para considerar que a criação de atividades didáticas originais e contextualizadas é possível.

Essa política pública educacional possibilitou aos professores inseridos nas escolas públicas uma formação continuada e também colaborou para que futuros professores em formação docente pudessem adquirir experiência praticando o ofício da docência. Essa maior interação entre os espaços universitário e escola implicou no repensar a prática docente, pois a estrutura de funcionamento do PIBID envolveu vários professores que contribuíram para a formação de graduandos que iram atuar na Educação Básica. Simultaneamente o Programa incorpora os profissionais que já atuam nos níveis de ensino sendo estes colaboradores na troca de experiências e na criação coletiva de conhecimento.

Em relação a estas experiências destaco o relato bolsistas Maria da Luz Rodrigues da Silva bolsista no ano de 2013, que atualmente é professora:

O PIBID me proporcionou visualizar as situações reais e as dificuldades encontradas em sala de aula pelos professores, por exemplo como trabalhar: com os planejamentos, com as salas mal estruturadas, com a diversidade dos alunos, com as problemáticas da própria escola. Fatores esses que puderam me mostrar à rotina escolar, e como também criar em mim um desejo de mudança na minha forma de ver a sala de aula.[...] as minhas observações fizeram eu enxergar quais são as questões que envolvem a rotina da escola, e, isso contribuiu para que eu possa enfrentar de forma mais segura a sala de aula. (Depoimento de Maria da Luz Rodrigues da Silva - Julho de 2013) (Relatório do PIBID – 2012/2013)

Segundo ela relatou a possibilidade de vivenciar situações reais da escola, destacou os planejamentos, a estrutura a diversidade e quantidade de alunos. Além disso, passou a ter um contato com os hábitos da escola e de criar nela um desejo de mudança de enxergar a sala de

aula. O PIBID possibilitou um encontro dela com diversos atores que constituem o ambiente escolar e que pensam educação, despertou nela o desejo de esperança e confiança na possibilidade de trocas de ideias voltadas para educação pública de qualidade.

Em reforço a fala da bolsista apresento o depoimento da professora supervisora Miriam Solange da Costa Freire que participou do PIBID de 2012-2016:

Em meus 26 anos de magistério na rede Estadual, pude provar de várias experiências empíricas que me serviram como aprendizado prático, racional e aplicável. Por isso, é inegável a necessidade de se estar em contato constante com o conhecimento científico do ensino de história, seja relembando métodos e teorias, como também absorvendo novos conhecimentos que foram sendo construídos ao longo dos anos desde que me formei professora de História. Neste período do Projeto PIBID, fizemos de tudo para entusiasmar o aluno da escola fundamental, desde teatro, até o uso de trilhas do conhecimento.”. (Miriam Solange da Costa Freire, 2013) (Relatório do PIBID – 2014)

O relato da supervisora ratificou e aproximou-se das experiências contidas no relato da bolsista foi visto que neste trecho foram apresentadas informações que permearam as análises desta dissertação e que ao longo de sua participação a supervisora experienciou vários conhecimentos que serviriam para aprendizagem prática. Observei que ela enfatizou a importância de estar em contato com conhecimento histórico e reavivar métodos e teorias de aprendizagem que enriqueceram suas experiências como professora.

Outro depoimento que chamou atenção foi da professora supervisora Cláudia de Fátima Beserra Nunes que participou do PIBID no ano de 2013:

Deste seu início, o PIBID, avançou a passos gradativos dentro da escola, conquistando desde Direção, professores, funcionários e alunos e isso repercutiu na instituição como um todo, pois o contato dos acadêmicos com os alunos favoreceu que eles construíssem conhecimentos que se aproximassem da vida cotidiana do aluno, numa perspectiva crítica. Apesar de pegar este projeto já em andamento vejo uma evolução positiva no conhecimento do aluno, pois o mesmo se torna sujeito do aprendizado. Apesar de uma “bagunça” que o PIBID fez em nossas práticas de aula, que estavam cristalizadas, ajudou e muito na evolução do conhecimento dos alunos. (Depoimento da Professora Claudia de Fátima Bezerra Nunes). (Relatório do PIBID – 2014)

A supervisora reconheceu que existiram aproximações entre o aluno bolsista do cotidiano escolar das possibilidades de abordagem crítica da aprendizagem. Ainda mais, a professora entendeu que sua prática estava cristalizada e que as ações do PIBID trouxeram mudanças tanto para teoria quando para prática.

Outro relato foi da professora supervisora Severina Gomes que participou do PIBID nos anos de 2012 a 2016:

O processo de colaboração pedagógica por parte dos “pibidianos”, realizados semanalmente com grupo de estudos e o contato direto com os alunos, colocando os conceitos teóricos que aprenderam nas universidades em prática, usando cada vez mais inovações tecnológicas mostrando as diversas interpretações históricas, veio estimular cada vez mais o alunado. Já é perceptível alguns avanços qualitativos por parte de alunos na sala de aula. O papel do PIBID na escola é também fazer esse vínculo entre educação superior e educação básica nas escolas públicas, levando novas ideias e criando aulas inovadoras num trabalho colaborativo. (Depoimento da Professora Severina Gomes) (Relatório do PIBID – 2014)

A supervisora focou nas aproximações entre os conceitos teóricos que foram apreendidos na universidade e foram postos em prática na escola. Além disso ela destacou a aprendizagem que ela teve em relação ao uso de novas tecnologias em sala de aula. Para ela a implementação destas ferramentas estimulou o alunado a participar das nossas aulas. Assim, ela destacou a importância de aproximar educação básica e educação superior, pois isso contribuiu para a trocas de experiências e para que se realizasse a construção de atividades mais participativas.

Ao analisar estes relatos das supervisoras e da bolsista percebo que elas entenderam que o PIBID aproximou os saberes da Universidade com os saberes da educação básica como também possibilitou aos futuros professores experienciar o cotidiano da profissão docente. Estes relatos apresentaram por meio dos pontos de vista das supervisoras que o PIBID, favoreceu aos professores passarem a reavaliar sua prática e como os alunos encaravam as aulas de História. Assim sendo, o Programa ajudou a estimular os alunos para participarem com mais frequência das aulas de História, e isso, tornou-se possível, pois passou-se a diminuir a centralização de ações no docente, passando a construir coletivamente as atividades, estimulando o interesse pela disciplina.

O processo de formação docente acompanhado pelo PIBID, em que trocas de experiências foram constantemente entre alunos bolsistas e superiores tornou-se um rico espaço para pensar na profissão e o seu exercício. Conforme se errava aprendia-se com os erros e deles eram tiradas lições para que fosse possível progredir gradativamente no processo de consolidação do Ensino de História dentro da escola.

Como foi visto o repertório dos bolsistas do PIBID foi variado isso foi resultado de pesquisas, leituras de artigos, e livros, planejamentos para as aulas, trocas de experiências

reuniões com o coordenador de área para debates de textos teóricos. Ou seja, estes movimentos que antecederam as atividades do programa na escola foram resultados de construções coletivas que demandaram um lastro teórico para que fosse possível construir as atividades e desenvolvê-las na prática. Esses desdobramentos de aproximação com os objetivos institucionais proposto, principalmente ao que se refere incentivar o magistério, integrar Universidade e Escola a contribuírem na elaboração de práticas curriculares inovadoras.

Apesar do esforço de mudança em um primeiro momento quando se analisou atividades como História e Literatura, discussões sobre Pré-conceito Racial e Escravidão, a visão da mulher na Primeira Guerra Mundial e o Diário de Notícias. Não foi possível atingir todos os objetivos propostos e estas atividades trouxeram ensinamentos para que os bolsistas pudessem progredir no processo de experienciar a prática docente dentro de um processo de formação. Por outro lado, os erros cometidos neste processo ajudaram a eles desenvolverem habilidades para reconhecer quando uma atividade apresentasse problemas. Apesar de terem cometido equívocos inicialmente em algumas oficinas isso fez parte do processo de amadurecimento da formação destes docentes.

Por outro lado, as atividades de Mitologia grega, Estudo do meio, Documentos, Literatura de Cordel deram melhores resultados devido ao processo de experiências obtidas anteriormente resultado do processo de amadurecimento destes bolsistas. Estes ensinamentos partiram dos erros experienciados e da capacidade dos bolsistas em detectar erros subsequentemente supera-los. Desta forma, chegar próximo ou atingir em partes a metodologia ativa em que o aluno foi protagonista no processo de aprendizagem histórica quando passou-se experienciar os erros em atividades passadas e que agora se estava melhor preparado para enfrentar os problemas e supera-los. Isso revelou que o PIBID foi um processo contínuo de aprendizagem em que se aprendeu errando e ajustes foram necessários para chegar próximo dos objetivos nas atividades.

Apresento abaixo algumas imagens que retrataram momentos de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo PIBID nas escolas de educação básica em Guarabira na UEPB. Os trabalhos divulgados na Universidade tiveram a intenção de levar para outros licenciados e a comunidade acadêmica as ações desenvolvidas pelos PIBIDs nas escolas como forma de divulgação e troca de experiências entre participantes e não participantes do programa. Esse processo de sociabilização foi pensado em parceria com os estudantes das escolas que participavam do programa, sendo assim eles apresentaram os trabalhos os quais ajudaram a construir.

Foto 23 - Estudante da educação básica apresenta trabalho desenvolvido pelo PIBID.



Fonte: Arquivos do PIBID.

Foto 24 - Exposição de materiais confeccionados pelo PIBID na UEPB.



Fonte: Arquivos do PIBID.

As fotografias 23 e 24 apresentam alguns dos materiais que foram feitos dentro das ações do PIBID em que se levou os alunos das escolas para apresentar os trabalhos que foram confeccionados no Programa. Esse exercício serviu como uma troca de experiências para os estudantes que tiveram a oportunidade de ir à universidade e expor os trabalhos que foram

devolvidos coletivamente. Dessa maneira, percebi que os estudantes da educação básica ao apresentarem atividades realizadas por eles com a colaboração de bolsistas e supervisores foi uma ação exitosa que os estimulou através das apresentações experienciar novas formas de aprender.

Ao refletir sobre o processo de formação docente passou-se a repensar o Ensino de História e suas múltiplas matrizes. Por meio das experiências, memórias, diálogos e da prática experienciou-se as múltiplas realidades contadas no trabalho docente e que se está constantemente experienciando modos de pensar e agir em sala de aula. Sobretudo percebi que dentro das suas possibilidades o Programa não se limitou apenas as ações dentro da educação básica. Aos poucos, ocorreram a integração de estudantes em projetos a reflexão de professores e futuros professores que passaram a discutir sobre o seu ofício cotidianamente os desafios e aprimorar as suas habilidades e potencialidades e adicionar novos saberes adquiridos.

Desta forma compreendo que os estudos do sobre o PIBID estão abertos e sujeitos a análises e reflexões por pesquisadores. Este trabalho buscou ampliar os estudos sobre o programa e a formação de professores em que não se limitou apenas analisar a formação pela formação, mas perceber os caminhos que se apresentaram e o processo de formação de aprendizes na docência. O trabalho ainda não está fechado merece críticas e futuramente ampliações e novas discussões podem surgir. Por isso, procurei apresentar atividades desenvolvidas pelo PIBID que apontaram direções para uma formação docente pautada nas construções de saberes históricos coletivos e que o processo de experiência seja base no aprimoramento dos seus saberes como futuros professores.

O PIBID apontou caminhos para atingir uma formação docente equânime, crítica, humanizada e igualitária tendo a responsabilidade de conviver e dialogar com os métodos tradicionais do Ensino de História sem abandoná-los, mas saber antes de tudo utilizá-los com as devidas ponderações. Uma formação docente que se propôs a diminuir os espaços entre a Universidade e a Educação Básica tendo como eixo a inserção de futuros professores dentro da educação básica que viabilizou relações de troca de experiências e saberes no exercício da docência.

Dessa maneira, “[...] a experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo processo educacional” (THOMPSON, 2002, p. 13), são elas que modificaram e enriqueceram o PIBID. Foram as experiências do PIBID que colaboraram para mudança na nossa formação docente. Compreendo que a participação de jovens professores no PIBID trouxe consequências positivas que colaboraram para compreender o funcionamento das

relações dentro da escola, e a pensar em um Ensino de História que se empenhou na problematização do conhecimento e não os considerar como verdades absolutas.

Nesse sentido os conselhos dos professores, supervisores, mais experientes serviu de guia para melhor compreensão da aprendizagem do que é fazer-se professor. Só após se distanciar do PIBID, percebi que se deve valorizar mais os professores que ali estiveram e que alguns momentos de desconforto no processo de construção das atividades podiam ser evitados se os bolsistas fossem mais sensíveis. Ao passo que quando os bolsistas pensavam em realizar uma atividade e os professores apontavam que isso ou aquilo não dava certo os bolsistas insistiam e não ouviam as experiências dos professores, supervisores. Resultado os bolsistas se sentiam desafiados pelos supervisores e se metram em vários momentos irreduzíveis e isso acabava ocasionando desconfortos. Assim, mesmo sem a chancela dos professores se fazia e o resultado, acabava fracassando ou não atingido os objetivos propostos. O ato de não ouvir os conselhos dos mais experientes também ensinou esse exercício de ouvir os mais velhos ampliou a capacidade de entender o ofício da docência e o seu processo de formação.

Assim, por mais que o PIBID não tenha conseguido diminuir os índices de evasão nas licenciaturas e tenha se aproximado das universidades rapidamente e a falta de conhecimento maior de professores e participantes seria natural que ocorressem imprevistos. Logo sua implementação colaborou para condução da valorização os professores da educação básica além de fornecer uma formação docente mais ampla e sólida para os licenciandos.

Dada as devidas proporções o PIBID foi um espaço de trocas experiências para formação inicial e continuada de professores. Além disso, serviu como instrumento de comunicação entre educação básica e a universidade fortalecendo a articulação entre o ensino e a pesquisa por meio das atividades desenvolvidas.

Referências:

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. Trad. Eva Nick. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

ARAÚJO, Emanuella Bezerra de Oliveira; NASCIMENTO, Mayanne Mauricio do. A Paraíba de 1930: Uma história a ser ensinada a parti da figura feminina de Anayde Beiriz. **IV Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**. Campina Grande, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/Modalidade_1datahora_20_10_2014_18_46_10_idinscrito_370_a2d07292a1d268fcb74cad33ad4f87a5.pdf>. Acesso em: 20.02.2019.

ARAÚJO, Emanuella Bezerra de Oliveira. *et al.* As relações de Alteridade entre o saber histórico e a didática. **I Congresso Nacional de Educação - CONEDU**. Campina Grande, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_08_2014_14_42_05_idinscrito_1603_eaaedd63eb22c84d227a3e9a5877e840.pdf>. Acesso em: 20.03.2019.

ARAÚJO, Emanuella Bezerra de Oliveira; BUENO, João Batista Gonçalves. Problematicando olhares sobre o ensino de história e o PIBID: Oficina sobre o tema gênero e diversidade no Antigo Egito. **V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA6_ID176_05072015123158.pdf> Acesso em: 20.03.2019.

ARAÚJO, Emanuella Bezerra de Oliveira. *et al.* As mulheres de Shakespeare: Uma releitura do Medievo com base na Literatura e História. In. **II Congresso Nacional de Educação - CONEDU**, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA1_ID310_01092015161053.pdf>. Acesso em: 09.03.2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História, fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BRASIL. Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências, Brasília-DF**, junho de 2010. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7219-24-junho-2010-606872-norma-pe.html>>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. **LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação, Brasília-DF**, dezembro de 1996. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/529732>>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. **CAPES/DEB. Relatório de Gestão 2009-2014**. Disponível em: <[Http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf)>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. **CAPES/DEB. Relatório de Gestão 2015.** Disponível em: <[Http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Contas_Publicas/2015_Relatorio_de_Gestao.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/Contas_Publicas/2015_Relatorio_de_Gestao.pdf)>. Acesso em: Acesso em: março 17.03.2019.

_____. **CAPES/DEB. Relatório de Gestão 2016.** Disponível em: <[Http://www.capes.gov.br/images/stories/download/acessoainformacao/Relatorio_de_Gestao_CAPES_2016.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/acessoainformacao/Relatorio_de_Gestao_CAPES_2016.pdf)>. Acesso em: Acesso em: 17.03.2019.

_____. **Sinopse Educacao Superior 2007 a 2016.** Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 11.04.2020.

_____. Ministério da Educação Gabinete Do Ministro. Dispõe sobre o Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID. **Portaria Normativa n.º 38 do MEC**, Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pibid.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. Ministério de Estado da Educação. Institui o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica no âmbito do Ministério da Educação. **Portaria Normativa de n.º 9**, de 30 de junho de 2009, Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/port_normt_09_300609.pdf>. Acesso em: Acesso em: 17.03.2020.

_____. Diário Oficial da União. Coordenação de Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior. Dá nova redação a Portaria que dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no âmbito da CAPES. **Portaria Normativa n.º 72 da CAPES**. Brasília, N.º 68, segunda-feira, 12 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital18_PIBID2010.pdf>. Acesso em: 17.03.2019

_____. Ministério da Educação. Seleção pública de propostas de projetos de iniciação à docência voltados ao Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. **Edital n.º 18 da CAPES**. Disponível em: <[Https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital18_PIBID2010.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital18_PIBID2010.pdf)>. Acesso em: 17.03.2019

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. **Decreto presidencial n.º 7.219**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Decreto7219_Pibid_240610.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Lei n.º 12.796**, de 4 de abril de 2013. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm)>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - CAPES. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. **Edital nº 061/2013**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_061_2013_PIBID.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - CAPES. O PRESIDENTE DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, no uso das atribuições conferidas pelo art. 26 do Decreto nº 7.692, de 02 de março de 2012, e considerando a necessidade de aperfeiçoar e atualizar as normas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. **Portaria nº 096**, de 18 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_096_18jul13_Aprov aRegulamentoPIBID.pdf>. Acesso em: 17.03.2019.

_____. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. **Decreto nº 7.219**, de 24 de junho de 2010. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=Decreto+n.%C2%BA+7.219%2C+de+24+de+junho+de+2010&oq=Decreto+n.%C2%BA+7.219%2C+de+24+de+junho+de+2010&aqs=chrome..69i57.731j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 17.03.2019.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. **Tempo** [online]. 2006, vol.11, n.21, pp.17-32. ISSN 1980-542X. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042006000200003>>. Acesso em: 08.11.2020

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. 13ª ed. rev. e ampl., 3ª reimpressão. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2007.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FONSECA, S. G.; RASSI, M. A. C. Saberes docentes e práticas de ensino de história na escola fundamental e média. **SAECULUM**. Revista de História [15]; João Pessoa, jul/dez. 2006, p. 108 – 124.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). **Acorda Cordel na Sala de Aula**. Fortaleza: Tupynanquim, 2006.

MATEUS, Eliane Fernandes. Um esboço crítico sobre “parceria” na formação de professores. **Educação em Revista**, v.30, n. 3, julho-setembro, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a16.pdf>>. Acesso em: 03.04.2019.

MARTINS, P. L. O. **A didática e as contradições da prática**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

MATTAR, João. **Metodologias Ativas**: para a educação presencial, blended e a distância. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania**: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 08.11.2020

NASCIMENTO, Camila, *et al.* Mulher: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias. In: CASTRO, Paula (org.). **Desafios e perspectivas na profissionalização docente Pibid/UEPB** - v. 3 (Livro eletrônico). Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 259-272.

NEVES, Lucia de Almeida. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

NUNES, Sandeilson Beserra; SILVA, Mirelly Maciel da; BUENO João Batista. Cores e olhares no brasil oitocentista: o ensino de história através de imagens. **V Encontro de Iniciação à Docência da UEPB**, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/eniduepb/trabalhos/TRABALHO_EV043_MD1_SA6_ID237_01072015111646.pdf>. Acesso em: 02.02.2019.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e Experiências do Fazer-se Professor(a)**. 2005. 532f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2005.

PÉREZ-GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 93-114.

PARAÍBA. Pró-reitora de Ensino de Graduação - PROEG Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UEPB. **Edital XX/2012**, março de 2012. Campina Grande, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. Termo de convênio que celebram entre si a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB e Secretária de Estado da Educação e Cultura do Estado da Paraíba. **Termo de Convênio nº 01/2010**, 11 de fev. de 2010. Campina Grande, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2012-2013**. Dezembro de 2013. Guarabira, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2014**. Dezembro de 2014. Guarabira, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2015**. Dezembro de 2015. Guarabira, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2016**. Dezembro de 2016. Guarabira, PB.

PARAÍBA. Universidade Estadual da Paraíba. **Relatório do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID de Subprojeto História UEPB GUARABIRA 2017**. Dezembro de 2017. Guarabira, PB.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: **Questões para a história do presente**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 2008.

ROLIM, Márcia Justino. **PIBID e formação do professor de história na URCA (2009-2014)**. 2016. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, 2016.

SILVA, Lenise Maria. da *et al.* O gênero notícia como ferramenta didática no Ensino de História. **II Congresso Nacional de Educação - CONEDU**, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA4_ID1932_10082015192313.pdf>. Acesso em: 30.03.2020.

SILVA, P. G. *et al.* Quando o conhecimento se transforma em poesia: uma experiência do Ensino de História e a Literatura de Cordel na sala de aula. **Desafios e perspectivas na profissionalização docente Pibid/UEPB** - v. 3 (Livro eletrônico). Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 231-245.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. Santos, CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação de sala de aula).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos**: A Inglaterra na era revolucionária. Trad. Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 13.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (3 volumes).

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth; GERALDINI, Alexandra. Metodologias Ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba, v.17, n.52, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/9900>>. Acesso em: 08.11.2020

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, 2001, p. 7-47.

Anexos

Entrevistas utilizadas:

Entrevista com a professora supervisora Severina

Sandeilson - Professora gostaria que a senhora falasse um pouco como escolheu a docência?

Severina (Bibi) - Aaah! Foi muito interessante, pois eu dizia que não queria ser professora né eu não queria ser professora apesar de eu sempre brincar com as crianças sendo professora, mas de tanto eu falar de profissão de professor que só era para na época para quem tinha não é como hoje naquela época em 80 quem eram os professores, os professores andavam de salto, bem vestidos professores eram pessoas que tinham condições que iam estudar para o magistério então eu dizia assim eu não vou ser professora então eu levava meu irmão para escola e chegando lá tinha uma professora em memória Maria Eulália que era uma pessoa... vamos dizer assim a mestra das mestras dentro de Guarabira e todo mundo conhece ela olhou para mim assim e disse: - você vai ser minha professora – aí eu disse: eu professora? Vou não! Aí ela disse: - você vai ser minha professora – aí eu certa vez fui levar meu irmão e ela disse você vai ficar aí e eu vou ali na escola, pois ela administrava a escolinha dela e trabalhava na escola técnica aí disse: - eu vou ali – e me deixou eu passei a manhã todinha nessa sala de aula e eu achei interessante os meninos tudo obediente na época e ela deixou um exercício lá e voltava em meia hora terminou o expediente onze horas dona Maria Eulália chega aí ela disse: – e aí foi bom? – Eu disse dona Maria como a senhora me deixa numa sala de aula dessa aí olhou o caderno dos meninos e disse: – amanhã venha de novo, pois você vai ser minha professora – e ela dizendo isso passou a semana e eu dando uma horinha lá eu dizendo Dona Maria eu não vou ser professora. Aí faço o vestibular na época para Zootecnia que era minha paixão demais eu só sei que quando de repente eu falto uma prova por transporte em João Pessoa não conhecia bem João Pessoa e minha irmã me inscreve no vestibular daqui de Guarabira para Estudos Sociais e fiz de má vontade não estava querendo ser professora só até paro ano, pois vestibular só era de ano em ano não era agora né então nós temos todas as possibilidades né de se engajado em outra Universidade particular e naquela época não. Aí fiz o vestibular finalmente professora classifica em terceiro lugar todo mundo ia para frente da Universidade ver o resultado na época né que era no Colégio da Luz daí, mas eu não fui eu fui para o cinema, pois eu não queria ser professora eu não vou! Não vou! Não vou! Quando chego no cinema está a turminha todinha cantando brincando Bibi está no cinema e o filme passando lá e todo mundo me procurando

dentro do cinema para receber lá o resultado que eu tinha já estava em terceiro lugar lá para receber as honras né que na época recebia honras o primeiro, segundo e terceiro lugar e nisso eu fiquei fazendo estudos sociais aí fui gostando vendo aqueles professores fui admirando os professores as maneiras como eles falavam tudo bem vestidos aí eu já fui mudando a mentalidade que era possível eu também fazer parte daquele grupo e assim começou a minha história. Terminei estudos sociais aí fui para Lagoa de Dentro para começar meus trabalhos em Lagoa de Dentro fui estagiar e lá fui convidada pela diretora para ficar.

Sandeilson - Durante esse tempo como professora a senhora sofreu alguma resistência?

Severina (Bibi) - Não! Da minha parte não. Quando eu abracei quando fui a primeira vez e senti eu digo não acho que é isso mesmo eu nasci para isso eu acho que isso mesmo não eu acho que por ser muito pequenininha... aí todo mundo já ia professora Bibi aí o apelido tudo me favoreceu graças a Deus a pesar de eu ter não iniciado na minha área trabalhava estudos sociais e estudava estudos sociais, fui fazer especialização em História e estava trabalhando em Física e Química é muita diferença né, mas foi muito importante para mim eu não tive de dizer assim para e dizer: Eu não quero essa profissão! Nunca senti isso desde do primeiro momento que fui trabalhar no ensino médio entrei no ensino médio e senti que era isso mesmo e tanto que fiz concurso para Caixa Econômica passei estava na lista fui chamada eu socorro e outra amiguinha minha não fui porque eu disse não eu gostei e fiquei e pronto aí depois fiz para o INSS fiz o concurso passei também passei também, mas na época o Estado melhor como professora do que o INSS olha a diferença de hoje né e não era nem tanto pela ocasião hoje a gente corre mais pelo meios de condição né eu vou fazer esse curso porque talvez eu arranje um emprego naquela área, mas o meu caso não foi assim eu fui fazer o vestibular sem querer comecei vendo os professores comecei admirar indo fazer para sala de aula e achando bom.

Sandeilson - Me conte um pouco da sua trajetória de profissão quantos anos tem, quantos colégios já passou?

Severina (Bibi) - Hum! Essa é muito boa, é eu passei por escolas em cidades diferentes primeiro Lagoa de Dentro a gente passava uma hora andando a pé para chegar lá, pois os transportes em tempo de chuva não chegava a gente para de cidade em cidade para subir as ladeiras a pé com a lama na no mocotó com dizia o ditado mesmo e comecei em Lagoa de Dentro passei quatro anos depois transferir para Guarabira aí fiquei na disputa porque tinha o Polivalente recém construído e tinha o Estadual todas as duas diretoras tinham sido minhas amigas uma queria eu no Estadual outra no Polivalente então eu preferi o Polivalente e fiquei no Polivalente depois fiz novo concurso fiquei trabalhando... fiz novo concurso né público também Estadual aí passei fui trabalhar em Araçagi trabalhei seis anos em Araçagi aí trabalhava em Araçagi e trabalhava

em Guarabira depois ainda inventei de ser diretora do município aí pronto não tinha mais tempo né não vivia mais assim porque a vida pessoal da gente deixava para o profissional sai de casa de cinco horas da manhã para pegar o ônibus de cinco e meia para ir para Araçagi e ainda tinha que trabalhar de tarde como diretora do município e de noite no Polivalente sai de cinco da manhã chegava de onze horas da noite o Polivalente na época terminava de dez vinte da noite não tinha isso de sair mais cedo não eram muito alunos, muitos... alunos que a gente dizia assim último horário não sai uma sala não mais sim todas as salas naquela época era muito bom era muito prazeroso descia essa ladeiras todinho do Nordeste chegava no Centro da cidade ainda subia as ladeiras para ir para o São José que os bairros distantes e foi um período bom, até que um dia decidi sair de Araçagi e vou trabalhar em João Pessoa vou para uma escola em João Pessoa conhecer mais expandir mais meu conhecimento em termo de colegas em termo de estudo vê se lá era muito diferente daqui porque lá por ser capital então fui trabalhar fiquei trabalhando em João Pessoa e em Guarabira também continuei na correria mais sempre satisfeita nunca cheguei para dizer de onze horas da noite para dizer... ia tomar conta da bebê porque minha irmã ficava com ela ainda ia fazer as coisas da bebê nunca de dizer assim eu reclamei graças a Deus, depois de João Pessoa voltei para Guarabira passei seis anos em João Pessoa aí vim para Guarabira fiquei no Estadual e no Polivalente nos dois contratos né... só que chegou o CEPES em Guarabira eu professora sempre inteirada nas notícias e nas novidades então vou participar do CEPES muita gente saiu outros não você quer mais trabalha mais não é problema, deixei o município para ficar o dia todo no CEPES no Polivalente só que dois anos depois chega o CEPES no Estadual também Estadual que chamamos José Soares de Carvalho então eu não podia ter dois CEPES dois contratos com CEPES até porque eram horas estendidas então vou embora para Alagoinha foi quando fui professora dessa criatura que está aqui próximo a mim né passei seis anos em Alagoinha depois de seis anos em Alagoinha aí não vou me aposentar foi em 2010 aí me aposentei do primeiro contrato do primeiro concurso foi em 80 e em 2010 eu me aposentei aí me transferir de Alagoinha para o Polivalente e aí foi uma trajetória meia conturbada porque apareceram um monte de projetos era... Proemi, foi de CEPES saiu para o Proemi passou a ser outro projeto lá que o Governo criou e chegou um tempo que não tinha mais vagas os números de alunos começaram a reduzir com esses projetos nossa escola possuía 2800 alunos com a mudança dos projetos quando saiu CEPES e entrou o Proemi baixou para 1800, depois para 1200 e quando entrou esse novo projeto né já foi para 800 alunos então sobrava professor então eu sempre gostei de ter meu número de aulas normais não mais nem menos não adicionar, mas também não faltar eu fui trabalhar no Pedro Bandeira numa escola de fundamental depois de passar 30 anos ensinando no Ensino Médio aí fui para o

fundamental então quando foi difícil para mim aí eu fiquei pensando assim era um processo muito diferente você trabalhar 30 anos no ensino né, com adolescentes de 13 a 20 anos ou 18 anos e passar a ensinar a alunos de 7 a 10 anos então foi o momento mais difícil que eu achei na minha profissão que eu achei, mas não durou muito tempo não, porque sentiram falta de mim no Polivalente e com seis meses ligaram para mim: – professora a senhora poderia voltar estamos precisando da senhora – aí eu disse agora não eu assumi uma turminha e vou terminar com a turminha aí no outro ano voltei para minha casa terminei saindo o ano passado por mudança de novo de projetos do Governo não criticando esse projeto que é muito bom, esse projeto que está sendo empregado no estado é muito bom, mas eu não quis trabalhar tanto até porque estou me aposentando esse ano após 41 anos de trabalho de profissão estou pensando em quanto eu tiver tempo para estar estudando coragem para estudar vontade para estudar eu vou dizer que não me aposentava até hoje vou até onze horas doze horas no meu computador lendo preparando minhas aulas ainda vou quando eu sentir o cansaço eu paro mais ainda estou trabalhando né até o mês de junho ou julho né mais eu ainda estou pensando, pois ainda estou com muita vontade de estudar muita vontade de conhecer de descobrir ainda tenho muita coisa para descobrir dentro da educação.

Sandeilson - Durante esse seu percurso dentro do magistério a senhora fez algum curso teórico metodológico ou especialização dentro da área de História?

Severina (Bibi) - Na área de História não eu fiz especialização em Didática Geral porque, porque eu sempre admirei o português embora eu sempre senti que eu era um pouco... eu fui um pouco relapsa com o português então minha especialização vai ser em Didática Geral onde eu possa conhecer descobrir novas metodologias novos meios de dinamizar a minha aula, mas dentro do curso de História eu mesmo específico não – a senhora acha que teve dificuldade ou não por não ter feito na área de História? – eu acho que poderia ter acrescentado mais meu conhecimento não é acho que deveria ter feito porque a gente sempre tem dentro da História que é uma coisa belíssima que eu acho que eu acho que não tem uma disciplina mais dinâmica do que a História claro eu acho que não existe... eu acho que a História ela é dinâmica ela é viva então eu acho que tem que ter mais a descobrir e se aparecer alguma coisinha eu acho que eu ainda estou tentando a descobrir não estou pensando em deixar minha História não por enquanto não a História é viva a História é muito boa é uma coisa fantástica.

Sandeilson - Como você vê a área de licenciatura em História hoje?

Severina (Bibi) - Hoje... eu acho que de certa forma é uma área... eu acho que o curso ainda está bom porque tem muitas maneiras de se descobrir dentro da História as pesquisas estão cada vez mais evoluídas e é só o aluno querer o professor querer... o aluno dentro da universidade

ele tem pra onde... vamos dizer assim pano para as mangas e antigamente a gente não tinha a gente era mais limitado hoje você tem um caminho, um leque de caminhos para trabalhar a História.

Sandeilson - Em algum momento sentiu-se desvalorizada por ser professora?

Severina (Bibi) - Assim... em termos financeiros sim, atualmente sim olhe eu vou dizer uma coisa a você quando eu entrei no Estado o professor assim financeiramente ele era bem ele chegou a fazer doze salários mínimos isso em 1980 era doze salários mínimos então foi se desvalorizando economicamente é tanto que é como eu digo a você que os professores de antigamente eles andavam no salto né, hoje o professor é bem comum é uma pessoa comum né já em termos financeiros e o professor hoje fazendo menos de dois, três salários mínimos... dois salários mínimos é uma desvalorização grande ele vive como professor porque ele gosta daquilo que faz e se ele não gostar ele não vai ser professor ele não vai ser nem um mediador ele vai ser uma figura representativa digo hoje financeiramente.

Sandeilson - Como a senhora conheceu o PIBID?

Severina (Bibi) - Aaah! O PIBID, como eu conheci o PIBID através da Universidade em um desse cursos através da professora... um desse curso eu não estou lembrada no momento mais foi em um desse curso que o Estado oferece junto com a Universidade eu indo na Universidade e a professora... como é o nome da coordenadora da primeira coordenadora do PIBID a que faleceu? – Marisa – Marisa, através da professora Marisa que veio esse convite para participar do PIBID.

Sandeilson - Antes do PIBID como a senhora via suas aulas?

Severina (Bibi) - Aaah! Minhas aulas eram menos dinâmicas com certeza a gente não tinha essa perspectiva que o PIBID nos trouxe a gente era quadro, giz, pesquisa em livros didáticos e pronto tinha uma aula expositiva menos diálogo que temos hoje naquela época que não está tão longe 2012 para cá não está tão longe a gente ver que pouco tempo mais as aulas eram bem diferentes mais expositiva mesmos dialogada.

Sandeilson - E após o PIBID como a senhora analisa suas aulas?

Severina (Bibi) - Aaah! Após o PIBID eu digo a você que eu brinco em sala de aula, eu brinco em sala de aula com meus alunos transmitindo e recebendo conhecimento através deles é uma troca de saberes é eu digo a você que se eu sair hoje como estava dizendo que iria me aposentar esse ano, mas eu vou sentir muita falta porque a gente com a... o conhecimento a troca de saberes de conhecimentos né que tivemos na época do PIBID favoreceu muito as minhas aulas de História se tornaram mais dinâmicas mais assim vamos dizer alegres, alegre que eu digo assim na transmissão do conhecimento com a troca do aluno a conversação do aluno o diálogo

com o aluno então essa troca de conhecimento dos universitários com o professor só faltou favorecer ao professor.

Sandeilson - Como eram suas provas antes do PIBID?

Severina (Bibi) - Aí é que mais interessante ainda porque era aquele tipo perguntas e respostas você vai responder o que o autor do livro falou o que sua professora falou né era dessa forma. Não é dizer que o aluno não aprendia não claro que ele aprendia né ele lia né também eles liam nos livros ele ouvia o professor, mas como hoje não hoje o aluno tem liberdade você a prova do aluno para com o professor hoje ele quer saber se aluno tem conhecimento o aluno vai botar ali o conhecimento que ele adquiriu que ele construiu que é o mais interessante não é o que autor falou o que o autor disse aquilo ele não vai colocar o que autor falou ele vai botar o que ele adquiriu no conhecimento construído através do dia a dia então as provas são desses jeito dessa forma.

Sandeilson - E depois de participar do PIBID como eram suas provas?

Severina (Bibi) - Eu analisando minhas próprias provas é meio interessante assim falar é... porque eu analiso que seja bom foi só bom coisas que favoreceu a mim e aos alunos porque me deu muito menos trabalho né porque desde que o aluno ele junto comigo e com as pesquisas construiu um conhecimento então ele vai poder falar mais escrever mais dizer o que sente e ter um resultado positivo.

Sandeilson - Em algum momento o PIBID lhe marcou?

Severina (Bibi) - Sim! Com certeza não tem como eu até me emociono em falar né é uma turma da Universidade que estava vindo não só vinha para adquirir conhecimento né para diferenciar a teoria da prática então quando ele chega até nós então aquela turma marca a gente não tem como primeira turma segunda turma a transmissão a transferência até de contato físico né é muito gostoso muito prazeroso trabalhar com o PIBID.

Sandeilson - Como a senhora analisa sua metodologia antes do Programa?

Severina (Bibi) - Muito tradicional, eu sempre fui muito tradicional embora a gente sempre tendo o estado nunca deixou de nos favorecer com grupos de estudo que ia lá no colégio outro que a gente sai para fazer fora com cursos, minicursos o estado nunca deixou de favorecer não sempre favoreceu, mas o PIBID veio para marcar mesmo o que era tradicional se deixou de ser tradicional hoje é totalmente diferente trabalhamos com mais dinâmica.

Sandeilson - Como você ver essa mescla entre juventude e maturidade, ou seja, entre bolsistas e a professora?

Severina (Bibi) - Eu acho que essa mescla com você diz é bom tem nada ruim porque vai ajudar aquele professor que está lá batendo a mesma massa todo dia a mesma coisa e esse novo que

vai chegando vai colaborar com aquele professor e esse novo que vai chegar conseguir tirar daquele professor adquirir daquele professor algum conhecimento essa mistura só veio favorecer a educação o ensino eu acho que tem.

Sandeilson - Em algum momento sentiu dificuldade de aplicar as metodologias do PIBID ou sentiu prejudicada?

Severina (Bibi) - Não prejudicada. Não! Um pouquinho difícil em certo momento foi né assim o novo o novo assusta né e a gente mais contudo eu digo que foi muito feliz eu digo assim porque quando a gente quer a gente aproveita a gente aprende rápido então adquire muitos conhecimentos e eu tenho certeza que pude passa algum dos meus e foi tudo favorável.

Sandeilson - O que o PIBID representa para o professor de História?

Severina (Bibi) - Aaah! Essa pergunta é muito boa eu digo a você que ele representa tudo que ele precisava no momento tudo que o professor precisava com o PIBID ele veio dizer a seu aluno para que serve a História eu acho isso veio dizer ao aluno porque você precisa estudar a História né se você recorda voltando ao seu tempo de estudante de criança você vai perceber que você estudava a História para ver o que vamos dizer assim engrandecer a sua pátria certo você chega e dizia assim olha criança 22 de abril, 21 de abril datas comemorativas né e você tinha de guardar tudo aquilo como se aquilo fosse a grande História hoje não o PIBID veio mostrar não só o PIBID, mas também todo um contexto né vem mostrar que a História não é só isso a História é muito mais.

Sandeilson - No seu lugar como professora supervisora o que a senhora mudaria no PIBID?

Severina (Bibi) - Eita! Eu mudaria só a questão do tempo, tempo a mais para os professores e de universitários dentro da escola básica porque aí o professor vai sair com mais vivência e vai ter muito mais prazer em ensinar só é o que eu mudaria né porque seu estou com pouco conhecimento né já né mais assim em termo de programa em eu achei o programa muito bom muito válido e mudaria só o tempo desses universitários dentro da escola básica que ele vai sair com muito aprendizado.

Sandeilson - Se no tempo em que a senhora se formou existisse um Programa como esse mudaria sua percepção docente?

Severina (Bibi) - Totalmente meu amor! Totalmente! Com certeza eu não tenho dúvidas e realmente o PIBID é um grande programa e nunca deveria deixar de existir deveria se estender cada vez mais.

Sandeilson - O PIBID ele incentiva a formação docente dos professores de educação básica?

Severina (Bibi) - Com certeza! Olha é tanto incentiva tanto que eu lembro no primeiro ano de PIBID em 2012 em 2013 nós já tínhamos alunos que não queria ser professor fazendo vestibular para professor ele só incentiva.

Sandeilson - O PIBID contribui para valorização do magistério?

Severina (Bibi) - Claro! Sem dúvida.

Sandeilson - O programa eleva a qualidade da formação inicial do professor?

Severina (Bibi) - Com certeza.

Sandeilson - A senhora entende que o PIBID promove uma integração entre educação superior e educação básica?

Severina (Bibi) - Totalmente. Até porque o objetivo do PIBID trazer esse professor para escola básica é isso é elevar a qualidade da educação e o ensino de História.

Sandeilson - A senhora percebeu que o PIBID contribuiu para a articulação entre teoria e prática?

Severina (Bibi) - Com certeza, porque o aluno da universidade ele vê a teoria e ele vai fazer a prática naquelas aulinhas que tem bem poucas dentro da universidade para a educação básica né e agora com o PIBID não ele teve mais oportunidade de ter e interagir e com isso saber se ele quer ser professor ou não é um teste eu digo assim que o PIBID é um teste para o futuro professor.

Sandeilson - O PIBID para professora Bibi foi?

Severina (Bibi) - O PIBID não foi ele é. Eu tenho certeza eu mesmo não estando mais atuando no PIBID, mas jamais vou deixar de fazer o que eu fazia quando estava com o PIBID o PIBID foi sem dúvida extremamente relevante para minha profissão sem dúvida eu mudei muito durante esse tempo todo e permaneço mudando na perspectiva de pesquisar de buscar tudo que o PIBID trouxe para minha escola hoje eu continuou empregando em outra escola e eu vejo que ele só veio acrescentar na minha profissão.

Sandeilson - Com relação aos bolsistas a senhora mudaria alguma coisa nessa relação?

Severina (Bibi) - Eu mudaria um dinheirinho a mais no bolso desses bolsistas porque para eles se deslocar de outras cidades e com tanto prazer e está lá na escola juntamente com a professora contribuído com a professora ali eu mudaria só o financeiro mesmo.

Entrevista com bolsista Renata

Sandeilson - Como você conheceu a professora Bibi Renata?

Renata - Eu conheci a professora Bibi no dia da entrevista da seleção do PIBID na UEPB na coordenação do curso de história e o segundo contato que tive com ela foi quando tivemos a reunião para dividir as turmas após a seleção depois da aprovação dos alunos a gente teve uma reunião com a coordenadora que na época era professora Luciana Calissi e foi quando a gente dividiu os grupos para uma dinâmica aí a gente ficou com a professora Bibi como o primeiro contato foi bom a gente fez uma relação legal decidimos ficar no grupo dela no colégio Polivalente foram os primeiros contatos que tive com Bibi apesar de eu ter sido aluna do colégio Polivalente durante 7 anos eu não tinha contato com ela nunca tinha sido aluna dela, porque a gente estava em turnos opostos eu era aluna do turno manhã e Bibi lecionava a tarde.

Sandeilson - E quando você lembra da professora Bibi o que é que vem a sua mente?

Renata - Uma pessoa muito amável doce é uma profissional que tinha uma certa dedicação embora ela tivesse muita dificuldade não era uma questão de negligência porque Bibi tinha uma formação considerada hoje um pouco ultrapassada ela não sabia usar a tecnologia as aulas delas se tornavam muito monótonas então assim eu via professora Bibi como uma pessoa que tinha vontade de fazer algo diferente de melhorar o processo de ensino aprendizagem dos alunos, mas ela não tinha uma certa noção de como fazer isso ela não teve formação continuada aí tinha muita dificuldade desde o uso de tecnologias é até o uso de ferramentas simples como músicas e outras coisas que podem ser utilizadas na sala de aula, ou seja, as aulas da professora Bibi eram aulas onde apenas o livro didático era utilizado como metodologia ou como recurso aliás.

Sandeilson - Como era a Bibi como professora diante dos alunos?

Renata - Como professora estava muita atrás do seu tempo uma professora sem muita condição de permanecer em sala de aula que não tinha domínio do conhecimento não sabia como buscar conhecimento para melhorar as aulas e tinha dificuldade para passar para os alunos não tinha muito domínio de turma durante as aulas delas percebíamos as turmas bastantes tumultuadas e ela bastante perdida e os alunos, principalmente os alunos sofriam muito com isso né porque ela não tinha um certo domínio embora ela quisesse, mas ela não sabia por onde começar.

Sandeilson - Como eram as aulas do PIBID antes do projeto quando você entrou o que percebeu?

Renata - Eu lembro que no primeiro contato dos bolsistas com os alunos a gente passou um questionário a professora Bibi se ausentou da sala de aula ficamos como os alunos no segundo momento no primeiro momento foi uma aula inaugural no miniauditório e o segundo foi em

sala de aula e nesse segundo momento os alunos descreveram como eram as aulas segundo eles monótonas uso apenas do livro é provas decorativas com questões decorativas com relação a datas e fatos e eles falavam que não gostavam de história porque eles falavam que história é uma disciplina chata que servia apenas para decorar data e nomes de pessoas importantes na política do país.

Sandeilson - Você notou alguma mudança após a professora Bibi participar do PIBID?

Muitas mudanças... muitas mudanças é passou ter mais curiosidade ela passou a ver que as aulas de história poderiam ser mais proveitosas e a importância da disciplina de história não só no currículo escolar, mas na vida do cidadão em si então deu para notar que ela já teve um certo avanço e ela melhorou bastante embora muitas vezes eu percebia que ela tinha uma certa dificuldade de procurar um pouco sozinha ela as vezes acabava se escorando bastante né e as vezes queria receber pronto para pôr em prática quando na verdade a ideia do PIBID era construir juntos com o professor mais mesmo com essas dificuldades melhorou bastante deu um grande avanço e é tanto que nos meses após a gente já começamos a perceber que os alunos interagem mais na aulas participavam de todas atividades e no início existia uma certa resistência muito grande principalmente por parte de uma turma de segundo ano que tinha no turno da tarde muitos alunos eram da zona rural trabalhavam durante a manhã e à tarde iam para a escola mais como as aulas eram monótonas eles não tinham nem uma empolgação né e isso dificultava muito e a gente aos pouquinhos conseguimos dar uma melhorada nisso aí.

Sandeilson - Como relação a metodologia da professora Bibi como você via antes dela participar do PIBID?

Renata - Uma metodologia totalmente fora do contexto atual uma metodologia que não encaixa o aluno atual que deixavam os alunos se sentirem praticamente um figurante em sala de aula o aluno não atuava né era uma aula onde a professora lia um livro os alunos acompanhavam cada um com seus livros e ao final respondiam questionários do próprio livro com pesquisa nos textos que já haviam lido e não passava disso não tinha uma interação não havia um debate não havia levantamento de um assunto atual com base no passado não tinha nada disso era apenas textos e mais textos e prova no final de cada bimestre.

Sandeilson - E após a professora Bibi participar do PIBID melhorou algo?

Renata - Sim... sim bastante melhoria embora ela tivesse essa dificuldade por não ser uma pessoa que tivesse acesso a essas tecnologias de informação e querendo ou não isso ajuda muito ela não sabia manusear um computador uso de filmes e escolhas de músicas, mas mesmo tendo essa dificuldade muitas vezes partia dela a vontade de fazer algo diferente quando era algo que ela não sabia ou não tinha domínio ela procurava um dos bolsistas ou até a própria filha dela

para auxiliar nesse processo de busca por uma metodologia melhor então mesmo com dificuldades despertou o interesse.

Sandeilson - Você teve acesso as provas da professora Bibi antes e após o programa PIBID?

Renata - Tive... tive acesso a algumas provas eram perguntas geralmente elaboradas do livro didático perguntas que os alunos já haviam respondido em atividades anteriores selecionavam algumas e aplicavam como provas e no decorrer do tempo as provas foram mudando não só até porque não passou ser apenas prova os alunos passaram a ser avaliados por participação em sala de aula apresentação de seminários e construção de outros trabalhos.

Sandeilson - Você conseguiu ver alguma mudança na relação professor aluno a partir do momento que ela está fazendo parte do PIBID?

Renata - Muita... muita principalmente no ENID ouve uma parte quando ela viu os esforços dos bolsistas e a interação dos alunos com a gente deu para perceber que a professora Bibi se “escorou” ela acabou se acomodando novamente e ela exigia muito da gente se nós tivéssemos a responsabilidade da sala de aula quando na verdade o professor regular continua com a responsabilidade daqueles seus alunos o PIBID ele é um suporte é como se fosse um laboratório onde o aluno bolsista vai aprender e vai levar os conhecimentos da academia para dentro da sala de aula vai ajudar o professor, mas a gente está ali para aprender também então teve um processo onde os alunos do PIBID conversar com a professora porque ela passou a praticamente se escorar nos alunos do PIBID e a gente teve que conversar com ela para mudar essa situação no início teve um pouco de resistência mais depois ela perceber que estava fora do contexto normal do PIBID e começou a mudar as coisas.

Sandeilson - Alguma aula marcou você como bolsista?

Renata - Várias aulas mais e eu acredito que as aulas mais marcaram foi... foram duas aulas uma que a gente fez a interpretação de uma peça foi tipo um *sdap* que a gente fez uma representação eu acredito que o conteúdo foi a Era Vargas as leis trabalhistas e a gente fez uma interpretação da *Praça é Nossa* né onde um aluno representava a figura de Carlos Alberto onde ele lia nos jornais as mudanças das Leis trabalhistas as implantações das leis né e na medida que o aluno ia interagindo os bolsistas do PIBID iam passando para os demais que estava na plateia os conteúdos relacionados aquelas leis e a outra aula que me marcou bastante foram as oficinas pedagógicas aplicadas lá no segundo momento do PIBID nas turmas de primeiro segundo e terceiro ano onde no primeiro agente trabalhou drogas e *Bullying* relacionando a mitologia grega que foi a lenda do *Minotauro* e a *Odisseia* e a segunda a gente fez uma oficina pedagógica que a gente abordou os padrões de beleza de hoje relacionando com os do início do

século XX e a terceira foi com relação a Norte e Nordeste, Sul e Sudeste e os preconceitos entre as regiões do Brasil.

Sandeilson - Com relação a essa nova didática de trabalhar com oficinas para o ensino de história como você ver como ex-bolsista?

Renata - Para mim serviu muito eu aprendi muita coisa e eu tenho aplicado muito do PIBID na minha vida e na minha atuação apesar de estar fora de sala de aula mais como eu estou afrente de uma escola eu procuro sempre levar os professores essa ideia de trabalhar com oficinas pedagógicas escolher temas atuais e relacionar esses conteúdos aos livros de história para a gente sempre possa mostra ao aluno essa importância de aprender o passado para que a gente possa compreender um pouco do que a gente vive hoje porque até então para os alunos história não é nada mais nada menos você estudar o que passou então muitos não tem interesse nenhum pelo passado e essa perspectiva mostra de uma forma diferente o real sentido de se estudar história e hoje a gente passa processo muito complicado no nosso país em determinadas áreas políticas é étnicas e se houvesse esse interesse maior a mais tempo pelo conhecimento do passado eu acredito que teríamos uma sociedade muito diferente como acontece nas sociedades de países de primeiro mundo.

Sandeilson - Se você pudesse trocar de lugar e pudesse ser no lugar de bolsista ser supervisor, o que você mudaria?

Renata - Eu alteraria algumas coisas é eu exigiria na verdade eu procuraria interagir mais e não deixar os alunos só nas mãos dos bolsistas porque onde eu trabalho percebo muito isso ainda acontece hoje muitas vezes os professores. Ah! Mais os meninos do PIBID vão trazer, os meninos do PIBID vão fazer quando na verdade não é assim e os professores muitas vezes reclamam que não há formação continuada docente, mas o PIBID não deixa de ser um trabalho de formação continuada para o professor supervisor então ele não está ali para supervisionar e avaliar o aluno bolsista da universidade é uma oportunidade para ele aprender também muitas vezes ele ficam de fora achando que são apenas pagos para observar e perdem tempo né podendo fazer uma reciclagem de si como profissional eu acho que se eu fosse o supervisor eu aproveitaria mais para colocar as mãos na massa também e aprender bastante.

Sandeilson - Você entende que o PIBID pode ser considerado um fenômeno histórico dentro da escola?

Renata - Pode sim, comparando a escola na qual eu fui aluna PIBID eu via a diferença antes e depois tanto para os bolsistas quanto para os professores e para os alunos e também para os outros professores que desenvolveram um interesse é tanto que nas seleções seguintes muitos professores se inscreveram para o PIBID a própria diretoria da escola dá época elogia o PIBID

nós éramos convidados para participar das festividades da escola de reuniões de planejamento então assim a gente teve todo um acolhimento por parte da direção e coordenação da escola que mostra que o PIBID fez a diferença né porque se não fosse isso a gente não teria sido tratado do início até o fim como integrante da escola e a direção da escola fazia questão que a gente participasse de todo projeto e na escola onde eu atuo hoje até o último ano duas professoras bolsistas PIBID de inglês e PIBID de geografia e o PIBID fez muita diferença nessas escolas e eu tenho um carinho imenso pelas bolsistas PIBID que eu recebo porque foi no PIBID que eu realmente percebi que minha profissão era de professor até então quando a gente entra na universidade a gente sai com uma visão que vai sair como historiador pesquisador quando na verdade nosso curso é de licenciatura nós saímos formados professores e o PIBID abriu essa consciência não só em mim mais dos meus colegas bolsistas.

Sandeilson - O PIBID de história incentivou os docentes da educação básica?

Renata - Bastante, porque os docentes de nível superior tiveram uma ligação maior com as escolas da educação básica e o resultado disso é porque assim é o único contato que esses professores tinham era através dos estagiários e muitas vezes eles nem iam até as escolas assinavam apenas os documentos e com o PIBID o professor coordenador ele passou a frequentar a escola de educação básica e a escola de educação básica passou a ir para universidade para reuniões para desenvolver projetos e o que aconteceu é que houve uma interação e outros projetos voluntários dentro d academia começaram surgir e foram para as escolas de educação básica até depois de já graduada eu ainda participei durante alguns meses com a professora Marisa de um projeto de cinema como voluntária em que a gente ia exibir curtas-metragens e trabalhar conteúdos históricos com os alunos e foi um projeto que já saiu após o PIBID e após os estágios os professores da academia começaram a perceber que havia essa necessidade ter um contato maior.

Sandeilson - O PIBID de história contribuiu para valorização do magistério?

Renata - Acredito que contribuiu... acredito que sim ainda falta muito, falta muita coisa falta muito a ser feito, mas o PIBID contribuiu e contribui e continua contribuindo e muito – se você elencasse faltaria o que? – eu acho que um apoio maior por parte de recursos né porque muitas vezes a gente tinha o interesse de fazer algumas atividades, mas assim a Capes não disponibilizava quando a gente queria fazer uma atividade então nós se organizávamos com as nossas bolsas e com a ajuda da professora supervisora para fazer aula de campo o PIBID concedia a bolsa mas a gente não tinha como conseguir um transporte até por meio de um ofício hoje já há uma conexão maior entre as escolas e a universidade então se torna um pouco mais fácil quando precisa de um transporte os professores recorrem a segunda gerência aqui de

Guarabira e conseguem né os alunos do PIBID já vão para universidade fazer aula de campo fazer laboratório como eu vejo na escola que eu atuo, mas eu acredito que falta muito mais interação e recurso por parte da Capes e também por parte das secretarias responsáveis ou seja ela estadual ou municipal.

Sandeilson - O PIBID de história elevou a qualidade da formação inicial dos professores no curso de licenciatura?

Renata - Sem dúvida a minha é prova viva disso porque hoje eu tenho uma visão totalmente diferente do que eu tinha na época que eu estava na academia quando eu terminei a graduação claro que o PIBID é diferente de você está atuando como funcionário da escola, mas o choque não foi tão grande quando eu cheguei para trabalhar eu já tinha uma certa visão de como funcionava a educação básica na academia a gente aprende com teoria mais na prática é outra coisa e no estágio a gente não tem essa oportunidade porque a nossa cabeça está voltada para avaliação que o professor vai dar para que a gente possa concluir o nosso curso e já no PIBID não a gente tem um certo tempo para se adaptar a escola e a gente acaba se vendo como parte integrante daquilo ali a gente acaba tendo o mesmo peso a mesma responsabilidade que professores e funcionários tem a gente acaba se envolvendo involuntariamente e quando percebemos já somos parte daquela escola e isso facilita muito porque quando a gente termina a gente sai com a bagagem muito boa de conhecimento prático.

Sandeilson - Como você ver essa integração entre educação superior e educação básica?

Renata - Necessária porque não tem como a academia formar professores se ela não tem contatos a escola ela muda bastante assim como tudo muda a sociedade vai mudando e a escola vai sendo alterada e a escola é um campo de pesquisa muito rico que é muito rejeitada pela academia embora ela forma professores licenciados, mas ela rejeita bastante não que não seja menos importante, mas eu acredito que a gente passa muito tempo na academia pesquisando coisas né que vinda de pessoas livros, obras literárias, arte, mas a gente deixa de lado a escola e a escola é um berço muito grande, pois na escola a gente tem pessoas de várias realidades de culturas diferentes, regiões diferentes, classes sociais diferentes então a escola é um campo muito vasto de pesquisa e também é um campo que precisa de muita atenção os professores da rede básica da educação básica eles tem uma carência muito grande é de formação e esse contato entre professores de nível superior e professor de educação básica eu acredito que possa ser muito rico né para ambos os lados porque tanto o professor do nível superior vai adquirir mais experiência para levar para sala de aula e principalmente o professor de educação básica que é tão desvalorizado pela sociedade porque muitos professores do nível superior quando concluem mestrado e o doutorado e prestam concurso muitos deles vão para universidade sem ter nunca

ter dado aula numa turma de educação básica né e a gente percebe a diferença entre os professores que já passaram pela educação básica e os professores que nunca deram aula na educação básica e o PIBID proporciona a esses professores a oportunidade de conviver um pouco com a realidade da escola.

Sandeilson - Como você ver a inserção do licenciando de história trazendo essas experiências inovadoras teorias e metodologias para a educação básica?

Renata - É muito importante, a gente quando fala em inovação pensa logo numa escola muito equipada com equipamentos eletrônicos, tecnológicos e com uma boa estrutura física quando na verdade não é só isso porque se o professor tiver uma boa bagagem de conhecimento ele tiver metodologias que ajudem a construir o saber no dia a dia dentro da sala de aula é por mais que a escola não tenha uma boa estrutura física, mas o professor vai conseguir fazer que o aluno saia satisfeito ou com mecanismo de desenvolver um consenso crítico e essa inserção do aluno nas escolas proporciona isso a gente acaba adquirindo um conhecimento muito bom quando a gente retorna formado para sala de aula a gente volta com uma visão muito melhor, muito mais ampla tanto do que se adquire na academia quanto daquilo que se tem para fazer na sala de aula da educação básica.

Sandeilson - Como você percebe a relação do PIBID de História para as licenciaturas e como se estabeleceram as conexões dele com a escola?

Renata - Eu acho que ainda é uma relação um pouco desvalorizada por ambos os lados pelo menos aqui na nossa cidade é que já até 2012 não havia PIBID aqui eu fui da primeira turma de PIBID do Campus III da UEPB e há professores da educação básica que ainda são bolsistas do PIBID com supervisores e eles ainda não tem noção do que é o PIBID então para que eles tenham essa noção ele é necessário que haja um acompanhamento maior do professor coordenador do campus que atua e que haja uma interação entre coordenador, supervisor e bolsistas e que através dessa interação eles possam detectar os pontos positivos e negativos para poder melhorar e atuação no dia a dia na sala de aula na escola porque existem casos não foi o meu, mas assim hoje como gestora eu presencio casos em que os bolsistas do PIBID vem só aqueles dois dias por semana fica no lugar do professor muitas vezes o professor usa o aluno bolsista como alguém que está ali para tirar licença, tirar um dia que ele não vai poder vir e as vezes fica na sala de aula mais esta só ali de corpo presente e não interage e eu vejo uma grande ausência hoje do coordenador dessas turmas de PIBID na escola na minha época a gente tinha reuniões feitas na universidade, mas tinha a visita do professor coordenador nas escolas e hoje como profissional não mais como bolsista eu vejo essa necessidade não sei como anda não sei se em todas as licenciaturas é assim mais eu acho que falta um pouco disso tive a sorte de

participar de uma turma que foi muito engajada tanto os alunos como os coordenadores primeiro a professora Luciana depois o professor João talvez por isso eu estranhe muito essa ausência hoje como gestora eu estranhando bastante essa ausência de coordenadores e do pessoal da universidade na escola eu vejo que os alunos veem desenvolvem seu trabalho, mas eles não tem o mesmo suporte que eu tive na minha época.

Sandeilson - Como você vê a relação teoria e prática tendo o PIBID de história com articulador?

Renata - O PIBID foi um presente para mim foi a oportunidade que eu tive para usar a teoria adquirida na academia e transforma-la em prática na escola é eu acredito que os alunos aprenderam muito com as nossas práticas em sala de aula a professora Bibi também eu acho que entre todos nós bolsistas fomos quem assim... os mais privilegiados porque a gente saiu ganhando muita coisa porque com a convivência com os alunos a gente aprende muito tinha dias que a gente preparava todo material baseado na nossa teoria, mas quando a gente chegava em sala de aula nem tudo que a gente tinha preparado seria possível aplicar e a gente ia observando essa necessidade dos alunos e como a gente ia desenvolver métodos fizessem parte da realidade daqueles alunos no começo nossa preocupação maior era levar a teoria da universidade para sala de aula, mas no decorrer do tempo a gente percebeu que o mais importante era agente unir essa teoria né observar o dia a dia dos alunos para poder então desenvolver nossa prática a nossa preocupação mudou já não era colocar em prática o que a gente via nos livros e o que a gente via nas aulas e sim detectar as necessidades do corpo discente para poder então devolver uma metodologia que mais se adaptasse a eles e que pudesse melhorar o aprendizado deles.

Sandeilson - **Você como ex-bolsista como você ver essa mescla entre juventude e maturidade, você como bolsista que sai da universidade com o seu conhecimento você encontra uma professora está ali a mais de 15, 20 anos sem ter contato com algo novo teórico e metodológico?**

Renata - Muitas vezes a gente começa assim particularmente falando né a gente vai toda uma cede aprender com o professor, mas quando a gente se depara como o professor que não teve capacitação né que fez um concurso e foi colocado lá e que muitas vezes nem prestou um concurso né entrou através de um viés político e ficou e muito se acomodaram alguns não tiveram a oportunidade de fazer uma formação continuada outros tiveram e rejeitaram porque já estava efetivo não havia mais aquela necessidade então a nossa perspectiva começa a mudar o bolsista PIBID chega lá com um mundo de sonhos na sua cabeça e quando ele percebe essa realidade ele começa a observar que na verdade ele não vai aprender tanto com o professor ele vai aprender mais com o aluno e com todo o corpo da escola não é só o professor que vai ensinar

e professor por mais que ele demonstre ser experiente a gente percebe que ele está querendo o tempo todo querendo aprender com o bolsista PIBID só que com o passar do tempo a gente percebe que ambos tanto professor supervisor como aluno bolsista aprende mais com aluno da educação básica e com as vivências no dia a dia do que o próprio supervisor do que o supervisor com ele existe toda essa mudança assim no decorrer do PIBID a gente vai achando que a gente vai aprender com o professor quando na verdade a gente percebe que não vamos aprender tanto com ele e mais com as trocas de saberes entre aluno, professor, coordenador direção e o professor também acha que vai aprender mais com a gente e com o coordenador do PIBID e na verdade com o decorrer do tempo ele percebe que os aprendizados não são assim eles são construídos com todas as pessoas que fazem parte daquela comunidade escolar.

Sandeilson - A relação entre professora e supervisora ela foi tranquila ou conturbada?

Renata - Foi tranquila, teve alguns momentos né inclusive no final do primeiro ano no final de 2012 foi possível perceber que assim como estávamos nos saindo muito bem como a gente estava desenvolvendo alguns projetos sem ala de aula nós escrevemos uns pré-projetos depois viriam a ser artigos publicados de acordo com as metodologias que a gente usava teve um momento que a professora queria que a agente escrevesse um projeto para ela né falando que a gente tinha que entregar esse projeto e foi quando a gente soube que isso era para ser usado em um projeto do governo do Estado para que esse professor pudesse receber um prêmio no final do ano que seria o décimo quarto e décimo quinto salário então esse foi o momento mais complicado porque a gente se recusou e tivemos que conversar com a professora e deixar claro que se fosse possível a gente construía com ela o projeto iríamos construir juntos e a gente não podia entregar para ela um texto escrito para se usar como projeto dela porque nós não estávamos ali para trabalhar para professora e sim para trabalhar junto não para ela acho que essa foi a única parte difícil passamos uns dias um pouco com a convivência confusa, mas nada disso atrapalhou o convívio em sala de aula a gente sempre passou por cima e como sempre havia as reuniões semanais a gente discutia isso nas reuniões então assim depois de um certo tempo junto de alguns meses deixou claro para ela que o PIBID permitia e o que não permitia e o professor coordenador esteve na escola também com estatuto regulamento do PIBID e passou tudo para nós de maneira que a gente terminou o PIBID sem passar por situações parecidas quando a gente deixou claro na verdade qual era a verdadeira função do PIBID porque a gente estava o tempo todo tentando explicar qual era a função do PIBID mas muitas vezes o professor de educação básica na função de supervisor ele acha que está ali apenas para supervisionar o bolsista e como se a gente estivesse ali para fazer um trabalho para ele e na

verdade não é então foi muito importante essa preocupação nossa e também do coordenador de deixar claro qual eram as reais funções do PIBID e do aluno bolsista.

Sandeilson - Qual a crítica você faria ao PIBID de história?

Renata - Eu faria uma crítica positiva ao PIBID o programa é muito bom o programa me proporcionou muita coisa foi um divisor de águas na minha vida eu entrei na universidade e até a metade do curso eu tinha uma visão totalmente diferente tinha uma outra linha de pesquisa eu era mais voltada para as mulheres na história do trabalho que eu ainda admiro muito, mas o PIBID mudou de tal forma que hoje eu trabalho com educação eu escrevo artigo sobre educação meu TCC foi é voltado para o ensino de história fiz especialização na área de educação então o PIBID foi onde eu me reconheci com aluna de licenciatura foi quando caiu a ficha que eu estava na universidade para me formar professora então a crítica que tenho que fazer ao PIBID é uma crítica positiva, mas eu acredito que ainda há muito a ser feito e que os responsáveis e os prefeitos e os governantes pudesse olhar com carinho maior para o PIBID porque contribui muito para nossa educação e quando foi anunciado a um tempo atrás poderia ter um fim que bolsas iam ser cortadas eu fiquei muito triste eu já não era mais bolsista eu estava graduada, mas eu fiquei muito triste porque o PIBID não é gasto o PIBID é um investimento e o retorno é muito bom hoje eu encontro com alunos da época do PIBID estão na universidade a gente tem ex-alunos que fazem curso de direito psicologia até mesmo licenciatura e a gente fica muito feliz quando eles falam que o PIBID foi um pontapé inicial porque a gente trabalhava muito essa questão de futuro de projeto de futuro com os nossos alunos quando a gente chegou na escola a maioria dos alunos queriam apenas concluir e não tinham mais que cinco alunos que tinham o interesse de fazer o ENEM em procurar uma universidade a maioria só queria concluir porque os pais matriculavam e obrigavam a eles estudar e a maioria daqueles alunos foram para universidade e isso é muito gratificante para a gente ver isso então eu acredito que os governantes deveriam investir mais na educação e investir na educação é olhar para o PIBID também não adianta construir boas escolas com infraestruturas invejáveis quando o professor não tem suporte e o PIBID não deixa de ser suporte tanto para aluno que está em sala de aula quanto para o aluno que está na universidade.

Sandeilson - Você percebeu que ocorreu uma mudança no ensino de história com a chegada do PIBID?

Renata - Sem sobra de dúvidas houve uma mudança tanto no ensino e a mudança foi tão grande que os alunos passaram a ver a disciplina de história totalmente diferente daquela que até então eles conheciam uma disciplina chata monótona que é obrigatória e por isso eles estavam ali e a gente pode perceber no dia a dia que os alunos passaram a ter um carinho maior e a observar

mais a importância da disciplina de história então sem sobra de dúvidas o PIBID é muito importante.

Sandeilson - Para o bolsista o PIBID é?

Renata - Demais, não são com relação a bolsa que ajuda muito na aquisição de livros é proporciona o aluno a participar de eventos a publicar artigos, mas principalmente na questão de conhecimento e de valorização até então o aluno de licenciatura é um aluno desvalorizado na universidade q gente ver as universidades investindo no cursos das áreas de exatas das ciências biológicas e nas ciências jurídicas que também faz parte das ciências humanas, mas que tem todo um investimento maior né o PIBIC que era o projeto que todo mundo queria participar então você sai do PIBIC eu fui PIBIC, mas como voluntária e a gente sai que pensando que vai ser pesquisador que vai ser um historiador que vai fazer pesquisa vai escrever livros quando na verdade o foco principal do curso é forma professores e dentro da própria academia existe um preconceito muito grande de alunos das demais aéreas com os alunos das licenciaturas a gente se sente um pouco excluído nos eventos nos projetos e o PIBID proporcionou isso além do aprendizado a gente teve condições de participar de eventos porque assim todos os eventos universitários a gente tinha que ir tinha pesquisa tinha coisa legal para mostrar e quando os alunos de outras áreas chegavam até nós para ouvir os nosso relatos de experiências e conhecer nosso trabalho eles também ficavam muito admirados e passavam a dar uma atenção maior e quebravam o preconceito que até então eles tinham com os cursos de licenciatura então eu acho que o PIBID foi, e é importantíssimo na formação do aluno licenciatura e no aluno da educação básica.

Sandeilson - Até que ponto o PIBID de história alterou a experiência da pratica docente pouco, relativamente ou muito?

Renata - No meu caso com a professora Bibi eu não sei hoje, mas como eu ainda tenho um certo contato com ela sempre que a gente se encontra ela fala um pouco para mim das experiências e vivencias dela sem ala de aula e eu noto que tem muita coisa do PIBID com ela melhorou e melhorou bastante hoje é uma professora que participa de feiras de ciências, participa de semanas pedagógicas está sempre participando dos projetos trabalha com os Projeto Político Pedagógico atua dentro disso aí que até então era uma professora que dava aula e só e hoje eu percebo que ela é uma professora muito engajada nos projetos das escolas e tua muito em parcerias com professores de outras áreas professores de língua portuguesa, professor de geografia, professor também das ciências exatas então pelo exemplo da professora Bibi que tinha muita dificuldade de trabalhar história de uma maneira que os alunos compreendessem né

e que desenvolvessem aquilo ali se ela que tinha essa dificuldade melhorou bastante então eu acredito que os demais professores melhoraram muito a partir do PIBID.

Sandeilson - O aluno bolsista PIBID ele é um aluno diferenciado?

Renata - Com certeza, porque o bolsista PIBID além de aprender ele leva para academia o que aprendeu ele não compartilha só com os companheiros de PIBID com o coordenador do PIBID ou com o supervisor ele leva para sala de aula e eu via muito isso porque na minha turma se eu não me engano eram cinco alunos do PIBID na minha turma e a turma ganhou muito através das nossas experienciais porque tudo que a gente trabalhava a gente levava para a sala de aula e os professores ficam muito admirados e queria colocar em prática os nossos trabalhos com estágios projetos voluntários e muito companheiros de turma que não eram PIBID mas que já lecionavam na rede privada usaram muita coisa que a gente aprendeu no PIBID eles vinham nos questionar tiravam dúvidas com a gente e nós servíamos muito de suporte para os alunos que iam estagiar como a gente não teve aquele impacto muito forte do estágio porque a gente já era bolsista PIBID os demais alunos antes do estágio sempre consultavam os alunos bolsistas PIBID a gente sempre tinha uma maneira de trazer uma certa luz para eles então eu acredito que todo mundo saiu ganhando porque tudo aquilo que a gente adquiriu na escola a gente levou para sala de aula da academia.

Entrevista com o bolsista Thiago

Sandeilson - Como você conheceu Bibi?

Thiago - Rapaz inicialmente foi no primeiro dia do Programa que a gente teve que ir até a escola e esse contato se deu somente em sala de aula um contato somente com bolsistas e após esse contato com os bolsistas foi que a gente foi até a sala de aula e teve esse contato com a professora, muito simpática assim tentou abarcar o nosso nervosismo tentou ajudar o máximo que pode, mas o contato inicial foi somente em sala de aula não teve um contato prévio antes da sala de aula.

Sandeilson - E quando você lembra da professora Bibi o que é que vem a sua mente?

Thiago - Como professora cara eu vejo que ela se esforçou muito para tentar melhorar as aulas dela mesmo com toda dificuldade que ela apresentava mais ela tentou, ela tentava ser amiga dos alunos da forma dela mais ela tentava... isso uma palavra que posso definir ela é esforço para tentar se adequar a um melhoramento que ela achava por necessário mesmo com todas adversidades e com todos os problemas que ela apresentava nessa tentativa de melhora.

Sandeilson - Como era a Bibi como professora diante dos alunos?

Thiago - Ela demonstrava certa insegurança com relação a conteúdos principalmente quando nós do PIBID estávamos em sala ela tinha certos receios principalmente quando entrevistava e os alunos percebiam que ela estava nervosa ou que ela apontava um ou uma coisa totalmente diferente daquilo que estávamos propondo na sala isso deixava ela tímida é com medo e ou ela não entrevistava ou entrevistava paulatinamente de acordo com o que ela achava necessário, geralmente é deixando e falando a mesma coisa que estávamos falando só que da forma dela, mas inicialmente é medo um certo medo por nós estarmos ali naquela ocasião o pessoal da universidade ela tinha um certo medo e receio.

Sandeilson - Como era essa relação de Bibi com os alunos dentro de sala de aula como ela ocorria?

Thiago - É ela era uma professora bastante queria pelos alunos principalmente na forma de lidar, ela não era rígida com os alunos ela tentava suavizar a rotina da sala de aula é relativizando mesmo certas atividades inclusive eu e percebemos então após vocês saírem do projeto que nós que estávamos sendo rígidos com as avaliações que foi uma coisa que percebemos que era que estava ocorrendo um erro logístico até que o PIBID vinha explicava e a gente tinha esse assunto para abordar com os alunos temos a nossa metodologia a nossa perspectiva quanto a esse assunto só que avaliação que fazia era Bibi com a coisa dela totalmente diferente da nossa abordagem, e isso não a gente conversou com ela tentou e não vamos ver o que acontece e foi

assim foi um fiasco realmente o que a gente fez, pois os alunos estavam acostumados a avaliação da professora uma avaliação mais relativizada uma avaliação mais técnica... nem tanto técnica era pesquisa mesmo pesquisa no livro e isso acabou quem estava sendo rígido era o PIBID e não a professora que relativizava isso e isso gerou um conflito inicial nessa perspectiva quando a gente tentou fazer do início do fim da aula não só a metodologia, e não só como trabalhar na sala mais também avaliação do que a gente fez e isso gerou atrito.

Sandeilson - Como você vê as aulas da professora antes do PIBID?

Thiago - Se eu fosse analisar com o olhar de aluno de terceiro ou quarto semestre quando você vê as cadeiras pedagogias eu chegaria e meteria o pau na professora... A! a professora está errada nisso... nisso... na aquilo, mas agora eu estou me formando tenho outra visão de sala de aula e vejo que ela como falei anteriormente mesmo que diante das dificuldades que ela tinha ela tentou mesmo com alguns desleixos, alguns nem aí para as coisas, mas ela tentou... tentou ser amiga dos alunos eu prezo muito por isso você tentar suavizar determinadas coisas que a vida daqueles alunos de alguma forma eram muito sofrida não adiantava estar um professor rígido em sala de aula que o aluno não ia entender, não ia conseguir pegar conhecimento, não ia ter uma noção, ou não ia ter um desenvolvimento melhor em sala numa aula de História que é um conhecimento abstrato se você não tiver um domínio você não abstrai aquele conhecimento e o aluno está pouco se lixando para aquilo se você for rígido até ele não vai... ele não está nem aí ele liga com licença da palavra o foda-se para aquilo para aquela aula e se você for rígido você vai dar de frente com aquele aluno. Eu vejo como um aluno iniciante eu ia meter o pau na professora como critiquei várias vezes, mas agora não eu vejo que ela tentou da forma dela mais tentou... tentou fazer alguma coisa pelo ensino.

Sandeilson - Ao longo do percurso da professora com o PIBID como você percebeu as aulas da professora?

Thiago - Por que, quando estávamos quem dava aula geralmente era a gente eu acho que observei para ser sincero que a partir do momento que teve essa mudança de Programa a gente deu a ideia a ela de certamente observar uma aula dela e foi bem... uma coisa mais técnica, mais estética, mais suave que era a questão de pesquisa em livro ela fala uma coisa pedia para os alunos lerem ou pedia para os alunos explicarem o que leu foi isso foi uma aula sobre a guerra civil Norte Americana essa foi a aula que a gente observou e ela fez da forma dela a gente conversou com ela sobre isso aí depois ela ficou meio assim com relação a gente observar aula dela como falei ela tinha medo... medo da gente.

Sandeilson - Como você via a metodologia da professora Bibi durante as aulas?

Thiago - Era basicamente extremante tradicional com o professor passa os conteúdos os alunos absorvem e colocam na prova ou copiam... copistas mesmo do livro didático e essa foi minha observação inicial e aos poucos ela foi tentando mudar teve até tempo de ela passar uma avaliação com esboço daquilo que eles tinham entendido da Guerra de Secessão dos Estado Unidos e isso eu achei para vista do que estava acostumado no início foi algo do tipo... uma inovação muito grande porque a prova era a fale sobre isso... fale sobre isso... e aos poucos ela foi mudando mesmo com as questões dela ela tentou mudar.

Sandeilson - Com relação as provas da professora Bibi você chegou a ter acesso a elas, e como eram essas provas antes e no decorrer do PIBID?

Thiago - Nós não tínhamos acesso as provas como você lembra... não sei se você lembra a gente só ia lá e eu quero que você fale sobre isso e explique sobre isso a gente explicava e saia de lá sem acesso as provas a gente sabia que tinha uma prova, mas não sabíamos como era essa prova até esse momento que eu falei que fomos até ela e falou para ela que não vamos tentar... e como eu falei a prova dela era extremante técnica era uma cópia aí como falei a gente tentou mudar e teve esse atrito porque os alunos estavam acostumados a uma prova mais de cópia mesmo, tipo a o que foi isso? Fulano de tal nasceu? É isso... naquele estilo dos manuais de História que tem que ser extremante decorativa a decoreba prevalece e não tem uma reflexão sobre a realidade e sobre o conteúdo.

Sandeilson - Teve algum momento que marcou você no PIBID como bolsistas?

Thiago - Foram dois essencialmente que eu passei o momento de transição de dois grupos e dois momentos me marcaram bastante primeiro foi aquela festa a de despedida dos alunos ali marcou por que, assim estava fechando um ciclo eu cheguei na metade do ano, mas eu percebi um desenvolvimento daquele povo daqueles alunos e você olha hoje. Pedro! O cara está muito... ele está galgando um futuro para ele e você ver aquilo. Bia! Bia, está fazendo Direito na UEPB. Marcos! Fazendo Letras. E você está na Universidade teve contato com aquele aluno mesmo com seis meses ou um ano, e você volta para Universidade e você ver esses alunos isso é muito gratificante e assim. 2016, peguei uma turma do início e você sonha... e na primeira aula a gente perguntou quais são os sonhos deles. Aaah! Fisioterapia, Medicina geralmente Medicina *top*, mas ao poucos eles vão mudando e chega um aluno para mim e diz eu quero ser professor e hoje ele está lá na UEPB, pois o PIBID despertou isso nele... cara isso é fantástico e você certamente contribuiu para aquilo mesmo que que seja uma parcela pequena de você, mas você está ali. E outra um fato inédito que eu presenciei foi no final de 2016 a gente preparou um processo trabalhista a aula era sobre documentos históricos lá dentro do NDH a gente pegou um documento analisou o documento e levou até os alunos e destrinchou em oito aulas aquilo

e trabalhou Feminismo, o tema central era: “Mulheres no Mercado de Trabalho”, aí trabalhou Feminismo, A mulher na década de 80 e a questão trabalhista do início passando por Vargas até a atualidade, e no final propomos uma dinâmica com eles que eles retratassem um julgamento o que é que a gente fez esboçamos parte do julgamento do processo aconteceu isso, isso e isso... com essa determinada pessoa nomeou os personagens do processo com nomes fictícios para não ter esse problema, pois a processo ainda recentes, atuais que é de 87 talvez pessoas que conhecesse aí nomeou ficticiamente e eles tiveram desenvolvimento incrível na sala de aula na dramatização é cada aluno deu seu máximo e foi incrível até o momento que a gente fez a filmagem e está até no *Youtube* caso queiram ver essa parte foi um momento bastante marcante no decorrer do projeto.

Sandeilson - Com relação as atividades que o PIBID colocava para ela como ela se posicionava?

Thiago - Cara... ela foi bastante... o assunto era como na primeira que falei a festa ela foi ativamente inclusive teve aquele negócio de Bia. Tu lembra? Que a gente fez um simulado do ENEM que quem tirasse maior nota ia ganhar um prêmio aí acabou que a gente esqueceu nós do projeto esquecemos de tantas coisas que tínhamos... olha vai da tanto para isso, tanto para comprar salgadinho, bolo, refrigerante a gente esqueceu do prêmio dela e ela foi lá a professor mesmo que comprou e deu o presente e disse que era do PIBID e eu achei significativo para esse momento e na dinâmica ela foi bastante ativa tentou ajudar da forma dela e foi uma parcela contributiva do projeto porque ela é uma mulher é professora que estava naquele momento estava rompendo barreiras ela rompeu barreiras por ser mulher e ela falou da vida dela como ela chegou para ser professora a luta que ela teve pegava ônibus e ia para outras cidades longe de onde ela morava e isso foi bastante, pois a gente não conhecia a história dela e naquele momento ela se abriu mais com a gente e foi bem interessante.

Sandeilson - Você percebeu que a professora aprendeu algo com os Bolsistas do PIBID de História?

Thiago - Tal vez sim... talvez não, por que é... Bibi já está prestes a se aposentar o Projeto é bom sem sombra de dúvidas para os professores que já estão efetivos, mas ele é melhor ainda para a gente o projeto se enquadra para nós que estamos iniciando, mas ela já tem e aquilo já está arregrado nela no conhecimento dela não é um ano, dois ou três vai mudar certo que vai contribuir de alguma forma ou em alguma coisa para ela, mas não vai mudar a cabeça dela isso é notório quando tentamos trazer certas questões que eram tabus na sociedade como feminismo, questão de gênero e a partir de 2016 nós tentamos trazer questões religiosas de matriz afro. Isso foi terrível a gente não conseguiu porque tem esse negócio porque o povo... mas tem ela e povo

é ela, pois ela está no meio e... o Projeto nessa parte não muda ela, até porque essa não é a proposta do Programa ele é uma contribuição. Como falei, tal vez sim... talvez não, ela não sai do Programa sem nada também como nós não saímos sem nada a alguma contribuição a uma contribuição, mas mudança... mudança não há.

Sandeilson - Com se estabeleciam a relação em sala entre a Professora Bibi e os alunos na sua visão como bolsista o que você percebia antes e após o Programa?

Thiago - Caramba... complicado visse, mas como falei os alunos até ridicularizavam ela no início eu ria eu não vou mentir no início do Programa eu... caramba! Depois que eu me toquei e aí eu passei a questionar os alunos porque a repreende-los porque ele estava fazendo aqui, por qual motivo e isso como falei entre nós e a professora uma desconexão muito grande porque ela tinha como nós chegarmos aqui e... não é nem tomar o lugar, mas a questão de conhecimento mesmo, pois como viemos da Universidade ela tinha medo e isso refletia nos alunos os alunos chegavam até desconsiderar determinadas coisas que ela dessem e o que levou a ela abandonar as aulas tinha vezes que ela deixava a gente lá a gente ficava sozinho na sala de aula. Aí a partir desse momento que a gente tentou venha... inicialmente até uma parte da turma gostava que ela sáísse, porque a gente podia ser mais próximo dos alunos até agente perceber que. Não! Não é assim! O Projeto não é isso, não... Bibi tem que estar e temos que conversar entre nós e não só o PIBID e não só a Bibi é uma parceria e foi até bom que resolvemos alguns problemas e deu certo.

Sandeilson - Tocando nesse ponto da ridicularização, essa situação ocorria mais em que parte, na didática, ou da pessoa que ela é ou era com tudo que ela fazia em sala?

Thiago - Abordagem de conhecimento por que nós trazíamos uma coisa diferente principalmente com aulas temáticas bastante voltada para parte dinâmica eram bem dinâmicas e com ela não... com ela era algo mais técnico mais metódico e isso deixava o aluno no campo de ação deles e eles ficavam lá eu estou aqui parado e a minha nota vai ser de acordo com eu faço minha cópia e isso me deixa na minha zona de conforto. Nós, chegávamos com aula dinâmica e eles participavam gostavam das aulas só que a avaliação continuava daquele jeito e para eles estava ótimo porque as aulas ficavam boas com nós e a avaliação era com Bibi uma avaliação mais técnica e copista a partir do momento que passamos ajuntar isso gerou conflitos e é isso a ridicularização era sobre a questão do conhecimento que falamos sobre uma coisa e Bibi vinha com uma coisa diferente do que ela falava aí os alunos não davam ouvidos a ela, e sim a nós aí isso gerava atritos.

Sandeilson - Você como ex-bolsista como você ver essa mescla entre juventude e maturidade, você como bolsista que sai da universidade com o seu conhecimento você encontra uma professora está ali a mais de 15, 20 anos sem ter contato com algo novo teórico e metodológico?

Thiago - É bastante árdua. Por que é... como eu falei você sai da Universidade e... aaaah! Cadeiras pedagogias e no meu âmbito de conhecimento eu sou. Foda! E você chega na realidade sente quebrar suas pernas se você não tiver essa mescla você quebra suas pernas geral... e Bibi como falei preste a se aposentar todo profissional cansa se você não tiver um engajamento para aquilo, você cansa, você é levado pela sua rotina e você quebra suas pernas talvez Bibi tenha se perdido no caminho e talvez nós quando assumimos nossa profissão nós nos perdemos no caminho e isso é complicado você manter isso e agora temos cursos de formação continuada temos uma maior aproximação da Universidade com os professores já formados, mas antes tinha? E se tinha era acessível? Talvez não. Isso é bastante conflituoso agora eu tenho esse pensamento, mas antes eu não tinha, antes eu achava que ela não estava nem aí, mas agora eu sei porque, pois, ela está n anos na docência algo nesse meio do caminho levou a ela a cansar... é algo complicado vem alunos que não querem nada, questão remuneratória que é ínfima, você tentar bater de frente com o sistema você se quebra não aguenta você não tem condição eu estou fazendo minha parte, mas n mundo está fazendo de tudo para dar errado isso aqui você sempre bate de frente com alguma coisa e é isso meu pensamento é esse ela em algum momento ela se perdeu no caminho da mesma forma que eu posso me perder no caminho.

Sandeilson - Você como ex-bolsistas entende que ao sair da Universidade e levar esse conhecimento para Escola você acredita que o PIBID cumpre com seu papel?

Thiago - Eu acho que sem dúvida é ele não vai deixar professores excelentes no mercado de trabalho só que ele vai levar o aluno ao contato com a realidade e eu penso assim se eu não tivesse o contato com o PIBID eu não seria o profissional que eu pretendo ser nem o que eu tento ser um profissional que tenta melhorar mesmo com as dificuldades que em tenho e todos nós temos dificuldades, mas tenta superar essas dificuldades e sem esse projeto sem o contato com a realidade eu acho que não seria possível essa mescla, não seria possível tornarmos profissionais melhores.

Sandeilson - Você entende que as propostas do PIBID atingem os alunos ou existe aquela relação eu finjo que aprendo e você fingi que dou aula?

Thiago - Se os bolsistas forem no intuito de ganhar a bolsa não atinge, mas se o bolsista está ali beleza a bolsa é importante, mas é essa a profissão que eu quero seguir é isso que eu gosto ele realmente vai cumprir então é uma faca de dois gumes as propostas estão ali se você for para o Programa no sentido de tentar melhorar e seguir à risca aquele Projeto vai ser cumprido,

agora se você for pelo dinheiro não vai vou fingir que vou estudar que vou dá uma aula e os alunos fingem que estão aprendendo ou não tanto faz já quem vai fazer as provas é a professora tanto faz para mim minha bolsa vai cair no final do mês é do mesmo jeito que um professor já efetivo ele está ali se ele receber beleza e se os alunos quiser aprender tanto faz é da mesma forma.

Sandeilson - E como ocorre a relação do bolsista e do aluno em sala de aula?

Thiago - É uma relação que tem percalços mais é muito melhor entre bolsista e aluno do que entre aluno e professor naquele momento porque o bolsista tecnicamente está em uma idade mais aproximativa do aluno entendem determinadas linguagem que aquele aluno está falando ou até mesmo traz linguagens que aquele público vai entender melhor. E o professor não tem uma linguagem própria um acontecimento temporal totalmente diferente e isso causa embates já como aluno... você também é aluno e isso eu fiz questão de frisar que eu estou aqui como professor iniciante e também sou aluno e isso gera uma empatia muito grande entre bolsistas e alunos.

Sandeilson - Você perceber que o PIBID foi um fenômeno histórico dentro da escola?

Thiago - A mudança é significativa sim... e não... pois muda uma rotina de aprendizagem de estudo e muda toda uma rotina escolar como eu já falei. Só que a partir do momento que o PIBID sai volta a ser do mesmo jeito só é normal... normal assim, só é legal uma interação quando o PIBID está a partir do momento que ele sai acabou mantem-se a mesma forma a mesma rotina é igual se o PIBID permanecer a escola é outra.

Sandeilson - Você acredita que isso acontece por que?

Thiago - Toda escola pública tem muito fingimento cara independentemente do nível o fingimento é incrível é você dizer que vai ter uma inspeção do órgão tal de fulano de tal vai vim aqui a escola muda completamente da mesma forma é o PIBID. Você lembra logo daquele momento que teve uma amostra cultural que João foi até lá. Caramba! Professor doutor da Universidade vai vim! A escola se transformou até a professora o jeito dela falar mudou então é como eu falei o PIBID só traz resultados se ele continuar na escola se não fosse pontual e sim algo contínuo poderia haver uma grande mudança, mas que queria quer não, tem uma mudança pequenas mudanças que vão ser sentidas principalmente pelos alunos e com os professores como falei fica alguma coisa do PIBID, mas a experiência que ele traz em contato com anos de trabalho não vai mudar em quatro, três anos.

Sandeilson - Você como ex-bolsista quais seriam os pontos negativos do programa?

Thiago - Pontos negativos... eu penso o seguinte é faltava um contato com as esferas de observação era um contato mais entre bolsistas e eu penso o seguinte que um ponto que seria

legal ao meu ver é que houvesse um intercâmbio entre os grupos não ficasse eu sou dessa escola e eu vou me manter aqui, mas que houvesse um intercâmbio entre esses grupos e que houvesse um contato maior entre as esferas tipo coordenador geral, coordenador de área tivessem esse contato com as coisas periódicas que se não viesse em março só no final do ano com aquelas amostras da Universidade que você gastava dinheiro para cacete.

Sandeilson - E se você fosse elencar pontos positivos do programa?

Thiago - Tem inúmeros cara... como eu falei sem o PIBID eu não me tornaria o profissional que eu sou eu não veria a escola e a sala de aula como eu vejo hoje é só você perceber um estudante de licenciatura que só faz o estágio e um estudante de História que faz o PIBID é totalmente diferente a questão de domínio de aula, relação com aluno, relação questão conteúdo, a dinamização de conteúdo isso não há no estágio é quase puramente um fingimento o estágio está lá só para você receber a nota porque é uma cadeira geralmente no final do curso você não está nem aí você está cansado do curso o curso já levou tua alma nos cinco primeiros semestres e tu não está nem aí mais para o curso eu só quero minha nota. Foda-se! Eu quero meu diploma e pronto. O PIBID não você está ali você tem uma realidade se você não gostar você vai receber só seu dinheiro, mas a maioria está ali porque realmente gosta não está ali apenas pelo dinheiro.

Sandeilson - O PIBID incentivou a formação docente para o ensino de história?

Incentiva cara... por que assim, eu já falei só não sei se já falei isso para vocês assim a bolsa que o PIBID da, quatrocentos reais, pode ser pouco? Pode. Mas, se não fosse a bolsa eu trancaria o curso e eu não estaria na docência estaria fazendo qualquer coisa ou quem sabe eu não estaria nem formado. Eu sei lá! Talvez estivesse numa construção civil, no mercadinho por aí, mas aqueles quatrocentos reais foram decisivos para eu continuar no curso seguir uma carreira que é tão desmerecida, tão desmotivada para a população que não está nem aí, mas é algo que eu acredito eu ainda tenho esperança na docência e se não fosse o PIBID eu não estaria formado.

Sandeilson - Você acredita que houve uma contribuição para valorização do magistério?

Thiago - Valorização em acho que não cara a valorização só vai acontecer a partir do momento que a sociedade sentir falta ou sentir prestígio pela docência por um professor que não é um programa em si que vai fazer isso, talvez ele ajude a fazer, mas sozinho ele não faz a sociedade não está nem aí para o professor eu quero que meu filho seja um doutor independente se ele tenha doutorado ou não.

Sandeilson - O PIBID enquanto programa social eleva a qualidade da formação inicial dos cursos de licenciatura e promove a integração da educação básica e educação superior?

Thiago - Primeira questão sim o PIBID eleva a qualidade da formação como eu falei se for só o estágio o aluno sai com uma deficiência enorme na formação acadêmica e deveria melhorar

a questão desse elo Universidade e cursos básicos porque você ver que está na sua graduação tem inúmeras possibilidades no conteúdo só que quando você vai para o ensino básico você tem que moldar aquele conteúdo de certa forma você esquece que o que passa na universidade você vê todas aquelas teorias mais você tem que moldar sua própria teoria e adaptar aquilo o que está acontecendo em seu dia a dia e esse elo poderia ser melhor. A um contato sim você leva algumas coisas da Universidade, mas poderia ser melhor.

Sandeilson - Inserir o licenciando de História no cotidiano escolar proporciona a ele ser participativo e criativo por meio das experiências?

Thiago - Com certeza, se... como eu falei a realidade molda você a realidade faz você inovar mesmo que seja uma inovação. Aaah! Que para muitos é uma inovação pífia, mas aquilo é significativo você não vai fazer as coisas da mesma forma todos os dias, você não vai se gastar manter uma rotina que desgasta sua profissão você e seus alunos, ou seja, você todo tempo vai ter que inovar mudar sua realidade.

Sandeilson - Metodologicamente falando o PIBID é importante para o Ensino de História?

Thiago - Com certeza. Isso aí é sem dúvida por que você tem cinco cabeças totalmente diferentes cada um com seus pensamentos, mas na hora essas diferenças moldam a criação e mesmo que você não tenha uma criatividade grande, boa você aprende com essas cinco cabeças você aprende a inovar você aprende a dinamizar uma aula coisas que tipo. Aaah! Eu posso fazer uma aula sobre isso, mas aquele pessoal uma pessoa. Aah! Vamos usar imagens, vamos usar fotografia você aprende com isso cada um dá uma contribuição e cada um leva para si contribuição de ambas as partes.

Sandeilson - A relação interdisciplinar ou pluridisciplinar da História com outras disciplinas proporcionadas pelo PIBID são relevantes?

Thiago - Sem dúvida! Por que, o conteúdo é de História a prova é de História, não sei o que é de História, mas para você entender aquela sociedade para você entender determinado período histórico você tem que ter um diálogo com a literatura aquele aluno não gosta de História, mas ele gosta de Literatura, mas você pode mudar não vamos analisar isso daqui, aquele aluno não gosta de História, mas gosta de Artes não aqui isso é um período histórico e isso aqui estava acontecendo naquele período histórico esse movimento artístico e ele vai interagir vai acontecer uma interação muito grande dos alunos.

Sandeilson - O PIBID contribuiu para relação teoria e prática?

Thiago - Difícil. Até certo momento eu diria que não, mas hoje eu diria que sim é essencial esse mote entre teoria e prática eu antes eu estava nem aí para teoria cara é necessário cara, principalmente quando tem teóricos que refletem sobre a prática e não só teoria por teoria, mas

aquele teórico que traz algo uma reflexão extremamente importante que lhe toca sobre aquela prática que está lhe trazendo uma aflição muito grande para você é necessário você estudar aqui é necessário você ter o contato com aquela teoria.

Sandeilson - O PIBID proporcionou uma melhoria nas licenciaturas, principalmente nas de História?

Thiago - Sim, é havia um impasse muito grande com relação a minha turma vou dá o exemplo da minha turma, a minha turma teve cinco bolsistas minha turma tem dezesseis alunos dentre esses dezesseis alunos cinco eram bolsistas e você ver a desenvoltura que esse alunos tinham antes do PIBID e pós PIBID é total mente diferente tem uma amiga minha que ela não conseguia apresentar seminário... é ela não conseguia ela sentava puxava a cadeira ficava aqui travada e a partir do PIBID... e hoje se você de voz a ela roda tem toda uma desenvoltura e isso levou os amigos que não eram do PIBID a tentar entender porque e questão do estágio quando tinha cadeira de estágio a quem vinham a nós que participavam do PIBID como é que faz um plano de aula você poderia me ajudar e isso quer queira quer não vai ajudando aqui que o estágio já que esse pessoal esses onze só tiveram contato com estágio se eles não tivessem apoio suporte de nós que participávamos diariamente que participávamos de uma rotina de sala de aula numa escola ia ser um estágio furado que eu acredito que alguns não estavam nem aí também, mas tem pessoas ali que diante da nossa abordagem que mesmo que pequena, mas eram uma ajuda, ajudou significativamente na carreira deles que eles querem seguir inclusive eu tenho relatos de uma amiga minha ela se arrependeu amargamente de não ter feito o PIBID ou a seleção porque ela via na nossa desenvoltura em sala que era totalmente diferente da dela ou de outros amigos.

Sandeilson - O aluno bolsista do PIBID ele é um aluno licenciando diferente dentro da Universidade?

Thiago - Totalmente... totalmente, por que tanto nas cadeiras pedagógicas que se... temos agora que fazer uma aula ou na de estágio mesmo professora na última cadeira de estágio que agente pagou a professora queria que a gente escolhesse um tema e abordasse o tema em sala e é notório que quem participa do PIBID e quem não participa a desenvoltura ou se não quem não é ou quem não fez PIBID, mas tem uma desenvoltura em sala como alguns que já tem cinco anos, dois anos e já dá aula isso é notório quem está numa sala de aula que não está você tem uma desenvoltura tolamente diferente e inclusive na adaptação de conteúdo você tem uma cadeira rebuscada com aqueles conteúdos teóricos e você chega suavizando como a transposição didática que se você não estiver dentro da realidade você não consegue fazer uma transposição didática você não consegue mudar um conteúdo técnico e alcançar aquele aluno.

Sandeilson - O PIBID de História ele modifica as estruturas teóricas e metodológicas relacionadas a prática docente, e também modifica as estruturas da escola?

Thiago - Da escola é como falei. Quando ele está melhora e muito, mas após a saída desse pessoal a escola volta a ser o que é.

Sandeilson - Você atribui esse desaparecimento do PIBID a que?

Thiago - A rotina fazer para inglês vez. Como falei para os alunos aquilo fica aquilo vai ficar, professora ficam alguma coisa o que a gente almejava não e os que não participam do PIBID. Não estão nem aí! Eu acho que lá no Poli só tinha História, Português, Inglês, Geografia parece eu acho que tinha pronto. Ali sim havia um interação a vamos falar de não sei o que... mais não sei o que... mais os de Matemática os de Física olhavam para você e... que interação o que... aquele negócio... seria importante se houvesse uma escola de aplicação isso ia ficar formidável que você tem um campos aqui e um campos aqui na região e milhares de pessoas ou formadas em formação que tem vontade enorme de dar uma aula de contribuir para o ensino mas que vão ser fadadas ao esquecimento não vão está nem aí para as licenciaturas não vão está nem aí para docência porque não tiveram incentivo e se não fosse o PIBID eu também estaria jogado nesse meio eu acho que algum de vocês estariam jogados também e não estariam nem aí, estariam cagando para a licenciatura e a escola de aplicação se houvesse né... daria o incentivo que o PIBID não consegue abarcar devido a questões de financiamento questões logísticas e estrutura isso é uma parte ínfima daqueles alunos, mas sem esse incentivo seríamos fadados a querer uma coisa totalmente diferente da docência.

Sandeilson - Se pudesse aplicar uma melhoria ao PIBID qual você aplicaria?

Thiago - Melhoria. Como falei a questão da logística de interação entre as esferas que comandam o projeto que comandam o programa é imprescindível que haja uma interação maior do que houvesse demandas diferenciadas e não só um coordenador que comanda tipo dez campos não sei quantos campos da UEPB, que pudesse ter uma interação que um campus em si pudesse ter autonomia para dinamizar as questões das metodologias dos encontros que pudessem ser mais interativos, e não aqueles encontros obrigatórios que eu tenho porque que ir tenho que ir para o ENID e não sei mais o que fosse uma coisa mais regional uma coisa mais eu não digo simplificada mais sim que fosse mais interativo que aqueles professores que forem fizessem um encontro na própria escola não precisava ser em Campina Grande, mas que fosse na própria escola para aqueles professores que não fazem parte do PIBID eles pudessem ver o projeto pudessem ver o que está tendo uma mudança dentro da sala de aula uma tentativa de melhora talvez ensinasse a eles a mudar fazer alguma coisa e não só o décimo quarto salário e isso e aquilo e isso iria incentivar muito.

Sandeilson - Os professores do PIBID recebiam um tratamento diferenciado na escola?

Thiago - Eu via sentimento de inveja principalmente dos professores cansados que queriam bolsistas para darem aulas para eles inicialmente era isso. Eu ouvi um relato que. Aaaaah! Mulher que coisa boa tu tem pessoas para dar aula para tu eu bem queria pelo menos um e você sabe né e vocês dois aqui sabem que tem distorções no programa como em qualquer canto vai ter distorções não é uma coisa perfeita e professores que se aproveitam dos alunos bolsistas e jogam toda carga burocrática técnica e prática para esse bolsistas e além de receber o salário como professor e não está dando aula ele recebe a bolsa que é maior que a do bolsista e... está nem aí, cobra exaustivamente como se nós fossemos professores efetivos mesmo e é isso viam uma questão... e inicialmente um sentimento de inveja por não ter um cara para jogar... o! pega aí esse pepino e outros até que gostavam das ideias das inovações metodológicas que eles sozinho não poderia fazer.

Sandeilson - Em algum momento ocorreu algum atrito entre os bolsistas e Bibi ou entre bolsistas, Bibi e os alunos?

Thiago - Teve... teve vários atritos toda relação independente da que seja vai ocorrer atritos você tem amigos e tem atritos e não vai ser diferente no Programa é tivemos atritos sim como falei no início da entrevista tivemos atritos entre nós e os alunos, mais era em busca de uma aula que fosse do início ao fim não só que a gente expusesse os conteúdos, mas que também que fizesse uma avaliação do que fizemos nesse dois processos e a gente tentasse avaliar o que a gente fez isso gerou atritos porque não estávamos acostumados e atritos com a professora eram essencialmente de uma logística quando é professora precisamos de tal coisa... “- tá bom meus filhos!” Quando a gente chegava lá não tinha tal coisa. “- professora necessito que a senhora reserve a sala de multimídia”. E quando chegava lá a sala de multimídia não estava reservada ainda por cima outra pessoa tinha pegado a sala. São atritos! A gente na hora fica muito puto fica com raiva mais são coisa que deveriam ter sido relevadas porque assim é uma senhora já a gente tem nossa cabeça de jovem e também tem horas que até a gente vai esquecendo e eu também já estou ficando velho e já estou esquecendo das coisas já é muita coisa imagine ela. Outra coisa foi fizemos o esboço do planejamento e tal e aí isso daqui isso trabalha tal dia essa unidade tal dia temos o planejamento do bimestre tal dia chega aí vamos trabalhar Guerra de Secessão com o filme, não lembro o nome do filme, mas tudo bem a gente foi trabalhar isso e quando chega. Não é porque eu marquei uma avaliação hoje sobre o segundo reinado. Aí você fica isso quebra a perna de todo mundo você esta cansado tem as cadeiras da universidade estuda para aquilo tem questão da didática você tem que estudar para dar uma aula você não vai. Aah! De bolo você tem que estudar e você vai tem um transporte quem não é de

Guarabira tem que ir até Guarabira... eu chegava lá morto morrendo de sono o primeiro ônibus da linha lotado do Rio Tinto um estresse ao extremo quando eu ia sentado tinha vezes que eu ia em pé e ir até Guarabira em pé quando tinha ar-condicionado era bom quando não tinha matava chegava na Leolandia ali lotava o ônibus já estava cheio entrava mais duzentas pessoas dentro do ônibus e a gente ia até lá demorava uma hora para chegar em Guarabira porque o carro ia assim... chegava no centro ia até o polivalente à pé nisso eu gastava cinco reais de táxi vocês lembram... gastava o taxizinho mais uma hora acaba esse dinheiro não tem mais você tem quatrocentos reais você começa a gastar e quando você vai olhar parece que só tem cem seu dinheiro vai embora e você não está nem aí e você não vai poder mais nem gastar nem com o moto táxi e você vai a pé Guarabira é muito quente você sobe aquelas ladeiras horríveis tem os atalhos que você aprende, mas você chega até... aaah! Já tenho o conteúdo pronto e você chega lá a professora faz isso... isso dá uma raiva muito grande você sai frustrado você volta para casa bufando odiando a professora e isso esse são os atritos que são normais é algo que na hora. Aaaaaah! Mas, tudo certo vai fluir e coisa que agente fez também... fez muita merda também bagunçou muito com a professora era uma família cara e toda família tem isso eu queria ter feito mais e senti muito a diferença quando teve o nosso início e vocês também eram um grupo inicial e mudou para outro então a gente passou por três grupos eu passei por dois grupos são diferentes mais os atritos continuam. Aaah! Fulano de tal vamos fazer o relatório o relatório tal fulano de tal com essa parte beleza quando chega na hora fulano de tal cadê a parte... parte! não tem parte eu esqueci do relatório caramba velho é complicado.

Entrevista com a professora Luciana Calissi

Sandeilson - Primeiramente bom dia certo eu gostaria muito que a senhora começa-se a lembrar um pouco da sua memória como foi esse acontecimento do PIBID como é que aconteceu.

Luciana Calissi - A minha memória foi reativada com esse respectivo convite [risos] para a gente conversar – certo – porque já faz muito tempo e inclusive eu achei e fui procurar algumas coisas em casa assim também porque eu me lembro quando chegou o PIBID em Guarabira que quem coordenava a área na época era a Marisa Tayra na época e agente você sabe a gente éramos todas juntas eu Ma e também a Mariângela né eu ainda até hoje não posso falar muito na Marisa mas [risos], mas em fim quando ele chegou lá é eu a gente abraçou né o PIBID a princípio achou ótimo, mas depois a gente vai se distanciando e vai também lembrando de coisas que a gente leu a respeito que a gente tem que consideram de críticas inclusive, dificuldades etc. então eu fui nessa minha pastinha eu sou cheia das pastas né lembrar inclusive quando é que eu exatamente eu sai e eu achei inclusive a minha carta de saída do PIBID para entrada do professor João e achei também os primeiros termos de convênio da Universidade Estadual com o Estado da Paraíba para a gente poder fazer valer a entrar nas escolas com esse projeto. Então assim, é uma memória curta mais longa eu entrei em 2012 efetivamente quando a gente começou mesmo a selecionar professores e alunos e tal e quando foi em março de 2013 eu entreguei por diversos motivos primeiro porque eu já estava com a coordenação do estágio é tava querendo montar um doutorado que naquela época que acabou não saindo pra na área de ensino e hoje eu estou em outra área que eu pretendo voltar, trazer o que estou fazendo para ensino que trabalha com exclusão direitos humanos etc. e tal que sempre foi uma área de direitos humanos [...] uma área que eu trabalho a algum tempo junto com o ensino de história então quando eu me retirei do PIBID e João ficou muita coisa eu acompanhei, mas através dos próprios estágios né que lembram-se existiu inclusive uma consulta foi aprovado que quando eu sai afastado em 2016 para o doutorado já valia que fazia parte do PIBID poderia já contar parte do estágio supervisionado obrigatório né então eu acompanhei a partir das dos diálogos que ainda eram poucos entre o estágio supervisionado e o PIBID essa foi uma das questões que a gente não conseguiu pelo menos na época que a gente tava superar eu acho que tinha ter até nas minha aulas de estágio nas últimas que eu trabalhei eu tentei levar o pessoal do PIBID para conversar com o pessoal do estágio porque é muito importante. Enfim, eu fui viver tudo junto e misturado nas minhas memórias não sei se vai ser linear sabe [risos] – tranquilo – porque desde [...] então eu vou começar assim vamos pensar assim como que chegou o PIBID né que eu me lembre foi uma coisa que chegou de Campina para Guarabira porque já estava ocorrendo

em Campina Grande em várias áreas inclusive em áreas chamadas extas né [...] inclusive alguns modelos de convenio que chegaram para a gente compreender como iria funcionar burocraticamente foram já de 2010 já tinha isso em Campina Grande, então assim quando chegou de Campina Grande para a gente abraçar [...] é nós tivemos várias dificuldades ao mesmo tempo [...] em compreender do que realmente se tratava na prática né porque uma coisa é chegar lá o projeto você ter ouvido falar já ter lido a respeito e outra coisa e ele chegar para você no seu contexto na situação e conformação das escolas com as quais vocês trabalham né com a sua cidade com a sua comunidade é uma distância bem grande e a outra questão que me pegou e não só a mim, mas a todo mundo da UEPB eu lembro que a gente teve várias reuniões com a Paula Castro que era a coordenadora na época não sei quem é hoje é a questão burocrática porque as questões burocráticas elas depois até que você entende e se familiariza e adapta e tal ela flui, mas no primeiro momento a gente não conseguia entender nem a forma de implantar nem a forma de dar o retorno disso tudo porque tem os relatórios tínhamos editais de seleção de professores editais de seleção de alunos os próprios convênios todos burocráticos da universidade com as escolas e com a própria secretaria de educação e outras coisas que em nem me lembro mais né a gente tinha que levar isso para reunião de departamento então tentar chamar outros professores da comunidade era um tipo de parceria digamos assim entre a universidade e as escolas da comunidade uma parceria que a [...] permitia que inclusive outros professores voluntários não tivessem sido selecionados e a gente nem sabia na época então assim muitos detalhes burocráticos que eu particularmente foi com que eu mais particularmente sofri porque eu sou uma pessoa para trabalhar com isso [risos] né embora eu seja razoavelmente organizada tenha muita coisa relatórios de vocês ainda guardados né tenho as escolas as principais escolas com as quais agente trabalhou Antônio Bem-vindo na EJA a noite com o professor Francisco na Estadual ne que eram professoras e alunos participavam bastantes na Estadual foi onde a gente conseguiu mais juntar PIBID com estágio é o Mousinho a gente trabalhou com algumas escolas você deve lembrar mais do que eu porque você participou muito mais do PIBID depois – quatro anos – quatro então maior número de escolas na minha época era principalmente a gente começou com Antônio Bem-vindo com o professor Francisco e foi uma experiência muito legal para ele para a gente principalmente em dificuldades que a gente percebeu já de cara né no Estadual no Mousinho e aquela escola lá do... do como é que ela chama oh! minha cabeça, oh! Mas eu já lembro então são algumas escolas a princípio foram três escolas que a gente tinha 12 vagas, ou melhor, 12 bolsas para o centro da UEPB para o CH então nós dividimos 3 bolsas por curso de licenciatura História, Geografia, Letras e Pedagogia, 3 bolsas para professor quero dizer né professores então nós tínhamos 3 escolas era o máximo

que a gente poderá ter com um professor supervisor por cada escola e 5 alunos por cada supervisor ao todo a gente tinha 3 bolsas de professor a minha né de coordenadora e mais as bolsas dos alunos [...] então a gente essa primeira seleção já foi uma doideira [risos] porque teve partes delicadas né que muita gente queria participar [...] mesmo os professores onde a gente já estava com estágio ficou muito complicado inclusive ouve dentro do Antônio Bem-vindo não, mas em outras escolas ouve uma certa dificuldade porque é uma bolsa que vai para o professor e é claro que um incentivo importante né e mais de um professor queria essa bolsa e eu me lembro que iam três, quatro professores da mesma escola fazer entrevista, fazer a seleção e era uma situação muito delicada para a gente porque a gente precisava de todos esses professores no estágio [...] né então a seleção foi muito criteriosa muito criteriosa e embora a entrevista fosse muito importante a gente teve que tomar muito cuidado né porque havia uma competição entre os professores para o PIBID e a gente não poderia, a gente saber lidar com essa situação delicada porque a gente estava dentro destas escolas com os estágios e você sabe o quão é difícil entrar com estágio nas escolas né então tudo isso a gente foi aprendendo assim e a Marisa claro né sempre muito centrada super capacitada sei lá tudo né Ma aí a gente foi se direcionando muito com ajuda da Marisa muito e aí porque eu fiquei com a coordenação [risos] por uma questão mesmo assim é o professor João ainda não tinha chegado ou estava chegando né é a gente não tinha essa acho que ele tinha acabado de chegar não lembro muito bem, mas a Mariângela estava com vários estágios e com PIBIC e etc. e tal a Marisa estava na coordenação né e nós tínhamos só nos quatro praticamente professores efetivos de prática porque outra coisa tinha que ser professor efetivo para ser coordenador de PIBID e a UEPB agora não sei como é que estar depois ela ficou bem melhor maior número de professores efetivos, mas a gente ficou por muito tempo com professores substitutos principalmente em prática né efetivos até o João entrar acho que só éramos eu, Marisa e Mariângela e mais ninguém né então por uma questão logística também eu me tornei coordenadora do PIBID foi um desafio e tanto e foi para todo mundo então essa questão de como receber, como organizar, como viabilizar, como selecionar, como explicar para os professores como funciona para os alunos a gente fez reuniões iniciais várias na UEPB pra fazer com que os professores entendessem né e para que eu também entendesse [risos] né porque eu não cheguei lá e fiz olha é assim que eu estou entendendo [risos] – estou passando – que estou passando e assim que a gente vai começar a trabalhar e começamos né selecionamos os alunos os primeiro alunos, os primeiros professores as primeiras reuniões como é que vai funcionar tinha que ter reunião na universidade e também nas escolas como que esses professores vão trabalhar eles tem que ter dedicação exclusiva eles tem que ter horário disponível para todas as reuniões e na prática nem um professor do Estado ou do município tem

tudo aquilo disponível né na prática a gente não consegue seguir tudo aquilo que teoricamente deveria ser feito não sei nem se deveria né porque aí comecei a questionar até que ponto esses papéis todos eles são obrigatórios então eu acho que a gente tem um limite que a gente tem que estabelecer de acordo com as nossas realidades e foi assim que a gente começou a trabalhar o PIBID lá tentando compreender como isso ia acontecer e ao ir compreendendo a gente foi “adaptando” aprofundando até e discordando muitas vezes do estava no papel e foi ótimo. Então, enquanto eu estive lá apesar de todas as dificuldades deram confusões principalmente com bolsas né, mas a gente foi resolvendo do que eu me lembro [risos] né eu me lembro de muito mudo, mas eu me lembro de muitas coisas legais também né eu me lembro por exemplo de que os professores que foram selecionados escolhidos sei lá como é que a gente pode é a gente pode chamar isso das escolas eles gostaram eles se envolveram eles procuram aprender foi uma troca muito grande, porque assim você está falando sobre o PIBID existem várias críticas a ele, ele não funcionou da mesma forma em todos os lugares porque ele tem uma coisa universalizante que não funciona essa questão da parceria entre instituição superior e comunidade escolar ela é bastante complicada primeiro porque a gente tem um histórico de distância da universidade das comunidades Guarabira até que bem menos graças ao trabalho que Marisa e Mariângela fizeram até antes de eu ir para a prática é, mas na região de São Paulo que disseram que o PIBID não funcionou muito bem que não deu muito certo, além disso, além dessa coisa universalizante é muito importante entender o que [...] os tipos de parceria que se estabelecem no momento entre intuição superior e as comunidades básicas tem a chamada parceria complementar que são autores ingleses que parte de uma experiência na Inglaterra que isso foi [...] eu trouxe até o texto que trata disso para você – obrigado – é um texto que fala faz umas críticas e muitas das críticas que ele faz eu concordo depois que eu me afastei um pouquinho por isso é importante essa distância também né porque o PIBID tem coisas transformadoras, mas tem limites e problemas de origem digamos assim ele coloca aqui dos três principais tipos de parceria a complementar a outra que não lembro o nome acho que é de colaboração que identifico na descrição do autor como os estágios a gente quer que seja uma parceria precisa que seja uma parceria, mas de colaboração e essa que é a do PIBID como é que ele chama eu não lembro mais esse texto é de 2014 então eu li e reli, reimprimi porque eu não achei e lembrei na minha memória, mas não achei nas minhas coisas eu reimprimi para te trazer e eu completar e a parceria conduzida que é conduzida pelos institutos superiores que ele fala aqui que é aquela que a gente como intuição assume o controle das coisas e isso é muito complicado [...] né então uma das coisas que eu pequei como primeira coordenadora foi isso quando eu li esse texto quando passei é assim mesmo né [risos] – vivendo e aprendendo – e eu

percebi que a gente colocou um pouco isso nós indo até as escolas porque essa é a ideia original do projeto que não é legal nesse sentido e a gente está oferecendo bolsas a gente está controlando a gente diz quais são as regras como funciona e papapapa [...] ai [...] isso tem dois lados é claro que a gente tem que ter um controle por causa da grana tem que ter o relatório porque tem que ter o retorno, mas a gente de novo corre o risco de fazer assim a nós somos melhores nós somos o ensino superior então vocês tem que fazer assim e foi assim que eu implementei lá eu acho por mais que minha intensão não fosse essa por mais que eu chamasse os professores junto que eu propusesse que os alunos discutissem e me trouxessem que eu também participasse e eu aprendesse e eu aprendi muito, mas eu acho que na hora que a gente chegou o que chamou foi mais a bolsa do que qualquer outra coisa [...] e isso é muito complicado então na minha perspectiva hoje eu acho que o PIBID chegou de supetão para a gente e começaram a se fazer as reuniões do que se tratavam e como que tinha que ser e as discussões depois que estava tudo “jogado” por mais que a gente fosse cuidadoso nós também recebemos de supetão o PIBID então eu faço uma autocrítica muito grande na minha atuação do PIBID por inexperiência né e por desconhecimento inclusive mais aprofundado do que era o PIBID a gente tinha só uma noção e como chegou [...] olha nós conseguimos bolsas para Guarabira pa! Aí veio lá de Campina Grande. E aí! E aí! O que eu faço? Como que isso funciona? Como eu tenho que chegar? Eu só fui ler as críticas ao PIBID os textos mais reflexivos até praticamente a maior parte depois que eu sai que eu fiquei pouco tempo e um tempo muito tumultuado [risos] – pegou a pressão – peguei a pressão toda que eu acho que acabou valendo porque ele ficou teve continuidade ele foi se aprimorando como vocês com João todo mundo foi entendendo melhor né eu acho que os professores cada vez gostaram mais das escolas eu acho que a tendência que se continuar eu acho que a gente tem que aprender com as críticas com esses textos com essas reflexões como é que a gente reelabora sempre essas parcerias porque essas parcerias ela sempre correm o risco ser mais unilaterais do que parcerias propriamente dito porque parcerias não se constroem assim, parcerias não se constroem com editais e com bolsas e olha que para a gente foi mesmo difícil porque a gente estava desenvolvendo esse tipo de parcerias ou tentando com os estágios supervisionados então a gente já chegava com muita cautela nas escolas a gente já dialogava com os professores agora eu fico imaginando para outros grupos de professores e de escolas e que não existia nem isso porque a gente sabe que em muitas escolas os estágios são feitos de bolo então assim o PIBID tem uma coisa um potencial de transformação de contribuição na formação dos professores muito grande, mas tem que se tomar muitos cuidados com seus limites eu acho que você já fez isso no seu trabalho contextualizou o PIBID da onde ele veio que é do PDE com todas as outras cobranças inclusive

de órgãos internacionais da UNESCO da ONU das tachas das formações de professores então ele está dentro de um contexto que você tem que formar mais professores em melhor e menor tempo ele é uma política pública que tem que ser contextualizada [...] que é para alguns autores até neoliberal embora fosse o PT [risos] ele estava o PT né teve seus limites e um dos limites foi que ele teve que lidar com essa onda neoliberal que vem né já de não é de hoje vem desde a década de 70, 80 eu acho que isso já começou então assim eu adorei ter participado do PIBID ter de uma certa forma conseguido implementar sem grandes traumas eu acho [risos] e eu acho que ele despertou muitas coisas como você mesmo falou os alunos que participaram do PIBID passaram a ver a docência a maior parte com outros olhos então uma das coisas que eu acho que tem que fazer mais é expandir esse olhar não só para quem faz parte do PIBID e é muito difícil, então assim, da experiência que eu tive professor e alunos que participaram do PIBID enriqueceram-se demais [...] mas até onde eu fiquei eu não sei se isso já começou a ser efetivado, mas eu acho que a gente tem que ir além disso [...] tudo bem é uma proposta liberal ela veio de cima para baixo de uma certa forma embora muito necessária ela tem muitas coisas importantes que a gente não pode findar, pois quando ameaçou não vamos ter mais bolsas não vai ter mais PIBID me gelou o coração com todos os problemas me gelou o coração porque isso pode dar muitos frutos ainda [...] porque, porque de uma certa forma porque olha é um modelo que é modelo que não precisa ser modelo ele pode ser outra coisa então vai depender muito da gente as políticas públicas o desempenho o desenvolvimento a eficiência delas dependem muito mais da gente [...] né então é eu acho que a gente tem que dar um jeito de que o PIBID de alguma forma ele se multiplique independente da bolsa eu que isso é muito difícil [risos] eu sei que é quase uma utopia – todo mundo presa pelo dinheiro – é e porque precisa gente os professores são desvalorizados em todos os sentidos quando aparece pelo menos um extra, gente eu dei aula no ensino básico 20 anos meu caro eu peguei todos extras que apareceram então e é assim mesmo porque você tem que, por isso é muito difícil as disponibilidades de todas que eles pedem para o professor participar do PIBID porque a maior parte não tem aquela disponibilidade que está no contrato [...] né e em cidades como Guarabira menos ainda – a realidade é outra – a realidade é outra né então quando a gente pega aqui os requisitos para concorrer como professor supervisor os requisitos como professor aluno eu mais tranquilo eu acho mais ou menos isso que tem que ser mesmo, mas ele tem que ter um certo desempenho escolar, ele tem que participar, tem que ter frequência, tem que acompanhar atividades, ele faz tudo ali em tese eu acho que isso é muito importante porque é para a formação dele principalmente, mas do professor dedicação exclusiva a escola isso é muito complicado está aqui preferencialmente ainda bem porque é muito difícil ter disponibilidade para atuar 10 horas

semanais no trabalho de orientação e supervisão dos bolsistas na escola parece pouco, mas na prática do dia a dia deles é muito[...] então assim eu acho que são orientações que a gente vai... vai... conversando com elas [risos], possuir formação superior comprovada né não está afastado não ser parente agora tem uma coisa que é muito interessante que você já cansou de ler os objetivos do programa né existem muitos problemas na forma que eles são colocados aqui e eu acho que o nosso dia a dia faz a crítica por exemplo contribuir para elevação qualidade da escola pública da cidade [...] né então quando a gente ler os objetivos do programa das propostas parece que ele é a solução [...] ela não é a princípio a solução a gente tem muitas barreiras um exemplo quando a gente começou no Antônio Bem-vindo o projeto foi com cinema já de cara muito alunos legais participando e era cinema e informática juntos eu não lembro de cabeça, mas eu lembro que era, estava visando reativar uma sala de informática que tinha lá fechada ela uma sala de informática nova fechada e que aluno não entrava [...] e o primeiro projeto do PIBID foi com isso, depois de discussão do que seria legal tinha todo planejamento e tal, pois o professor Francisco não conseguia o diretor abrir aquela sala nem com o projeto PIBID [...] entende então nós temos uma questão de gestão geral muito complicada então o PIBID ele pode contribuir não para elevar a qualidade é esse objetivo já está colocando a instituição superior como a instituição do ensino universitário como superior as práticas docentes não é simples assim [...] e não é isso porque esse professores que estão na prática docente saíram das instituições superiores do ensino superior então essa é uma coisa que eu acho e... e... tem muito nesse texto aqui eu quando li esse texto de Elaine Fernandez Mateus que ela é de Londrina é da PUC de lá ela fala isso que eu senti muito mesmo tanto que eu senti isso quando eu fui mandar para a UEPB eu tirei eu risquei eu não pus elevar eu pus estimular práticas escolares construídas a partir das parcerias entre as universidades e escolas públicas e não elevar o nível, porque é o seguinte quando a gente recebe um projeto a gente tem que ter o mínimo de análise de discurso porque tem que tomar muito cuidado com o que o projeto está pedindo e como você vai apresentar para o outro que já tem várias resistências com relação ao eu, o que eu quero dizer, as escolas principalmente públicas tem muitos ressentimentos em relação as universidades e com razão eles são abandonados lá tanto é que eu sempre falo, você se lembra disso eu sempre falo quando vem a primeira vez para escola os alunos de estágio vão lá fazer as oficinas conversar com os professores observar aí o que é que vem ah! Professora aquele professor lá não quer saber de nada aquele professor lá não sei o que, aí o que eu falo; calma aquele professor lá pode ter sido um de vocês só que não é tão simples assim você se manter acesso a gente é só nas escolas né lembra eu falava muito isso nós somos muito sós a gente tem que achar parcerias lá dentro então é eu acho que o PIBID poderia colaborar com isso por exemplo junto com os

estágios por exemplo e é só que ele não vai elevar nada a gente vai aprendendo [...] então eu mudei alguns textos algumas colocações do nosso projeto por que eu acho muito importante que a gente tome muito cuidado quando por exemplo você vai por lá incentivar escolas públicas da educação básica tornando-as protagonistas dos processos formativos dos estudantes das licenciaturas não só das licenciaturas né, mas também das escolas é claro que o programa eram vocês licenciandos, mas o foco não poderiam ser vocês licenciandos né o foco tem que ser a escola sempre então eu confesso que muita coisa eu compreendi depois que eu sai daquele tumulto – e a escola é o produto – né – e o professor é o serviço ele está prestando um serviço – ele tem que ter [...] então assim eu fiquei foi uma experiência muito legal eu aprendi muito eu acho que os alunos e os professores das escolas também só que eu faço uma autocrítica muito grande não faço meia culpa porque culpa [risos] é uma coisa muito cristã que eu não quero nem saber dela [risos] porque eu não estou sozinha certo é uma relação de coisas de forças de pessoas né mais assim eu acho que a gente tem que ser alto crítico né então eu fiquei no começo um pouco triste comigo quando comecei a olhar para o meu trabalho e depois eu fiquei um pouco satisfeita por que eu dei o que eu tinha né depois eu fui aprendendo mais né e tentei fazer isso mais nos estágios então o PIBID me ajudou nos estágios por exemplo e eu acho que o estágio ajudou muito as atividades do PIBID, mas eu acho que a principal dificuldade minha no começo foi essa relação universidade escolas professores da escola básica com bolsa outros sem bolsa lá dentro né porque você tinha lá um professor uma professora que tinha bolsa fazia parte do PIBID ela era discriminada dentro da escola [...] aí a gente chegava do outro lado com os estágios então essa relação era muito difícil – porque o estágio não ganhava bolsa – o estágio não ganha bolsa é ao contrário tem professores que acham que atrapalham a vida e tem professores que gostam então as relações humanas são as mais difíceis e principalmente as relações humanas adultas quanto mais adulto mais difícil os adolescentes principalmente do fundamental I, ou melhor II o I a gente nunca trabalhou eles são mais receptivos com uma coisa que eles se identificam e pronto está tudo resolvido o professor tem muito mais resistência então a minha forma de tanto a forma como chegou para Guarabira para o campus e como a forma que eu Luciana coordenadora cheguei nas escolas teve problemas eu também não tive muito tempo para ser muito honesta né eu tinha prazo então chegou lá com prazo os editais os termos de compromisso tudo comprazo e aí a gente não vai perder bolsa né essa é a última coisa que pudemos fazer numa região como Guarabira então dentro dos prazos eu tentei fazer o que eu sabia fazer e com a ajuda muito da Marisa e da Mariangela e depois com o próprio professor João que antes dele assumir a coordenação ele já estava lá acho que do meio para o fim eu não lembro mais se eu achasse a carta eu acho que até eu lembraria o achei a carta que eu mandei

para a coordenadora Paula Castro me desligando da coordenação do PIBID passando para o professor João isso foi é março de 2013 eu acho que o professor João chegou lá em 2012 meio de 2012 eu não lembro meio do ano em junho por aí eu já estava na coordenação aí também ele depois até contribuiu e tal e depois virou o coordenador também aí até hoje o que acontece [risos] porque é muita atividade para área de ensino para poucos efetivos eu sai de licença Ma [choro] se foi e aí né a gente tem uma dificuldades a mais principalmente para o João porque praticamente ele e Mariangela só agora como efetivos né na área então o PIBID como uma política pública nacional ele tem uma outra coisa que eu acho que é bem complicado para o PIBID que é essa coisa universalista que que cada região e cada cidade era uma coisa diferente e como que a gente manda relatórios né manda relatório, relatório, relatório e eles não voltam não porque, porque não tem como imagine todas as áreas da universidade da UEPB com relatórios do PIBID entende é uma questão até logística né eu também compreendo por um lado eu acho muito bom fazer um relatório eu compreendo independente de enviar eu acho legal porque quando você faz os relatórios você sistematiza mais o que você está fazendo os resultados você consegue ter mais claro ou não depende do relatório é mais claro não essa palavra, você consegue ter mais discernimento do que está sendo feito porque eu como coordenadora eu não conseguiria está ao mesmo tempo em todos os lugares em todas as reuniões né eu tinha que delegar o que era muito legal então os relatórios me ajudavam muito nisso, mas assim a discussão dos relatórios o retorno dos relatórios a gente não tinha logística para isso nem dentro da própria área de ensino que éramos nós três depois chegou João né então à a gente tinha assim 15 relatórios no mínimo e mais todos os relatórios de estágio de observação [risos] então relatório é o que não falta na área de ensino então eu acho que de alguma forma teria que melhorar isso eu não sei como né que retornos de fato a gente tem de toda esta atividade para além do que venha de fora nossos retornos são percebidos ali né na sensibilidade nos depoimentos orais em alguns relatórios esses são os nosso retornos que são muito importantes e como você já sabe a maior parte é positivo e uma parte dos depoimentos é muito legal então assim a gente não pode perder o PIBID eu vou ser muito honesta eu não o acompanhei mais só o João e a Mari não dá para fazer muito mais do que isso não eu acho né é um trabalho que exige uma logística mais pessoas uma outra mentalidade tem que ser construída aos poucos por que a nossa mentalidade é fragmentada muito até de outros professores da universidade muito resistente a isso por que dá trabalho é o seguinte já que está sendo gravado eu vou dizer eu acho que uma das questões do ensino tem tantas resistências por que é área que dá muito trabalho tanto intelectual como braçal e as pessoas acham que é só braçal e não é só que é um trabalho intelectual mais amplo que lhe engloba sensibilidades outros tipos de

conhecimentos outros tipos de leitura além da teórica histórica e historiográfica e também muito da história e reelaborar a história a cada novo projeto que você vai tentar produzir e efetivar na própria universidade ou fora dela dá muito trabalho então teoricamente na minha concepção a gente teria que ter muito mais gente na área de ensino do que em qualquer outro lugar por que na área de ensino você consegue produzir muita teoria por que as pessoas gostam tanto na universidade né [risos] e que ela são absolutamente essenciais eu não estou de gentio nem num secundarizando a teoria eu queria que de fato as duas andassem de fato juntas, mas não é fácil e o PIBID me possibilitou muito isso eu fui ler outras coisas que eu não lia eu fui conhecer inclusive esse texto né um texto que eu já li a muito tempo que me deu um olhar para tudo até para as políticas públicas e isso é importante a gente não é só professor de história né quando a gente quando a gente vai para as escolas a gente sabe que a gente está lhe dando com uma interdisciplinaridade o tempo todo né nós temos um curso que é disciplinar e que a gente tenta fazer a interdisciplinaridade em alguns momentos do curso no estágio que é obrigatória a interdisciplinaridade no estágio não é quando a gente leva lá as oficinas o que são as oficinas e a gente tem pouco estudos sobre interdisciplinaridade dentro acho que da universidade como um todo acho que não é só de história não pedagogia então assim essa questão ela é muito ampla muito complexa ela exigiria muitas outras coisas para a gente pensar, para a gente trazer, mas o que eu estou falando aqui é tudo que vem vindo assim [risos] sem muitas eu tinha até posto num papel lá em casa: PIBID sua importância seus limites, as críticas e o contexto eu não sei se eu consegui fazer isso mais eu acho que era isso [risos] do que faz parte por que que vem o PIBID para as escolas para universidades isso é muito importante trabalhar, quais são as várias críticas em relação a ele nunca o desvalorizando ou negligenciando a gente precisa do PIBID embora tenha sido uma coisa de cima para baixo dentro de um contexto neoliberal como muitos consideram a gente pode transformar isso numa coisa muito legal como o teu já transforma né muito alunos [...] aí eu só queria que ele conseguisse se ampliar se organizar de uma outra forma que tivesse mais gente participando né outros professores da universidade né que a gente conseguisse voluntariado mesmo que sem bolsa de outros professores da escolas porque isso no próprio regimento permite o voluntariado de quem quiser participar do PIBID que acho que e mais ou menos assim que seria a ideia principal né você trazer voluntariamente as pessoas para os projetos acho que muitas escolas poderiam a sua própria forma de organizar o conhecimento lá dentro né eu acho que que o uso temático, uso de projetos em algumas escola para você ver você que tem a experiência bastante em tudo de ensino as oficinas funcionam normalmente muito bem é raro é claro que você tem frustrações, mas até as frustrações das oficinais a gente gosta por que a gente ver o que está errado nas aulas quando você entra nas

aulas dos professores a gente fica mais constrangidos não é eu fico eu me lembro quando a Marisa me chamou para área de ensino eles foram me contando como é que eles foram reformulando a área de ensino porque você sabe que a área de ensino de Guarabira ela é reconhecida aqui e quando eu levei o meu projeto de estágio supervisionado que eu iniciei lá eu pretendo retomar um projeto que eu apresentei na ANPUH em 2016 eu tinha de acabado de prestar o doutorado, foi 2015 ou 2016 em Florianópolis sei lá faz muito tempo eu apresentei meu projeto que era fazer um estudo da nossa área de prática de ensino a partir dos relatórios de estágio supervisionado aí eu guardei todos os relatórios de outros professores também da Marisa peguei os relatórios da Marisa e fui fazer uma análise desses relatórios e tal e apresentei para a ANPUH de lá e o João estava presente ele deve se lembrar como funcionava e eu falei dos memoriais que era ideia de Marisa os memoriais quem trouxe para o estágio foi a Marisa e foi uma ideia maravilhosa riquíssima e aí eu me lembro que quando eu apresentei tinha gente de todos os lugares do Brasil ali naquela sala e todos elogiaram o estágio de Guarabira então assim é uma coisa que eu tenho orgulho de ter participado e eu quero retomar e eu acho que é um lugar que tem que dar mais frutos aí eu estava lembrando quando a Marisa me falou como elas forma reelaborando esse estágio essa área dentro da UEPB e que elas foram para escola de uma outra forma aí ela contava que iam ela e a Mariangela só tinham as duas naquela época e eu estava como professora substituta em antiga e medieval estava chegando né e Marisa chegou para prática de ensino ela chegou um pouquinho depois de mim como efetiva já começou a organizar e então as duas entravam nas escolas com uma outra, elas iam para as escolas conversava com os diretores com todos os professores e elas foram construindo isso e ela contando como elas chegavam aí a gente dava muita risada [risos] por que ela chegava assim; olhe elas já tinham montado quase que um jogral [risos] – um esqueminha – isso um esqueminha para chegar na sala dos diretores então assim é e uma coisa uma construção de anos né em que eu acho que o PIBID deveria se juntar mais a isso se a gente tivesse estrutura que a nossa questão é estrutural também e eu acho que o PIBID tem que continuar, cava vez mais de outra forma não se como e eu acho que as vezes os estágios vão “revolucionar” um pouco as coisas sabe dentro das escolas que não é fácil é isso.

Sandeilson - Uma pergunta que eu tenho a fazer a professora é com relação a essa falta de professores de prática no ensino de história principalmente dentro da universidade. A senhora atribuiria a que está situação a gente ver que não é uma realidade só de Guarabira entendeu eu tiro por realidade própria que eu sofri bastante para passar em uma seleção de ensino de história que é a linha qual eu discuto e pesquiso, a que a senhora atribui essa falta de profissionais nessa área e por que há essa resistência das instituições a isso?

Luciana Calissi - Essa é uma discussão da década de 90 a Rosa Godoy fala muito isso tem textos delas se você quiser eu acho que eu tenho lá e eu já coloquei inclusive em algumas indicações em coisas que a gente participa é uma questão histórica [risos] embora os primeiros institutos de escola superior para professor e formação de professores tenha surgido em função das escolas Dom Pedro I por exemplo no Rio as escolas básicas forma se organizando então até estudamos a muito tempo isso numa disciplina lá de história na formação de professores do estágio é tenham se formado institutos superiores para forma professores para as escolas básicas que estavam se organizando primeiramente sem professores “formados”, embora, tenha acontecido isso ao longo do tempo e de acordo com a ideia iluminista que se formou desde do século XIX nós vivemos ainda nossa mentalidade ainda é bastante iluminista a ideia de que o cientificismo superior ao magistério isso é secular sabe e isso se arraigou muito na mentalidade de todas as instituições de ensino superior que eu saiba né então é uma coisa meu “cultura escola” sabe digamos assim então quando se foram se formando os cursos de e as universidades ela se formaram não com o foco do ensino nem uma delas, embora os primeiros institutos superiores que eu sei se formaram nesses intuito mais depois foi a USP né na década de 30.

Entrevista com estudante Alysson

Sandeilson - Como foi que você conheceu o Pibid?

Alysson - Deixa eu tentar montar uma linha de raciocínio eu estudava na escola Polivalente desde da quinta série e quando eu entrei no ensino médio a escola passou por uma mudança e ela entrou com o projeto ProEMI - Programa Ensino Médio Inovador quando eu entrei no primeiro ano daí junto com esse projeto que eu conheci o Pibid também que eu nem entendia na verdade o que era no começo por que era um negócio novo eu nunca tinha visto o Pibid antes e eu só sabia que era um pessoal que vinha da universidade e que ia ensinar lá, ajudar a professora lá na universidade ou na escola no Polivalente só que depois ainda no primeiro ano eu fui entendendo o que era o intuito do projeto em si que se parecia um pouco com o estágio de sair das paredes da universidade e pôr a mão na massa no ensino básico por exemplo e eu fui entendendo o que era essa coisa da junção entre a via de mão dupla que é o ensino superior e o ensino básico como eles estão interligados digamos assim eu acho que foi assim que eu conheci e eu lembro de duas disciplinas que utilizam muito o Pibid que eram a disciplina de Português e a disciplina de História eu acho que pelo campus daqui ter Letras né e ter História também era mais presente isso né por que eu acho que aproveitaram essa, esse tipo de currículo voltado a Letras e a História que são as disciplinas daqui acho que Geografia também poderia ter mais no meu tempo não teve Geografia Pibid não teve só de Português e História então foi assim que conheci o Programa.

Sandeilson - E a professora Bibi como você conheceu?

Alysson - Bibi... Bibi... eu lembro dela da escola, mas nunca tive aula com ela, pois ela só dava aulas no ensino médio e eu não tinha conhecido ela ao longo da quinta série até o nono ano não pessoalmente não tinha tido aula com ela eu já conhecia ela dos corredores passando e tal já tinha visto ela Caio, mas nunca tinha ou tive esse contato com ela de ter aula com ela só no ensino médio que eu tive esse contato com ela que foi um pouco antes de conhecer o Pibid por que tem aquela coisa do começo do ano e tal, então tive alguns meses aí eu só vim conhecer o Pibid no segundo ou terceiro bimestre do primeiro ano então já foi esse tempo de primeiro e segundo bimestre conhecendo a professora Bibi deu para perceber um pouco assim como eram as aulas dela por que eu não lembro a quantidade de aulas mais quatro meses é muito é um bucadinho de aula que ela dá então dá para você conhecer se familiarizar com o professor o que ele gosta o que ele não gosta como ele trata determinado assunto como é abordagem a didática essas coisas e tal, então dava para conhecer um pouco ela no começo do ano antes de conhecer o Pibid por exemplo e depois junto com o Pibid que eu fui conhecendo mais.

Sandeilson - Quando você vê na sua percepção quando você lembra professora Bibi o que mais chama atenção?

Alysson - Eu lembro de ser uma pessoa baixinha eu lembro que uma coisa me lembra das aulas delas e da pessoa em si é que ela gostava do que fazia eu via que ela gostava de ser professora é e uma coisa que sempre me chamou atenção e eu sempre lembro é o livro didático que a gente usava muito o livro didático muito mesmo é eu lembro de umas aulas dela do Egito, sobre Idade Média, Medieval tipo ela sempre seguia essa linha de raciocínio dos primórdios da civilização até a história atual que até é uma sequência lógica que é adotada por muitos professores para ficar mais fácil no raciocínio das pessoas eu lembro que é... era uma professora bem tradicional de fazer avaliações prova e as vezes ou vez ou outra passava um trabalho mais era mais a coisa estudar pelo livro copiar no quadro escrever e transcrever para o caderno era bem... bem... padrão e que os outros professores também faziam né e a gente também estava acostumado não era estranho ou diferente a gente já era condicionado a essas coisas já era normal e eu lembro que eu sempre fui um bagunceiro estudioso né eu tirava onda na aula, mas eu não era aquele que tirava onda e esquecia não, ainda fazia as questões e tal... estudava eu bagunçava na hora de bagunçar e eu sempre lembro que ela gostava não que ela gostasse tanto ela não era aquela professora carrasca que você fizesse uma brincadeirinha na aula ela ia arrancar seu fígado fora não era ela até ria das piadinhas que eu contava e entrava na brincadeira também no meio e tipo eu acho que isso é um ponto legal para ela, mas uma coisa que eu lembro muito é a coisa do livro de seguir muito à risca o livro e o que ele expunha lá sobre essa linha de raciocínio e tal.

Sandeilson - A professora Bibi como professora como era para você?

Alysson - Ela era muito atenciosa nas... no cuidado de como a gente estava na aula agora eu acho que tipo é para alguns alunos que eram mais dispersos ela não dava tanta atenção ela dava mais atenção aos alunos que eram mais ativos que eram mais participativos na aula aí era o que eu via assim eu conhecia alguns amigos que eram muito calados que não participavam tanto da aula era mais que digamos introvertidos e acabavam que ela não dava muita atenção mais que isso não é um ponto só dela exclusivo dela isso acontecia em outras aulas de outros professores... deixa eu ver aqui eu lembro também que ela incentivava... porque a escola era assim tinha os macro campos a tarde que era ensino integral aí a gente estudava as disciplinas normais do currículo pela manhã e de tarde tínhamos os macro campos um era de iniciação científica o outro de linguagens outro de artes e eu lembro de um macro campo dela que era sobre filmes, cinema essas coisas e foi um dos que me marcou muito a gente via o outro lado da professora Bibi era o lado dela fora da sala de aula padrão e ela numa sala de aula diferente do que é aquelas quatro paredes e as cadeirinhas enfileiradas e um quadro na frente era a aula

dela com um jeito diferente junto com eu acho com os meninos do Pibid ajudavam ela nesse projeto os macro campos é deu para ver outra visão dela que... digamos que fora daquele padrãozinho daquilo que delimita aquilo que deve ser um professor a gente delimita muito que um professor o que ele deve ser deve se portar desse jeito na sala, falar desse jeito, abordar um assunto desse jeito e limita... limita... limita o professor afunila ele e quando o professor entra em sala de aula ele... na verdade nem é ele que está ali e sim o que colocaram na cabeça dele para ser aquilo e quando íamos para esse ambiente fora da sala de aula padrão que era a sala de multimídias lá na escola a gente via outra coisa diferente do professor participando também como aluno porque a gente ia assistir o filme por exemplo e ela assistia junto com a gente lá no meio sentando junto com a gente então era outra visão do que era na sala de aula, que na sala de aula temos a mesma coisa de na mesa ter o professor ele estava lá sempre de frente para você ele nunca estava sentando junto como você tem aquela separação de nicho o nicho dos professores e o nicho dos alunos e quando íamos para o outro âmbito era mais digamos que algo mais sensível digamos assim da parte da participação do professor na formação dos alunos em si e daí eu lembro dessa parte sensibilizadora da professora dela se preocupar com essas coisas na sala de aula.

Sandeilson - E as aulas delas como eram, eram boas ruins interessantes ou desinteressantes como eram as aulas da professora Bibi?

Alysson - Antes do Pibid eu classifico as aulas delas como padrão nada de muito inovador mais eu lembro da primeira aula dela que ela fez uma árvore da vida você desenharia uma árvore isso foi no primeiro ano primeira aula dela e você ia colar todas as palavras que vinham na sua mente quando você ouvisse a palavra história tudo que for relacionado a história você pode colocar nessas árvore e a gente foi botando e daí ela pediu para algum voluntário para dizer uma palavra e daí íamos conversando sobre o assunto, um exemplo falar sobre Guerra Fria e daí ela ia e falava um pouco sobre Guerra Fria algo bem rápido digamos que era o primeiro dia de aula aquele momento mais dinâmico de se conhecer essas coisas principalmente por sermos do primeiro ano e ela nunca ter tido contato com a gente a não ser com os repetentes eu lembro muito bem disso e digamos que não era nada além disso era... eu lembro de ser aquelas aulas normais professor entra na sala bom abram o livro em tal página hoje vamos falar sobre isso e não sei o que mais lá outra vez era o livro era copiar um texto no quadro e depois nós tínhamos que copiar no caderno da gente ou é vez ou outra ela passava um trabalho para responder algumas questões e entregar a elas, ou seja, leva para casa para depois entregar na próxima aula então era bem padrão essa visão padrão que a gente tem das aulas dos professores.

Sandeilson - Alguma aula te marcou?

Alysson - Com certeza a primeira aula é a primeira aula dela por essa coisa da árvore da vida por ser uma abordagem diferente de aula porque digamos era algo disperso não era nada limitado ao uso quadro do livro didático, ao uso de Data Show era uma metodologia diferente do que a gente estava acostumado de debater um assunto, conversar mesmo era uma conversa que nós estávamos tendo na aula tanto é que me marcou e eu lembro até hoje e isso foi em 2012 eu acho então eu lembro até hoje 6 anos depois estou lembrando dessa aula e me marcou desse jeito.

Sandeilson - E com relação as provas delas como eram?

Alysson - As provas... das provas eu lembro que ela utilizava questões abertas e também tinham questões fechadas objetivas então ela mesclava era uma prova mista de marcar ou de verdadeiro ou falso por exemplo e é questões subjetivas para você escrever e da sua opinião e era sempre conforme o assunto que ela dava nunca fugia do assunto não era muito além dos assuntos que ela dava em sala de aula era sempre o que ela fala em sala de aula explicava cobrava na prova o que você soubesse tinha também influência assim do livro assim como as aulas dela então espera-se que a prova tivesse influência de como o livro didático abordava os assuntos, mas era basicamente isso era essa prova mista que era utilizado pelos assuntos que eram dados em sala de aula basicamente todos os assuntos que ela dava em sala de aula.

Sandeilson - Ela era diferente dos outros professores?

Alysson - Não... não ela era bem normal era bem padrão dos professores dessa escola essa coisa de prova mista com exceção de uma disciplina que não tinham questões objetivas e se tinha era com menor frequência era em geografia isso eu lembro claramente era mais subjetiva que é aquela coisa no ensino básico as vezes você não se sente cativado a aprender só decorar os assuntos então eu lembro de estudar para as provas de geografia no caso que era outra professora decorando as questões e eu lembro de decorar as questões que eu tinha escrito e não era de marcar, mas salvo algumas exceções sempre tinha questões de marcar, mas na prova de Bibi por exemplo era mais presente o verdadeiro e falso, marque a alternativa correta e incorreta essas coisas mais uma coisa que eu chamo atenção que ela não pegava muito de gravar data pronto lembro muito bem disso a gente tinha que saber que em 64 ainda se existia um processo de regime militar ou de ditadura no Brasil ou foi o momento que se rompeu, ou a gente tinha que saber qual data da primeira guerra mundial, ou quando começou a revolução industrial ela nunca pedia para a gente decorar isso porque na minha visão ela nunca falou isso, mas acredito que ela estava mais preocupada em aprender a importância daquele marco daquela coisa do que aconteceu naquele momento ali do que decorar uma data sobre aquilo estava mais interessado que a gente aprendesse o tema e qual a influência dele no mundo, por exemplo qual foi a

influência da revolução industrial no mundo e qual foi a influência dos egípcios por exemplo com as tecnologias para o modelo de civilização que a gente tem, quais as influências que a gente traz dos gregos por exemplo então eu acho que ela estava mais preocupada com isso do que a gente saber que Aristóteles viveu quatro mil anos sei lá... entende.

Sandeilson - A professora Bibi tinha uma relação afetiva com os alunos ou ela sabia dividir essa relação entre profissional e amigo?

Alysson - Eu acho assim que no começo eu fui aluno dela durante todo o ensino médio então no primeiro ano a gente sente ainda digamos uma distância estávamos bem separados, mas a partir do segundo ano vê como é da rotina você encontrar aquele professor quase todo dia e como era integral então a gente se encontrava manhã e tarde o vínculo de professor ele sempre aparece ali e eu vi que ela sabia dividir o profissional do pessoal mais que não era aquela coisa muito limitada um exemplo assim eu entrei aqui na sala de aula eu sou professora Bibi e eu... não assim ela brincava também conversava sobre um acontecimento da vida dela por exemplo quando estávamos estudando História da Paraíba falando sobre ferrovias e tal e ela falando sobre a infância dela quando pequena e sobre como era a influência dos trens e como foi a importância disso para o comércio economia na Paraíba o desenvolvimento das cidades então via que ela falava um pouco pessoalmente assim mais que não era tão... tão... pessoal, fora de sala de aula ela era de sempre conversar e também isso era um costume meu de sempre conversar com os professores eu passava a maior parte do tempo conversando com meus amigos e tal e vez ou outra eu via os professores eu parava para conversar com eles e tal e eu criei amigos professores assim até hoje, por exemplo Caio... Caio... hoje é um dos melhores amigos que tenho assim então que eu sempre tenho contato e começou como meu professor e depois se tornou amigo e foi criando um vínculo tão grande de amizade que hoje ultrapassou as barreiras da escola e virou amigo de família e outros professores como Edvan por exemplo um que eu conversava muito e também por que eu gostava muito de Biologia e Edvan era meu professor de Biologia então eu sempre conversava com eles sobre essas coisas e tal, e Bibi fora de sala de aula ela sempre conversava na sala de aula não era tanto, mas ainda sim tinha uma certa influência digamos assim pessoal a partir do segundo ano eu diria para tentar situar porque no primeiro ano já acontecia, mas no segundo ano se demonstrou mais aberta as conversas e tinha influências da sua vida pessoal essas coisas.

Sandeilson - Após a participação da professora Bibi você notou alguma mudança a partir do momento que ela passou a fazer parte do Pibid?

Alysson - Assim o que eu vou falar é pelo o que eu vi até o terceiro ano que foi quando eu sai da escola e não tive mais contato com ela assim eu vejo ela de vez em quando e não parei para

conversar em assistir uma aula dela, eu vi que... assim teve uma mudança no método das aulas dela eu acho que as provas continuaram do mesmo jeito as provas eram bem aquela questão que falei questões abertas e fechadas quanto abordagem na aula eu vejo que ela deu uma mudadinha digamos assim no modo como ela abordava a aula e até outras ferramentas que ela começou a utilizar digamos assim que no ensino básico que eu lembro que a gente não utilizava muito o Data Show e foi uma das coisas que através do Pibid começou a utilizar mais a sala de multimídia e depois do Pibid a gente viu que ela começou a utilizar a sala, por exemplo a sala de multimídia muitas vezes ela não usava Data Show acho que não sei... talvez não estivesse familiarizada coisa do tipo mais ela não utilizava muito Data Show isso fora do Pibid quando o projeto já tinha terminado na escola mas ela ainda utilizava a sala de multimídias eu lembro que também ela utilizou música, letra de música para a gente analisar e eu lembro de uma que falava de um monte de acontecimentos de Simone Beauvoir é falava... eu lembro de um versinho “saiba todo mundo teve pai quem já foi quem ainda vai” aí fala sobre anglo-saxões, falava sobre mulçumanos e daí um dos exercícios que ela utilizou foi essa letra para a gente e foi analisando os acontecimentos históricos e tal nessa letra da música tipo assim era uma coisa que querendo ou não é algo diferente do que você está acostumado em sala de aula e eu tenho quase certeza que isso aconteceu depois do Pibid que isso aconteceu mudou digamos assim eu acho que os alunos ficaram mais interessados depois do Pibid e mudou para melhor as aulas dela é a única coisa que eu acho que gerou de ruim depois do Pibid ficava aquele sentimento de saudade dos Pibidianos porque como eu disse a gente cria vínculos né interpessoais e a galera do Pibid sempre estava presente né então criamos também vínculos de amizade com algumas pessoas alguns alunos criavam vínculos com estagiários ou com outros, mas sempre se criavam esses vínculos e a única coisa que eu acho que ficou ruim foi isso tipo assim a gente acabou o projeto e *pow!*... e agora eles não vão vim mais não vai ter mais essas aulas e tal tipo assim que Bibi mudou, mas ela ainda mantinha um padrão digamos assim vez ou outra ela utilizava uma ferramenta e as aulas padrão ainda ficavam quando eram as aulas do Pibid por exemplo normalmente eram todas fora do padrão de aula normal sempre com uma ferramenta diferente, uma abordagem diferente essas coisas então a gente ver que é... eu acho que as aulas dela mudaram sim para melhor eu creio que a influência do Pibid trouxe essa melhora uma progressão para aula dela.

Sandeilson - Como você vê essa mescla entre a professora que já está lá na sala de aula e esses bolsistas que vem da universidade como você ver?

Alysson - Eu acho que sim é necessária porque a professora Bibi está a muito tempo na profissão e quando a gente ver quando estamos fazendo nossas pesquisas que as vezes que os

professores meio que se acomodam na profissão e eu não critico isso porque as vezes e como o sistema profissional lhe obriga a se acomodar as coisas, por exemplo você tentar fazer nova metodologias e acaba que a escola ou algum profissional de lá digamos que vá botar terra digamos assim, não *pow!* isso aqui não vai funcionar não e eu acredito que isso ao longo dos anos vai gerando uma carga na pessoa e a pessoa vai que se acomodando e eu não critico isso dela mais eu vejo que através dessa relação entre a velha geração e nova geração uma geração mais antiga de professores e uma geração nova de professores que está surgindo acaba gerando essa via de mão dupla os novos trazem novas metodologias que estão sendo desenvolvidas agora e olha agora a aula é invertida essas coisas e tal e ainda sim querem a outra mão que é a experiência da professora a vivência da sala de aula tudo que ela experimentou em sala de aula e viveu em sala de aula toda responsabilidade que ela tem ela consegue passar isso para os alunos que estão agora na graduação na formação acho que é uma mescla muito importante e eu via isso entre ela e os pibidianos.

Sandeilson - Você acredita que a experiência do Pibid alterou a prática do professor de história?

Alysson - Para Bibi eu acho que não foi do dia para noite talvez agora ela já tenha mudado mais depois de alguns anos ela tenha mudado mais é um tempo e leva um tempo para que isso aconteça né acontecer uma mudança total digamos assim, mas depois do Pibid eu vejo que sim houve uma mudança na aula dela na professora agora não era algo tão estrondoso... Ooooo! que mudança então, ela mudou sim um exemplo que citei foi a música que ela nunca tinha feito isso e quando uma galera do Pibid fez isso com a gente e eu lembro que fizeram um evento sobre músicas que foram composta no período da ditadura militar e daí a gente analisava as letras e tal ela pegou isso e adaptou para outra aula que era eu não lembro sobre o que era aula, mas ela adaptou para que pudéssemos compreender os acontecimentos históricos que tinham na letra tipo assim ela não copiou a aula, mas ela adaptou a aula a metodologia dela e a ferramenta que foi utilizada pelo Pibid ela adaptou para aula e tipo assim o Pibid gerou mudanças.

Sandeilson - Você percebeu que tanto as provas como a metodologias mudaram com a chegada do Pibid?

Alysson - As provas eu acho que não tanto, mas as aulas os trabalhos como ela abordava a aula eu acho que mudou, quanto as provas acho que estão no tradicionalzinho.

Sandeilson - Você acredita que o Pibid incentivou a formação docente?

Alysson - Eu acho que sim... não eu tenho certeza que sim incentivou porque você só aprende a fazer uma coisa fazendo e as vezes... eu tenho essa visão é na graduação a gente se limita demais ao ensino superior a universidade as portas da universidade as paredes da universidade

a gente fica lá naquela caixinha e esquece que um dos objetivos da universidade é fazer esse vínculo com a sociedade, com a comunidade e que a escola faz parte da comunidade e que as vezes nós meio que exclui o ambiente tão importante que é a escola e eu acho que você só aprende a ser professor sendo professor botando a mão na massa indo para sala de aula falando sobre o assunto levando uma metodologia é fazendo um plano de aula por exemplo é seguindo um determinado roteiro do que você faz flexível ou não e eu acho que o Pibid influencia nisso porque o Pibid foi aquela coisa de colocar os meninos que estavam no ensino superior ali na graduação e joga dentro da escola bora botar em prática o que vocês estão aprendendo na graduação bora lá é a práxis que Paulo Freire até falava que a coisa da teoria e da prática juntos então é bem nisso eu acho que teve uma influência tão grande na formação docente dos pibidianos porque era bem aquela coisa de dar a cara a tapa e fazer era eles que estavam dando aula e não a professora a professora sentava e assistia a aula dava uma ressalva ou não eram eles que estavam lá planejavam as coisas seja um vídeo que vai passar por exemplo eram eles que planejavam esse assunto vamos abordar desse jeito, essa ferramenta e tal é eu não sei como era nos bastidores no *making off* disso se tinha influência da professora se ela dava uma pitauinho ali ou não, bora fazer desse jeito ou outro, não sei como era, mas na prática lá que era o que eu via na sala de aula eu acho que contou muito para formação do pessoal.

Sandeilson - Você acredita que o Pibid contribuiu para valorização do magistério?

Alysson - Eu vejo que sim porque é pronto a gente vive num país que fala muito ou falava-se muito no professor... Aaaaaa! Professor é uma profissão de renome e eu acho que isso vem se perdendo porque você se liga mais naquilo que te dar dinheiro e não pela importância daquilo para a sociedade não porque é menos ou mais importante qual a relevância daquilo para sociedade e eu acho por ser o professor a profissão que forma as profissões digamos assim é o profissional que ele não é mais importante ou menos importante que o outro, mas a influência que ele traz para sociedade é muito grande porque o professor é capaz de mudar o conhecimento digamos assim o conhecimento e a consciência de das pessoas segundo determinado assunto e eu vejo que se não tem investimento nisso, pois um país para se devolver ele tem que pelo menos investir em três áreas educação, saúde e segurança se você exclui educação o país não se desenvolve e só se investe em educação investindo em professor no ensino superior investindo verba na educação básica, então o Pibid é um dos investimentos para a profissão, para as áreas de licenciatura, magistério, para a docência em si então eu acho que quando você entende que aquilo é um projeto da universidade lá do Estado e que é investido verba naquilo e que de alguma forma surta efeito no ensino básico que aquilo está surtindo efeito na formação docente dos alunos da graduação eu vejo de certa forma que isso valoriza a profissão, valoriza

o professor porque é onde se surge novas metodologias, é onde através do Pibid como o professor mais antigo conseguiu ver é o que aconteceu digamos assim de inovação no ensino ao longo desse anos que ele é professor, pois muitas vezes ele pode ter parado de acompanhar então o Pibid foi de extrema importância para essa valorização tanto do profissional que está sendo formado agora quanto do profissional que já exerce essa profissão já é docente a muitos anos.

Sandeilson - Você acredita que ocorreu uma melhoria na qualidade do ensino com o Pibid?

Alysson - É... bom, eu acho que vamos olhar no caso aqui para mim o Pibid foi uma das coisas se eu pudesse elencar um *top 3* que me influenciaram na educação básica o Pibid foi uma delas para eu buscar uma educação melhor e está cursando o ensino superior quando eu tive a influência do Pibid foi uma das coisas que me botaram para... *pow!* Eu vou seguir uma parada dessa também eu vou fazer uma graduação também tipo assim eu vou fazer uma licenciatura também porque eu gostei dessa parada que esses bichos então tipo assim eu vejo que... que isso para mim isso é melhorar a qualidade da educação só que infelizmente é isso foi uma parcela da educação é se a gente for analisar o contexto total da educação eu acho que a gente ainda falta muito para melhorar a qualidade da educação em si, mas não é querendo menosprezar o Pibid pelo contrário é mostrar que tipo assim se aquele Pibid que me influenciou se ele tivesse alcançado mais pessoas ainda eu acho que tira aumentado essa qualidade da educação tinha melhorado essa educação quer tanto que a gente presa tanto e que a gente passa uma graduação toda correndo atrás disso para tentar, porque o intuito do licenciando é isso sempre avançar em alcançar um patamar melhor de educação e principalmente pensando na educação básica por exemplo quando você está na graduação quer muito centrado a isso na educação básica então eu acho que o Pibid melhorou e melhorou e muito principalmente e isso estou falando na minha vida assim na minha influência melhorou e muito porque foi uma das coisas que me influenciaram a buscar uma graduação digamos não foi o que me influenciou em si, mas foi o que me ajudou a seguir o pensamento que eu já estava seguindo eu já estava pensando em uma graduação, mas a gente sempre fica naquela incerteza e o Pibid foi uma das coisas que chegou para reforçar e dizer *pow!* corre atrás disso mesmo então digamos assim outros graduandos me influenciaram a buscar essa graduação então isso eu conto como uma melhoria na educação na qualidade da educação e pelo fato de no Pibid a gente eles trazerem essa coisa de inovadora que por muitas vezes para outros professores podem parecer besteira mas que para a gente dá uma influência muito grande porque olhe 6 anos depois é 4 anos depois é agora que foi quando terminou o Pibid por exemplo 2014 que eu estava no terceiro ano quatro anos depois eu ainda

lembro de como eles abordavam os conteúdos eu lembro de filmes que eles abordaram na... entende então tipo assim isso e também tem coisas que eu utilizo por exemplo acho que quase ninguém sabe quem era estagiário ou bolsistas do Pibid na época sabe que tem coisas que eu lembro e tipo olha aquele cara fez isso comigo quando era da graduação foi muito massa eu lembro da experiência muito massa vou usar isso na minha aula de estágio hoje vou fazer assim utilizar essa música com essa letra para a gente analisar a letra ou analisar um poema como eles fizeram comigo, pois eu lembro que foi legal então tipo assim eu seria muito hipócrita não teve influência por exemplo teve influência sim e eu lembro muito bem e até eu utilizo de vez em quando a ferramenta digamos assim que utilizaram comigo eu acho que a influência foi muito grande.

Sandeilson - Você como aluno da educação básica de escola pública percebeu alguma dificuldade, ou o Pibid proporcionou uma mudança na lógica do espaço educacional?

Alysson - Eu tenho certeza que sim tanto que contávamos com duas equipes de duas disciplinas então tipo assim eu acho que eram 4 ou 5 pessoas e se formos olhar como dois projetos dariam umas 10 pessoas digamos assim e 10 pessoas com um pensamento inovador faz um estrago grande na escola então o estrago que eu digo é no senso de sentido de um estrago bom então eu lembro que eu não sei se foi o Pibid isso mais eu creio que tenha influência do Pibid na... a gente fazia reuniões nos finais dos meses com o pessoal da escola e era para todos os alunos iam para o auditório e sentava todo mundo lá e daí alguns professores davam uma palavra a diretora as vezes fazia por exemplo um orçamento olha veio investimento para isso e daí a gente vai utilizar no... o que é que a gente pensou a gente sentou com os professores e a gente vai utilizar esse investimento no sarau que a gente fazia todo final de ano na escola que contava com a participação dos alunos quem fazia o sarau basicamente eram os alunos com o auxílio dos professores então é... eu não lembro de ter isso antes do Pibid não eu lembro que durante e depois do Pibid a gente teve essas coisas é... gerou meio que uma parada de empatia maior na escola é... porque é... sinceramente vou ter que falar que o pessoal do Pibid era muito... eu não vou ressaltar todos porque eu não lembro como era a relação com todos, mas do que eu lembro que tive uma relação mais próxima eu lembro que eles eram muito empáticos assim se colocavam no nosso lugar muitas vezes e sabiam as dificuldades que a gente tinha e... auxiliava desse jeito então além de ter a parada docente além de ter técnica isso tudo tinha a parada pessoal a relação interpessoal entre os bolsistas e os alunos lá e isso pode não contar para formação profissional, mas para formação pessoal para a vida tanto do bolsista para o aluno da escola básica eu vejo que conta muito e eu vejo que a escola foi influenciada digamos assim... eu não vou dizer que foi o Pibid que chegou e o Pibid fez isso e a escola foi e mudou eu não

acho que isso foi só mérito do Pibid só do Pibid não, mas que o Pibid influenciou muito entende, ele influenciou muito nessa mudança e eu acho que tipo gera uma parada de gratidão muito grande para escola em sim e para os alunos que experimentaram essas coisas porque isso melhora... antes eu ia para escola porque eu era obrigado a ir... *pow!* acorda cedo e tal... mas depois que teve esse essas mudanças... os macro campos depois que teve o Pibid em si... é eu acordava... eu ainda penava para acordar, penava para acordar às vezes, mas não era aquela coisa de dizer... porra vei! hoje eu vou para escola... tipo assim eu me sentia muito feliz agora de ir para escola e de passar o dia todo na escola já teve dias que passei 12 horas na escola foi eu cheguei... teve dias que eu sai de casa de 6:30h da manhã e só chegava de 7h da noite teve dias que eu sentia prazer de ficar lá almoçar na escola de lanchar lá eu sentia o maior prazer de ficar lá... e tipo assim eu acho que o Pibid teve essa influência tão grande para mudar uma pessoa desse pensamento de tipo assim eu não vejo a hora de chegar em casa para ver *Dragon Ball* e sim tá ligado e mudar seu pensamento para nem lembrar de *Dragon Ball* ficar na escola almoçar na escola ia ter uma parada do Pibid de tarde tá ligado... tipo assim meu irmão isso é uma influência muito grande... muito grande, você analisando como os olhos de um aluno para o cara deixar de assistir *Dragon Ball*. Diga aí! O cara deixar de assistir *Dragon Ball* para ficar para uma aula do Pibid para você ver que não é uma besteirinha que aconteceu não foi uma influência pesada assim em cima da gente e eu sou grato demais por essas coisas terem acontecido na minha vida no meu ensino médio porque... porque isso influencia demais a... o pensamento da pessoa e como você vai encarar as coisas você passa a ver a vida de outro jeito digamos assim você começa a enxergar as paradas de outra forma e eu lembro por exemplo de Carol que era da turma de letras que eu lembro muito bem que ela teve influência lá Daniele que ela de Letras também e do Pibid de História eu lembro de tu San de Mirelly até hoje são chegados é Renata eu lembro Renata também até hoje é minha amiga foi uma parada assim como os professores transcendeu as barreiras da escola e viraram amigos pessoais, pessoas que você tem o prazer de manter por perto e conversar quando se bate então é muito legal assim é... ver essa influência do Pibid na escola.

Sandeilson - Você entende que quem modificou as formas de ensinar do Ensino de História, foi o Pibid a professora ou foram os dois?

Alysson - Eu acho que foi assim... Pibid influenciou o professor e a turma e daí quando ele influenciou o professor o professor de certa forma influenciou a turma então o Pibid se fossemos elencar um ponto máximo era o Pibid aqui em cima né e... daí ele influenciou diretamente o aluno que influenciou o professor e o professor influenciou o Pibid também e esse professor quando ele foi influenciado começou a mudar sua forma de ensinar história e influenciou a

turma então a turma foi influenciada duplamente né ela foi influenciada pelo Pibid e pelo professor em si e esse professor também foi influenciado pelo Pibid, pelo que o Pibid trazia pela proposta dessa abordagem na sala de aula que era diferente.

Sandeilson - Sobre os bolsistas de História que você tem a dizer?

Alysson - Dos que eu lembro e tive contato que eu lembro muito bem se eu pudesse pagar a bolsa dos bichos de novo eu pagava para eles fazerem de novo se eu tivesse dinheiro e fosse um cara rico... *pow!* vou investir naqueles camaradas de novo, pois o dinheiro que eles ganharam no Pibid eu vou dar de novo só para eles fazerem aquelas paradas massa de novo em outro canto se aquilo teve uma influência tão grande para mim eu acho que para outros alunos para outras pessoas ia ser muito prazeroso e... eu não lembro velho de nem uma intriga de nenhuma carga pesada nada disso nada de ruim que aconteceu pode ser muito, ou pode até pensar que não porque quando tempos relações pessoais normalmente temos pensamentos diferentes e a gente corre o risco de ocorrer alguns embates digamos assim, mas no Pibid de História eu não entendi nenhum tipo de embate de treta digamos assim não sempre com o pessoal, eu digo que eu sou muito grato aos bolsistas do Pibid porque é era aquela coisa... uma para profissional de amizade tipo assim era algo muito massa com os caras com os meninos eles não eram aqueles robzinhos demais não com exceção das primeiras aulas os pibidianos estavam conhecendo, tal! mais depois disso era um vínculo de amizade que ocorria na sala era muito massa veio eu acho que a influência que os caras tiveram do contexto pessoal não profissional de relação entre pessoas eu acho que foi essencial digamos assim porque eles influenciaram nessa questão empatia por exemplo e... eles eram muito empáticos com a gente e isso tem uma influência de certa forma na vida do aluno.

Sandeilson - Qual a crítica que você faria ao Pibid?

A crítica que eu faria ao programa é... eu acho que é o Pibid poderia é... abrir mais espaços para mais bolsistas por exemplo é abrir mais tempo para o pessoal atuar lá eu sei que o tempo é uma coisa meio subjetiva porque tem a influência da escola e o tempo que a escola trabalha eu acho que a escola deveria determinar mais tempo para a galera é... porque é um projeto tão massa *pow!* que as vezes eu acho que é pouco demais o tempo e a gente sempre pode fazer mais e eu acho que se eles tivessem mais tempo eles teriam desenvolvido uma parada muito mais massa ainda... muito mais massa do que já foi, pois conseguiria fazer mais e eu acho que. Acho que você me pegou nessa pergunta, pois eu não lembro de nenhuma treta nenhuma parada assim é... e o pior que eu acho que eu peguei duas turmas de Pibid de História diferente em um ano não... não... foi ao longo do ensino médio foram pessoas entrando aí iam terminando a graduação aí iam entrando outras pessoas e ainda sim eu não lembro de nenhuma treta comigo ou com outras

pessoas e se as outras pessoas gostavam ou não ao menos para mim foi muito proveitoso o que tenho de crítica era só isso basicamente eram essas críticas velha e besta de que se tivesse mais tempo para a galera se desenvolver as coisas ou tivesse mais investimento para a galera, abrir mais bolsas, ou até investir mais na bolsa dá um investimento maior de dinheiro, pois tinham pessoas que não moravam aqui em Guarabira por exemplo e tinham que vim de fora tinham que pegar um *busão* cedo da manhã, primeira linha, primeiro *busão* da linha e *tal!* tinha que voltar para a escola então é... tem um gastos e tem o esforço, por isso eu digo que a parada era investir mais, eu nem sei quanto a galera ganhava mais pela minhas experiências com bolsa aluno de graduação não era muito não. Então, eu acho que poderia ser mais digamos assim. Se você como aluno pudesse estar no lugar da professora Bibi o que você faria ou mudaria? Eu acho que falando com a minha visão de aluno e pelas experiências que tenho hoje eu não sei se quando eu tiver com o tempo de docência dela eu vou estar com esse mesmo pensamento, mas no pensamento de hoje eu analisaria muito bem o que o Pibid fez, os bolsistas fizeram e a professora também, tipo assim isso aqui chamou tanto a atenção da turma que eu vou pegar digamos assim e vou utilizar e melhorar isso também. Poxa! Os alunos gostaram tanto dessa metodologia que eu vou aplicar isso daqui e eu nunca tinha pensado nisso eu vou utilizar isso daqui porque eles gostaram demais, então tipo assim isso vai trazer os alunos para mim e melhorar minha aula de certa forma não é aquela treta entre o estagiário que chega criticando algumas coisas dizendo pelos cantos a se a gente fizesse isso assim seria melhor, mas não é nesse pensamento e sim no pensamento de um ajudar o outro é por exemplo se eu tivesse a quantidade de tempo de docência que a professora tem que Bibi tem ou tinha na época e eu fosse professor naquela época o que eu fortaleceria era utilizar algo que eles fizeram lá que de alguma forma deu certo e também influencia-los com minha experiência com toda carga de docência que eu já teria nas costas e de alguma forma tentar influenciar a galera mostrando que não é fácil, mas que dá para conseguir digamos assim conciliar as coisas e chegar longe e incentivar o pessoal a não desistir não terminar a graduação e realizar outra coisa continuar insistindo seja no mestrado ou doutora ou ir dar logo aulas de uma vez ou passar no concurso e atuar de alguma forma na área tipo assim o que eu influenciaria era nisso como professor de História por exemplo se eu fosse ela hoje eu teria esses dois pontos de tentar influenciar com as minhas experiências e utilizar das metodologias deles nas minhas aulas porque são metodologias inovadoras novas que fogem do padrão da aula normal.

Entrevista com aluno Pedro

Pedro - Meu nome é **Pedro** eu tenho 20 anos e sou atualmente estudante de Direito estou oficialmente no quinto período.

Sandeilson - Você entrou no Polivalente com que idade?

Pedro - Eu entrei de quatorze para quinze anos de idade.

Sandeilson - Qual era a turma?

Pedro - Quinta série.

Sandeilson - Você dá quita até onde?

Pedro - Fui da quinta até o terceiro ano.

Sandeilson - Como foi seu primeiro contato como bibi, como foi?

Pedro - Meu primeiro contato foi no primeiro ano do ensino médio eu passei os três anos, eu passei os três anos do ensino médio com ela estudando história, esse foi meu contato com ela.

Sandeilson - E assim ela era uma professora muito próxima afetiva, como era assim?

Pedro - Ela sempre, sempre, sempre foi muito afetiva, mas do que os outros professores, porque a gente tinha toda toda liberdade, toda amizade para conversar com ela ela nunca deu nunca foi de dá carão em ninguém ela sempre foi dos professores que chegavam para conversar com você se ouve um empecilho na aula, eu lembro nunca levei uma bronca e nunca vi ninguém levar bronca dela pelo o que eu me lembre.

Sandeilson - E assim teve algum aluno que tirava ela do sério alguma coisa do tipo quando tu era aluno dela alguma coisa?

Pedro - Eu acho que esse era o que definia ela assim eu também nunca vi ela fora do sério assim eu lembro que ela se incomodava com conversa, mas ela nunca chegou a tirar ela do sério ou discutir com ela não, assim se não quisesse assistir aula ela tava ali tranquilamente para você sair da sala.

Sandeilson - Quando tu lembra de Bibi qual a lembrança que vem o pensamento que vem o sentimento que vem, a fisionomia da pessoa o que é que você pensa?

Pedro - Eu vejo Bibi quase todo dia agora porque ela passa aqui toda quatro cinco horas ela passa aqui na frente as vezes ela nem me ver, mas ela sempre passa por aqui e eu não sei onde ela mora, mas o que eu lembro lembro dela é do primeiro dia de aula dela no terceiro ano que ela fez um joguinho com uma linha que jogava a linha um para o outro e fazia uma pergunta e o outro respondia uma uma uma gincanazinha para que a gente se aproximasse mais um do outro eu lembro que eu lembro que eu ela perguntou do que eu gostava e qual parte da história eu gostava aí eu eu... mencionei com ela que eu gostava de guerra aí a gente teve uma conversa

sobre guerra e foi aí que eu fiquei mais próximo dela a partir do terceiro ano o primeiro e o segundo foi neutro, normal assim mas quando se aproximamos mesmo foi no terceiro ano.

Sandeilson - E dessa momento que vocês tiveram no terceiro ano ficou mais alguma lembrança ficou alguma coisa ou foi um momento muito rápido ou muito longo ou foi um momento que passou e vocês absorveram pouca coisa ou não absorveram nada?

Pedro - No terceiro ano foi o ano que mais absorveu porque a gente estava no esquentar... esquentar de ENEM a gente estava numa... num clima tenso aquela mesma tensão de todo final de ensino médio e a gente tava bastante com os nervos à flor da pele para saber o que quer ia ser do nosso futuro entendesse ao menos os meninos estavam interessados ao menos era única conversa que a gente tinha entre três quatro cinco amigos a gente não falava de outra coisa não, eu lembro dessa intensidade toda eu lembro dessa intensidade toda de ensino médio.

Sandeilson - Como você ver Bibi como professora como profissional?

Pedro - Eu acho que ela tem uma linha muito tênue entre o profissionalismo e amizade chegar próximo e... e saber lidar tratar como amigo acho que... eu não consigo não tenho maturidade suficiente para perceber ainda como é ser tão profissional e tão chegado ao seus alunos e hoje como eu trabalho eu não consigo absorver entre o profissionalismo e... e... me comover com algo com um caso que eu vejo é isso que me... me... toca nela e em outros professores do Poli porque a gente tem uma história muito boa... muito boa não só com ela mas com todos professores porque a gente... agente... tinha uma barreira de não é uma ponte uma... uma... linha tênue como eu disse que não dava para identificar o momento de ser profissional e de ser amigo e ser... ser... parceiro eu acho em parte isso ótimo.

Sandeilson - No caso essa relação de professor e amigo estava muito ligado não só a Bibi, mas a todos professores da escola?

Pedro - Isso...

Sandeilson - A escola tinha essa relação de afetividade muito grande?

Pedro - Comigo cresceu mais por meio do próprio PIBID a gente fez um contato com outras pessoas com jovens com o pessoal do PIBID.

Sandeilson - Então assim, antes de participar do projeto como eram as aulas da Bibi, como você ela antes de participar do projeto você notou alguma diferença antes e após como foi essa percepção?

Pedro - Antes... eu percebo ela antes com a mesma calma que eu disse no início aqui sendo que depois do PIBID a proatividade das aulas aumentaram 10% sei lá... 100% porque a gente estava em contato com outras pessoas para ajudar assim com o diferente porque ela tem esse lado amigo e a gente precisava do lado jovem que trazia toda essa proatividade para a aula e o

PIBID trouxe e a diferença é essa, a gente tinha uma aula habitual normal com uma professora amiga que compreendia a situação do aluno e depois do PIBID a gente via tudo isso com uma proatividade maior ainda por conta dos trabalhos que a gente passou quando o PIBID chegou.

Sandeilson - Antes como você via as aulas dela, assim eram cansativas antes dela está no projeto ou as aulas dela eram uma crescente que continuavam sendo boas e quando chegou o PIBID ela melhorou. Ou você tem uma visão que a aula não era tão boa, mas quando apareceu o PIBID melhorou?

Pedro - Eu via como qualquer outro aluno no tempo eu estava no segundo ano como qualquer aluno do ensino médio tranquilamente achava as aulas dela não tão ruim, normais entendeu assim como eu disse nunca foi uma professora ruim foi uma professora ótima e tenho boas lembranças com ela, mas é óbvio que o PIBID com todo esse contato maior uma participação maior entendeu é isso que eu percebo volto a mencionar que a proatividade dela junto com vocês só aumentou e a nossa também.

Sandeilson - E nessa percepção fora essa aula que marcou muito você no início do ensino médio existiu outro momento que marcou muito você uma viagem ou algo do tipo com ela e até com o próprio Pibid com ela também uma aula que marcou que você se lembre?

Pedro - Eu lembro de uma aula que eu não sei se foi no segundo ou no terceiro ano que estávamos falando de revolução cubana aí ela me perguntou o que eu gostava e eu disse que gostava de revolução cubana e aí tivemos uma longa conversa sobre isso, sobre o que ela achava o que ela tinha absorvido e ali eu não sabia tanto sobre o conteúdo, mas a partir dali de forma independente que eu fui pesquisar outros assuntos...

Sandeilson - No caso você estava ali conversando com ela e aprendeu muito mais no “start” que ela deu?

Pedro - Foi... foi isso... juntamente isso ali foi como se fosse o pontapé

Sandeilson - Como eram as metodologias de Bibi antes dela participar do projeto, ela usa muito livro didático, como eram?

Pedro - A gente usava muito o livro normal da escola o livro didático e de forma habitual e trabalhávamos muito com o desenvolvimento de perguntas esse era o trabalho em sala...

Sandeilson - Perguntas e respostas?

Pedro - Isso... era isso que ela costumava a fazer toda semana.

Sandeilson - Usava-se o livro muito era cansativo?

Pedro - Era só o livro desmobilizado pelo estado por isso ficava tranquilo nunca era cansativo não ao menos para mim dava para absorver os conteúdos tranquilamente eu nunca passei por nem um perrengue.

Sandeilson - E a questão das aulas ela conseguia controlar a turma como era essa relação ela tinha um controle um domínio da turma ou as vezes as aulas eram tumultuadas e não dava para entender nada?

Pedro - Nunca virou um tumulto muito grande não a partir do segundo e do terceiro a turma era pequena aí sempre dava para controlar tranquilo isso antes do projeto e depois do projeto melhorou muito a dinâmica por causa dos debates que sempre aconteciam.

Sandeilson - No caso existia essa relação do livro didático, mas subsequentemente vocês como alunos necessitam da necessidade de outra coisa?

Pedro - Isso...

Sandeilson - No caso faltava alguma coisa, então essa relação quando o PIBID chega ele traz mais um elemento?

Pedro - Com certeza foi isso que aconteceu a gente tinha uma aula boa e passamos a ter aulas melhores que eu lembro que a gente tinha trabalhos e debatia sobre os trabalhos com o Pibid vocês passavam um trabalho e vocês na aula a gente debatia sobre isso na nossa visão aí rolava esse debate aluno e professor.

Sandeilson - No caso na tua visão **Pedro** você acha que era uma das coisas que faltavam que na aula dela antes não tinha essa relação e agora com o PIBID passou a ter essa relação de ter mais diálogo, as aulas dela não tinham tanto diálogo?

Pedro - Isso...

Sandeilson - Eram mais mecânicas?

Pedro - Mecânicas no sentido habitual, assim era a gente estava seguindo a força do hábito entendeu em partes isso não é ruim, ao menos eu não acho, que quando a gente mantém um seguimento a gente acaba aprendendo desde que isso não venha a regredir e sim progredir é só uma soma de conhecimento.

Sandeilson - Como eram as provas dela antes do Pibid?

Pedro - As provas dela eram como eu falei sempre teve isso, provas normais que algumas vezes ela passava trabalhos para compor a nota entendeu.

Sandeilson - E após o Pibid como essas provas ficaram?

Eu não lembro exatamente de provas com o Pibid O Pibid me traz mais lembranças de trabalho e debate isso que eu tenho para mim de acordo com o que eu lembro que o Pibid ele trouxe a mecânica de conversar de saber falar se desenrolar com o trabalho de uma forma proativa, assim nada mecânico tínhamos o Pibid como amigo conversávamos antes da aula depois da aula e nada de assuntos diferentes da aula eram assuntos da aula as aulas se tornaram divertidas.

Sandeilson - No caso as aulas não eram tão divertidas antes?

Pedro - As aulas eram normais, não ser divertido não é dizer que seja chato era uma aula normal.

Sandeilson - E o que se caracteriza para você essa aula normal?

Pedro - Tipo chega faz chamada ela passa o conteúdo, a gente responde o conteúdo ela fazia as observações dela e acabava a aula era basicamente isso.

Sandeilson - Não tinha essa relação dialogada?

Pedro - Tinha depois da aula durante a aula eu dou aula vocês aprendem e fim de papo.

Sandeilson - Para você que participou do projeto como aluno alguma coisa modificou a percepção da educação do ensino da metodologia dentro da história, para você mudou alguma coisa?

Pedro - É para mim mudou a forma de enxergar o modelo da sala de aula porque a gente tinha uma modelo muito antigo na questão que tange o aprendizado acho que você enxergar de uma forma robótica e continuar dessa forma robótica das aulas a gente não vai aprender e vai entender só conteúdo para estudar para a prova e ao meu ver a gente tem que aprender algo para ficar inteligente e o que a gente aprende para prova depois a gente esquece o conteúdo e com essa proatividade que o Pibid trouxe a gente conseguiu aprender e absorver os conteúdos para que ele nunca mais saísse da nossa mente.

Sandeilson - Então no caso assim você acha que a professora aprendeu a lidar com o projeto e hoje ela sabe muito bem desenrolar e melhorou a percepção dela?

Pedro - Eu passei lá uma duas vezes depois que terminei o ensino médio um ano um ano e meio depois e eu vi que as coisas realmente mudaram eu vi uma alegria grande no pessoal da sala eu não conheço ninguém da sala uma galera muito nova e não era assim quando eu estava lá.

Sandeilson - Era meio triste no seu tempo?

Pedro - Eu não vou dizer triste, era normal e hoje não sei se porque eu estou mais velho entre aspas que eu vejo hoje lá é uma sala bem mais animada e interativa que não tinha tanto quando eu estudava.

Sandeilson - Então era diferente do seu tempo?

Pedro - Sim.

Sandeilson - Com relação as oficinas do Pibid como você via o que você achou quando teve contato com aquelas aulas diferentes quando vocês passaram a interagir com o Pibid dentro das oficinas?

Pedro - A gente percebeu que eu percebi que dá para chegar a ser profissional sem perder esse contato direto com o alunado, assim dá para fazer amizade debater sobre questões pessoais sem perder o profissionalismo e sim mais a essência de um professor esse contato de jovem para

professor acabou tornando o conteúdo mais fácil é como se tivesse assistido um filme a gente de repente tem um filme e tem um livro não ler o livro, mas assiste o filme. E as aulas do Pibid e o pessoal jovem acabou que a gente tinha aula tinha contato com o trabalho com o livro e a gente absorvia da mesma forma que a gente absorvia com um filme a gente estava vivendo aquilo.

Sandeilson - No caso essa relação de juventude ela é muito importante é muito importante essa mescla do professor que está lá e nós bolsistas?

Pedro - Hoje eu considero isso como uma forma de aprendizado para todos sempre a vida é um aprendizado constante, mas hoje como eu estou numa área profissional eu consigo associar a isso o meu contato... como sou estudante de direito e tive contato com estágio muito cedo isso me ajudou muito depois e isso acaba servindo para todas as outras profissões se tem um curso de licenciatura em história em português em fim... se o jovem quiser se professor ele acaba tornando o contato mais cedo com essa profissão vai acabar sendo bom para todos, hoje é dessa forma que eu associo de uma forma geral. Quando temos um contato cedo com o que a gente gosta a gente acaba se tornando profissional sério, e mais profissional que entende a essência das pessoas e consegue absorver bem melhor as questões do dia a dia, assim que a gente vai tá ali com uma proatividade jovem e o jovem tem muito disso se tomar contato cedo vai acabar ficando maduro com isso.

Sandeilson - Para ser um bom professor de história você acha a que precisa de que?

Pedro - Para ser um bom professor de história precisa de... precisa ser uma pessoa que tente ser o mais interativo possível porque para ensinar história principalmente no Brasil a gente acaba sendo injustiçado uma hora ou outra por uma questão ideológica e caba que a percepção dos alunos não será tão boa. Então eu acho que interatividade e está sempre mudando de costume acaba ajudando mais, assim, desenvolvendo projetos não só passando trabalhos, corrigindo provas eu acho que isso aí acabou e vai sumir ou sumindo aos poucos porque eu acredito que uma prova não vai definir quem é qual é e qual é a inteligência o tamanho da inteligência do aluno entendeu porque muito aluno... e hoje eu percebo bem mais que se dão mal em prova, mas dominam o assunto inteiro eu sou assim até hoje as vezes me dou mal em uma prova isso não quer dizer que eu não saiba do assunto, para conversar sobre o assunto eu sou bem melhor que para responder questões então se a gente mudar a forma de passar o conteúdo se usar uma interatividade maior entendeu e está sempre mudando a frequência disso um caminho uma ponte para o futuro.

Sandeilson - Então você acha que a percepção da experiência do Pibid ela alterou, não alterou, ou alterou parcialmente a percepção da professora como profissional?

Pedro - Alterou com certeza alterou bastante antes do Pibid existia uma monotonia e não existia um contato eu volto trazendo isso porque eu realmente acho importante que quando a gente tem contato como jovens acaba rejuvenescendo isso é bom isso é ótimo um alimento para alma.

Sandeilson - Você acredita que a professora se reinventou?

Pedro - Isso... rejuvenesceu

Sandeilson - As práticas que ela usava, então você não acredita que ficava naquela linha do meio que via que os alunos estavam ali bagunçando e aí colocava um jogo ou uma brincadeira para mudar a aula, ou ela continuava sempre numa linha crescente de pensamento e após o projeto ela continuou dessa forma também?

Pedro - Isso mesmo é assim que eu percebo que procurou se reinventar mais ainda.

Sandeilson - E na percepção após o Pibid você ter saído da escola você continuou tendo contato com outras pessoas ou não teve mais contatos com os ex-alunos?

Pedro - Não eu não tenho quase nenhum com o alunado e como meus amigos de classe até porque eu não estou tanto na minha cidade e as pessoas que estudavam comigo continuaram na minha cidade eu estou aqui porque tenho uma rotina... rotina cheia eu saio de manhã saio a tarde e passo a tarde fora e chego a noite então ou eu descanso ou então eu não vou conseguir durar a semana inteira então por questões de tempo falta de tempo é da minha parte e da parte do meus amigos também eu acabei não tendo um contato a mais.

Sandeilson - No tempo que você estava com Bibi você mudaria alguma coisa faria alguma coisa diferente ou aproveitaria mais como aluno?

Pedro - Eu acredito muito que as coisas acontecem do jeito que tem que acontecer isso não é uma percepção religiosa não é uma percepção que as coisas imlemente acontecem talvez se eu tivesse aproveitado mais poderia está em outro patamar, mas hoje eu estou onde eu queria estar e eu percebo que foi pelo que eu fiz e não pelo que eu deixo de fazer, entendeu então se hoje eu estou aqui onde eu tou e porque eu fiz as coisas como eu quis fazer como eu vi que era o certo e que ia me ajudar.

Sandeilson - Então você acredita que o Pibid realmente modificou as coisas dentro da escola?

Pedro - Isso... profundamente assim questões pessoais também e uma mudança pessoal de cada um.

Sandeilson - Passaram a pensar a história diferente?

Pedro - Isso...

Sandeilson - E a relação com os outros professores que não faziam parte era muito distante, tipo aqueles que tinham o Pibid e os que não tinham o Pibid e seu auxilio?

Pedro - Existia essa diferença a gente sempre percebeu que com o Pibid as aulas do Pibid e as outras aulas que tinham o mesmo tempo de duração a gente notava que com o Pibid o tempo passava mais rápido porque existia essa interatividade uma conversação o tempo acaba passando mais rápido apesar de ser o mesmo tempo entre uma aula e outra isso que a gente achava massa.

Sandeilson - Você acha que Bibi como professora tinha algum defeito se você pudesse falar para ela alguma coisa que pudesse melhorar como professora ou você acha que ela é um profissional com todas as letras?

Pedro - Não eu acho que falando de Bibi eu acho que ela merece todas as homenagens que a gente pode dar ela é um profissional excepcional uma pessoa com uma fé inabalável enorme hoje eu lembrando dela me espelho muito nisso acho que ela é uma pessoa que leva a vida com muita felicidade no que faz e essa questão da fé dela no tempo não me tocava tanto, mas hoje quando lembro me toca bastante porque se eu chegar na idade dela da forma que ela está eu vou saber que com certeza eu tive uma vida muito feliz.

Sandeilson - No caso Bibi seria uma pessoa velha mais jovem?

Pedro - Isso... uma velha jovem.

Sandeilson - **Pedro** você acredita que ocorreu um fenômeno histórico dentro do espaço da escolar com o Pibid?

Pedro - Fenômeno histórico... com certeza é chama atenção de todo corredor daquele tempo e de todos os outros professores então é lembrando até hoje não sei se ele existe ainda o que eu sei que dá certo e continua dando certo e principalmente se for como era antes com esse contato e para mim deu certo e se deu certo para mim pode continuar dando certo para outras pessoas.

Sandeilson - Você tira alguma crítica ao programa?

Pedro - Ao programa em si eu acho que o apoio ao professor partindo do estado deveria ser maior essa é a única crítica que eu tenho, mas é uma questão até filosófica que acaba tangendo uma perplexidade maior do assunto de agora então isso vai da política até a filosofia eu acho que se falarmos sobre isso vamos acabar se entendendo muito e ver o quanto o professor é desvalorizado e quanto o jovem não é ouvido.

Sandeilson - Então você acredita que a disciplina de história é mais desvalorizada que as outras, na escola você via isso?

Pedro - Com certeza... isso porque para repassar algo que aconteceu pode existir uma injustiça e pode acontecer haja má-fé com ele entendeu então entre uma situação e outra sempre vai ser olhado como olhar diferente da sala de aula para o mundo eu posso usar de má-fé para contar uma história que não aconteceu e posso ser honesto e contar a história que realmente aconteceu

e mesmo assim ser injustiçado e isso não ia acontecer com português ou matemática porque é uma área muito exata e história não a gente ver história e consegue refletir sobre o acontecido então há uma opinião própria eu posso ter uma opinião que $2 + 2$ é igual a quatro e nada vai mudar isso e em história eu posso tomar meu lado e as pessoas podem tomar o lado delas.

Sandeilson - Nessa percepção dessa relação que que você teve você acredita que o Estado foi falho em não ter ajudado o Pibid e dado suporte aos professores?

Pedro - A gente ver um investimento grande naquele tempo na educação e não serviu para nada hoje eu percebo a mesma imagem de antes investimentos para todo lado talvez tenha sido só de boca assim não estou aqui para acusar e nem puxar a sardinha para o governo talvez tenha existido uma injustiça maior com a educação deve o estado dizer que está investindo tanto para aparecer na mídia e nada da realidade ser aquela, pois tudo aquilo é diferente.

Sandeilson - E na sua visão antes de entrar no Pibid sobre o conhecimento da disciplina de História?

Pedro - Conhecimento... eu acho que acabou me completando eu sempre gostei de História então o que eu senti falta nos anos anteriores conseguiu suprir quando o Pibid chegou então minha visão é essa só teve um suprimento de conteúdo e era o que eu realmente queria.

Sandeilson - No caso esse suprimento desses conteúdos eram a falta de que especificamente?

Pedro - A falta de um contato mais humano um contado direto para com cada aluno que cada mente tem um universo diferente você lida com trinta cabeças diferentes.

Sandeilson - Então você tinha uma visão antes tradicional de certo modo e após a participação do programa você teve outro tipo de visão?

Pedro - Isso... porque até para que eu viesse a me relacionar com outras pessoas foi melhor porque eu acabei perdendo a timidez de falar de participar em aula então eu acabei sendo uma pedrinha no sapato para outros professores, pois porque o modo que passei a reivindicar melhor mais foi o que me trouxe o Pibid então é eu considero que em partes eu acabei sendo uma pedrinha no sapato não que de forma irônica ou ruim apenas cobrava o que eu achava necessário.

Sandeilson - Então o Pibid ajudou a você se transformar como aluno?

Pedro - Isso... e como pessoa e hoje enquanto cidadão temos que ter um pensamento crítico para tudo, pois a partir do Pibid eu passei a me soltar para outras coisas, pois antes eu era muito calado e hoje eu sou um abuso de pessoa porque eu falo muito.

Sandeilson - Se você estivesse no lugar da professora Bibi você mudaria alguma coisa?

Pedro - Não... não mudaria nada eu acho que se acabar mudando demais acaba perdendo a essência que a pessoa é e que viveu todo tempo eu não teria tanta experiência como ela teve então eu não posso mudar nela pelo contrário ela que deveria mudar em mim.

Sandeilson - Você teria alguma crítica aos bolsistas ou alguma sugestão?

Pedro - Não, minha crítica vai diretamente ao Estado sempre eu acho o modelo de Estado falho assim não pense que eu penso em ver o mundo de uma forma estadista de ser porque eu não sou um anarco, mas a concentração de poder sempre vai acabar fazendo um desserviço à sociedade.

Sandeilson - Você entende que o Estado dificulta para as disciplinas humanas em comparação com as exatas, ou seja, você vê algum desprestígio?

Pedro - Eu acho que o Estado não dá interesse a nada ele dá interesse ele só dá interesse quando começa a entrar dinheiro então por isso que a essa concentração de poder, pois o Estado sempre vai querer atrapalhar sua vida ao menos essa é minha visão vai querer entrar na sua casa como pessoa e vai querer dizer o que é certo e o que é errado para você como professor e eu percebo que o Estado não tem essa autoridade toda então a gente acaba vivendo numa bem entre aspas numa liberdade vigiada como diria a música só fingimos que é lindo, pois o Estado sempre vai querer mandar em você.

Sandeilson - Você percebeu que dentro da escola seus colegas mudaram com a chegada do Pibid?

Pedro - Mudou, eu vi gente desinteressada que acabou se interessando assim só pelo fato de debater com outras pessoas a alteração foi muito grande apesar de ter tido outros bolsistas continuou da mesma forma sempre melhorando.

Sandeilson - Então você acredita também que é professora melhorou também com a chegada do Pibid?

Pedro - Eu acredito que ela é um espírito que está em constante evolução e é isso que eu vejo nela eu como disse procuro sempre um alimento para alma que eu venha a evoluir e me tornar alguém sereno como ela.

Sandeilson - Então você percebe que metodologias, provas e a forma de lecionar foram alteradas?

Pedro - Sim até o convívio da professora com a escola foi alterado, mesmo com todas essas mudanças eu via não havia disputas eu via o Polivalente como família assim é lógico que existia uma mudança entre um professor e outro e a metodologia de um era diferente da do outro, mas sempre todos buscavam entrar em um consenso era um contato muito feliz eu sempre tive essa liberdade de entrar na sala dos professores e falar com todo mundo.

Sandeilson - Então você não via as aulas da professora Bibi de uma forma mecânica, pois ela utilizada muito diálogo havia muitas perguntas e respostas questionários?

Pedro - Sim, ela sempre foi muito humana eu vejo que ela se tornou uma pessoa mais ativa proativa ela já tinha contato com a juventude com os alunos e faltava esse contato dela com aqueles que estavam lá para ser professor a galera do Pibid naquele tempo acho que isso alegou muito ela em saber que estava deixando seu legado e deixando a história nas mãos corretas.

Sandeilson - Você acredita que o Pibid valorizou a professora?

Pedro - Valorizou sim existiu um laço de amizade muito forte entre o Pibid e Bibi e Bibi e os alunos.

Sandeilson - Então haviam três elementos circulando ao mesmo tempo?

Pedro - Isso melhor dizendo tínhamos quatro elementos Pibid, Bibi, Alunos e bolsistas interligando e circulando dentro do espaço da escola e não havia atrito, mas sim uma relação de diálogo.

Sandeilson - Você percebia que a metodologia da professora Bibi era antiquada?

Pedro - Antes do Pibid sim mais ao longo do tempo ela mudou.

Sandeilson - Como a direção da escola via o projeto?

Pedro - Não eu nunca vi a direção falar sobre o Pibid ao menos para mim, até porque meu contato com a direção foi sempre muito pouco.

Sandeilson - Você entende que o Pibid deveria ser expandido?

Pedro - Acredito que sim, pois a mudança e percepção dos alunos seria imediata, pois amizade, juventude sempre estarão presente para o Programa e no meio escolar e se a escola não taralhar desse jeito acho que não deveria ser chamado de escola, pois é hábito do alunado aprender para prova e não para vida e o Pibid acabou trazendo isso.

Sandeilson - Você observou alguma resistência da professora com algum conteúdo que o Pibid buscou passar?

Pedro - Não nunca observei isso e após o projeto também não observei nada que ela fosse contra ou deixou de participar ou faltar com algum dado ou informação sempre muito prestativa, pois quando ela saia ela sabia que deixava a aula em boas mãos ela tinha muita confiança no Pibid, pois a aula acontecia do mesmo jeito.

Sandeilson - Com relação os recursos ela usava muito Data Show, filmes ou músicas?

Pedro - Antes do programa ela não usava esses aparelhos, após aprender com o programa ela utilizou mais esses recursos, apesar que o suporte mais importante da aula dela era o livro didático.